

Maria V. Snyder

"Um desses raros livros
que deixarão os leitores
sonhando muito tempo
depois de o terem lido."

— Publishers Weekly

ESTUDOS
SOBRE
Veneno

Livro 1

AS LENDAS DE YELENA ZALTANA

 Harlequin

Maria V. Snyder

ESTUDOS
SOBRE
Veneno

AS LENDAS DE YELENA ZALTANA

Tradução

Maurício Araripe



2011

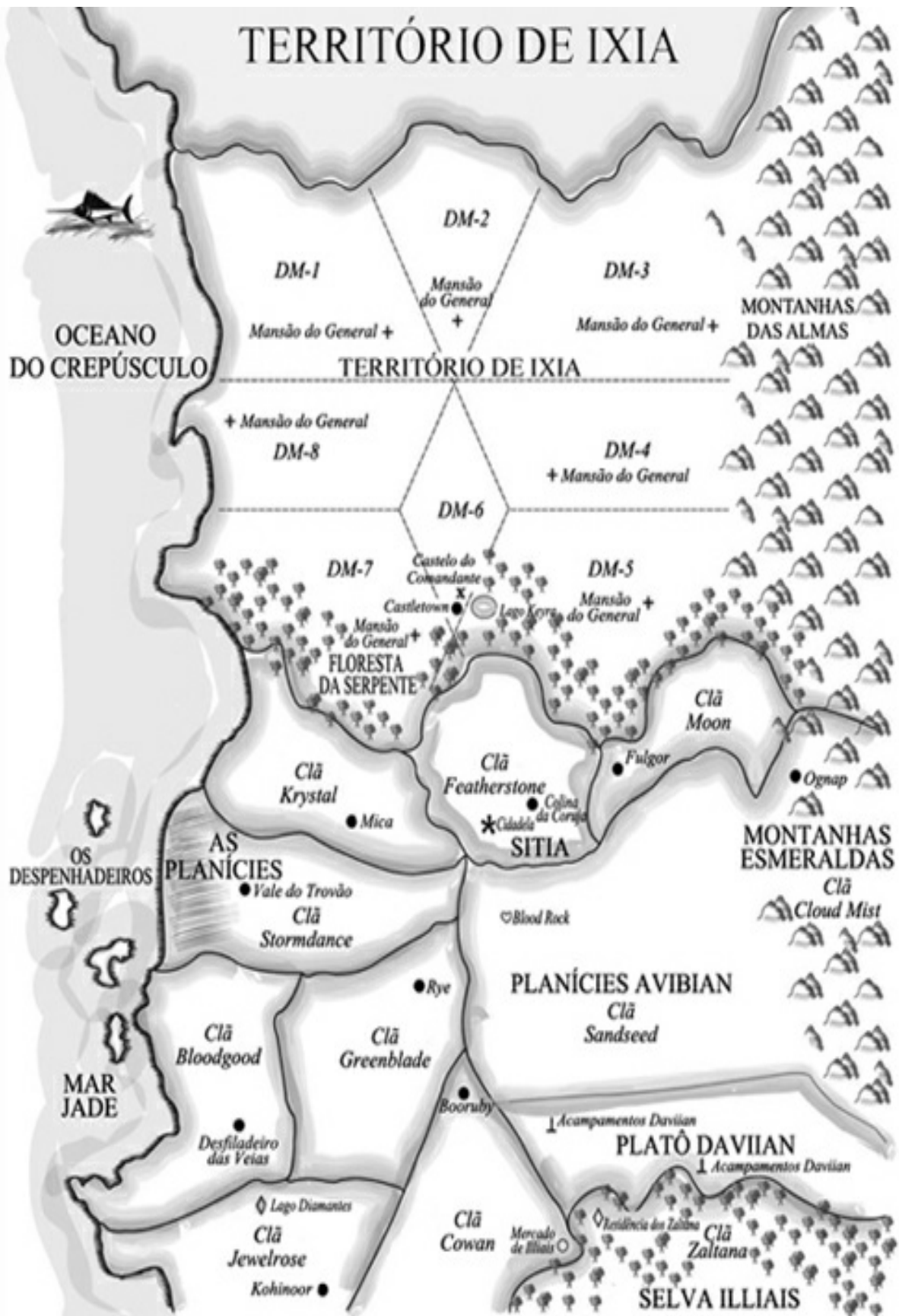
Para meu marido, Rodney, por todo o apoio
que me deu, dá e dará. Sou estragada pelos seus mimos.

Em memória de Frances Snyder, Jeanette e Joseph Scirrotto.

“Eles conversavam e contavam piadas
enquanto injetavam o veneno.”

— Kathy Brandt sobre a quimioterapia.

Uma boa amiga que perdeu a batalha.



PRESA NUMA ESCURIDÃO que me cercava como um caixão, não havia nada para me distrair de minhas lembranças. Recordações vívidas que aguardavam para me emboscar sempre que minha mente não estava focada.

Mergulhada na escuridão, me lembrava das chamas ardentes que me acoitaram o rosto. Embora minhas mãos houvessem sido amarradas a uma estaca que se enterrava profundamente nas minhas costas, eu já havia me recuperado do ataque. O fogo fora afastado pouco antes de empolar minha pele, contudo minhas sobrelhas e cílios há muito já haviam sido chamuscados pelas labaredas.

— Apague as chamas! — ordenara a voz áspera de um homem.

Eu soprei o fogo com lábios rachados, ressecados pelas labaredas e pelo medo. A umidade em minha boca desaparecera e meus dentes irradiavam calor como se houvessem sido assados em um forno.

— Idiota — ele praguejou. — Não com a boca. Use a mente. Apague as chamas com sua mente.

Fechando os olhos, esforcei-me para concentrar meus pensamentos em fazer o inferno desaparecer.

Estava disposta a fazer qualquer coisa, por mais irracional que pudesse ser, para persuadir o homem a parar.

— Esforce-se mais.

Mais uma vez, o calor passou perto do meu rosto, a luz forte me cegando, mesmo eu estando com as pálpebras cerradas.

— Toque fogo no cabelo dela. — Uma voz diferente instruiu. Seu dono parecia mais jovem e mais ansioso do que o outro homem. — Isso deverá encorajá-la. Vamos, meu pai, deixe-me fazê-lo.

Meu corpo sobressaltou-se de medo intenso ao reconhecer a voz. Eu me contorci para afrouxar as amarras que me prendiam, enquanto meus pensamentos se transformavam em um zumbido monótono. Um sussurro escapara de minha garganta, tornando-se mais alto, até percorrer todo o aposento e extinguir as chamas.

O estalo metálico da tranca me despertou de sobressalto da lembrança apavorante. Um facho pálido de luz amarelada cortou a escuridão, correndo ao longo da parede de pedra quando a porta da cela se abriu. Meus olhos foram feridos pela claridade quando o brilho do lampião me atingiu. Eu os cerrei com força enquanto me encolhia no canto.

— Mova-se, ratazana, ou vamos pegar o chicote!

Dois guardas do calabouço prenderam uma corrente ao anel de metal que me rodeava o pescoço e me puxaram até eu ficar de pé. Cambaleei para frente ante a dor lancinante ao redor do pescoço. De pé, com as pernas trêmulas, senti os guardas eficientemente acorrentarem minhas mãos para trás e algemarem meus pés.

Evitei olhar para a luz bruxuleante enquanto me conduziam pelo corredor principal do calabouço. Senti uma baforada de ar viciado e rançoso no rosto. Meus pés descalços se arrastavam por poças de dejetos que não podiam ser identificados.

Ignorando os chamados e gemidos dos outros prisioneiros, os guardas sequer desaceleraram o passo, contudo meu coração se sobressaltava a cada palavra.

— Há, há, há... Tem alguém que vai balançar na ponta da corda.

— Um baque, um estalo e sua última refeição vai deslizar pelas suas pernas!

— Uma ratazana a menos para alimentar.

— Levem-me! Levem-me! Eu também quero morrer!

Nós paramos. Através das pálpebras semicerradas vi uma escadaria. Em uma tentativa de colocar o pé no primeiro degrau, tropecei nas correntes e caí. Os guardas me levantaram à força. As beiradas ásperas dos degraus de pedra cortaram a pele exposta dos braços e das pernas. Após ser arrastada através de duas grossas portas de metal, fui jogada no chão. A luz do sol feria meus olhos. Eu os fechei com força e lágrimas rolaram por minhas faces. Era a primeira vez, em muitas estações, que eu estava vendo a luz do dia.

É agora, pensei, começando a entrar em pânico. Contudo, saber que a execução daria fim à minha miserável existência no calabouço me acalmou.

Novamente sendo colocada de pé à força, segui cegamente os guardas. Meu corpo coçava devido às picadas de insetos e de dormir no feno sujo. Eu fedia como uma ratazana. Recebendo apenas uma pequena porção de água, jamais a desperdicei com banhos.

Assim que meus olhos se acostumaram à luz, olhei ao redor. As paredes estavam nuas, sem os fabulosos candeeiros de ouro e as bem trabalhadas tapeçarias que eu soube que outrora decoravam os corredores principais do castelo. O centro do piso de pedra fria estava desgastado de tanto uso. Provavelmente estávamos viajando ao longo de corredores escondidos, usados apenas pelos criados e guardas. Quando passamos por duas janelas abertas, olhei para fora com uma voracidade que nenhum alimento seria capaz de saciar.

O verde vibrante da grama fez meus olhos doerem. As árvores usavam capas de folhas. Flores cobriam as trilhas e enchiam canteiros. A brisa fresca cheirava como um perfume caro, que eu inspirei profundamente. Após os aromas acidíferos de excrementos e odor corporal, provar aquele ar era como beber um vinho fino. O calor acariciou minha pele. Um toque agradável comparado ao calabouço constantemente úmido e gelado.

Supus ser o início da estação do calor, o que significava que eu passara cinco estações trancada naquela cela, uma estação além de um ano completo. Parecia um tempo excessivamente longo para alguém cuja execução estava marcada.

Cansada devido ao esforço de marchar com os pés acorrentados, fui levada até uma sala espaçosa. Mapas do Território de Ixia e das terras ao seu redor cobriam as paredes. Pilhas de livros no chão dificultavam o caminhar em

linha reta. Velas em vários estágios de uso estavam espalhadas pelo recinto, e diversos documentos pareciam chamuscados, sinais claros de que haviam chegado perto demais das velas. Uma enorme mesa de madeira, abarrotada de documentos e rodeada por meia dúzia de cadeiras, ocupava o centro da sala. Nos fundos do escritório, um homem sentava-se atrás de uma escrivaninha. Às suas costas, uma janela quadrada estava aberta, permitindo que uma brisa soprasse pelos seus cabelos à altura dos ombros.

Eu estremei, fazendo com que as correntes chacoalhassem. Pelas conversas sussurradas entre as celas da prisão, eu já concluía que prisioneiros condenados eram levados até um oficial para confessar seus crimes antes de serem enforcados.

Trajando calça preta e uma camisa da mesma cor com dois diamantes vermelhos costurados na gola, o homem atrás da escrivaninha usava o uniforme de um conselheiro do Comandante. Seu rosto pálido não exibia nenhuma expressão. Quando seus olhos, azuis como duas safiras, me examinaram, arregalaram-se de surpresa.

Subitamente me dando conta de minha aparência, abaixei o olhar para a vestimenta de prisão em frangalhos e para os pés descalços sujos, ásperos de tantos calos amarelados. Pele empoeirada aparecia por baixo dos rasgos no tecido fino. Meu cabelo preto comprido não passava de um monte de nós ensebados. Suando copiosamente, cambaleei sob o peso das correntes.

— Uma mulher? O próximo prisioneiro a ser executado é uma mulher?

Sua voz era fria. Meu corpo estremeceu só de escutar a palavra *executada* sendo dita em voz alta. A calma que eu havia estabelecido me escapou. Se os guardas não estivessem comigo, teria desmoronado no chão, soluçando. Os guardas atormentavam qualquer um que demonstrasse fraqueza.

O homem passou a mão pelos cachos escuros do próprio cabelo.

— Eu deveria ter me dado ao trabalho de reler o processo. — Ele gesticulou na direção dos guardas. — Estão dispensados.

Depois que se foram, ele acenou para que eu me sentasse na cadeira diante da sua escrivaninha. As correntes fizeram barulho quando me empoleirei na beirada do assento.

Ele abriu a pasta sobre a mesa e examinou os papéis.

— Yelena, hoje pode ser seu dia de sorte — disse.

Engoli em seco uma resposta sarcástica. Uma lição importante que aprendi durante minha estada no calabouço foi a de jamais responder com impertinência. Em vez disso, abaixei a cabeça, evitando fitá-lo diretamente nos olhos.

O homem ficou em silêncio por algum tempo.

— Bem-comportada e respeitosa. Você está começando a me parecer uma boa candidata.

Apesar da bagunça do aposento, a escrivaninha estava arrumada. Além da minha pasta e alguns utensílios para escrita, os únicos outros itens sobre a mesa eram duas estatuetas negras reluzindo com detalhes em prata, um par de panteras esculpidas com uma perfeição quase real.

— Você foi julgada e condenada pela morte de Reyad, o filho único do general Brazell. — Ele se interrompeu, alisando as têmporas com os dedos. — Isso explica a presença de Brazell aqui essa semana, e o interesse incomum que ele vem demonstrando pela agenda de execuções.

O homem parecia mais estar falando consigo mesmo do que comigo.

Ao escutar o nome de Brazell, senti o frio se manifestar em meu íntimo. Com o auxílio da lembrança de que logo estaria para sempre longe do alcance dele, procurei me recompor.

Os militares do Território de Ixia haviam assumido o poder há apenas uma geração, contudo tal governo dera origem a leis duras, chamadas de Código de Conduta. Durante os tempos de paz, ou seja, na maior parte do tempo, o que poderia parecer estranho para os militares, o comportamento apropriado não permitia que uma vida humana fosse tirada. Caso algum assassinato fosse cometido, a punição era a execução. Autopreservação ou mortes acidentais não eram consideradas justificativas aceitáveis. Uma vez considerado culpado, o assassino era enviado para o calabouço do Comandante para aguardar o enforcamento em praça pública.

— Suponho que vá contestar a condenação. Dizer que foi incriminada, ou que matou em defesa própria.

Ele recostou-se na cadeira, aguardando com fatigada paciência.

— Não, senhor — sussurrei, o máximo de que fui capaz com as cordas vocais há muito sem serem usadas. — Eu o matei.

O homem de preto endireitou-se na cadeira, lançando-me um olhar duro.

Depois, gargalhou.

— Isso pode acabar saindo melhor do que eu planejei. Yelena, estou lhe oferecendo uma escolha. Você pode ser executada, ou pode ser a nova provadora de comida do comandante Ambrose. O último provador morreu recentemente e precisamos preencher a posição.

Com o coração pulando eu o fitei, boquiaberta. Ele tinha que estar brincando. Provavelmente estava se divertindo à minha custa. Ótima maneira de dar algumas gargalhadas. Observe a esperança e a alegria brilharem no rosto do prisioneiro antes de enviar o acusado para a forca e destruí-lo.

Eu resolvi fazer o jogo dele.

— Apenas uma tola recusaria o trabalho.

Minha voz saiu um pouquinho mais alta dessa vez.

— Bem, é uma posição vitalícia. O treinamento pode acabar sendo letal. Afinal de contas, como é que vai identificar os venenos na comida do Comandante se não sabe qual é o gosto deles? — Ele ajeitou os papéis na pasta. — Terá um quarto no castelo para dormir, contudo passará a maior parte do dia com o Comandante. Não haverá dias de folga. Nada de marido e nem filhos. Alguns prisioneiros chegaram a optar pela execução. Pelo menos, assim, sabiam exatamente quando iam morrer, e não precisavam ficar imaginando se não seria com a próxima mordida.

Ele cerrou os dentes e um sorriso bestial apareceu no seu rosto.

Estava falando sério. O meu corpo todo estremeceu. Uma chance para viver! Servir ao Comandante era melhor do que o calabouço, e infinitamente melhor do que a forca. Perguntas atravessaram minha mente: sou uma assassina condenada, como podem confiar em mim? O que me impediria de matar o Comandante, ou de escapar?

— Quem é que prova a comida do Comandante agora? — perguntei, receando que, se fizesse as outras perguntas, ele se daria conta do seu erro e me enviaria para a forca.

— Eu. Sendo assim, estou ansioso para encontrar um substituto. Além disso, o Código de Conduta estabelece que o emprego deve ser oferecido a alguém cuja vida esteja em jogo.

Sem conseguir permanecer sentada, fiquei de pé e comecei a andar de um lado para o outro, arrastando as correntes comigo. Os mapas nas paredes

mostravam posições militares estratégicas. Os títulos dos livros tinham a ver com técnicas de segurança e espionagem. O estado e a quantidade das velas sugeriam alguém que trabalhava até tarde da noite.

Olhei de volta para o homem no uniforme de conselheiro. Ele devia ser Valek, o chefe de segurança pessoal do Comandante e líder da vasta rede de inteligência do Território de Ixia.

— O que digo para o carrasco? — Valek perguntou.

— Que não sou tola.

V_ALEK FECHOU A pasta. Ele caminhou até a porta, com seu andar leve e gracioso como o de um gato das neves trilhando sobre gelo fino. Os guardas que esperavam no corredor ficaram em posição de sentido quando a porta se abriu. Valek falou com eles, e os homens assentiram. Um dos guardas veio em minha direção. Eu o fitei. Voltar para o calabouço não fizera parte da oferta de Valek. Será que eu conseguiria escapar? Passei os olhos pelo aposento. O guarda me virou e retirou os grilhões e as correntes que eu vinha usando desde que fora presa.

Faixas de carne viva rodeavam meus pulsos ensanguentados. Levei a mão ao pescoço, sentindo a pele onde costumava haver metal. Meus dedos ficaram empapados de sangue. Tateei em busca da cadeira. Estar livre do peso das correntes fez com que uma estranha sensação se apossasse de mim. Sentia-me como se fosse voar para longe, ou então desmaiar. Inspirei fundo até a fraqueza passar.

Quando recobrei a compostura, notei que Valek estava postado ao lado da escrivaninha, servindo bebida em dois copos. Um armário de madeira aberto

revelava em seu interior fileiras de garrafas de estranhos formatos e jarras multicoloridas. Valek guardou dentro do armário a garrafa que estava segurando e trancou a porta.

— Enquanto estamos esperando por Margg, pensei que você talvez gostasse de uma bebida. — Ele me passou um cálice alto de estanho cheio de um líquido cor de âmbar. Erguendo o próprio cálice, fez um brinde. — À saúde de Yelena, nossa nova provadora de comida. Que você dure mais do que seu predecessor.

Deteve meu cálice a poucos centímetros de meus lábios.

— Relaxe — ele disse. — É um brinde tradicional.

Dei um demorado gole. O líquido gostoso ardeu ligeiramente ao passar pela minha garganta. Por um instante, pensei que meu estômago fosse se rebelar. Era a primeira vez que eu estava bebendo algo além de água. Depois, ele se acalmou.

Antes que eu pudesse indagar o que exatamente acontecera com o provador de comida anterior, Valek me pediu para identificar os ingredientes da bebida. Dando um gole pequeno, eu respondi:

— Pêssegos adoçados com mel.

— Ótimo. Agora, dê outro gole. Dessa vez, deixe o líquido rolar ao redor da língua antes de engolir.

Eu obedeci, e surpreendi-me com um ligeiro sabor cítrico.

— Laranja?

— Isso mesmo. Agora, gargareje.

— Gargarejar? — perguntei. Ele assentiu. Sentindo-me tola, gargarejei com o restante da minha bebida e quase a cuspi fora. — Laranjas podres!

Rugas se formaram ao redor dos olhos de Valek quando ele riu. Tinha um rosto forte e angular, como se alguém o houvesse recortado de uma chapa de aço, mas que se suavizava quando o homem ria. Passando-me sua bebida, ele pediu que eu repetisse o procedimento.

Com um pouco de receio, dei um gole, mais uma vez detectando o ligeiro sabor de laranja. Preparando-me para o gosto rançoso, gargarejei com a bebida de Valek e fiquei aliviada ao me dar conta de que o gargarejo apenas realçava a essência de laranja.

— Melhor? — Valek perguntou, tomando de volta a taça vazia.

— Melhor.

Valek sentou-se atrás da mesa, mais uma vez abrindo a pasta. Pegando seu cálamô, ele conversou comigo enquanto escrevia.

— Você acaba de ter sua primeira lição no ofício de provar comidas. Sua bebida continha um veneno chamado Pó de Borboleta. O único modo de detectar Pó de Borboleta em um líquido é fazendo o gargarejo. Aquele gosto de laranja podre que senti era o veneno.

Fiquei de pé, minha cabeça girando.

— É letal?

— Uma dose grande o suficiente mata uma pessoa em dois dias. Os sintomas só aparecem no segundo dia, porém, então, já é tarde demais.

— Eu tomei uma dose letal?

Prendi a respiração.

— É claro. Qualquer coisa menos e você não teria sentido o gosto do veneno.

Meu estômago se rebelou e comecei a sentir ânsia de vômito. Forcei-me a conter a bile que ameaçava subir pela minha garganta, esforçando-me para evitar a indignidade de vomitar na mesa de Valek.

Valek ergueu os olhos de sua pilha de documentos. Ele estudou o meu rosto.

— Eu avisei que o treinamento seria perigoso. Mas eu não lhe daria um veneno contra o qual seu corpo teria de lutar enquanto sofre os efeitos da subnutrição. Existe um antídoto para Pó de Borboleta.

Ele me mostrou um pequeno frasco contendo um líquido branco.

Largando-me de volta na cadeira, eu suspirei. O rosto de metal de Valek havia retornado. Dei-me conta de que ele não me oferecera o antídoto.

— Em resposta à pergunta que você não fez, mas que deveria ter feito, é assim — Valek ergueu o pequeno frasco e o sacudiu — que impedimos que o provador de comida do Comandante fuja.

Eu o fitei intensamente, tentando entender a insinuação.

— Yelena, você confessou um assassinato. Seríamos tolos de permitir que servisse o Comandante sem nenhuma garantia. Guardas vigiam o Comandante o tempo todo, de modo que é pouco provável que se conseguisse chegar perto dele com alguma arma. Contra outras formas de retaliação,

usamos o Pó de Borboleta. — Valek pegou o frasco de antídoto e o girou de encontro à luz do sol. — Precisa de uma dose diária disso para permanecer viva. O antídoto impede que o veneno a mate. Desde que apareça no meu escritório todos os dias, eu lhe darei o antídoto. Falte uma só manhã e estará morta na seguinte. Cometa um crime, ou algum ato de traição, e voltará para o calabouço, até que o veneno tenha dado cabo de você. Se eu fosse você, procuraria evitar tal destino. O veneno causa dolorosas cólicas abdominais e vômitos incontrolláveis.

Antes que eu pudesse entender plenamente a minha situação, os olhos de Valek fitaram algo por sobre meu ombro. Eu virei para me deparar com uma mulher robusta em um uniforme de governanta abrindo a porta. Valek apresentou-a como Margg, a pessoa que se encarregaria de minhas necessidades básicas. Esperando que eu a seguisse, Margg deixou o aposento.

Olhei para o frasco sobre a mesa de Valek.

— Venha ao meu escritório amanhã de manhã. Margg lhe mostrará o caminho.

Era evidente que eu estava sendo dispensada, contudo, me detive diante da porta com todas as perguntas que deveria ter feito na ponta da língua. Eu as engoli. Elas afundaram até o meu estômago como pedras. Depois, fechei a porta e corri atrás de Margg, que não se detivera para me esperar.

Margg não reduziu o passo. Fiquei bufando devido ao esforço para acompanhá-la. Tentando guardar na lembrança os vários corredores e curvas, logo desisti, e todo o meu mundo passou a se resumir às costas largas de Margg e ao seu caminhar acelerado. Sua comprida saia preta parecia flutuar acima do chão. O uniforme de governanta incluía uma blusa preta e um avental branco que pendia do pescoço e se estendia até a altura dos tornozelos, amarrado com firmeza ao redor da cintura. O avental tinha duas fileiras verticais de bordados em forma de diamante que iam de uma ponta à outra. Quando Margg, por fim, se deteve diante dos locais de banho do castelo, tive de me sentar no chão para me recompor.

— Você está fedendo — Margg disse, a repulsa estampada no rosto largo. Ela apontou para o local de banho de um modo que indicava estar acostumada a ser obedecida. — Lave-se duas vezes, depois fique de molho. Eu lhe trarei alguns uniformes.

Ela deixou o aposento.

A irresistível vontade de me banhar espalhou-se como fogo pela minha pele. Sentindo-me energizada, arranquei as roupas de prisioneira e corri até a área onde deveria me lavar. Água quente jorrou sobre mim como uma cascata quando abri o duto acima de minha cabeça. O castelo do Comandante era equipado com tanques de água quente localizados um andar acima dos locais de banho, um luxo que nem mesmo a exuberante mansão de Brazell possuía.

Fiquei parada ali por um bom tempo, torcendo para que o incessante zumbido em minha cabeça apagasse qualquer pensamento sobre venenos. Obedientemente, lavei meu corpo e cabelo duas vezes. Meu pescoço, pulsos e tornozelos chegaram a arder com o sabão, mas eu não me importei. Esfreguei mais duas vezes, com bastante força, tentando eliminar alguns pontos de sujeira mais teimosos, interrompendo-me apenas quando notei que eram hematomas.

Sob a cascata, não me senti conectada ao corpo. Um corpo que sofrera a dor e a humilhação de ter sido preso e trancafiado, contudo minha alma já o abandonara há muito, durante os últimos dois anos que vivi na mansão de Brazell.

Uma imagem do filho de Brazell subitamente apareceu diante de mim. O rosto bonito de Reyad distorcido pela raiva. Dei um passo para trás, instintivamente erguendo as mãos para me defender. A imagem desapareceu, deixando-me trêmula.

Foi um tremendo esforço secar e enrolar-me em uma toalha. Tentei me concentrar em encontrar um pente, em vez de nas lembranças desagradáveis trazidas à tona pela imagem de Reyad.

Mesmo limpo, meu cabelo embaraçado resistia ao pente. Enquanto procurava um par de tesouras, avistei de esguelha outra pessoa no local reservado para banhos. Fitei com intensidade o ser cadavérico, que retribuiu o olhar. Os olhos verdes eram os únicos sinais de vida no rosto magro e ovalado. Pernas finas como gravetos pareciam incapazes de sustentar o peso do restante do corpo.

O reconhecimento foi acompanhado de uma onda gelada de medo que se espalhou por mim. Era o meu corpo. Sem querer ter uma ideia melhor do estrago, desviei o olhar do espelho. Covarde, pensei, forçando-me a retornar a

atenção para o exame. Será que a morte de Reyad libertara minha alma do local para onde ela fugira? Na minha mente, tentei conectar novamente o espírito ao corpo. Por que minha alma haveria de retornar ao corpo, visto que este não era mais meu? Pertencia agora ao comandante Ambrose para ser usado como uma ferramenta para detectar e testar venenos. Afastei o olhar.

Arrancando tufo de cabelos em nó com o pente, ajeitei o restante em uma única trança comprida que me descia pelas costas.

Há pouco tempo, tudo que eu desejava era uma roupa de prisão limpa antes de minha execução, e, agora, aqui estava eu, tomando um banho quente no castelo do Comandante.

— Já demorou o bastante — Margg afirmou, despertando-me de meus pensamentos. — Aqui está seu uniforme. Vista-se.

Seu rosto ainda irradiava desaprovação.

Enquanto eu me secava, pude sentir a impaciência de Margg.

Junto com algumas roupas de baixo, o uniforme do provador de comida consistia de calças pretas, um cinto largo de cetim vermelho e uma camisa de cetim vermelha com uma fila de pequenos diamantes pretos bordada de ponta a ponta na extremidade de cada uma das mangas. Pelo seu tamanho, as roupas, obviamente, deveriam ser usadas por um homem. Subnutrida e com pouco mais de um metro e sessenta, eu parecia uma criança brincando de ser gente grande com as roupas do pai. Passei o cinto três vezes ao redor da cintura, enrolei as mangas da camisa e as pernas da calça.

Margg bufou.

— Valek me disse apenas para alimentá-la e para lhe mostrar seu quarto. Mas acho que, primeiro, daremos uma passada na costureira. — Detendo-se na porta, Margg franziu os lábios e acrescentou: — Também precisará de botas.

Obedientemente, segui Margg como uma cachorrinha perdida.

A costureira, Dilana, riu alegremente de minha aparência. Seu rosto em formato de coração era rodeado por uma auréola de cabelos louros e encaracolados. Olhos cor de mel e cílios compridos lhe acentuavam a beleza.

— Os cavaleiros usam as mesmas calças e as criadas da cozinha usam as camisas vermelhas — Dilana disse, ao parar de rir.

Ela censurou Margg por não perder um pouquinho mais de tempo para me

encontrar um uniforme que servisse melhor. Margg cerrou ainda mais os lábios.

Puxando-me para si, Dilana me paporicou como se fosse uma avó, em vez de uma jovem, o que me fez bem. Imaginei que nos tornaríamos amigas. Ela devia ter muitos conhecidos e pretendentes que vinham disputar sua atenção como habitantes das cavernas ao redor de uma fogueira. Eu senti vontade de me abrir com ela.

Após anotar minhas medidas, Dilana vasculhou as pilhas de roupas vermelhas, pretas e brancas espalhadas pelo recinto.

Todo mundo que trabalhava em Ixia usava uniforme. Os criados do castelo do Comandante e os guardas usavam uma variação de roupas vermelhas, pretas e brancas com diamantes verticais bordados nas mangas das camisas ou nas laterais das calças. Conselheiros e oficiais graduados normalmente vestiam-se todos de preto, com pequenos diamantes vermelhos costurados nas golas para mostrar a patente. O sistema de uniformes tornou-se obrigatório quando o Comandante subiu ao poder, de modo que todos soubessem, à primeira vista, com quem estavam lidando.

Preto e vermelho eram as cores do comandante Ambrose. O Território de Ixia fora dividido em oito distritos militares, cada um governado por um general. Os uniformes dos oito distritos eram idênticos aos do Comandante, exceto pela cor. Sendo assim, uma governanta usando preto com diamantes roxos bordados no seu avental trabalhava no Distrito Militar 3, ou DM-3.

— Acho que isso deve lhe servir melhor.

Ela me passou algumas roupas, gesticulando na direção de um biombo na outra extremidade do aposento.

Enquanto me trocava, escutei Dilana dizer:

— Ela vai precisar de botas.

Sentindo-me menos tola nas novas roupas, peguei o uniforme antigo e o entreguei a Dilana.

— Isso deve ter pertencido a Oscove, o antigo provador de comida — a costureira disse.

Uma expressão triste apossou-se de seu rosto por um instante, antes que ela sacudisse a cabeça, como que para se livrar de um pensamento indesejado.

Todas as minhas fantasias de amizade desapareceram quando me dei conta do enorme risco emocional que devia ser tornar-se amiga da provadora de comida do Comandante. Um frio apossou-se do meu estômago ao sentir a ternura de Dilana sendo substituída por amargura.

Fui atingida por uma pontada aguda de solidão quando as imagens indesejadas de May e Carra, que ainda viviam na mansão de Brazell, apareceram diante de mim. Meus dedos ansiavam por consertar as tranças tortas de Carra e ajeitar a saia de May.

Em vez do cabelo claro e sedoso de Carra, nas minhas mãos havia uma pilha de roupa. Dilana me guiou até uma cadeira. Ajoelhando-se, ela calçou meias nos meus pés e, em seguida, um par de botas feitas de couro preto e macio. Elas subiam até a metade das panturrilhas, onde o couro se dobrava para baixo. Dilana enfiou as pernas das calças para dentro das botas e me ajudou a ficar de pé.

Há várias estações eu não usava sapatos e estava esperando que fossem esfolar os meus pés, mas as botas serviram muito bem, acolchoando-os. Sorri para Dilana, esquecendo temporariamente os pensamentos sobre May e Carra. Aquele era o melhor par de botas que eu já havia usado.

Ela retribuiu meu sorriso e disse:

— Sempre consigo escolher o melhor par de botas sem ter que tirar as medidas.

Margg bufou.

— Você não acertou nas botas do pobre Rand. Ele está encantado demais com você para reclamar, e, agora, anda mancando pela cozinha.

— Não lhe dê atenção — Dilana me disse. — Margg, você não tem trabalho para fazer? Dê o fora daqui, ou vou entrar no seu quarto e encurtar todas as suas saias.

Brincando, Dilana nos pôs para fora.

Margg me levou até a sala de jantar dos criados e me serviu pequenas porções de sopa e pão. A sopa estava divina. Após devorar a comida, pedi mais.

— Não. Muita comida vai fazê-la passar mal — foi tudo que ela disse.

Relutantemente, deixei a vasilha sobre a mesa e segui Margg até o meu quarto.

— Quando o dia raiar, esteja pronta para trabalhar.

Mais uma vez, eu a vi se retirar.

Meu pequeno quarto continha uma cama estreita com um único colchão manchado sobre uma armação de metal, uma escrivaninha simples de madeira com uma cadeira, um penico, um armário, um lampião, um pequeno fogão a lenha e uma janela com as venezianas fechadas. As paredes de pedra não continham adornos. Testei o colchão; ele mal cedeu. Uma sensível melhora comparado à minha cela no calabouço, mas ainda assim senti-me um tanto quanto insatisfeita.

Nada no aposento sugeria maciez. Com minha mente e meus olhos tomados pelo rosto metálico de Valek, pela censura de Margg e pelos cortes e cores brutalizados dos uniformes, tudo que eu mais queria era uma almofada, ou talvez uma coberta. Sentia-me como uma criança perdida, em busca de algo para apertar, algo macio que não me machucava.

Após pendurar meus uniformes sobressalentes no armário, caminhei até a janela. Havia um parapeito largo o suficiente para eu me sentar. As venezianas estavam trancadas, contudo o trinco ficava do lado de dentro. Com as mãos trêmulas, destranquei as venezianas, empurrando-as para fora, piscando os olhos ante a luz súbita. Protegendo os olhos, espiei por entre os dedos e fitei com incredulidade a cena diante da minha janela. Estava no primeiro andar de um castelo. Um metro e meio abaixo ficava o chão.

Entre o meu quarto e os estábulos ficavam os canis do Comandante e o pátio de exercício para os cavalos. Os cavaleiros e os adestradores dos cães não se importariam se eu escapasse. Poderia pular a janela sem esforço e desaparecer. Tentador, exceto pelo fato de que estaria morta em dois dias. Quem sabe em uma outra ocasião, quando dois dias de liberdade pudessem valer o preço.

Era tudo que eu podia esperar.

O CHICOTE DE Reyad cortou minha pele com uma dor ardente.

— Mexa-se — ele ordenou.

Eu me esquivei ineficientemente, meus movimentos dificultados pela corda amarrada ao redor dos meus pulsos, que me prendia a um poste no centro do aposento.

— Mexa-se mais rápido, não pare! — Reyad gritou.

O chicote estalou de novo, e de novo. Minha camisa esfrangalhada não oferecia proteção contra o couro cortante. Uma voz calma e tranquilizadora penetrou minha cabeça.

— Vá embora — ela sussurrou. — Mande sua mente para um lugar distante, um lugar quente e amoroso. Desprenda-se do seu corpo.

A voz sedosa não pertencia a Reyad nem a Brazell. Quem sabe um salvador? Um modo fácil de escapar do tormento. Tentador, porém eu o reservei para outra oportunidade. Determinada, permaneci concentrando-me em evitar a chibata. Quando a exaustão apossou-se de mim, meu corpo começou a vibrar por vontade própria. Como um beija-flor fora de controle, comecei a saltar pelo aposento, evitando o chicote.

Acordei na escuridão, encharcada de suor, o uniforme amassado retorcido ao redor do meu corpo. A vibração no meu sonho substituída por batidas.

Antes de adormecer, eu havia encaixado uma cadeira sob a maçaneta da porta para evitar que alguém entrasse desavisadamente. A cadeira chacoalhava a cada batida.

— Já levantei — gritei. A barulheira parou. Quando abri a porta, Margg estava postada ali, segurando um lampião. Apressei-me em trocar o uniforme e me juntei a ela no corredor. — Pensei que tivesse dito ao raiar do dia.

Seu olhar de desaprovação me calou.

— É o raiar do dia.

À medida que o dia ia clareando, acompanhei Margg através do labirinto de passagens ocultas do castelo. Meu quarto dava para o oeste, protegendo-me do sol matinal. Quando o aroma de bolos doces tomou conta do ar, Margg apagou o lampião.

Inspirando profundamente, perguntei:

— Desjejum?

Um tom esperançoso, quase suplicante, apossou-se de minha voz, afligindo-me.

— Não, Valek a alimentará.

A imagem do desjejum acrescentado de veneno fez maravilhas no tocante a me reprimir o apetite. Meu estômago se retesou ante a lembrança indesejada do Pó de Borboleta de Valek. Quando chegamos ao seu escritório, eu já me convencera de que estava prestes a desmaiar, não demorando a tombar ante o veneno, caso não recebesse o antídoto.

Quando adentrei o aposento, Valek estava distribuindo pratos de comida fumegante sobre a mesa, cuja metade fora esvaziada. Os papéis deslocados estavam empilhados de maneira desorganizada. Ele apontou para a cadeira. Eu me sentei, procurando sobre a mesa o pequeno frasco de antídoto.

— Espero que esteja... — Valek me estudou o rosto. Eu retribuí o olhar, esforçando-me para não estremecer sob seu escrutínio. — É impressionante a diferença que um banho e um uniforme podem fazer — Valek disse, distraidamente mastigando uma fatia de bacon. — Terei de me lembrar disso. Poderá ser útil no futuro. — Pousando dois pratos de ovos mexidos com presunto diante de mim, ele disse: — Vamos começar.

Sentindo-me tonta e ansiosa, retruquei:

— Prefiro começar com o antídoto.

Outra pausa demorada de Valek fez com que eu me remexesse na cadeira.

— Você não deveria estar sentindo nenhum sintoma. Eles só devem aparecer mais para o final da tarde de hoje.

Ele deu de ombros e seguiu para seu armário. Usou uma pipeta para extrair uma quantidade do líquido branco de uma garrafa grande, depois voltou a trancar o antídoto no armário. Meu interesse pela localização da chave deve ter sido evidente, porque Valek usou algum tipo de truque de mágica para fazer a chave desaparecer. Entregando-me a pipeta, ele sentou-se do outro lado da mesa.

— Beba para que possamos dar início às lições de hoje — disse.

Despejei o conteúdo na minha boca, encolhendo-me ante o gosto amargo. Valek tomou a pipeta de minha mão, trocando-a por um jarro azul.

— Cheire isso.

O jarro continha um pó branco, parecido com açúcar, mas com o aroma de pau-rosa. Apontando para os dois pratos esfriando diante de mim, Valek me pediu para escolher o que havia sido salpicado com o veneno. Cheirei a comida como um cão de caça farejando sua presa. Um ligeiro odor de pau-rosa emanava do prato da esquerda.

— Ótimo. Se você sentir esse aroma vindo de qualquer comida do Comandante, rejeite-a. O veneno se chama Tigtus, e um simples grão do pó pode matar em menos de uma hora. — Valek retirou a comida maculada. — Coma o seu desjejum. — Ele indicou o outro prato. — Vai precisar de todas as forças.

Passei o restante do dia cheirando venenos até ficar tonta e com dor de cabeça. A variedade de nomes e aromas começou a me confundir, então pedi um cálamo e um pouco de papel e tinta para Valek, que ficou imóvel.

— Não sei por que continuo me surpreendendo com você. Deveria ter me lembrado que o general Brazell educa os seus órfãos. — Valek depositou à minha frente um bloco de papel, um cálamo e tinta. — Pode levá-lo de volta para o seu quarto. Já fizemos o suficiente por hoje.

Pegando o bloco e o material de escrita, em silêncio, me amaldiçoei por lembrar a Valek por que eu seria a próxima a ser executada. A expressão dura e implacável do homem revelava seus pensamentos. Tirada das ruas, alimentada e educada por Brazell, eu retribuía a gentileza do General

matando seu único filho. Sabia que Valek jamais acreditaria na verdade sobre Brazell e Reyad.

O orfanato do general Brazell era motivo de zombaria para os outros generais, que pareciam achar que ele ficara “mole” após a tomada de Ixia, quinze anos atrás. Era uma impressão conveniente para Brazell. Visto como o benfeitor velho e caridoso, Brazell podia dar continuidade à sua administração do Distrito Militar 5 sem ser desafiado.

Hesitei na entrada do escritório de Valek, notando, pela primeira vez, as três trancas complexas na grossa porta de madeira. Distraidamente, passando os dedos pelo mecanismo das trancas, eu me demorei no vão da porta, até que Valek perguntou:

— O que foi agora?

— Não sei ao certo onde fica o meu quarto.

Valek falou como se estivesse se dirigindo a uma criança retardada.

— Pergunte à primeira criada ou governanta que encontrar. Elas estão sempre por aí a essa hora do dia. Informe que você está na ala oeste dos criados, no andar térreo. Ela a levará lá.

A criada da cozinha que eu arrumei para me ajudar era muito mais falante do que Margg, e eu me aproveitei ao máximo de sua simpatia. Ela me guiou até a lavanderia para que eu obtivesse alguns lençóis para a minha cama. Depois, pedi que ela mostrasse o caminho até o local de banho e a área de trabalho da costureira. Talvez, algum dia, as pilhas de uniformes de Dilana viessem a ser úteis.

No meu quarto, abri as venezianas para deixar entrar a luz fraca do sol poente. Sentando-me à escrivaninha, escrevi anotações detalhadas sobre tudo que aprendera naquele dia, incluindo um mapa tosco dos corredores dos serviços. Pensei em explorar mais o castelo, contudo Valek falara a verdade, eu precisava conservar minhas forças. Torci para que tivesse tempo para explorá-lo mais tarde.

Durante as duas semanas seguintes, o treinamento prosseguiu de modo tão semelhante ao do primeiro dia que me deixei cair em uma rotina, indo ao escritório de Valek diariamente para treinar. Após catorze dias cheirando venenos, descobri que meu olfato estava mais apurado. Contudo, foi então que Valek anunciou que eu já estava forte o suficiente para começar a provar

venenos.

— Começarei com o mais letal — ele disse. — Caso não morra com ele, os outros venenos também não deverão matá-la. Não quero desperdiçar todo o meu tempo treinando-a, apenas para vê-la morrer no final. — Ele pousou uma garrafa delgada e vermelha sobre a mesa. — É desagradável. Afeta o corpo quase imediatamente. — Os olhos de Valek brilharam ao admirar o veneno. — É chamado de Tome Uma Bebida, Meu Amor, ou simplesmente Meu Amor, visto que o veneno tem um histórico de ser usado por esposas desiludidas. — Ele pingou duas gotas do veneno em um cálice fumegante. — Uma dose maior, sem dúvida, a mataria. Com uma dose menor, há a chance de sobreviver, contudo, nos próximos dias, você ficará paranoica, completamente desnorteada e sofrerá de alucinações.

— Valek, por que tenho de provar Meu Amor se seus efeitos são quase imediatos? Não é para isso que serve o provador de comida? Provo a comida do Comandante. Caio morta no chão. Fim da história.

Tentei caminhar pelo aposento, contudo, vivia tropeçando nas pilhas de livros. Frustrada, chutei duas pilhas de encontro às vizinhas, o que fez com que livros se esparramassem pelo chão. O olhar de Valek quase me perfurou, eliminando a estranha sensação de satisfação que se apossara de mim ao chutar os livros.

— O trabalho de um provador de comida é muito mais complexo do que isso — Valek explicou, afastando o cabelo do rosto. — Ser capaz de identificar qual veneno contaminou a comida do Comandante pode me levar ao envenenador. — Valek me passou o cálice. — Mesmo que você tenha apenas uma fração de segundo para gritar Meu Amor antes de perder a consciência, já limitaria a lista de suspeitos. Há um número de assassinos que prefere o Meu Amor. O veneno é cultivado em Sitia, nas terras do sul. Era fácil de conseguir antes da tomada de poder. Com o fechamento das fronteiras do sul, apenas um punhado de pessoas dispõe de dinheiro suficiente para adquiri-lo ilegalmente.

Valek dirigiu-se à bagunça no chão e começou a empilhar novamente os livros. Seus movimentos eram tão graciosos que eu me perguntei se ele já não fora um dançarino, todavia, suas palavras me mostraram que seus gestos fluidos eram aqueles de um assassino treinado.

— Yelena, seu trabalho é muito importante. É por isso que passo tanto tempo treinando-a. Um assassino astuto pode observar um provador por vários dias para descobrir um padrão. — Valek continuou a sua palestra do chão. — Por exemplo, o provador pode sempre cortar um pedaço de carne do lado esquerdo, ou jamais mexer a bebida. Alguns venenos se depositam no fundo do recipiente. Se um provador toma um gole apenas da parte superficial da bebida, o assassino sabe exatamente onde colocar o veneno para eliminar seu alvo.

Ele terminou de apanhar os livros. As novas pilhas eram mais organizadas do que as outras no chão, o que pareceu servir de convite para Valek continuar a arrumar os livros. Ele abriu um caminho mais largo através do aposento.

— Assim que beber o veneno, Margg a ajudará a chegar ao seu quarto e cuidará de você. Eu darei para ela a sua dose diária do antídoto contra Pó de Borboleta.

Eu fitei a coluna de vapor que se erguia do chá. Peguei o cálice, o calor aquecendo minhas mãos. Quando Margg adentrou o escritório, parecia que o executor havia subido no cadafalso, estendendo a sua mão na direção da alavanca. Será que eu deveria me sentar ou me deitar? Olhei ao redor do aposento, mas não avistei nada. Meus braços começaram a formigar e me dei conta de que vinha prendendo a respiração.

Ergui o cálice em uma imitação de brinde, depois esvaziei o seu conteúdo.

— Maçãs azedas — disse.

Valek assentiu. Tive apenas tempo para pousar o cálice sobre a mesa antes que meu mundo começasse a derreter. O corpo de Margg flutuou na minha direção. Flores brotaram das órbitas dos olhos em sua enorme cabeça. Um instante mais tarde, seu corpo tomou conta do aposento, ao passo que a cabeça encolheu.

Pressenti movimento. Das paredes acinzentadas brotaram pernas e braços que tentaram me agarrar, tentando me usar em sua luta contra o chão. Espíritos acinzentados ergueram-se de sob os meus pés. Ele saltaram, me cutucando e gargalhando. Representavam a liberdade. Tentei empurrar a coisa Margg para longe, mas ela se agarrou em mim, enrolando-se ao meu redor, escavando através de minhas orelhas e batendo na minha cabeça.

— Assassina — sussurrou. — Sua vagabunda sorradeira. Provavelmente cortou a garganta dele enquanto ele dormia. Um modo fácil de matar. Será que se divertiu assistindo ao sangue dele empapar os lençóis? Você não passa de uma ratazana.

Estendi as mãos na direção da voz, tentando fazê-la calar-se, mas ela se transformou em dois soldados de verde e preto que me seguraram com força.

— Ela vai morrer devido ao veneno. Se não morrer, podem levá-la — a coisa Margg disse para os soldados.

Eles me empurraram para dentro de uma fossa escura, e eu mergulhei na escuridão.

Fui recebida pelo fedor de vômito e excremento quando recobri a consciência. Eram os odores inconfundíveis do calabouço. Perguntando-me como eu fora acabar na minha antiga cela, sentei-me. Uma onda de náusea exigiu minha atenção. Tateei ao redor em busca do balde de lavagem e encontrei a perna de metal de uma cama, que segurei com firmeza quando meu corpo foi tomado por ligeiras convulsões. Quando elas pararam, eu me encostei na parede, grata por estar no chão de meu quarto, e não de volta ao calabouço. Camas eram um luxo não permitido nas acomodações subterrâneas.

Reunindo forças para ficar de pé, localizei e acendi meu lampião. Vômito seco recobria meu rosto. Minha camisa e calça estavam encharcadas e cheiravam mal. O conteúdo líquido do meu corpo havia se acumulado em uma poça no chão.

Margg cuidou muito bem de mim, pensei com sarcasmo. Pelo menos, ela era prática. Se tivesse me largado na cama, eu provavelmente teria arruinado o colchão.

Agradei ao destino por ter sobrevivido ao veneno e por ter acordado no meio da noite. Incapaz de suportar por mais tempo a sensação do uniforme encharcado, segui na direção dos locais de banho.

Ao retornar, vozes me detiveram antes que eu alcançasse o corredor que levava ao meu quarto. Apagando o lampião com um gesto rápido, espiei ao redor da curva no corredor. Dois soldados estavam postados diante de minha porta. A luz suave do lampião deles fazia reluzir o verde e o preto de seus

uniformes. As cores de Brazell.

— SERÁ QUE devemos verificar se ela está morta? — perguntou um dos soldados de Brazell.

Ele ergueu o lampião diante da minha porta, seu cinturão de armas exageradamente cheio tinindo com o movimento.

— Não. A governanta verifica todas as manhãs e lhe dá a poção. Em breve teremos notícias. Além do mais, está fedendo lá dentro.

O outro soldado abanou a mão diante do rosto.

— É. Se o cheiro já não fosse o suficiente para esfriar os ânimos, despir o uniforme dela encharcado de vômito faria qualquer homem passar mal. Embora... — A mão do soldado que segurava o lampião tocou brevemente as algemas que pendiam de seu cinturão. — Podíamos arrastá-la até o banho, lavá-la e nos divertir um pouco antes que ela morra.

— Não, alguém nos veria. Se ela sobreviver teremos muito tempo para arrancar o uniforme dela. Será como abrir um presente e, definitivamente, será mais interessante quando ela estiver acordada.

Ele olhou com malícia para o companheiro. Os dois riram.

Eles continuaram corredor abaixo e logo desapareceram. Eu me agarrei à parede e me perguntei se o que eu acabara de testemunhar fora real. Será que eu estava tendo alucinações paranoicas? Estava me sentindo como se minha cabeça houvesse passado tempo demais mergulhada em água. Meu corpo

estava acometido de tonteiras e náusea.

Os soldados já haviam sumido há muito tempo quando consegui juntar coragem para voltar para ao quarto. Escancarei a porta e ergui o lampião diante de mim, iluminando cada canto do aposento e sob a cama. A única coisa que me atacou foi um violento odor azedo. Reprimindo a vontade de vomitar, destranquei as venezianas e as abri, inspirando profundamente o ar puro.

Olhei para a poça insalubre no chão. A última coisa que queria fazer era limpar a sujeira, contudo, sabia que jamais conseguiria dormir respirando aquele fedor terrível. Após me suprir de material de limpeza, e me deter para o ocasional surto de náusea, consegui esfregar o chão sem desmaiar.

Exausta, estiquei-me na cama, cujas ligeiras protuberâncias me incomodaram. Revirei-me nos lençóis, torcendo para encontrar uma posição confortável. E se os soldados de Brazell voltassem? Adormecida, eu seria um alvo fácil. Já havia me limpado, de modo que não precisariam me arrastar até o banho. O aposento cheirava a desinfetante, e eu me esquecera de encaixar a cadeira sob a maçaneta.

A imaginação se manifestou, uma cena vívida na qual eu estava algemada à cama enquanto os soldados me despiam lentamente, para aumentar-lhes as expectativas e saborear meu medo.

As paredes do meu quarto pareceram ficar mais grossas e pulsarem. Saí correndo para o corredor, esperando encontrar os soldados de Brazell rondando a minha porta. O corredor estava às escuras e deserto.

Quanto tentei voltar ao meu quarto, senti como se alguém estivesse apertando um travesseiro de encontro ao meu rosto. Não consegui fazer os meus pés atravessarem o vão da porta. Meu quarto era uma armadilha. Seria paranoia resultante do Meu Amor, ou bom-senso? A indecisão me manteve postada no corredor até que a minha barriga roncou. Guiada pela fome, fui em busca de comida.

Esperando encontrar a cozinha vazia, fiquei decepcionada ao me deparar com um homem alto usando uniforme branco com dois diamantes pretos bordados na parte da frente da camisa, resmungando para si mesmo enquanto rondava os fornos. Sua perna esquerda não dobrava. Tentei me esgueirar para fora do aposento, mas ele me avistou.

— Está me procurando? — perguntou.

— Não. Eu estava... Procurando algo para comer — respondi.

Estiquei o pescoço para poder lhe enxergar o rosto.

Ele franziu a testa e jogou o peso do corpo sobre a perna boa, enquanto me estudava o uniforme. Magro demais para um cozinheiro, pensei, mas estava usando as roupas apropriadas, e apenas um cozinheiro estaria de pé tão cedo. Era bonito, de uma maneira sutil, com olhos castanho-claros e cabelo castanho curto. Eu me perguntei se esse não seria o Rand de Dilana do qual Margg falara.

— Sirva-se. — Ele gesticulou na direção de dois pães ainda fumegantes.

— Graças a você, eu ganhei uma semana de soldo.

— Como disse? — perguntei, cortando um enorme pedaço de um dos pães. — Como é que eu poderia ajudá-lo a ganhar dinheiro?

— Você é a nova provadora de comida, não é?

Eu assenti.

— Todo mundo sabe que Valek lhe deu uma dose de Meu Amor. Decidi arriscar e apostei uma semana de soldo que você sobreviveria. — Ele se interrompeu para retirar mais três pães de dentro do forno. — Foi um grande risco, visto que é a provadora de comida menor e mais magra que já tivemos. Quase todo mundo apostou que você não resistiria, incluindo Margg. — O cozinheiro abriu um dos armários. — Tome. — Ele me passou um pouco de manteiga. — Vou lhe preparar alguns bolinhos doces.

Pegando vários ingredientes de uma prateleira, ele começou a misturar a massa.

— Quantos provadores de comida já houve? — perguntei, enquanto devorava o pão com manteiga.

Trabalhar ali sozinho não parecia agradá-lo. Ele parecia grato por ter companhia. Com as mãos em constante movimento, respondeu:

— Cinco, desde que o comandante Ambrose assumiu o poder. Valek adora seus venenos. Ele envenenou muitos dos inimigos do Comandante, e não gosta de perder a prática. Sabe como é, testando os provadores de comida, de tempos em tempos, para garantir que eles não fiquem preguiçosos.

As palavras do cozinheiro fizeram com que um arrepio subisse pela minha espinha. Senti como se meu corpo houvesse se liquefeito e sido despejado em

uma gigantesca vasilha. Eu não passava de uma poça de ingredientes para ser misturada, batida e usada. Quando o cozinheiro despejou a massa em uma grelha quente, meu sangue chiou junto com o bolinho doce.

— Pobre Oscove. Valek jamais gostou dele. Testou-o constantemente até que ele não conseguiu mais aguentar a pressão. A causa oficial de sua morte foi suicídio, mas acho que Valek o matou.

Abalada, observei o cozinheiro habilmente girar o pulso, virando os bolinhos. Meus músculos estremeceram em sincronia com o som dos bolinhos fritando.

Aqui estava eu, preocupada com Brazell, quando um único passo errado com Valek e... Estremeci. Seria meu fim. Ele provavelmente devia guardar alguns venenos para o caso de decidir substituir o provador. Olhando por sobre meu ombro, imaginei Valek entrando na cozinha para envenenar meu desjejum. Eu nem podia me dar ao luxo de apreciar uma conversa com um cozinheiro falante sem ser lembrada de que provar comidas potencialmente envenenadas não era o único perigo do meu novo trabalho.

O cozinheiro me passou um prato cheio de bolinhos doces, retirou mais três pães de dentro do forno e voltou a encher de massa as formas de pão. Bolinhos doces quentinhos eram uma delícia tão rara que, apesar de ainda estar com o estômago sensível, eu os devorei.

— Oscove era meu amigo. Ele foi o melhor provador de comida do Comandante. Costumava vir até minha cozinha todas as manhãs e me ajudar a inventar novas receitas. Tenho de manter as coisas interessantes, caso contrário, o Comandante começará a procurar um cozinheiro novo. Entende o que estou dizendo?

Assenti, enxugando a manteiga do queixo.

Ele estendeu a mão.

— Meu nome é Rand.

Apertei-lhe a mão.

— Yelena.

Detive-me diante de uma janela aberta a caminho do escritório de Valek. O sol nascente estava despontando sobre as Montanhas das Almas, a oeste do castelo. As cores no céu lembravam uma pintura arruinada, como se uma

criança pequena houvesse espirrado água na tela. Permiti que meus olhos se deliciassem com a vibrante imagem de vida enquanto inalava o ar puro. Tudo estava em plena florescência, e logo a brisa fresca da manhã se aqueceria até um nível de conforto. A estação quente estava em sua infância. Ainda faltavam algumas semanas para os dias de calor abafado e as noites úmidas e debilitantes. Há duas semanas eu vinha treinando com Valek, e me perguntei quanto tempo Meu Amor teria me deixado inconsciente.

Afastando-me da janela, caminhei na direção do escritório de Valek, chegando à sua porta justamente no instante em que ele estava deixando o aposento.

— Yelena! Você conseguiu. — Valek sorriu. — Faz três dias. Estava começando a ficar preocupado.

Estudei-lhe o rosto. Ele parecia sinceramente feliz em me ver.

— Onde está Margg? — perguntou.

— Não a vi.

Graças a Deus, pensei.

— Nesse caso, precisará de seu antídoto — Valek disse, seguindo para seu armário.

Assim que engoli o líquido, Valek avançou na direção da porta. Quando eu não o segui, ele gesticulou para mim.

— Tenho que provar a comida do Comandante — disse, apressando o passo.

Apressei-me em alcançá-lo.

— Já está na hora de conhecer o Comandante e de ver como uma verdadeira prova de comida deve ser feita.

Pegamos o corredor principal do castelo. Valek não reduziu o ritmo de suas passadas, mas eu tropecei e reprimi um gemido. As famosas tapeçarias do rei estavam rasgadas e sujas de tinta preta. No orfanato de Brazell nos ensinaram que cada tapeçaria representava uma província do antigo reino. Bordadas à mão com fios de ouro ao longo de muitos anos, as imagens de seda coloridas contavam a história de cada província. Agora, em frangalhos, elas ainda contavam uma história muito poderosa sobre o reinado do Comandante.

O desdém do Comandante pelos excessos, pela opulência e pela injustiça

do antigo governante e de sua família era conhecido por toda Ixia. Da monarquia para os militares, Ixia sofrera sérias mudanças. Apesar de alguns cidadãos aceitarem as regras severas, porém simples, do Código de Conduta, outros se rebelavam recusando-se a usar seus uniformes, não solicitando permissão para viajar e fugindo para o sul.

Baseada na ofensa, a punição do insurgente seguia exatamente o que estava escrito no Código. Nada de uniforme significava dois dias acorrentado nu na praça da cidade. Independente do infrator ter ou não um motivo legítimo, a punição era sempre a mesma. O povo de Ixia logo descobriu que não haveria dúvidas quanto à sua punição. Subornos e favores de redes de conhecidos também não adiantariam. O Comandante não estava de brincadeira. Viva de acordo com o código, ou aguarde as consequências.

Desviei meu olhar das tapeçarias bem a tempo de ver Valek desaparecer através de um vão de porta trabalhado e em forma de arco. Portas de madeira lascadas pendiam de suas dobradiças, mas os entalhes complexos de árvores e pássaros exóticos ainda eram visíveis. Outras vítimas da tomada do poder e mais um lembrete da intenção do Comandante.

Eu me detive, surpresa, assim que passei pelas portas quebradas. Estava na sala do trono do castelo. No seu interior, havia um verdadeiro mar de escrivaninhas ocupadas por vários conselheiros e oficiais militares de cada um dos Distritos Militares do território. O aposento vibrava de tanta atividade.

Era difícil identificar indivíduos no meio de toda a comoção, contudo, por fim, avistei Valek, com seu andar confiante, passando por uma porta aberta, nos fundos do aposento. Levei algum tempo para encontrar um caminho ao redor do labirinto de mesas. Quando cheguei à porta, escutei a voz de um homem queixando-se dos bolinhos doces frios.

O comandante Ambrose estava sentado atrás de uma simples escrivaninha de madeira. Seu escritório era árido quando comparado ao de Valek, e não tinha muitas decorações pessoais. O único objeto na sala que não possuía um propósito específico era uma estátua de um palmo de um leopardo da neve preto. Os olhos do felino eram de prata reluzente e manchas brilhantes do metal salpicavam as costas poderosas do animal.

O uniforme preto do Comandante parecia ter sido feito sob medida e

estava imaculado, indistinguível do de Valek, com exceção dos diamantes presos à gola, que eram de verdade. Eles reluziam sob a luz da manhã. O cabelo preto do Comandante era salpicado de fios brancos e cortado tão curto que os fios ficavam espetados.

Na sala de aula de Brazell aprendemos que o Comandante evita aparições públicas e ter seu retrato pintado. Quanto menos pessoas soubessem como era sua aparência, menores as chances de ele ser assassinado. Alguns achavam que ele estava sendo paranoico, mas eu acreditava que, como ele subira ao poder usando assassinos e manobras de guerra secretas, estava apenas sendo realista.

Aquele não era o Comandante que eu imaginara: corpulento, barbudo e carregando em sua pessoa muitas medalhas e armas. Era magro, com a barba feita e de feições delicadas.

— Comandante, esta é Yelena, sua nova provadora de comida — Valek disse, puxando-me para dentro da sala.

Os olhos dourados e arredondados do Comandante fitaram os meus. Seu olhar era afiado como uma espada pontiaguda. Espetou minha garganta e me deixou imóvel. Eu me senti sendo detalhadamente examinada. Quando ele fitou Valek, cheguei a cambaleiar de alívio.

— Levando em conta o que Brazell vem esbravejando, eu esperava que ela cuspsse fogo — o Comandante disse.

Eu estremeci ao escutar o nome de Brazell. Se o General vinha se queixando para o Comandante, eu poderia muito bem acabar voltando para a fila da força.

— Brazell é um tolo — Valek afirmou. — Ele queria o drama de um enforcamento público para a assassina de seu filho. Pessoalmente, eu teria dado cabo dela na mesma hora. Não seria mais que um direito dele.

Valek provou o chá do Comandante e cheirou os bolinhos doces.

Eu sentia uma pressão no peito e estava tendo dificuldades para respirar.

— Além do mais, está claramente escrito no Código de Conduta que o próximo a ser enforcado recebe a oferta do emprego. E Brazell foi um dos autores. — Cortando uma fatia de um dos bolinhos doces do meio e outra da lateral, Valek pôs ambos na boca, mastigando lentamente. — Tome.

Ele passou o prato para o Comandante.

— Brazell tem sua razão — o Comandante argumentou. Pegando a xícara de chá, ele fitou seu conteúdo. — Quando é que ela começa? Estou me cansando de comida fria.

— Mais alguns dias.

— Ótimo — o Comandante disse para Valek, depois virou-se para mim. — Você chega com minha comida e prova rapidamente. Não quero ter que procurá-la. Está entendendo?

Sentindo-me tonta, eu respondi:

— Sim, senhor.

— Valek, estou emagrecendo por sua causa. O almoço será na sala de guerra. Não se atrase.

— Sim, senhor — Valek disse, e seguiu para a porta.

Eu o segui. Percorremos um caminho através do emaranhado de escrivatinhas. Quando Valek se deteve para consultar um outro conselheiro, olhei ao redor. Parte dos conselheiros do Comandante eram mulheres, e notei duas capitãs e uma mulher coronel. Seus novos papéis eram benefícios da tomada. O Comandante atribuía funções baseando-se na habilidade e na inteligência, não no sexo da pessoa.

Enquanto a monarquia preferia ver as mulheres trabalhando como criadas, ajudantes de cozinha e esposas, o Comandante lhes dava liberdade para escolher o que queriam fazer. Algumas mulheres preferiam suas ocupações anteriores, enquanto outras não deixavam passar a chance de fazer alguma outra coisa e a geração mais jovem não perdeu tempo em aproveitar as novas oportunidades.

Quando finalmente alcançamos o escritório de Valek, Margg estava tirando o pó ao redor das pilhas de papéis sobre a mesa. Tive a impressão de que ela passava mais tempo lendo os documentos do que endireitando-os. Será que Valek não notava? Perguntei-me o que Margg devia fazer para Valek, além de limpar.

Margg virou um rosto simpático para Valek, contudo, assim que ele afastou-se, ela me fitou furiosamente. Deve ter perdido um bocado de dinheiro apostando contra minha sobrevivência, pensei. Sorri para ela, que conseguiu controlar sua expressão indignada antes que Valek erguesse o olhar de sua escrivatinha.

— Yelena, você parece estar exausta. Sinto-me cansado só de olhar para você. Vá descansar. Volte após o almoço e prosseguiremos com seu treinamento.

Não estava me sentindo muito cansada, contudo, um pouco de descanso me pareceu uma excelente ideia. Ao percorrer os corredores, não consegui tirar da cabeça o comentário de Valek. Diminuí o ritmo de minhas passadas e comecei a arrastar os pés na direção do meu quarto. Estava tão concentrada no esforço físico de andar que topei de cara com os dois guardas de Brazell.

— Olhe só, Wren, encontrei a nossa ratazana! — um deles exclamou, agarrando o meu pulso.

Alerta, fitei com incredulidade os diamantes verdes no uniforme do guarda.

— Bom para você — Wren disse. — Vamos mostrar para o general Brazell o que pegamos.

— O General não gosta de ratazanas vivas. Ainda mais esta.

O guarda me sacudiu com força, fazendo com que dor se espalhasse pelo meu braço, subindo em direção ao ombro e ao pescoço. Em pânico, examinei a extensão do corredor em busca de ajuda, mas estava deserto.

— Isso mesmo, ele prefere que lhe arranquemos o couro enquanto ainda viva.

Eu já escutara o suficiente. Fiz o que qualquer ratazana decente teria feito. Mordi a mão do guarda até sentir o gosto do sangue. Ganindo e praguejando de surpresa, ele me segurou com menos força. Eu libertei o meu braço com um puxão e saí correndo.

ESTAVA APENAS A alguns passos dos guardas de Brazell quando eles se recuperaram da surpresa e começaram a me perseguir. Apavorada e sem o peso das armas, eu tinha uma ligeira vantagem. Ela não duraria muito. O esforço já estava me deixando ofegante.

Os corredores estavam misteriosamente vazios quando os percorri. Mesmo que encontrasse alguém, não tinha certeza de que iriam, ou mesmo poderiam, me ajudar. Como uma ratazana, minha única esperança de escapar era encontrar um buraco para me esconder.

Corri sem rumo, preocupando-me apenas em manter distância dos guardas. Os corredores começaram a se misturar, até que imaginei estar correndo sem sair do lugar, as paredes se moviam. Desacelerei por um instante para me situar. Onde é que eu estava?

A luz nos corredores estava ficando mais fraca. O bater de meus pés estava levantando poeira do chão. Eu seguira na direção de uma parte isolada do castelo, um lugar perfeito para um assassinato discreto. Silencioso, visto que não me restaria ar o suficiente nos pulmões para gritar.

Dobrei rapidamente à direita, tomando um corredor que levava à escuridão. Momentaneamente longe da vista dos guardas, empurrei com força

a primeira porta que encontrei. Gemendo e rangendo, esta cedeu ligeiramente sob meu peso e, depois, emperrou. Uma abertura grande o suficiente para meu corpo, mas não para minha cabeça. Escutando os guardas dobrarem no final do corredor, atirei-me de encontro à porta. Ela moveu-se mais alguns poucos centímetros. Mergulhei de cabeça para dentro de um aposento escuro e aterrissei no chão.

Os guardas encontraram a porta. Observei horrorizada enquanto tentavam abri-la à força. A abertura começou a se expandir. Olhei ao redor. Meus olhos se ajustaram à penumbra. Barris vazios e sacas podres de grãos cobriam o chão. Rolos de tapetes estavam empilhados de encontro à parede do fundo, sob uma janela.

A porta cedeu mais alguns centímetros aos esforços dos guardas, antes de emperrar novamente. Ficando de pé, empilhei os barris sobre o monte de tapetes. Subindo neles, alcancei a janela, apenas para descobrir que esta era pequena demais para eu passar.

A porta rangeu ominosamente. Usei meu cotovelo para estilhaçar a vidraça. Arrancando os fragmentos de vidro quebrado da armação, joguei-os no chão. O sangue escorria pelo meu braço. Ignorando a dor, saltei para o chão e me espremi de encontro à parede ao lado da porta, esforçando-me para abafar o som dissonante da minha respiração.

Com um gemido alto, a porta parou a poucos centímetros do meu rosto quando os guardas cambalearam para dentro do aposento.

— Verifique a janela. Eu guardarei a porta — Wren ordenou.

Espiei pela porta entreaberta. O companheiro de Wren avançou na direção da pilha de tapetes e barris, esmagando vidro sob as botas.

Meu plano não ia funcionar. Wren bloqueava minha rota de fuga. A janela quebrada apenas adiaria o inevitável.

— Pequena demais, ela ainda está aqui — o guarda gritou lá de cima.

Minha respiração já ofegante acelerou-se ainda mais. Comecei a me sentir tonta. A ratoeira fora acionada. Sentia-me imobilizada por suas mandíbulas de metal.

Meus pensamentos se misturaram em uma nuvem de imagens. Agarrei-me à porta tentando não cair. Um zumbido incontrolável emergiu de minha garganta. Eu não conseguia abafá-lo. Meus esforços apenas pareciam fazer o

som ficar mais alto.

Sai hesitantemente de trás da porta. Apesar de todo o barulho que fiz, os guardas sequer olharam em minha direção. Pareciam estar paralisados.

Meus pulmões ansiavam por ar. Quase desmaiando, o zumbido enfim me libertou. O som ainda ecoava pelo aposento, contudo não parecia mais vir de mim.

Os guardas continuavam sem reagir. Após inspirar várias vezes, saí correndo do aposento. Não ia perder tempo tentando entender. O zumbido me seguiu quando corri de volta pelo caminho por onde havia vindo.

O zumbido alto parou assim que comecei a avistar outros criados apressando-se pelo corredor. Olhares estranhos foram lançados em minha direção. Dei-me conta de que eu devia ser uma visão e tanto. Forcei-me a parar de correr e tentei acalmar meu coração, que batia acelerado.

Minha garganta ardia de tão ofegante que eu estava, meu uniforme estava manchado, meu cotovelo latejava de dor e gotas de um vermelho brilhante pingavam de meus dedos. Olhando para minhas mãos, vi os cortes profundos resultantes de ter lidado com o vidro quebrado. Fitei o sangue no chão.

Virando-me, vi uma fila de gotas vermelhas desaparecendo corredor abaixo. Apertei meus braços de encontro ao peito, mas já era tarde demais. Deixara uma trilha de sangue e, como cães treinados, ali vinham os guardas de Brazell, seguindo-a.

Estavam dobrando a esquina no final do corredor. Até agora, eu não fora detectada, contudo, sabia que qualquer movimento súbito lhes atrairia a atenção. Uni-me a um grupo de criados na esperança de me misturar a eles. A dor pulsava em sincronia com as batidas aceleradas de meu coração.

Quando alcancei uma bifurcação, arrisquei olhar por sobre o ombro. Os guardas estavam parados no local onde a minha trilha de sangue se interrompera. Wren gesticulava enquanto discutia com o companheiro. Virei a esquina sem ser notada e dei de cara com Valek.

— Yelena! O que houve com você?

Ele agarrou meu braço. Encolhi-me, e ele o soltou.

— Caí... sobre alguns cacos de vidro. — Que explicação esfarrapada. Apressei-me em disfarçar melhor. — Estava indo me limpar.

Quando fiz menção de passar por Valek, ele me agarrou pelos ombros,

girando-me para si.

— Você precisa ver um médico.

— Ah... Tudo bem.

Mais uma vez, tentei passar por Valek.

— O médico fica por aqui.

Valek puxou-me pelo ombro, forçando-me a segui-lo corredor abaixo, na direção dos guardas. Tolamente, torci para que não me vissem, contudo, assim que passamos por eles, os dois homens sorriram, vindo atrás de nós.

Olhei para Valek. Seu rosto estava completamente inexpressivo. Ele apertou o meu ombro com mais força. Será que Valek estava me conduzindo a algum lugar discreto onde os três poderiam me matar? Será que eu deveria tentar fugir? Porém, se Valek me quisesse morta, tudo que tinha a fazer era não me dar o antídoto para o Pó de Borboleta.

Quando o corredor ficou vazio, Valek soltou o meu ombro e virou-se para encarar os dois guardas. Fiquei colada atrás dele.

— Estão perdidos? — Valek perguntou para os guardas.

— Não, senhor — Wren respondeu. Cerca de trinta centímetros mais alto do que Valek, suas mãos eram do tamanho de minha cabeça. — Quero apenas recuperar nossa prisioneira.

Wren esticou o braço para me agarrar atrás de Valek.

Valek desviou-lhe a mão.

— *Sua* prisioneira?

A voz de Valek cortou o ar como uma lâmina de aço.

Os guardas se entreolharam com incredulidade. Valek não tinha armas. Apesar de o outro guarda ser mais baixo do que Wren, ainda assim era mais pesado do que os outros dois homens. Idênticos sorrisos arrogantes apareceram no rosto de ambos os guardas. Eu me perguntei se o treinamento deles não incluiria sorrisos desdenhosos e olhares intimidadores. Rand, o cozinheiro, provavelmente apostaria um mês de soldo nos soldados de Brazell como os vencedores daquela discussão.

— Na verdade, a prisioneira do general Brazell, senhor. Agora, se puder...

Wren gesticulou para que Valek se afastasse.

— Diga para seu chefe que *Valek* não gosta que sua nova provedora de comida seja perseguida pelo castelo. E que eu gostaria que ela fosse deixada

em paz.

Os guardas se entreolharam novamente. Eu começava a suspeitar que os dois dividiam o mesmo cérebro. Fitando Valek com mais intensidade, os dois assumiram uma postura de combate.

— Nossas ordens são para levamos a moça para o General. Não recados — Wren disse, retirando a espada do cinto.

Com um som metálico, o segundo guarda também empunhou a sua arma. Wren mais uma vez pediu para Valek que se afastasse. Diante de duas espadas, o que Valek poderia fazer? Fugir pela minha vida é o que eu faria, sendo assim, preparei-me para girar nos calcanhares e sair correndo.

Com dois estalares rápidos do pulso, a mão direita de Valek ergueu-se em um borrão de movimento. Ele parecia ter simplesmente batido continência para os dois guardas. Antes que os homens pudessem reagir, ele já estava junto deles, perto demais para as espadas. Valek agachou-se, plantou as mãos no chão e girou. Usando as pernas, derrubou os dois guardas no chão com uma rasteira. Escutei o ressoar de metal, o ar escapando dos pulmões de Wren e uma praga deixar os lábios do outro antes que ambos ficassem estirados no chão, imóveis.

Estupefata, observei Valek graciosamente afastar-se dos oponentes caídos. Ele contou baixinho. Ao chegar a dez, curvou-se sobre os dois homens e retirou um pequeno dardo do pescoço de cada um.

— É um modo sujo de brigar, mas estou atrasado para o almoço.

PASSANDO SOBRE OS corpos imóveis dos soldados adormecidos, Valek pegou meu braço ferido e o inspecionou.

— Não é tão ruim quanto parece. Você vai viver. Primeiro vamos ver o Comandante, depois, um médico.

Valek cruzou às pressas o castelo. Meu braço começou a latejar. Eu vinha atrás dele. A perspectiva de encarar o olhar frio do Comandante fez com que eu reduzisse o ritmo de minhas passadas. Encontrar um médico, depois afundar em um banho quente sem dúvida me parecia uma ideia muito mais atraente.

Adentramos a espaçosa câmara arredondada que servia de sala de guerra do Comandante. Janelas compridas de vidros coloridos se estendiam do chão ao teto e rodeavam três quartos da câmara. O caleidoscópio de cores fez com que eu me sentisse como se estivéssemos dentro de um pião rodopiando. Tonta, teria cambaleado, se não houvesse avistado algo que me deixou petrificada.

Uma comprida mesa de madeira ocupava o centro do aposento. Sentado à cabeceira, com dois guardas postados atrás de si, estava o Comandante. Suas sobrancelhas finas estavam quase unidas em sinal de irritação. Uma bandeja de comida intocada estava pousada ao seu lado. Também sentados ao redor da mesa estavam três dos generais do Comandante. Dois dos generais

estavam ocupados almoçando, enquanto o garfo do terceiro pairava no meio do ar. Eu me concentrei na mão; juntas dos dedos pálidas equivaliam a fúria ardente. Com relutância fitei o general Brazell nos olhos.

Brazell abaixou o garfo, o rosto sério. Seus olhos continham relâmpagos. Eu era o alvo, e como uma coelha flagrada em campo aberto, estava amedrontada demais para me mover.

— Valek, você está... — começou a dizer o comandante Ambrose.

— Atrasado — Valek completou por ele. — Eu sei. Houve uma ligeira alteração.

Ele me puxou para perto de si.

Intrigados, os dois outros generais pararam de comer. Eu corei, reprimindo o forte desejo de sair correndo do aposento. Como ainda não conhecia os oficiais de alta patente, reconheci os generais apenas pelas cores de seus uniformes. Minha visita ao calabouço do Comandante fora a primeira vez em que eu cruzara as fronteiras do DM-5. Mesmo durante os primeiros dez anos em que morei no orfanato de Brazell, tive poucas oportunidades de avistar, mesmo que rapidamente, o General e sua família.

Infelizmente, depois que completei 16 anos, a visão de Brazell e seu filho, Reyad, tornou-se meu pesadelo diário. Sentira-me lisonjeada pelas atenções de meu benfeitor; seu cabelo grisalho e a barba rente à face emolduravam um rosto quadrado e simpático que exigia respeito. Corpulento e parrudo, para mim ele representava a figura paterna suprema. Brazell disse que eu era a mais inteligente de seus filhos “adotados” e que ele precisava de minha ajuda com algumas experiências. Eu prontamente concordei em participar.

A lembrança de como eu fora grata e ingênua me enojou. Fazia três anos. Eu não passava de uma criança. Uma criança que ainda batia palmas enquanto era trancafiada.

Por dois anos eu sofrera. Minha mente encolheu-se ante as lembranças. Olhei para Brazell na sala de guerra. Seus lábios estavam cerrados e sua mandíbula tremia. Ele se esforçava para conter a raiva. Tonta de tão fadigada, vi o fantasma de Reyad aparecer atrás do pai. A garganta cortada de Reyad estava aberta e o sangue escorria, manchando seu camião de dormir. Uma lembrança distante de uma história sobre vítimas de assassinato assombrando seus assassinos até terem conseguido um ajuste de contas me veio à cabeça.

Esfreguei os olhos. Será que mais alguém estava vendo o fantasma? Se estava, disfarçava muito bem. Meu olhar voltou-se para Valek. Será que ele era assombrado por fantasmas? Se as histórias fossem mesmo verdadeiras, não faltavam fantasmas em sua vida.

A preocupação de que, talvez, não estivesse completamente livre de Reyad apossou-se de mim, mas não havia sequer vestígios de remorso. A única coisa que eu lamentava era não ter tido a coragem necessária para matar Brazell quando tive a chance. Também lamentava não ter sido capaz de salvar meus “irmãos e irmãs” no orfanato de Brazell quando completaram 16 anos de idade. Lamento não ter sido capaz de alertar May e Carra e ajudá-las a fugir.

A voz do Comandante trouxe a minha atenção de volta para a sala de guerra.

— Altercação, Valek? — Ele suspirou como um pai tolerante. — Quantos mortos?

— Nenhum. Não consegui justificar a eliminação de soldados simplesmente seguindo as ordens do general Brazell de caçar e matar sua nova provedora de comida. Além do mais, não eram muito inteligentes. Parece que ela estava em vias de escapar deles quando esbarrou comigo. Ainda bem, caso contrário, eu poderia jamais ter sabido do incidente.

O Comandante me estudou por algum tempo antes de virar-se para Brazell. Era tudo que Brazell queria. Saltando de sua cadeira, gritou:

— Ela deveria estar morta! Eu a quero morta! Ela matou o meu filho!

Valek disse:

— Mas o Código de Conduta...

— Dane-se o Código. Sou um general. Ela matou o filho de um general e aqui está... — A emoção interrompeu a voz de Brazell. Seus dedos se contraíram, como se quisessem envolver meu pescoço com as mãos naquele mesmo instante. O fantasma de Reyad flutuava atrás do pai com um sorriso malicioso nos lábios. — É uma desonra para mim que ela ainda esteja viva — Brazell afirmou. — Um insulto. Treine outro prisioneiro. Eu a quero morta!

Instintivamente, coloquei-me atrás de Valek. Os outros generais estavam assentindo com as cabeças em sinal de concordância. Eu estava apavorada demais para olhar para o Comandante.

— Ele tem um bom argumento — o Comandante disse, sem qualquer traço de emoção na voz.

— O senhor jamais se desviou do que está escrito no Código de Conduta — Valek argumentou. — Comece agora e terá estabelecido um precedente. Além do mais, estará matando a provadora de comida mais inteligente que já teve. Ela está quase treinada.

Ele apontou para a bandeja de comida fria ao lado do Comandante.

Espiei ao redor de Valek para poder enxergar a expressão do Comandante. Pensativo, ele franziu os lábios enquanto considerava o argumento de Valek. Cruzei os braços, fincando as unhas na pele.

Brazell, pressentindo uma mudança de opinião, deu um passo na direção do Comandante.

— Ela é inteligente porque *eu* a eduquei. Não posso acreditar que vá dar ouvidos a esse ladrão sorrateiro, maquiavélico e pretensioso...

Brazell interrompeu-se. Falara demais. Insultara Valek, e até mesmo eu sabia que o Comandante tinha uma predileção única por Valek.

— Brazell, deixe minha provadora de comida em paz.

Suspirei de alívio ruidosamente.

Brazell tentou argumentar, contudo o Comandante o silenciou.

— É uma ordem. Vá em frente e construa sua nova fábrica. Considere aprovada sua licença.

Ele estava balançando uma cenoura diante do nariz de Brazell. Será que uma fábrica nova valia mais que a minha morte?

Um silêncio apossou-se do recinto, enquanto todos aguardavam a resposta de Brazell. Ele me lançou um olhar cheio de veneno. O fantasma de Reyad sorriu e, pelo seu sorriso de gato que comeu o canário, eu soube que a aprovação da licença era muito importante para Brazell. Mais importante do que ele deixava transparecer para o Comandante. A raiva e a indignação por eu ter escapado da força eram genuínos, porém, ele poderia construir sua fábrica agora e me matar mais tarde. Sabia onde me encontrar.

Brazell deixou o aposento sem dizer mais uma palavra. Antes de seguir o pai, o fantasma divertido movimentou os lábios para formar as seguintes palavras: “Eu a verei na próxima vez.”

Quando os outros generais começaram a protestar contra a aprovação da

licença, o Comandante escutou os seus argumentos em silêncio. Momentaneamente esquecida, estudei os dois generais. Seus uniformes eram semelhantes ao do Comandante, só que eles usavam gibões pretos com botões dourados. Em vez de diamantes verdadeiros nos colarinhos, cada general tinha cinco diamantes bordados nos casacos, do lado esquerdo do peito. Nada de medalhas e nem fitas lhes adornavam os uniformes. As tropas do Comandante usavam apenas o necessário para serem reconhecidas, e para a batalha.

Os diamantes do General sentado mais próximo ao Comandante eram azuis. Ele era o general Hazel, encarregado do Distrito Militar 6, a oeste do DM-5 de Brazell. Os diamantes do general Tesso eram prateados, representando o DM-4, que fazia fronteira ao norte com o território de Brazell. Se um distrito tinha um grande projeto, como, por exemplo, a construção de uma nova fábrica ou a liberação de terras para a exploração agrícola, era necessária a aprovação de uma licença por parte do Comandante. Projetos menores, como a instalação de um forno novo na padaria ou a construção de uma casa dentro dos limites do distrito, necessitavam apenas da aprovação do General do distrito em questão. A maioria dos generais dispunha de uma equipe que se encarregava de processar as solicitações de novas licenças.

De acordo com as queixas dos generais, ficou aparente que a licença de Brazell ainda estava nos estágios iniciais de processamento. Já haviam sido iniciadas as conversas com os distritos vizinhos, contudo, a assessoria do Comandante ainda não revira e autenticara as plantas da fábrica. Normalmente, assim que os assessores recomendavam a aprovação, o Comandante autorizava a solicitação. O Código de Conduta apenas afirmava que a permissão precisava ser recebida antes do início da construção, e, caso o Comandante quisesse ignorar o seu próprio processo, ele tinha o direito de fazê-lo.

Aprendemos o Código de Conduta no orfanato. Qualquer um que quisesse a honra de realizar tarefas na cidade tinha de decorar e recitar o Código com perfeição antes de ter o privilégio concedido. Além de ler e escrever, a educação que eu recebera de Brazell também incluía matemática e a história da tomada de Ixia pelo Comandante. Desde a tomada, a educação estava

disponível para todos e não era mais apenas um privilégio dos homens das classes mais ricas.

Contudo, minha educação deu uma guinada para pior quando comecei a “ajudar” Brazell. As lembranças ameaçaram me dominar. Senti a minha pele quente se retesar. Tremi, forçando minha mente a retornar ao presente. Os generais haviam concluído sua refutação da decisão do Comandante. Valek testou a comida fria do Comandante e a empurrou para perto dele.

— Suas reservas serão registradas. Minha decisão permanece — o Comandante disse. Ele virou-se para Valek. — É melhor sua provadora de comida estar à altura de seu endosso. Um deslize que seja e você estará treinando o substituto dela antes de ser transferido. Dispensado.

Valek me puxou pelo braço e seguiu para fora da câmara. Descemos o corredor até escutar a porta da sala de guerra se fechar. Depois, Valek se deteve. Suas feições haviam se endurecido, transformando-se em uma máscara de porcelana.

— Yelena...

— Não diga nada. Não me ameace, nem tente me intimidar. Já aguentei o suficiente disso de Brazell. Eu me esforçarei ao máximo para ser a melhor provadora porque estou me acostumando com a ideia de viver. E não quero dar a Brazell a satisfação de me ver morta. — Cansada de examinar todas as expressões faciais de Valek e de me esforçar para escutar as nuances em sua voz em busca de pistas sobre seu estado de humor, afastei-me dele. Ele me seguiu. Quando chegamos à bifurcação do corredor, a mão de Valek agarrou meu cotovelo. Ao me guiar para a esquerda, escutei-o murmurar a palavra *médico*. Sem olhar para seu rosto, permiti que me conduzisse até a enfermaria.

Ao ser conduzida para uma mesa de exames vazia, apertei os olhos ao fitar o uniforme todo branco do médico. A única cor no uniforme eram os dois diamantes vermelhos bordados na gola. Minha mente estava tão confusa devido à fadiga que levei algum tempo para perceber que o médico de cabelos curtos era uma mulher. Com um gemido, estendi-me sobre a mesa.

Quando a mulher deixou o aposento para buscar suprimentos, Valek disse:

— Postarei alguns guardas na sua porta, para o caso de Brazell mudar de ideia.

Antes de deixar a enfermaria, eu o vi falar com a médica. Ela assentiu e olhou na minha direção.

A médica retornou com uma bandeja cheia de reluzentes instrumentos médicos, incluindo um frasco de uma substância que parecia geleia. Ela limpou meu braço com álcool, fazendo com que o ferimento sangrasse e ardesse. Mordi o lábio inferior para não gritar.

— São todas superficiais, com exceção dessa — a médica disse, apontando para o cotovelo que eu usara para quebrar o vidro. — Essa ferida precisa ser fechada.

— Fechada?

Parecia doloroso.

A médica pegou o pote de geleia.

— Relaxe. É um novo método para o tratamento de lacerações profundas. Usamos essa cola para fechar o ferimento. Assim que o corte sarar, a cola será absorvida pelo corpo.

Ela pegou uma grande quantidade do material com os dedos e a aplicou sobre o corte. Estremeci de dor. Ela apertou com força a minha pele, juntando-a. Lágrimas rolaram pela minha face.

— Foi inventada pelo cozinheiro do Comandante, se é que dá para acreditar. Não há efeitos colaterais e fica ótima no chá.

— Rand? — perguntei, surpresa.

Ela assentiu, ainda apertando a pele, e disse:

— Precisarás usar um curativo por alguns dias e manter o corte seco. — Ela soprou a cola por alguns instantes antes de soltar. Depois, enfaixou meu braço. — Valek quer que passe a noite aqui. Eu lhe trarei o jantar. Descanse um pouco.

Pensei que comer exigiria esforço demais, contudo, quando ela trouxe a comida quente, dei-me conta de que estava faminta. Um estranho gosto no meu chá fez com que, na mesma hora, eu perdesse o apetite.

Alguém envenenara o meu chá.

EU ACENEI PARA a médica.

— Tem alguma coisa no meu chá! — gritei. Comecei a me sentir zozna.
— Chame Valek.

Talvez ele tivesse um antídoto.

Ela me fitou com os grandes olhos castanhos. Seu rosto era comprido e magro. Um cabelo mais comprido lhe suavizaria as feições. O corte curto apenas a fazia lembrar um furão.

— São comprimidos para dormir. Ordens de Valek — ela explicou.

Sentindo-me aliviada, suspirei. A médica me lançou um olhar intrigado antes de ir embora. Com o apetite arruinado, empurrei a comida para longe. Não precisava de soníferos para me entregar à exaustão que sugava minhas últimas forças.

Quando acordei no dia seguinte, havia um borrão branco postado ao pé de minha cama. Ele se moveu. Pisquei os olhos e os estreitei até a imagem tomar a forma da médica de cabelo curto.

— Teve uma boa noite?

— Tive — respondi.

A primeira noite em muito tempo livre de pesadelos, embora sentisse como se a cabeça estivesse cheia de algodão e o gosto ruim na boca não promettesse uma boa manhã.

A médica verificou minhas ataduras, emitiu um som indefinido e me avisou que o desjejum ainda demoraria um pouco.

Enquanto esperava, passei os olhos pela enfermaria. O aposento retangular continha doze leitos, seis de cada lado, e espaçados de modo a formar um reflexo no espelho. Os lençóis nos leitos vazios estavam esticados com perfeição. Organizado e eficiente, o aposento me irritava. Eu me sentia como roupa de cama amarrotada, sem ter controle de minha alma, meu corpo ou meu mundo. Estar cercada de capricho me ofendeu e, subitamente, tive o desejo de saltar nas camas vazias, desarrumando-as.

Eu estava do lado oposto à porta. Dois leitos vazios me separavam de três outros pacientes do meu lado do aposento. Eles estavam dormindo. Eu não tinha com quem conversar. As paredes de pedra estavam vazias. Diabos, minha cela na prisão tinha decoração mais interessante. Pelo menos, aqui o cheiro era melhor. Inspirei profundamente. O cheiro distinto de álcool misturado com desinfetante preencheu meu nariz, tão diferente do cheiro fétido do calabouço. Muito melhor. Mas será que era mesmo? Havia um outro cheiro misturado ao aroma médico. Inspirei novamente e me dei conta de que o odor azedo de medo antigo emanava de mim mesma.

Eu não deveria ter sobrevivido ontem à noite. Os guardas de Brazell haviam me encurralado. Não havia escapatória. No entanto, eu fora salva por um estranho zumbido que emergira de minha garganta como uma progênie teimosa e incontrolável. Um instinto de sobrevivência primordial que ecoara em meus pesadelos.

Evitava pensar sobre o zumbido, visto que ele era um antigo conhecido meu, contudo, as lembranças insistiam em invadir meus pensamentos.

Examinando os últimos três anos, forcei-me a manter a concentração em quando e onde o zumbido havia aparecido, e a ignorar as emoções.

Os primeiros meses das experiências de Brazell apenas testaram os meus reflexos. Com que velocidade eu era capaz de me desviar de uma bola ou me esquivar de um golpe de vara, bem inofensivo, até a bola se transformar em uma faca e a vara em uma espada.

Meu coração começou a bater forte. Com as palmas das mãos suadas, passei os dedos por uma cicatriz no meu pescoço. Nada de emoções, ordenei a mim mesma, erguendo as mãos como para empurrar o medo. Finja que é a

médica, pensei, faça perguntas para obter informações. Imaginei-me vestida de branco, calmamente sentada ao lado de uma paciente febril enquanto essa tagarelava.

Perguntei à paciente: O que veio em seguida? Testes de força e resistência, ela respondeu. Tarefas simples de levantar pesos se transformaram em segurar pesadas pedras sobre a cabeça por vários minutos, depois horas. Caso derrubasse as pedras antes que o tempo se esgotasse, era chicoteada. Ordenaram que me agarrasse a correntes penduradas no teto, mantendo o corpo erguido a alguns centímetros do chão, até que Brazell ou Reyad me dessem permissão para soltar.

Indaguei à paciente: Quando foi a primeira vez que escutou o zumbido? Ela soltara as correntes cedo demais repetidas vezes, e Reyad ficara furioso. Sendo assim, ele a forçou a se dependurar pelas mãos em um parapeito de janela, seis andares acima do chão.

— Vamos tentar novamente — Reyad disse. — Agora que há muito mais em jogo, talvez você aguente a hora inteira.

A paciente parou de falar. Vamos, me conte o que aconteceu, eu insisti. Seus braços estavam fracos por ter passado a maior parte do dia segurando-se nas correntes. Seus dedos estavam escorregadios de suor, os músculos tremiam de fadiga. Ela entrou em pânico. Quando suas mãos escorregaram do parapeito, ela uivou como uma recém-nascida. O uivo modificou-se, transformando-se em substância. Ele expandiu-se para fora, envolvendo-a e acariciando-lhe a pele de todos os lados. Ela sentiu-se como se estivesse aconchegada em uma piscina de água quente.

A próxima coisa de que se lembrava era estar sentada no chão. Olhou para cima, para a janela. Reyad a fitava com o rosto vermelho. Seu perfeito cabelo louro em desordem incomum. Extasiado, lançou-lhe um beijo. O único modo pelo qual ela poderia ter sobrevivido à queda era por magia. De jeito nenhum, insistiu. Tinha de ter sido alguma estranha corrente de vento ou uma aterrissagem do jeito certo. Não magia.

Magia, uma palavra proibida em Ixia desde que o comandante Ambrose assumira o poder. Praticantes de magia passaram a ser tratados como moscas repletas de doenças. Passaram a ser caçados, aprisionados e exterminados. Qualquer suspeita de que alguém possuía magia era sentença de morte. A

única chance de sobreviver era escapar para Sitia.

A paciente estava ficando mais agitada, e os outros ocupantes do aposento a fitavam... Estavam *me* fitando. Pequenas doses, lembrei-me. Eu podia lidar com as lembranças em quantidades modestas. Afinal de contas, a queda não me fizera mal, e Reyad me tratou bem por algum tempo. Contudo, a gentileza só durou até eu começar a falhar novamente em seus testes. Para me distrair das lembranças, contei as rachaduras no teto. Já estavam em cinquenta e sete quando Valek chegou.

Ele trazia uma bandeja em uma das mãos e uma pasta de arquivos na outra. Fitei a omelete fumegante com desconfiança.

— O que tem nela? — exigi saber. — Mais comprimidos para dormir? Ou algum veneno novo? — Todos os músculos do meu corpo haviam se enrijecido. Sem sucesso, tentei me sentar. — Que tal me dar algo para me fazer sentir bem, só para variar?

— Que tal algo para mantê-la viva? — Valek perguntou.

Ele me sentou na cama e me ofereceu a pipeta cheia do meu antídoto. Depois, colocou uma bandeja de comida no meu colo.

— Não há necessidade de comprimidos para dormir. A médica me contou que você conseguiu detectar o gosto ontem à noite. — A voz de Valek tinha um tom de aprovação. — Prove o seu desjejum e me diga se permitiria que o Comandante o comesse.

Valek não exagerara ao dizer que eu jamais teria dias de folga. Suspirando, cheirei a omelete. Nenhum odor incomum. Cortei a omelete em quatro, examinando cada parte em busca de algo estranho. Cortando um pedaço de cada secção, eu os pus em minha boca, um de cada vez, e mastiguei lentamente. Engolindo, aguardei para ver se algum gosto ficava na minha boca. Cheirei o chá e o mexi com uma colher, antes de dar um gole. Passando o líquido por sobre a língua, detectei um gosto doce antes de engolir.

— A não ser que o Comandante não goste de mel no seu chá, eu não rejeitaria esse desjejum.

— Sendo assim, coma-o.

Hesitei. Será que Valek estava tentando me enganar? A não ser que ele tivesse usado algum veneno sobre o qual eu não aprendera, o desjejum estava imaculado. Comi cada pedacinho, depois esvaziei a xícara de chá, enquanto

Valek observava.

— Nada mal — ele disse. — Nada de venenos... hoje.

Uma das enfermeiras trouxe outra bandeja para Valek. Essa bandeja tinha quatro xícaras de um líquido esverdeado que cheirava a hortelã. Substituindo minha bandeja de jejum pela outra, Valek disse:

— Quero treinar algumas técnicas de prova. Cada uma dessas xícaras contém chá de hortelã. Prove uma delas.

Pegando a caneca mais próxima, dei um gole. Um irresistível sabor de hortelã invadiu minha boca. Eu me engasguei.

Valek sorriu.

— Sente o gosto de mais alguma coisa?

Tomei outro gole. A hortelã predominava.

— Não.

— Muito bem. Agora tape o nariz e tente de novo.

Após algumas dificuldades graças ao braço enfaixado, consegui dar um gole no chá enquanto apertava meu nariz. Senti os ouvidos estalarem. Maravilhei-me com o gosto.

— Doce. Nada de hortelã.

Minha voz estava ridícula, de modo que soltei o nariz. Na mesma hora, a hortelã sobrepôs-se à doçura.

— Isso mesmo. Agora tente os outros.

A próxima xícara de chá de hortelã escondia um gosto azedo, a terceira tinha um sabor amargo e a quarta era salgada.

— Essa técnica funciona para qualquer bebida ou comida. O bloqueio do seu olfato elimina todos os sabores, com a exceção do doce, do azedo, do amargo e do salgado. Alguns venenos são reconhecidos por um desses quatro sabores. — Valek folheou a pasta. — Aqui está uma lista completa de venenos feitos pelo homem e seus diferentes sabores para você decorar. Existem 52 venenos conhecidos.

Eu examinei o inventário de venenos. Alguns deles eu já havia cheirado. Meu Amor estava no topo. Essa lista teria me poupado da tontura, náusea, dor de cabeça e ocasionais alucinações resultantes do veneno. Eu agitei o papel no ar.

— Por que não me deu logo essa lista em vez de me fazer provar Meu

Amor?

Valek parou de folhear a pasta.

— E o que você aprenderia com uma lista? Kattsgut tem um gosto doce. Como é esse gosto? Doce como mel? Doce como uma maçã? Há diferentes tipos de doçura, e o único modo de conhecer todos é prová-los você mesma. Só estou lhe dando essa lista porque o Comandante quer trabalhando o mais rápido possível. — Valek fechou a pasta. — Não é porque não vai provar esses venenos agora que não vai prová-los no futuro. Decore essa lista. Assim que for liberada da enfermaria, testarei seu conhecimento. Se passar, poderá começar a trabalhar.

— E se eu falhar?

— Começarei a treinar um novo provador de comida.

Sua voz era monótona, desprovida de emoção, contudo, ocultava uma força que paralisou o meu coração.

Valek prosseguiu:

— Brazell ficará no castelo por mais duas semanas. Ele tem mais negócios a tratar. Não posso colocar guardas vigiando-a o dia todo, sendo assim, Margg está preparando um quarto para você na minha suíte. Voltarei mais tarde para saber quando receberá alta.

Observei Valek caminhar até a porta, cruzando o aposento com um deslizar balanceado e atlético. Sacudi a cabeça. Pensar em Valek era a pior coisa que eu poderia fazer. Em vez disso, me concentrei na lista de venenos amassada na minha mão. Alisei o papel e torci para que o suor não houvesse borrado a tinta. Aliviada por ver que a escrita ainda estava legível, comecei a estudar.

Mal notei quando a médica veio verificar meu braço. Ela devia ter levado a bandeja com as xícaras, pois essa desaparecera do meu colo. Eu bloqueara todo e qualquer som ou movimento vindos da enfermaria, de modo que me sobressaltei quando um prato contendo um doce arredondado foi colocado sob meu nariz.

O braço que estendia o prato levava a Rand. Seu sorriso era alegre.

— Olhe o que eu consegui passar pela Mamãe Médica! Vá em frente. Coma antes que ela volte.

A sobremesa quente cheirava a canela. Glacê branco derretido pingava

pelas suas laterais, fazendo com que o bolinho grudasse nos meus dedos quando o peguei. Examinei o doce bem de perto, inalando o aroma em busca de algum cheiro estranho. Uma pequena mordida revelou múltiplas camadas de massa e canela.

— Meu Deus, Yelena, você não acha que eu envenenaria o seu doce, acha?

As feições de Rand estavam contorcidas, como se ele estivesse sentindo muita dor.

Era exatamente o que eu pensara, contudo, admiti-lo para Rand o ofenderia. Seus motivos para estar ali não estavam claros. Aparentemente gentil e amigável, ele podia estar guardando mágoa pelo amigo Oscove, o antigo provador de comida. Por outro lado, ele era um aliado em potencial. Quem melhor para ter ao meu lado? Rand, o cozinheiro, cuja comida eu comeria todos os dias, ou Valek, o assassino, que tinha a tendência desagradável de envenenar minhas refeições?

— Ossos do ofício — respondi.

Ele resmungou, ainda irritado. Dei uma grande mordida no doce.

— Maravilhoso — disse, massageando-lhe o ego, para que me desse outra chance.

A expressão de Rand se suavizou.

— Bom, não é? Minha última receita. Peguei uma fita comprida de massa de bolo, cobri-a com canela, enrolei até formar uma bola, assei-a e passei o glacê enquanto ainda estava quente. Contudo, estou tendo problemas com o nome. Bolo de canela? Bola? Rocambole?

Rand interrompeu o devaneio para encontrar uma cadeira. Depois de se retorcer um pouco para compensar a perna esquerda que não se dobrava, ele finalmente encontrou uma posição confortável.

Enquanto eu terminava o doce, Rand prosseguiu:

— Não conte para Mamãe Médica que eu lhe dei isso. Ela gosta que seus pacientes comam só um mingau fino. Ela afirma que o mingau promove a recuperação. Bem, é claro que ajuda. — Ele ergueu os braços, expondo várias marcas de queimadura ao redor dos pulsos. — Seu gosto é tão ruim que qualquer um melhoraria só para poder fazer uma refeição decente.

O gesto empolgado fez com que os outros pacientes olhassem na nossa

direção. Rand inclinou-se para perto de mim e me perguntou, baixinho:

— E, então, Yelena, como está se sentindo?

Ele me fitou como se estivesse avaliando uma seleção de carnes, tentando determinar qual daria o melhor assado.

Fiquei desconfiada. Por que ele haveria de se importar?

— Apostando novamente?

Ele recostou-se na cadeira.

— Estamos sempre apostando. Tudo que os serviçais fazem é apostar e fazer mexericos. O que mais existe? Você deveria ter visto a comoção e as apostas que foram feitas quando você foi avistada sendo perseguida pelos capangas de Brazell.

Horrorizada, eu disse:

— Ninguém veio me ajudar. Os corredores estavam desertos.

— Isso seria envolvimento em uma situação que não nos afeta diretamente. Criados jamais fazem isso. Somos como baratas correndo em meio à escuridão. — Rand sacudiu os dedos magros. — Basta uma luz e... puf! — Ele estendeu os dedos compridos para dar ênfase. — Nós desaparecemos.

Eu me senti como a barata azarada flagrada sob a luz. Sempre correndo para manter a vantagem, enquanto a sombra de uma bota chegava cada vez mais perto.

— De qualquer modo, as apostas estavam contra você. A maioria perdeu um bocado, enquanto apenas alguns poucos... — Rand fez uma pausa dramática — ... ganharam uma bolada.

— Visto que está aqui, suponho que você tenha ganho uma bolada.

Ele sorriu.

— Yelena, sempre apostarei em você. Você é como um dos *terriers* do Comandante. Um cãozinho pequeno e barulhento ao qual você mal dá atenção, mas que quando lhe agarra a perna, não solta mais.

— Envenene a carne do cão que ele não o incomodará mais.

Meu tom amargo fez com que o sorriso de Rand esmorecesse.

— Problemas?

Surpresa que a rede de mexericos do castelo ainda não houvesse dado início às apostas com relação ao teste de Valek, hesitei. Rand gostava de falar

e poderia me meter em encrencas.

— Não. É só essa coisa de ser a provadora de comida e tudo mais...

Torci para que ele ficasse satisfeito com a resposta.

Rand assentiu. Ele passou o resto da tarde alternando entre lembranças de Oscove e divagações sobre novas receitas em potencial. Quando Valek apareceu, Rand parou de falar, seu rosto empalideceu e ele resmungou algo sobre ter que ver como estava o jantar. Saltando de sua cadeira, quase tropeçou, tamanha era sua pressa em deixar o recinto. Valek observou Rand cambaleiar para fora da enfermaria.

— O que ele estava fazendo aqui?

A expressão de Valek permaneceu neutra, contudo, a rigidez de seu corpo me fez questionar se ele não estaria zangado. Cuidadosamente escolhendo minhas palavras, expliquei que Rand viera me visitar.

— Quando foi que o conheceu?

Uma pergunta casual; por outro lado, havia um tom oculto em suas palavras.

— Após me recuperar de Meu Amor fui em busca de comida, e conheci Rand na cozinha.

— Cuidado com o que diz perto dele. Rand não é digno de confiança. Eu já o teria transferido, mas o Comandante insiste que ele fique. Ele é um gênio na cozinha. Uma espécie de protegido. Começou a cozinhar para o rei quando ainda era bem jovem.

Valek me fitou com os frios olhos azuis, alertando-me para ficar longe de Rand. Talvez fosse por isso que Valek não gostara de Oscove. Ser aliada de alguém que fora leal ao rei poderia lançar ainda mais suspeitas sobre mim. Contudo, não ia deixar que Valek me assustasse. Eu o fitei com o que torcia que fosse um olhar de indiferença.

Valek desviou o olhar. Senti-me tomada de alegria. Na minha cabeça, enfim, vencera um assalto.

— Você deixará a enfermaria amanhã de manhã — Valek anunciou. — Arrume-se e apresente-se no meu escritório para o teste. Mesmo que passe, não acharei que está pronta, porém o Comandante me ordenou que a tivesse disponível para o almoço. — Ele sacudiu a cabeça com irritação. — É um atalho. Detesto atalhos.

— Por quê? Não precisará mais se arriscar.

Arrependi-me das palavras assim que elas deixaram os meus lábios. O olhar de Valek foi letal.

— Na minha experiência, atalhos costumam levar à morte.

— Foi isso que aconteceu com o meu predecessor? — perguntei, incapaz de reprimir a curiosidade.

Será que Valek confirmaria ou negaria as teorias de Rand?

— Oscove? — Valek fez uma pausa. — Ele não tinha estômago para a coisa.

QUANDO ACORDEI NA manhã seguinte, minha mão ainda segurava a lista que me havia sido entregue por Valek. Revi o inventário de venenos até a médica me dar alta.

Quando segui para a porta, músculos contundidos protestaram a cada movimento. Deveria estar feliz por deixar a enfermaria, no entanto, meus nervos me preocupavam. Sentia como se tivesse um rato vivo na barriga, tentando escapar a dentadas.

Os guardas postados do lado de fora da enfermaria me surpreenderam. Contudo, não estavam usando as cores de Brazell, e eu me recordei que Valek os colocara ali para me proteger até eu me apresentar no escritório dele.

Olhei ao redor tentando me situar, mas não fazia ideia de qual direção levava ao meu quarto. Há 18 dias vinha morando no castelo, contudo, ainda não aprendera muito bem a sua disposição interna. Sequer entendia o formato básico do castelo, visto que jamais o vira pelo lado de fora.

A carruagem da prisão que me trouxera ao castelo não passara de uma caixa quadrada com buracos para a entrada de ar. Eu me recusara a espiar por eles como um animal enjaulado. Quando alcancei o castelo, cerrei meus olhos em uma tentativa de ignorar a angústia de estar acorrentada, sendo arrastada até o calabouço. Suponho que eu poderia ter me concentrado em meios de

fuga em potencial, porém, ao matar Reyad, eu já aceitara minha punição.

Por mais que detestasse pedir orientações aos guardas, não tive escolha. Sem dizer uma palavra, eles me guiaram pelo castelo até meu quarto. Um caminhava na frente, o outro vinha logo atrás. Só depois que o que vinha na liderança inspecionou meu quarto é que a minha entrada foi permitida.

Meus uniformes continuavam pendurados no armário. Porém, em vez de estar escondido em uma gaveta, meu diário estava aberto sobre o tampo da escrivaninha. Alguém lera minhas impressões sobre os venenos e outras informações. A náusea no estômago foi substituída por uma sensação fria e dura. O rato morrera, refletindo perfeitamente a minha disposição amarga.

Desconfiei de Valek. Ele era ousado o suficiente para ter lido minhas anotações pessoais. Provavelmente até justificaria que era seu dever garantir que eu não estava planejando nada. Afinal de contas, eu era apenas a provadora de comida, e não tinha direito a qualquer privacidade.

Pegando o diário e os uniformes, deixei meu quarto e segui para o banho. Os guardas aguardaram do lado de fora enquanto eu me banhava. Demorei bastante. Valek e seu teste podiam esperar. Eu não ia cumprir suas ordens como uma idiota qualquer, incapaz de pensar por mim mesma.

Ser perseguida pelos guardas de Brazell, encontrar veneno em quase todas as minhas refeições e ser alvo de apostas como um maldito cavalo de corridas não me deixou tão zangada quanto o fato de Valek ter lido meu diário.

Chegando ao escritório de Valek, antecipei-me a qualquer comentário impertinente que ele pudesse fazer, exigindo:

— Onde está seu teste?

Uma expressão divertida apareceu no rosto de Valek. Movimentando os braços com um floreio dramático, ele indicou duas fileiras de comida e bebidas sobre a mesa de conferência.

— Apenas um dos itens não está envenenado. Encontre-o. Depois, coma ou beba o que escolheu.

Provei cada item. Cheirei. Gagarejei. Tapei meu nariz. Dei pequenas mordidas. Cuspi. Parte da comida ficara fria. A maior parte das refeições não tinha um gosto muito marcante, facilitando a identificação do veneno, enquanto as bebidas de frutas mascaravam o veneno.

Terminando o último item, virei-me para Valek.

— Seu desgraçado. Está tudo envenenado.

Que truque desprezível. Deveria ter suspeitado que ele faria algo do gênero.

— Tem certeza?

— É claro. Eu não tocara em nada daquela mesa.

O olhar de Valek foi frio ao vir na minha direção.

— Lamento, Yelena. Você falhou.

Meu coração foi quase aos pés. O rato morto ressuscitou e começou a cavar buracos em meu estômago. Examinei a mesa. O que foi que me escapou?

Nada. Eu estava certa. Desafiei Valek a provar o contrário.

Sem hesitação, ele ergueu uma taça.

— Este não tem nada.

— Beba.

Lembrava-me daquela taça. Continha um veneno amargo.

A mão de Valek hesitou um pouco. Ele deu um gole. Mordido o lábio inferior. Talvez estivesse enganada. Talvez houvesse sido a taça ao seu lado. Valek me fitou nos olhos enquanto passava o líquido ao redor da língua. Ele cuspiu.

Tive vontade de pular, de gritar, de dançar em pequenos círculos ao redor dele. Em vez disso, disse:

— Veneno de amora-preta.

— Isso mesmo — Valek disse.

Seu olhar se alternava entre examinar a taça em sua mão e distraidamente fitar as fileiras de comida fria.

— Passei?

Ainda distraído, ele assentiu. Depois, caminhou até a escrivaninha, onde gentilmente pousou a taça. Sacudindo a cabeça, pegou alguns papéis apenas para voltar a abaixá-los, sem ter lido.

— Deveria ter sabido que tentaria me enganar.

O tom furioso de minha voz lhe chamou a atenção. Na mesma hora, me arrependi de não ter ficado calada.

— Você está toda agitada. E não é por causa do teste. Explique-se.

— Explicar-me? Por que tenho de me explicar? Talvez você deva explicar

por que leu o meu diário.

— Diário? — Valek me fitou com surpresa. — Não li nada seu. Mas, se tivesse, estaria no meu direito.

— Por quê?

Uma expressão de incredulidade tomou conta do rosto de Valek. Sua boca abriu e fechou várias vezes antes que ele pudesse dar voz aos pensamentos.

— Yelena, você confessou um assassinato. Foi flagrada de pé sobre o corpo de Reyad com uma faca ensanguentada nas mãos. Eu vasculhei sua ficha atrás de um motivo. Não havia nenhum. Apenas um relatório de que se recusou a responder quaisquer perguntas. — Valek deu um passo à frente. Ele abaixou o tom de voz. — Visto que não sei o que a leva a matar, não posso prever se voltará a fazê-lo, ou o que poderá provocá-la. O Código de Conduta não me deixa opção, de modo que tive que lhe oferecer a escolha de se tornar a nova provadora. — Ele inspirou profundamente e continuou: — Diariamente, você estará muito perto do Comandante. Até saber que posso confiar em você, eu a estarei observando.

Minha raiva foi desaparecendo. Por que deveria esperar que Valek confiasse em mim quando eu não confiava nele?

Minha compostura retornou.

— Como posso conquistar sua confiança?

— Conte-me por que matou Reyad.

— Você ainda não está pronto para acreditar em mim.

Valek desviou o olhar para a mesa de reuniões. Eu levei a mão à boca. Por que fora usar a palavra *pronto*? Pronto sugeria que, em algum momento, ele acreditaria em mim. Quem dera.

— Tem razão — ele disse.

Aparentemente, havíamos alcançado um impasse.

— Passei no seu teste. Quero o meu antídoto.

Valek preparou uma dose e a passou para mim.

— E agora? — perguntei.

— O almoço. Estamos atrasados.

Ele me empurrou porta afora. Engoli o líquido branco enquanto caminhávamos.

Quando nos aproximamos da sala do trono, o barulho de muitas vozes

falando ao mesmo tempo ecoou pelos corredores. Dois dos conselheiros do Comandante estavam discutindo. Oficiais e soldados se agrupavam atrás dos dois conselheiros. O Comandante estava apoiado de encontro a uma mesa próxima, escutando atentamente.

O grupo debatia a melhor forma de localizar e recuperar um fugitivo. O lado da direita insistia em usar um contingente excessivo de soldados e cães rastreadores, enquanto o da esquerda alegava que alguns poucos soldados inteligentes dariam conta do recado. Força bruta contra inteligência.

A discussão, apesar de ser em altos brados, não era furiosa. Os guardas postados ao redor do aposento estavam com uma postura relaxada. Supondo ser comum esse tipo de debate, eu me perguntei se o fugitivo seria real ou apenas parte de um exercício hipotético.

Valek aproximou-se do Comandante. Eu me postei atrás dos dois. O debate me incomodava, pois não conseguia deixar de me imaginar como a pobre coitada sendo caçada.

Eu me imaginei correndo pela floresta, sem fôlego, e esforçando-me para escutar os sons de perseguição. Incapaz de passar despercebida em uma cidade, visto que um rosto novo alertaria os soldados em patrulha. Soldados entediados, cujo único trabalho era observar, que conheciam os habitantes da cidade.

Cada habitante do Território de Ixia tinha um trabalho específico. Após a tomada, todo mundo recebera uma ocupação. Um cidadão podia se mudar para uma cidade diferente ou para outro Distrito Militar, contudo formulários apropriados eram necessários. Um pedido de transferência completo necessitava da aprovação do supervisor e da prova de que havia uma nova posição aguardando no endereço novo. Sem os documentos apropriados, um civil encontrado na vizinhança errada era preso. Visitar outros distritos era aceitável, porém, mais uma vez, desde que a documentação pertinente fosse obtida e apresentada aos soldados no momento da chegada.

Quando estava trabalhando em isolamento com Brazell e Reyad, pensei obsessivamente em fugir. Pensar na liberdade fora melhor do que considerar minha vida como cobaia. Contudo, sem família nem amigos fora do castelo para me esconder, as terras do sul eram minha melhor opção, presumindo que eu conseguisse cruzar a fronteira bem guardada.

Eu criara fantasias elaboradas sobre fugir para Sitia, encontrar uma família adotiva e me apaixonar. Bobagens banais e sentimentais, porém eram meu único remédio. Todos os dias, quando as experiências começavam, minha mente concentrava-se em Sitia, encontrando cores alegres, ternura e gestos carinhosos. Com aquelas imagens em minha mente, eu suportava os testes de Reyad.

Mas mesmo que eu tivesse sido presenteada com a oportunidade de escapar, não sei se teria me aproveitado dela. Embora não lembrasse nada de minha família de sangue, eu tinha uma família morando na casa principal do castelo. As outras crianças perdidas que haviam sido acolhidas. Minhas irmãs. Meus irmãos. Meus filhos. Aprendi com eles, brinquei com eles, tomei conta deles. Como poderia abandoná-los? Pensar em May ou Carra tomando meu lugar era demais para suportar.

Mordi meu próprio dedo até sentir o gosto do sangue e arrastei meus pensamentos de volta para o presente. Eu escapara de Brazell. Ele deixaria o castelo em duas semanas e voltaria para casa, provavelmente para a próxima rodada de experimentos, com uma cobaia diferente. Tinha pena dela, fosse ela quem fosse. Brazell era brutal. Maus bocados a aguardavam. Contudo, eu a salvara de Reyad.

Retirando a mão da boca, inspecionei a marca da dentada. Não foi muito funda, de modo que não deixaria cicatriz. Acompanhei a rede de cicatrizes semicirculares que cobria meus dedos até chegar à mão. Quando ergui a cabeça, flagrei Valek olhando para minhas mãos. Eu as entrelacei atrás das minhas costas.

O Comandante ergueu a mão. No mesmo instante, o silêncio se abateu sobre o recinto.

— Excelentes pontos de vista de ambos os lados. Teremos de colocar suas teorias à prova. Duas equipes. — Apontando para os dois argumentadores principais, o Comandante disse: — Vocês serão os capitães. Reúnam suas equipes e organizem um plano de ataque. Recrutem quem for necessário. Valek escolherá um fugitivo entre os seus homens. Terão duas semanas para se prepararem.

O nível do barulho voltou a aumentar quando o Comandante seguiu para seu escritório, comigo e Valek vindo logo atrás.

Valek fechou a porta, abafando o burburinho.

— A fuga de Marrok para Sitia ainda o está perturbando? — perguntou.

O Comandante franziu a testa.

— Está. Trabalho malfeito, aquela perseguição. Marrok deve ter sabido que você estava em DM-8. Realmente, você precisa começar a treinar alguns protegidos.

Valek o fitou, fingindo estar horrorizado.

— Mas, então, eu não seria mais indispensável.

Um breve sorriso apareceu no rosto do Comandante antes que ele me avistasse no canto da sala.

— Bem, Valek, tinha razão no tocante a essa aí. Ela sobreviveu ao seu teste. — Depois, para mim, ele disse: — Venha aqui.

Apesar do meu coração histérico, meus pés obedeceram.

— Como minha provadora de comida oficial, deverá se apresentar a mim com meu desjejum. Eu lhe darei meu itinerário diário e esperarei que esteja presente a cada refeição. Não aceitarei atrasos. Entendeu?

— Sim, senhor.

Ele olhou para Valek.

— Ela parece frágil. Tem certeza de que terá forças para aguentar?

— Tenho, senhor.

O Comandante não parecia convencido. Seus olhos dourados se alternaram entre Valek e eu enquanto ele pensava. Desesperada, eu torcia para que ele não estivesse procurando uma desculpa para me despedir.

— Muito bem. Visto que perdi o almoço, Valek, você se juntará a mim para um jantar um pouco mais cedo. Yelena, você começará como minha provadora de comida amanhã de manhã.

— Sim, senhor — Valek e eu respondemos ao mesmo tempo.

Fomos dispensados.

Retornamos ao escritório de Valek para recolhermos meus uniformes extras e o diário. Valek me acompanhou até seus aposentos, localizados na parte central do castelo. Enquanto percorríamos os corredores principais, notei que havia mais áreas claras na parede de pedra do que regiões escuras. Um grande número de pinturas devia ter sido retirado. Também passamos por vários quartos sem graça que haviam sido redecorados para servirem de

escritórios ou alojamentos.

Dei-me conta de que o estilo funcional e prático do Comandante roubara o castelo de sua alma. Tudo que restava era uma construção de pedra morta, redesignada para propósitos puramente funcionais.

Eu era jovem demais para me lembrar de como era a vida antes da tomada, contudo, aprendera no orfanato de Brazell que a monarquia fora corrupta, e seus cidadãos infelizes. A tomada de poder fora justamente isso. Chamá-la de guerra não seria certo. A maioria dos soldados do rei já havia transferido sua lealdade para o Comandante, todos revoltados com promoções baseadas em subornos e laços de sangue em vez de trabalho duro e habilidade. Ordens para matar pessoas por infrações menores, devido à fúria de um membro da elite, despertaram ressentimentos entre os homens.

As mulheres foram recrutadas para a causa do Comandante e se tornaram excelentes espãs. Valek assassinara os partidários-chave do rei. Quando esse tentou reunir um exército para enfrentar o do Comandante, não encontrou defensores. O Comandante capturou o castelo sem luta, e pouco sangue havia sido derramado. A maior parte da nobreza fora morta, mas alguns poucos fugiram para Sitia.

Valek e eu chegamos a um par de portas maciças guardadas por dois soldados. Valek falou com os guardas, instruindo-os para que eu tivesse todo o acesso de que precisasse. Adentramos um pequeno corredor com uma porta de cada lado. Valek destrancou a porta da direita e me explicou que a outra levava aos aposentos do Comandante.

Os aposentos de Valek na verdade eram uma enorme suíte de quartos. Vindo do corredor pouco iluminado, fui pega de surpresa pela luminosidade da área residencial em forma de L. Janelas finas como as listras de um tigre permitiam a entrada da luz do sol.

Pilhas de livros ocupavam cada canto e tampo de mesa. Pedras acinzentadas de um palmo de tamanho, riscadas de branco, e cristais multicoloridos estavam espalhados pelo recinto. Pequenas estátuas pretas de animais e flores emitiam um brilho prateado. As estatuetas estavam espalhadas pela sala. Delicadas e intricadamente detalhadas, eram semelhantes à pantera da mesa no escritório de Valek, e eram a única decoração no recinto.

Uma considerável coleção de armas estava pendurada nas paredes. Algumas das armas eram velhas, antiguidades cobertas de poeira que há anos não eram usadas, ao passo que outras reluziam. Uma faca comprida e fina ainda tinha sangue fresco na lâmina. O líquido escarlate reluzia sob a luz do sol, fazendo com que um arrepio me percorresse o corpo. Perguntei-me quem teria estado no lado errado daquela lâmina.

À esquerda da entrada havia uma escadaria e três portas se alinhavam ao longo da parede direita da sala de estar.

Valek apontou para a primeira porta à direita.

— Aquele quarto será seu até Brazell deixar o castelo. Sugiro que descanse um pouco. — Ele pegou três livros sobre uma mesa de canto. — Voltarei mais tarde. Não saia. Eu lhe trarei o jantar. — Valek saiu, mas voltou antes que a porta se fechasse. — Tranque a porta. Acredito que estará em segurança aqui.

Segurança, pensei ao passar o trinco, era a última coisa que eu sentiria aqui. Qualquer um que soubesse como arrombar uma fechadura poderia invadir sorrateiramente a suíte, pegar uma arma e me atacar. Examinei as armas na parede e suspirei de alívio. As armas estavam devidamente presas. Só para ter certeza, puxei com força a maçã.

Parecia haver mais bagunça nas cercanias de minha porta do que nas outras, e assim que a abri descobri o porquê. Áreas limpas, do formato de caixotes, estavam delineadas na grossa poeira que ainda cobria o chão, a cama, a penteadeira e a escrivaninha. Em vez de limpar o quarto, Margg devia apenas ter retirado as caixas e considerado feito seu trabalho.

O trabalho minimalista de Margg era um sinal não muito sutil de sua enorme antipatia por mim. Talvez fosse melhor evitá-la por algum tempo.

No interior do quarto, a roupa de cama estava imunda, com um cheiro bolorento. Espirrei. Havia uma pequena janela e, após batalhar com as venezianas, consegui abri-la.

A mobília era feita de ébano caríssimo. Detalhes entalhados complexos de folhas e vinhas desciam pelas pernas da cadeira e por sobre gavetas. Quando tirei a poeira da cabeceira da cama, descobri uma paisagem delicada de um jardim com borboletas e flores.

Depois de tirar os lençóis sujos da cama e me deitar no colchão, minha

impressão de Margg como sendo uma ranzinza inofensiva que guardava rancor desapareceu. Naquele instante, vi a mensagem que fora escrita na poeira da escrivaninha.

Assassina. A força a aguarda, ela dizia.

SALTEI DA CAMA. A mensagem sumiu da minha frente, mas não me senti nem um pouco melhor. Pequenos dardos de medo pulsavam do meu coração enquanto minha mente ia de um cenário horrível para o próximo.

Será que Margg estava me alertando ou me ameaçando? Será que ela planejava ganhar o dinheiro que perdera ao apostar contra mim entregando-me aos capangas de Brazell por um bom preço?

Contudo, por que me alertar? Acalmei-me. Mais uma vez, exagerara na minha reação. Pelo que eu vira e ouvira de Margg, sua mensagem provavelmente era para lhe dar a satisfação de me ver sofrer. Um gesto mesquinho que se devia ao fato de ela estar zangada por ter mais trabalho por minha causa. Decidi que seria melhor não lhe dar nenhum indício de que eu vira ou de que fora afetada pela mensagem infantil. Pensando bem, apostaria que também fora ela a ler o meu diário, deixando-o aberto sobre a mesa só para me irritar.

Valek sugerira que eu descansasse, mas me sentia agitada demais. Fui até a sala de estar de Valek. O recado de Margg me lembrara de que tinha de acreditar nos meus instintos e não confiar em ninguém. Assim, minhas preocupações se resumiriam a provar comidas em busca de veneno e evitar Brazell.

Se ao menos fosse tão simples assim, ou eu fosse tão forte. Ingenuidade e confiança cega podiam ter sido expulsas de mim por Brazell e Reyad, contudo, lá no fundo do meu coração, ainda me agarrava à esperança de que poderia encontrar um amigo de verdade.

Até mesmo uma ratazana precisava de outras ratazanas. Eu era capaz de me solidarizar com as ratazanas. Eu também saía correndo por aí, olhando por sobre os ombros, e tentava farejar armadilhas venenosas.

Naquele instante, fazia de tudo para simplesmente chegar viva ao dia seguinte, mas algum dia eu procuraria uma saída. Conhecimento era poder, sendo assim, eu planejava aguardar, escutando e aprendendo tudo que pudesse. Comecei com a sala de estar de Valek. Erguendo uma pedra de uma das mesas, comecei a vasculhar a bagunça de sua suíte, apenas um exame superficial, pois suspeitava que Valek havia instalado armadilhas em suas gavetas.

Encontrei alguns textos sobre venenos que me interessaram, porém seu conteúdo enfocava mais assassinatos e intrigas. Alguns livros tinham as capas de couro gastas e eram escritos em uma língua arcaica que eu não conseguia decifrar. Ou Valek era um colecionador, ou roubara os livros da biblioteca do rei morto.

Estava no pé da escada quando avistei um diagrama da planta do castelo. Estava preso no canto da moldura de um quadro pendurada na parede direita da escadaria. Finalmente, algo que eu poderia usar. Enquanto examinava o mapa, senti como se uma máscara translúcida houvesse sido tirada de meu rosto, permitindo-me ver claramente o castelo.

Adiando minha exploração do aposento no topo das escadas, fui buscar meu diário. O mapa estava bem à vista. Valek não ficaria aborrecido por eu tê-lo visto. Provavelmente ficaria satisfeito por eu não precisar pedir orientações cada vez que tinha de ir a algum lugar novo. Abri um espaço no sofá, coloquei-me em uma posição confortável e comecei a copiar o mapa.

Acordei sobressaltada. Meu diário caiu no chão. Piscando os olhos à luz de velas, meus olhos começaram a vasculhar o aposento. Estivera sonhando com ratos. Eles haviam descido pelas paredes, emergido do chão e vindo atrás de mim. Um mar de roedores vorazes que mordiam minhas roupas, pele e cabelo

com seus dentinhos afiados.

Um arrepio percorreu meu corpo. Ergui os pés do chão e passei os olhos pelo aposento. Nenhum rato, a não ser que eu incluísse Valek. Ele estava do outro lado da sala, acendendo os lampiões.

Enquanto o observava terminar o que estava fazendo, pensei em Valek como um colega roedor. Não. Definitivamente, não. Um gato. E não um felino qualquer, mas um leopardo da neve. O predador mais eficiente do Território de Ixia. Totalmente branco, o leopardo da neve era do tamanho de dois enormes cães unidos um ao outro. Rápido, ágil e letal, o leopardo da neve mata antes mesmo que sua presa suspeite do perigo. De um modo geral, costumavam ficar no norte, onde a neve jamais derrete, mas se arriscaram a vir para o sul quando a comida escasseou.

Ninguém, em toda a história de Ixia, havia matado um leopardo da neve. O predador costumava cheirar, escutar ou ver o caçador antes que esse pudesse chegar perto o suficiente para atacar com alguma arma de combate pessoal. Eles saíam correndo só de escutar o barulho da corda de um arco se retesando. Tudo que os habitantes do Norte podiam fazer era alimentar os felinos na esperança de mantê-los longe das áreas povoadas.

Após acender o último lampião, Valek virou-se para mim.

— Algo de errado com seu quarto?

Ele pegou uma bandeja e a passou para mim.

— Não. Não consegui dormir.

Valek bufou, divertido.

— Entendo. — Ele apontou para a bandeja. — Lamento que seu jantar esteja frio. Não pude vir antes.

Automaticamente procurando venenos, peguei algumas pequenas colheradas. Olhei para Valek para ver se o gesto o ofendia. Não foi o caso. Seu rosto ainda exibia a mesma expressão divertida. Entre bocados, perguntei a Valek se mais alguém tinha a chave da suíte.

— Apenas o Comandante e Margg. Isso a ajudará a dormir melhor?

Ignorando a pergunta, indaguei:

— Margg é sua governanta pessoal?

— Minha e do Comandante. Queríamos alguém em quem pudéssemos confiar. Alguém que fosse instantaneamente reconhecida. Ela já estava

conosco antes da tomada de poder, sendo assim, não há dúvidas quanto à sua lealdade. — Valek sentou-se à sua escrivaninha, mas virou a cadeira na minha direção. — Lembra quando estava na sala de guerra?

Confusa com a mudança de assunto, assenti.

— Havia três generais na sala. Brazell você já conhecia, mas será que pode identificar os outros dois?

— Tesso e Hazal — respondi, orgulhosa por ter me lembrado.

— Pode descrevê-los? Cor dos cabelos? Dos olhos?

Hesitei, tentando me lembrar. Usavam o uniforme de generais e estavam almoçando. Eu sacudi a cabeça.

— Acho que o general Tesso usava barba.

— Você os identificou pelos uniformes e não olhou para o rosto deles. Correto?

— Correto.

— Foi o que pensei. Esse é o problema com a exigência de uniformes. Torna as pessoas preguiçosas. Um guarda vê um uniforme de governanta e presume que o lugar daquela pessoa é no castelo. É fácil demais para alguém se mover sorrateiramente por aí, motivo pelo qual eu mantenho o Comandante cercado o tempo todo de pessoas leais. E Margg como a única governanta que tem autorização para limpar os meus escritórios e aposentos, e também os do Comandante.

O tom de Valek me fez sentir como se estivesse em uma sala de aula.

— Por que não dispensar todos os criados do castelo e usar apenas o seu pessoal?

— Nosso exército é composto em sua maioria por soldados. Civis que se juntaram a ele antes da tomada de poder se tornaram conselheiros ou receberam outras posições proeminentes. Alguns dos criados do rei já estavam na nossa folha de pagamento, e aos outros pagamos o dobro do que ganhavam trabalhando para o rei. Criados bem pagos são criados felizes.

— Todos os empregados do castelo são assalariados?

— São.

— Incluindo a provadora de comida?

— Não.

— Por que não?

Até Valek tocar no assunto, eu sequer havia pensado em receber um salário.

— A provadora de comida recebe adiantado. Quanto vale a sua vida?

SEM ESPERAR UMA resposta, Valek virou-se novamente para sua escrivaninha.

Ah, bem, ele tinha lá sua razão. Terminei a comida fria. Quando coloquei a bandeja de lado para ir para o meu quarto, Valek voltou-se mais uma vez para mim.

— O que você compraria com o dinheiro?

Uma lista deixou rapidamente a minha boca, surpreendendo até a mim mesma.

— Uma escova de cabelos, roupas de dormir e gastaria um pouco no festival.

Queria roupas de dormir pois estava cansada de ter que ir para a cama usando meu uniforme. Não ousava dormir apenas com minha roupa de baixo por receio de precisar fugir para salvar minha vida no meio da noite. E o festival anual do fogo estava se aproximando. Era um tipo de aniversário para mim. Fora durante o festival do fogo anterior que eu matara Reyad.

Embora o Comandante houvesse proibido todas as formas de religião pública, ele encorajava os festivais como uma maneira de erguer o moral. Apenas dois festivais anuais eram permitidos.

Eu estivera no calabouço durante o último festival do gelo, perdendo o evento no interior do castelo, onde artistas e artesãos mostravam seu trabalho.

O festival do gelo sempre acontecia durante a estação fria, quando tudo que se restava para fazer era aquecer-se ao redor do fogo e produzir trabalhos artesanais. Era um acontecimento local, com cada cidade sediando seu próprio festival.

O festival do fogo era uma gigantesca folia que viajava de cidade em cidade durante a estação quente. O festival começava no extremo norte, onde o clima quente durava apenas algumas curtas semanas, e depois seguia para o sul.

Tradicionalmente, apresentações adicionais e competições eram marcadas para a comemoração de uma semana no castelo, no meio da estação quente, e eu tinha esperanças de obter permissão para poder comparecer. Valek me informara de que me ensinaria técnicas de prova adicionais durante as tardes, mas, o resto do tempo entre as refeições, até agora, havia sido meu.

Sempre adorara ir ao festival do fogo. Brazell presenteava as crianças do seu orfanato com uma pequena mesada, para que pudéssemos ir todos os anos. Sempre fora o acontecimento mais esperado no castelo de Brazell. Praticávamos durante o ano todo para nos qualificarmos para as diversas competições, e economizávamos cada centavo que podíamos para a taxa de inscrição.

A voz prática de Valek interrompeu meus pensamentos.

— Você pode arrumar algumas roupas de dormir com a costureira, Dilana. Ela deveria tê-las acrescentado aos seus uniformes. Quanto ao resto, terá de se virar com o que conseguir achar.

As palavras de Valek me despertaram para a realidade de minha vida. Festivais do fogo não estavam incluídos. Talvez eu tivesse a chance de ver o festival, contudo, não poderia experimentar os filés de frango apimentados, nem provar o vinho.

Suspirando, peguei meu diário e entrei no meu quarto. Uma brisa seca e quente me acariciou o rosto. Limpei o restante da poeira, mas apenas apaguei metade do recado de Margg. De certo modo, ela tinha razão. A força realmente me esperava. Uma vida normal não estava no meu futuro. Sua mensagem serviria como um lembrete para que eu não ficasse muito à vontade.

Ou eu ia fazer besteira e ser substituída como provadora de comida, ou ia

frustrar uma tentativa de assassinato com minha própria morte. Talvez, tecnicamente, não fosse morrer de um pescoço partido, contudo, a imagem assustadora de uma força vazia sempre me assombraria.

Na manhã seguinte, fui até a sala de trabalho de Dilana. Ela estava sentada em um local iluminado pela luz do sol, cantarolando e bordando. Seus cachos dourados reluziam. Sem querer incomodá-la, eu me virei para ir embora.

— Yelena? — ela chamou.

Dei um passo para trás.

— Bom Deus, garota, vá entrando. Você é sempre bem-vinda. — Dilana abaixou o bordado e deu um tapinha na cadeira ao seu lado. Quando me juntei a ela sob a luz do sol, exclamou: — Você está tão magra quanto meu fio mais fino. Sente-se. Sente-se. Deixe-me arrumar algo para você comer.

Meus protestos não a impediram de me trazer uma enorme fatia de pão com manteiga.

— Todas as manhãs, o meu Rand me manda um pedaço de pão de mel fumegante.

Seus olhos castanho-claros brilharam de ternura.

Sabia que ela não me deixaria em paz até que eu comesse um pouco. Sem querer magoá-la, reprimi meu desejo de testar o pão para me certificar de que não estava envenenado. Ela só ficou satisfeita quando minha boca estava cheia.

— Como posso ajudá-la? — Dilana perguntou.

Entre duas mordidas, perguntei sobre roupas de dormir.

— Bom Deus! Como pude esquecer? Pobrezinha.

Ela rodou o aposento, reunindo uma coleção e tanto.

— Dilana — eu disse para detê-la. — Só preciso de algumas coisinhas.

— Por que não veio antes? Margg deveria ter me falado.

Dilana estava genuinamente aborrecida.

— Margg — eu comecei a dizer, contudo logo desisti.

Não sabia ao certo o que Dilana achava dela.

— Margg é uma velha rabugenta e malvada, uma bruxa desprezível e metida a valentona — Dilana declarou.

Eu a fitei com surpresa.

— Ela instantaneamente não gosta de qualquer um que seja novo e, de um modo geral, é uma praga que se abate sobre o resto de nós.

— Mas ela a tratou bem.

— Ela me assombrou durante semanas desde que cheguei aqui. Depois, invadi o guarda-roupa dela e apertei todas as suas saias. Ela levou duas semanas de desconforto físico para entender o que estava acontecendo. — Dilana sentou-se ao meu lado, sorrindo. — Margg não sabe dar um ponto que seja, sendo assim teve que engolir seu orgulho e pedir minha ajuda. Desde então, ela me trata com respeito. — Dilana tomou a minha mão na dela. — Infelizmente, você é o seu alvo mais recente. Mas não permita que isso a abale. Margg é desagradável. Pague na mesma moeda. Quando ela notar que você não é presa fácil, perderá o interesse.

Não conseguia acreditar que aquela adorável criatura pudesse ser capaz de tamanha astúcia, mas havia um ar de travessura no seu sorriso.

Ela depositou a pilha de roupas de dormir nos meus braços e acrescentou uma variedade de fitas alegremente coloridas.

— Para o festival, minha querida — ela disse, em resposta à minha expressão intrigada. — Para valorizar seus lindos cabelos escuros.

— Já encontrou o fugitivo para o exercício? — o Comandante perguntou a Valek assim que esse chegou ao seu escritório para o almoço.

Eu estava provando a comida do Comandante quando Valek mais uma vez destruiu meu frágil senso de bem-estar. Tenho de admitir que vinha trabalhando como provadora oficial pelos últimos dez dias, contudo, meu estômago enfim cessara suas dolorosas contrações sempre que o Comandante estava por perto.

— Encontrei. Conheço a pessoa perfeita para o serviço.

Valek acomodou-se na cadeira de frente para o Comandante.

— Quem?

— Yelena.

— O quê?

Tendo abandonado todo e qualquer fingimento de estar cuidando de minha própria vida, minha exclamação ecoou a do Comandante.

— Explique — o Comandante ordenou.

Valek sorriu ante sua reação, como se, o tempo todo, ele soubesse o que o Comandante iria dizer.

— Meu pessoal é treinado para evitar a captura. Designar um deles não seria justo para com o grupo de busca. Sendo assim, precisamos de uma pessoa que não seja perita na arte da evasão, mas que seja inteligente o suficiente para transformar o exercício em um desafio. — Valek ficou de pé para continuar seu discurso. — O fugitivo precisa de um incentivo para tornar a perseguição interessante, no entanto, precisa retornar ao castelo. Não posso usar um prisioneiro de verdade. Nenhum dos criados possui muita imaginação. Por um instante, considerei a médica, contudo ela é necessária aqui em caso de emergências. Estava prestes a designar um de seus soldados quando pensei em Yelena. — Valek gesticulou na minha direção. — Ela é inteligente. — Ele contou com os dedos para enfatizar suas palavras. — Terá um incentivo para ter um bom desempenho, assim como um incentivo para retornar.

— Incentivos?

O Comandante franziu a testa.

— A provadora de comida não recebe salário. Contudo, para esse serviço extra, assim como para outros semelhantes no futuro, ela pode ser paga. Quanto mais tempo ela evitar a captura, mais alto o pagamento. Quanto ao incentivo para ela retornar, pensei que seria óbvio.

Para mim, era. O antídoto diário contra o Pó de Borboleta que me mantinha viva. Se eu não retornasse ao castelo até a manhã seguinte, estariam procurando um cadáver.

— E se eu recusar? — perguntei para Valek.

— Recrutarei um dos soldados. Mas ficarei decepcionado. Pensei que apreciaria o desafio.

— Talvez eu não...

— Chega. — O tom do Comandante foi abrupto. — É um absurdo, Valek.

— A questão é justamente essa. Os movimentos de um soldado seriam previsíveis. Ela é uma incógnita.

— *Você* talvez se antecipasse ao nosso fugitivo, mas os homens que designei para o exercício não são tão astutos. Espero encontrar alguém que possa ser treinado como seu assistente. Entendo o que está esperando, mas

não acho que vá acontecer tão cedo. Precisamos de alguém agora. — O Comandante suspirou. Foi a maior demonstração de emoção que eu já testemunhara vinda dele. — Valek, por que você insiste em ignorar minhas ordens para orientar um assistente?

— Porque, até agora, discordei de todas as suas escolhas. Quando o candidato apropriado aparecer, todos os esforços para treiná-lo serão postos em prática.

O Comandante olhou de relance para a bandeja em minhas mãos. Pegando a comida, ele ordenou que eu fosse buscar um pouco de chá quente. Um estratagema evidente para se livrar de mim enquanto discutiam. Tive o maior prazer em obedecer.

No caminho para a cozinha, considerei a possibilidade de bancar a fugitiva para Valek. Minha primeira reação fora negativa. Não precisava de mais problemas. Contudo, ao contemplar o desafio de despistar os perseguidores, combinado à chance de ganhar algum dinheiro, o exercício começou a parecer uma excelente oportunidade. Quando cheguei à cozinha, já estava torcendo para que Valek ganhasse a discussão. Ainda mais visto que isso significaria passar um dia inteiro fora do castelo, e qualquer habilidade que eu adquirisse ao bancar a fugitiva poderia ser útil no futuro.

— Alguma coisa errada com o almoço? — Rand perguntou, correndo na minha direção, a preocupação repuxando-lhe os cantos da boca.

— Não. Apenas preciso de um pouco de chá quente.

O alívio lhe suavizou o rosto. Perguntei-me por que ele estava tão preocupado que o almoço não estivesse satisfatório. A imagem de um Rand mais jovem se rebelando contra o Comandante, arruinando a comida como forma de sabotagem, passou pela minha cabeça. Ignorei o pensamento. Rand jamais serviria comida de qualidade inferior; seu ego estava centrado em suas criações gastronômicas. Devia haver alguma outra coisa entre ele e o Comandante. Sem saber se nosso relacionamento novo sobreviveria a perguntas pessoais, talvez até delicadas, contive minha língua.

Fazia quase duas semanas que eu conhecia Rand, porém, ainda não o entendia direito. Seu humor ia de um extremo ao outro e mudava sem aviso. Rand gostava de falar. Ele dominava a maior parte das conversas e fazia apenas algumas perguntas pessoais. Tinha minhas dúvidas de que ele, de fato,

escutava minhas respostas antes de prosseguir tagarelando.

— Já que está aqui — Rand disse, pegando um bolo branco de um dos tabuleiros para esfriar que ficavam pendurados nas paredes como prateleiras —, será que pode experimentar isso? Dê-me sua opinião.

Ele me cortou uma fatia. Com uma cobertura de creme chantilly, as camadas de bolo de baunilha eram separadas por uma mistura de framboesas e creme.

Tentei disfarçar o fato de que minha primeira mordida foi para procurar venenos.

— Boa combinação de sabores — disse.

— Não está perfeito, mas não consigo identificar o problema.

— O creme está um pouquinho doce demais — comentei, dando outra mordida. — E o bolo está ligeiramente seco.

— Vou tentar de novo. Você volta essa noite?

— Para quê?

— Preciso da opinião de uma especialista. É para minha inscrição no concurso de bolos do festival do fogo. Você vai?

— Não tenho certeza.

Quando mencionei o festival do fogo, na outra noite, Valek disse que eu não poderia ir.

— Um grupo daqui da cozinha vai. Se quiser, pode vir conosco.

— Obrigada. Eu dou uma resposta depois.

No caminho de volta para o escritório do Comandante, um pensamento desagradável passou pela minha cabeça. Recentemente, eu não saíra de perto de Valek porque Brazell ainda estava no castelo e só deveria partir após o festival. Caso eu bancasse a fugitiva, o que aconteceria caso Brazell descobrisse? E se eu acidentalmente o encontrasse no festival?

Chegando à conclusão de que estaria mais a salvo no interior do castelo até que Brazell partisse, decidi recusar tanto o convite de Rand quanto a proposta de Valek. Quando cheguei para entregar o chá ao Comandante, Valek já vencera a discussão. Antes que eu pudesse dizer uma só palavra, ele já veio citando incentivos em dinheiro.

A quantia para permanecer “livre” por um dia inteiro era um bocado de dinheiro.

— O exercício está programado para acontecer durante o festival do fogo. Uma ocasião movimentada para os soldados. Será que devemos adiar para depois? — Valek perguntou ao Comandante.

— Não. A comoção maior apenas aumentará o nível de dificuldade para os nossos perseguidores.

— Bem, Yelena, isso lhe dará apenas alguns dias para se preparar. Muito justo, visto que alguns prisioneiros planejam uma rota de fuga, enquanto outros veem uma oportunidade e saem correndo. Está interessada no desafio? — Valek perguntou.

— Estou. — A palavra saltou de meu âmago antes que o racional “não” em minha cabeça pudesse escapar. — Na condição de que Brazell não seja informado de minha participação.

— Será que o quarto na minha suíte não serve como indicador de que estou devidamente preocupado com seu bem-estar?

Pelo tom de voz de Valek, pude perceber que eu o ofendera.

Quando ofendi Rand, rapidamente tentei consertar meu erro. Com Valek, tentei pensar em algum outro comentário para irritá-lo ainda mais, porém não fui capaz de pensar em alguma coisa.

— Falando em Brazell — o Comandante interrompeu. — Ele me deu um presente. Uma nova sobremesa inventada pelo seu chef. Ele achou que eu poderia gostar.

O comandante Ambrose nos mostrou uma caixa de madeira cheia de quadrados grossos, empilhados um em cima do outro, como telhas. Eram lisos e reluzentes, contudo, as bordas pareciam ter sido cortadas com uma faca cega e, além de soltarem lascas marrons, eram desiguais.

Valek pegou um pedaço e o cheirou.

— Espero que não tenha experimentado nenhum pedaço.

— É ostensivo demais, mesmo para Brazell, tentar veneno. Mas, não. Não experimentei.

Valek me passou a caixa.

— Yelena, escolha alguns pedaços ao acaso e prove-os.

Selecionei quatro quadrados. Cada um deles era mais ou menos do tamanho da unha do meu polegar, e todos os quatro cabiam na palma de minha mão. Se não tivessem me dito que se tratava de uma sobremesa,

provavelmente teria achado que eram pedaços de cera de vela marrom. Minha unha deixou uma impressão no topo, e as pontas de meus dedos ficaram um pouco engorduradas após manuseá-los.

Hesitei. A sobremesa vinha de Brazell, e eu não me recordava de seu cozinheiro ser notavelmente criativo. Pus de lado meus temores com um dar de ombros. Eu não tinha escolha.

Pensando em cera, esperei sentir o gosto de cera. Mordi o cubo duro, esperando que fosse se esfarelar entre meus dentes. Deve ter sido a expressão no meu rosto que fez o Comandante se erguer, porque eu não disse uma palavra. As sensações em minha boca me deixaram extasiada.

Em vez de se esfarelar, a sobremesa se derreteu, cobrindo minha língua com uma cascata de sabor. Paladares doces, amargos, de nozes e de frutas seguiram um ao outro. Justamente quando eu achava que podia dizer qual eu estava sentindo, eu os saboreava todos novamente. Era diferente de qualquer outra coisa que eu já encontrara. Antes que me desse conta, os quatro cubos já haviam sido consumidos. Eu queria mais.

— Inacreditável! O que é?

Valek e o Comandante trocaram olhares confusos.

O Comandante disse:

— Brazell chamou de Criollo. Por quê? Contém veneno?

— Não. Nenhum veneno. É só que... — As palavras apropriadas para descrever me fugiram. — Experimente — foi tudo que consegui dizer.

Observei o rosto do Comandante quando ele mordeu um dos quadrados. Seus olhos se arregalaram e suas sobrancelhas se arquearam de surpresa. Sua língua deslizou ao longo dos lábios e dos dentes, tentando sugar os últimos restinhos de sabor. Ele pegou outro pedaço.

— É doce. Diferente. Mas não sinto nada de inacreditável nisso — Valek disse, limpando as lascas marrons de suas mãos.

Foi a minha vez de trocar olhares com o Comandante. Ao contrário de Valek, ele tinha apetite para a alta culinária. Era capaz de reconhecer qualidade superior quando a provava.

— Aposto que aquela pequena ratazana não vai durar uma hora — disse a voz abafada de Margg através da porta da cozinha.

Eu estava prestes a entrar quando a escutei.

— Pago cinquenta para um qualquer um tolo o suficiente para achar que a ratazana vai durar o dia todo. E cem para um ao trouxa que pensa que ela não vai ser pega.

Depois de Margg determinar as vantagens, o aposento explodiu com o som das apostas.

Escutei com crescente horror. Margg não podia estar falando a meu respeito. Por que Valek haveria de contar para Margg a respeito do exercício? Até amanhã de manhã, a notícia já teria corrido o castelo todo. Brazell iria descobrir.

— Aposto um mês de soldo que Yelena passará o dia inteiro livre — ecoou a voz de Rand.

O restante dos empregados da cozinha ficou em silêncio.

Minhas emoções variavam entre orgulho e a sensação de me sentir traída. Estavam apostando em mim, e eu não conseguia acreditar que Rand apostara um mês de soldo. Ele tinha mais confiança em mim do que eu mesma. No tocante a isso, eu estava inclinada a concordar com Margg.

A gargalhada de Margg ecoou pelas paredes ladrilhadas.

— Está na cozinha há tempo demais, Rand. O calor cozinhou seu cérebro. Acho que você está começando a gostar da pequena ratazana. Acho melhor trancar suas facas quando ela estiver aqui, ou ela pode...

— Muito bem, já chega — Rand disse. — Acabou o jantar. Todo mundo fora da minha cozinha.

Segui para o final do corredor e me escondi. Como havia prometido a Rand que lhe provaria o bolo, voltei para a cozinha depois que todo mundo havia passado. Rand estava sentado atrás de uma das mesas, cortando nozes. Havia uma fatia de seu bolo de amora e creme sobre a mesa.

Ele empurrou o prato para mim. Eu o provei.

— Muito melhor. O bolo está incrivelmente úmido. O que você fez de diferente? — perguntei.

— Acrescentei um pouco de pudim à massa.

Rand estava excepcionalmente quieto. Ele não mencionou as apostas, e eu não ia perguntar.

Ele terminou de cortar as nozes. Depois de limpar a mesa, disse:

— É melhor eu ir dormir um pouco. Amanhã à noite vamos ao festival. Você vem?

— Quem é que vai? — perguntei para ganhar tempo.

Detestava perder a primeira noite do festival. Detestava deixar Brazell arruinar a única diversão que eu poderia ter. Contudo, caso Margg também fosse, eu me ateria à minha decisão inicial.

— Porter, Sammy, Liza e talvez Dilana. — Os olhos cansados de Rand iluminaram-se ligeiramente quando ele disse o nome de Dilana. — Por quê?

— A que horas vocês vão sair?

Mais uma vez, meu coração estava pronto para ignorar a escolha mais lógica e segura.

— Após o jantar. É a única hora em que todos estarão livres. O Comandante sempre pede uma refeição leve na primeira noite do festival, para que a equipe da cozinha possa sair mais cedo. Caso queira vir, basta nos encontrar aqui amanhã.

Rand seguiu para seus aposentos, que eram adjacentes à cozinha, e eu segui para a suíte de Valek.

O apartamento escuro estava vazio. Trancando a porta, tateei ao redor e encontrei um pouco de pederneira. Quando acendi os lampiões, passei pela escrivaninha de Valek e notei um pedaço de papel sobre o tampo. Olhando ao redor, para me certificar de que Valek não estava se escondendo nas sombras, espiei a folha. Nomes haviam sido escritos nela e, depois, rabiscados. Meu nome fora circulado. Sob ele estava o comentário de que eu daria uma fugitiva perfeita para o exercício.

Provavelmente fora assim que Margg descobrira. Lembrei-me de flagrá-la lendo documentos no escritório de Valek, anteriormente. Dependendo de há quanto tempo os papéis estavam ali, ela podia saber já há um bocado de tempo. Aquela mulher ia acabar conseguindo que eu fosse morta. Se eu sobrevivesse tempo o suficiente, teria de ter uma palavrinha com ela. Infelizmente, isso teria de esperar até depois de eu bancar a fugitiva para Valek.

Para meu plano de fuga, vasculhei os livros de Valek. Eu me recordava de ter visto alguns títulos adequados e fui recompensada ao encontrar dois deles descrevendo técnicas de perseguição, e um sobre o melhor modo de evitar a

captura. Ninguém disse que eu estava proibida de fazer um pouco de pesquisa. Tomando emprestados os textos de Valek, peguei o lampião e fui para meu quarto.

Estudei os livros até minha visão começar a ficar borrada de fadiga. Depois de vestir minhas novas roupas de dormir, apaguei o lampião e desmaiei na cama.

Fui acordada com a certeza assustadora de que havia alguém no meu quarto. No mesmo instante, fui tomada de medo e suor. Uma forma negra estava ao lado do leito. Puxada com força da cama, fui atirada de encontro à parede. Uma, duas, três respirações penosas se passaram. Nada mais aconteceu. O ataque havia cessado, mas eu permanecia imobilizada.

Meus olhos se ajustaram à escuridão. Reconheci o rosto do meu agressor.

— Valek?

O ROSTO DE Valek, a centímetros do meu, lembrava uma estátua, silencioso, frio e desprovido de emoções. Minha porta fora deixada escancarada, e nem mesmo o ligeiro brilho da luz do lampião passando pelo vão conseguia aquecer aqueles olhos azuis.

— Valek, o que foi?

Sem aviso, ele me soltou. Tarde demais, dei-me conta de que ele vinha me segurando suspensa acima do chão. Desabei diante dos pés dele. Sem dizer uma só palavra, Valek deixou o aposento. Apressei-me em ficar de pé, sentindo como se tivesse braços e pernas demais, e consegui alcançá-lo na sala de estar. Ele estava de pé diante de sua escrivaninha.

— Se isso é por causa dos livros... — eu disse para as suas costas, supondo que ele estivesse zangado comigo por pegar emprestados os manuais.

Ele se virou.

— Livros? Acha que isso é por causa de livros? — Por um breve instante, sua voz demonstrou um pouco de humor, antes de se tornar afiada e cortante. — Tenho sido um tolo. Passei todo esse tempo admirando seus instintos de sobrevivência e inteligência. Porém, agora... — Ele se interrompeu, olhando ao redor do aposento, como se estivesse procurando as palavras certas. —

Escutei alguns criados falando de você como a fugitiva. Estavam fazendo apostas. Como pode ser tão tola, tão indiscreta? Pensei em matá-la logo, agora, e me poupar o trabalho de procurar seu cadáver mais tarde.

— Eu não contei para ninguém. — Permiti que a raiva alterasse a minha voz. — Como pode acreditar que eu colocaria minha própria vida em risco?

— Por que deveria acreditar em você? A única outra pessoa que sabia era o Comandante.

— Ora, Valek, você é o mestre dos espões. Será que alguém não poderia ter escutado a conversa? Quem mais tem acesso a esta sala? Você deixou suas anotações bem à vista sobre a escrivaninha. — Antes que ele pudesse chegar a outra conclusão precipitada, apressei-me em dizer: — Estavam bem visíveis. Se eu as notei com um simples olhar rápido, elas estavam implorando para serem inspecionadas por alguém procurando informações.

— O que está dizendo? Quem você está acusando?

Os vincos acima do nariz de Valek se tornaram mais evidentes quando suas sobrancelhas se aproximaram uma da outra. O alarme estampou-se em seu rosto, antes de ser eliminado pela costumeira impassibilidade. A expressão passageira foi muito reveladora. Ou Valek ficara tão convencido de que eu fizera mexericos para os serviços que sequer considerara outras opções, ou ele não conseguia aceitar a possibilidade de uma falha em sua segurança. Dessa vez, eu o desequilibrei, mesmo que por um segundo. Algum dia, adoraria vê-lo desabar aos meus pés.

— Tenho minhas suspeitas — eu informei. — Contudo, recuso-me a acusar alguém sem provas. É injusto, e quem iria acreditar em mim?

— Ninguém.

Valek pegou uma pedra acinzentada de sobre sua mesa e a arremessou na minha direção. Atordoada, fiquei imóvel quando a pedra passou por mim e explodiu na parede logo atrás. Destroços acinzentados atingiram meus ombros e choveram no chão.

— Exceto eu. — Ele afundou na cadeira. — Ou estou ficando viciado em correr riscos, ou o que você diz está começando a fazer sentido e temos um vazamento de informações. Um informante, um mexeriqueiro, um espão. Seja ele quem for, precisamos encontrá-lo.

— Ou encontrá-la.

Valek franziu a testa.

— Será melhor não correr riscos e encontrar outro fugitivo? Ou cancelar o exercício? Ou continuar como planejado e transformar você em fugitiva e isca? Forçando o espião a revelar a si mesmo. — Ele fez uma careta. — Ou a si mesma.

— Não acha que Brazell virá atrás de mim?

— Não. É cedo demais. Não acho que Brazell tentará matá-la antes que sua fábrica esteja pronta e funcionando. Assim que ele conseguir o que quer, as coisas vão ficar muito interessantes por aqui.

— Ah, que bom. Mal consigo ficar acordada agora de tanto tédio.

Minha voz estava carregada de sarcasmo. Só mesmo Valek para considerar um atentado à minha vida uma distração fascinante.

Ele ignorou meu comentário.

— A escolha é sua, Yelena.

A minha escolha não estava entre as situações propostas por Valek. Minha escolha seria estar em algum lugar onde minha vida não corresse perigo. Minha escolha seria estar em um lugar onde meu patrão não fosse um assassino e alguma pessoa desconhecida estivesse tentando complicar ainda mais minha vida já intensa. Minha escolha era a liberdade.

Suspirei. O curso de ação mais seguro era o mais tentador, mas ele não resolveria nada. Eu aprendera do modo mais difícil que de nada adiantava evitar problemas. Meus impulsos característicos eram fugir e me esconder, o que apenas resultava em ficar encurralada em um canto, sem outro recurso senão golpear cegamente.

Os resultados nem sempre eram favoráveis. A falta de controle, enervante. Meus instintos de sobrevivência pareciam ter vida própria. Mágica. A palavra flutuava nos limites de minha mente. Não. Alguém já teria notado algo. Alguém já teria me delatado. Ou teria mesmo, se tal pessoa fosse Brazell? Ou Reyad?

Sacudi a cabeça, expulsando os pensamentos. Era passado. Eu tinha preocupações mais imediatas.

— Muito bem, eu me balançarei no anzol para ver que peixe aparece nadando. Porém, quem é que vai segurar a rede?

— Eu vou.

Deixei o ar escapar lentamente de meus pulmões. A pressão ao redor do meu estômago se aliviou.

— Não altere seus planos. Eu cuidarei de tudo. — Valek pegou o papel com o meu nome escrito. Ele encostou sua ponta na chama de um lampião, incendiando-a. — Eu provavelmente deveria segui-la até o festival do fogo, amanhã à noite. A não ser que a lógica a tenha feito decidir recusar o convite de Rand e ficar no castelo.

Ele permitiu que o papel em chamas flutuasse até o chão.

— Como foi que...

Eu me interrompi. Não ia perguntar. Era bem sabido que ele não confiava em Rand, sendo assim, não deveria me surpreender que Valek tivesse um informante na cozinha.

Valek não dissera que eu não podia ir. Tomei uma decisão.

— Eu vou. É um risco. Mas e daí? Corro risco cada vez que provo o chá do Comandante. Pelo menos, dessa vez, há a possibilidade de que eu me divirta um pouco.

— É difícil se divertir no festival sem dinheiro.

Valek apagou as brasas do papel queimado com a bota.

— Eu dou um jeito.

— Quer um adiantamento do seu pagamento de fugitiva?

— Não. Conseguirei o dinheiro sozinha.

Não queria que Valek me fizesse nenhum favor. Não estava preparada para gentilezas vindas dele. Pois Valek amolecer um pouquinho que fosse poderia destruir essa nossa estranha relação de cabo de guerra, e eu não queria que isso mudasse. Além do mais, podia ser extremamente perigoso pensar coisas gentis sobre Valek. Eu podia admirar-lhe as habilidades e ficar aliviada que ele estivesse do meu lado em uma briga. Porém, uma ratazana gostando do gato? Tal cenário só terminava de um jeito. Com uma ratazana morta.

— Como quiser — Valek respondeu. — Porém, me avise se mudar de ideia. E não se preocupe quanto aos livros. Leia todos que quiser.

Voltando para meu quarto, detive-me com a mão pousada sobre a maçaneta.

— Obrigada — disse para a porta, sem querer olhar para Valek.

— Pelos livros?

— Não. Pela oferta.

Meus olhos traçaram o desenho da madeira.

— Não tem de quê.

O castelo vibrava de atividade. Criados sorridentes corriam pelos corredores, risadas ecoavam nas paredes de pedra. Era o primeiro dia do festival de fogo, e os empregados do castelo se apressavam para completar suas tarefas a fim de que pudessem assistir à cerimônia de abertura. Sua empolgação era contagiante e, mesmo após uma noite de sono inquieto, eu estava começando a me sentir novamente como uma criança. Determinada a relegar a imagem de alguém me perseguindo no festival a algum recôndito escuro de minha mente, permiti-me saborear a expectativa do evento da noite.

Estava irrequieta durante as aulas da tarde com Valek. Ele estava tentando me ensinar como identificar alguém me seguindo. De um modo geral, isso não passava de conselhos de bom-senso e algumas técnicas sobre as quais eu já havia lido em um de seus livros, e não consegui me concentrar. Não estava planejando passar a noite inteira olhando por sobre meu ombro. Pressentindo meu estado de espírito, Valek encerrou a sessão cedo.

Pouco depois, peguei um uniforme limpo e as fitas coloridas que Dilana me dera e segui para o banho. Naquela hora do dia, os tanques de água fumegante estavam vazios. Lavei-me rapidamente e afundei em um dos tanques. Submergindo aos poucos no líquido quente, permiti que cada músculo relaxasse, gemendo e suspirando até a água chegar ao meu pescoço.

Só quando a pele dos meus dedos começou a enrugar foi que saí da água. Há um mês que vinha evitando o espelho. Agora, curiosa, examinei meu reflexo. Não tão esquelética, embora ainda precisasse ganhar mais peso. Minhas faces estavam fundas, minhas costelas e ossos do quadril apareciam sob a pele. O que antes não passava de cabelos negros opacos, agora reluzia. A cicatriz no meu cotovelo direito passara de um vermelho brilhante para um roxo profundo.

Engolindo em seco, fitei com intensidade o espelho. Será que minha alma retornara? Não. Em vez disso, vi o fantasma sorridente de Reyad flutuando atrás de mim, porém, quando me virei, ele havia desaparecido. Perguntei-me o que Reyad poderia querer. Provavelmente vingança, mas como era possível

confrontar um fantasma? Decidi não me preocupar com isso essa noite.

Vestindo um uniforme limpo, trançei as fitas de cores alegres nos cabelos e deixei que suas pontas caíssem por sobre os ombros até o meio das costas.

Quando me apresentei ao Comandante para lhe provar a comida, estava esperando algum comentário mordaz sobre como meu penteado não estava de acordo com os padrões militares. Tudo que recebi foi uma sobrancelha erguida.

Após o jantar, corri até a cozinha e Rand me recebeu com um sorriso largo. Os empregados dali ainda estavam cuidando da limpeza, de modo que ajudei a esfregar o tampo das bancadas e o chão, apenas para evitar o constrangimento de apenas ficar parada aguardando. Rand comandava uma cozinha limpa, e só quando ela estava perfeita ele dispensou os empregados.

Enquanto Rand trocava o uniforme manchado, observei um pequeno grupo de pessoas conversando entre si, enquanto o aguardava. Eu conhecia todas de vista e reputação, porém jamais falara com nenhuma delas. Ocasionalmente, um ou dois deles olhavam desconfiadamente na minha direção. Reprimi um suspiro, tentando não deixar que o nervosismo deles me incomodasse. Não podia culpá-los. Não era segredo que eu matara Reyad.

Do grupo, Porter era o mais velho. Era o encarregado dos cães do Comandante. Outro remanescente do governo do rei, também fora considerado valioso demais para ser substituído. Ele amarrava a cara mais do que sorria, e Rand era seu único amigo. Rand me contara histórias sobre Porter com aquele tom de voz que dizia “não acredito que alguém acredite em tanta bobagem”, porém rumores de que Porter compartilhava um elo mental com os cães o tornavam um pária.

O modo estranho como os cães reagiam a Porter e o entendiam realmente parecia anormal. Quase mágico. A suspeita de magia era o suficiente para fazer todo mundo tratar Porter como se ele tivesse uma doença contagiosa. Ainda assim, ninguém tinha provas, e seu vínculo com os animais era útil. Algo que o Comandante valorizava.

Sammy era o garoto de recados de Rand. Um garoto magro de 12 anos de idade cujo único propósito era conseguir tudo que Rand queria. Eu já vira Rand esbravejar com Sammy e, menos de um segundo depois, abraçá-lo.

Liza era uma mulher calada, apenas alguns anos mais velha do que eu. Ela

era a copeira do castelo, encarregada de manter a despensa. Liza estava mexendo na manga do uniforme, como se estivesse nervosa, mas suponho que isso se devia mais ao fato de estar conversando com Porter do que a estar perto de mim.

Quando Rand saiu do seu quarto, nós deixamos o castelo. Sammy correu na frente do grupo, empolgado demais para ficar conosco durante muito tempo. Porter e Liza continuaram sua conversa, enquanto Rand e eu ficamos um pouco para trás.

O ar noturno era refrescante. Pude sentir o aroma puro de terra úmida misturado ao cheiro distante de fumaça. Era minha primeira saída em quase um ano e, antes de atravessarmos o portão no imenso botaréu que cercava o complexo do castelo, olhei para trás. Sem uma lua, estava escuro demais para ver qualquer detalhe além de algumas poucas janelas iluminadas e altíssimos muros. O complexo parecia deserto. Se Valek estava nos seguindo, eu não conseguia vê-lo.

Quando passamos pelo portão, fomos recebidos por uma brisa fresca, resultante do resfriamento do ar quente do dia. Eu caminhava com os braços ligeiramente afastados do corpo, permitindo a passagem do ar. Meu uniforme era sacudido pelo vento e meus cabelos se agitaram. Inspirei fundo, inalando o ar puro da noite. Atravessamos o gramado que cercava os muros do castelo. Não eram permitidas construções a menos de quatrocentos metros do castelo. A cidade outrora batizada em homenagem à rainha Jewel foi rebatizada de Castletown após a tomada de poder. Jewelstown fora construída pelo rei em um vale ao sul do complexo do castelo como um presente para a esposa.

As tendas do festival do fogo haviam sido armadas nos campos a oeste de Castletown.

— Dilana não vem? — perguntei para Rand.

— Ela já está lá. Houve uma grande emergência essa tarde. Quando os dançarinos abriram as caixas com suas fantasias, descobriram que algum animal havia feito buracos em todas as roupas. Chamaram Dilana para ajudar a consertá-las antes da cerimônia de abertura. — Rand riu. — Aposto que deve ter sido engraçado ver o pânico que se instalou após as caixas terem sido abertas.

— Engraçado para você, não para a pobre coitada encarregada das

fantasias.

— Verdade.

Agora em silêncio, ele mancava ao meu lado. Devido ao nosso passo mais lento, ficamos um pouco para trás.

— Onde está seu bolo?

Torcia para que não o houvesse deixado sem graça.

— Sammy o trouxe esta manhã. Os concursos de culinária são julgados no primeiro dia, para que possam vender os pratos inscritos enquanto ainda estão frescos. Quero verificar os resultados. Por que não se inscreveu em nenhum concurso?

Uma pergunta simples. Uma das muitas sobre o festival que eu vinha evitando com sucesso desde que Rand e eu nos tornamos amigos. A princípio, desconfiei que seu interesse fosse uma tentativa de obter alguma informação privilegiada para a próxima rodada de apostas. Porém, agora que as apostas estavam encerradas, percebi que seu interesse era genuíno.

— Não tenho dinheiro para pagar as inscrições — respondi.

Era verdade, porém não era toda a história. Precisaria confiar completamente em Rand antes de lhe contar minha história com o festival do fogo.

Rand estalou a língua em sinal de desgosto.

— Não faz sentido não pagar o provador de comida. Caso contrário, que modo melhor de se obter informações sobre o Comandante do que subornar o provador? — Ele se interrompeu, depois virou-se para mim, com o rosto sério. — Você venderia informações em troca de dinheiro?

ESTREMECI ANTE A pergunta de Rand. Será que ele estava perguntando só por perguntar, ou estava se oferecendo para me pagar por informações? Imaginei a reação de Valek caso descobrisse que eu aceitara um suborno. Não ter dinheiro era melhor do que enfrentar sua ira.

— Não. Não aceitaria — respondi.

Rand resmungou. Caminhamos em um silêncio pesado por alguns instantes. Perguntei-me se Oscove, o antigo provador de comida, aceitara dinheiro em troca de informações. Explicaria por que Valek não gostava dele e de Rand suspeitar que Valek matara Oscove.

— Se quiser, posso pagar a inscrição para você. Sua ajuda tem sido inestimável e, com certeza, já ganhei um bocado de dinheiro às suas custas — Rand disse.

— Obrigada, mas não estou preparada. Seria jogar dinheiro fora.

Além do mais, estava determinada a me divertir no festival sem dinheiro, só para provar para Valek que isso podia ser feito.

Apesar de ter prometido a mim mesma que não o faria, olhei para trás, por sobre o ombro. Nada. Tentei me convencer de que não ver Valek era uma coisa boa. Caso eu pudesse localizá-lo, qualquer um poderia fazê-lo. Ainda

assim, a insistente sensação de que, talvez, ele houvesse decidido deixar eu me virar por conta própria não cessava de me perturbar. Pare, disse para mim mesma. Não se preocupe. Por outro lado, eu seria uma tola de passear pelo festival alheia ao perigo.

Senti-me como se estivesse na corda bamba, tentando não cair. Será que eu conseguiria ficar atenta a problemas e me divertir ao mesmo tempo? Não sabia, porém, estava determinada a tentar.

— De que competição teria participado? — Rand perguntou.

Antes que eu pudesse responder, ele agitou as mãos diante de mim.

— Não! Não me conte! Quero adivinhar.

Eu sorri.

— Vá em frente.

— Vamos ver. Pequena, magra e graciosa. Uma dançarina?

— Tente novamente.

— Muito bem. Você me lembra um passarinho bonito, disposto a ficar no parapeito, desde que ninguém se aproxime demais, mas preparado para voar caso alguém o faça. Um pássaro canoro. Talvez você seja cantora?

— É óbvio que jamais me escutou cantar. Todos os seus palpites virão acompanhados de descrições detalhadas de minha personalidade?

— Não. Agora, fique quieta. Estou tentando pensar.

O brilho vindo do festival estava se aproximando. Eu podia escutar o zumbido distante e indistinto da música, dos animais e das pessoas combinados.

— Dedos longos e finos. Talvez seja parte da equipe de fiação? — Rand supôs.

— O que é uma equipe de fiação?

— Normalmente há uma tosquiadora, uma cardadora, uma fiadora e uma tecelã na equipe. Sabe como é, da ovelha ao xale. As equipes competem para ver quem pode tosquiar a lã de uma ovelha e transformá-la em uma peça de roupa primeiro. É impressionante de assistir.

Rand me estudou por alguns instantes. Comecei a me perguntar se seus palpites não haviam acabado.

— Joguei?

— Realmente acha que tenho dinheiro para comprar um cavalo de corrida?

— perguntei, tomada de espanto.

Apenas os cidadãos muito ricos tinham cavalos para correr por esporte. Os militares usavam cavalos apenas para o transporte de oficiais de alta patente e conselheiros. Todo o resto caminhava.

— Pessoas que possuem cavalos de corrida não os montam. Contratam jóqueis. E você tem o tamanho ideal, de modo que pode parar de olhar para mim como se eu fosse um tonto.

Quando chegamos à primeiras das enormes tendas multicoloridas, nossa conversa se interrompeu e absorvemos toda a atividade frenética e a vista panorâmica diante de nós. Quando mais jovem, eu costumava me postar em meio ao caos e me deliciar com a energia do festival do fogo. Sempre achara o nome do festival perfeito, não porque ele se dava no meio da estação quente, mas porque os sons e aromas pulsavam como ondas de calor, fazendo o corpo chiar e estalar. Agora, após passar quase um ano no calabouço, eu sentia a força me atingindo como se eu fosse uma muralha de pedra. Uma muralha cuja argamassa ameaçava ruir ante a sobrecarga de sensações.

Tochas ardiam e fogueiras queimavam. Entramos em uma brecha de luz do dia capturada. As tendas de apresentação e de competição estavam espalhadas pelo festival, com pequenas barracas rodeando-as como crianças agarradas às saias das mães. Os comerciantes vendiam seus produtos, de pedras exóticas a mata-moscas. O aroma de comida cozinhando fez com que minha barriga roncasse quando passamos por várias churrasqueiras, e eu me arrependi de ter perdido o jantar na minha pressa para chegar aqui.

Artistas, competidores, espectadores e crianças rindo passavam ao nosso redor. Às vezes, a multidão de pessoas vindas de trás quase nos carregava para frente e às vezes avançar era um esforço. Nós nos perdemos dos outros. Se ele não tivesse passado o braço pelo meu, eu provavelmente também teria sido separada de Rand. Distrações salpicavam o festival. Eu teria seguido a música animada até sua fonte, ou me demorado assistindo a uma apresentação cômica, porém Rand estava determinado a ver os resultados do concurso de culinária.

Enquanto nos movíamos, eu examinava os rostos na multidão, procurando uniformes verdes e pretos, embora Valek houvesse afirmado que Brazell não seria uma ameaça. Achei prudente evitá-lo, e aos seus guardas,

completamente. Sem saber ao certo quem eu estava procurando, fiquei atenta a rostos incomuns. Era a maneira incorreta de detectar alguém na minha cola. Valek me ensinara que os melhores agentes não possuíam aparência digna de nota e também não chamavam atenção para si mesmos. Porém, supus que, se um espião hábil estivesse me seguindo, minhas chances de avistá-lo, ou avistá-la, eram poucas.

Encontramos com Porter e Liza em uma pequena tenda repleta de um aroma doce que fez minha barriga doer de tanta fome. Eles estavam conversando com um homem enorme que usava um uniforme de cozinheiro, porém se interromperam quando entramos. Rodeando Rand, eles o parabenizaram por seu primeiro lugar na competição. O homenzarrão declarou que Rand quebrara o recorde do festival ao vencer durante cinco anos seguidos.

Enquanto Rand analisava uma variedade de deliciosas ervações alinhadas nas prateleiras, perguntei ao homem quem vencera no Distrito Militar 5. Estava curiosa para saber se o cozinheiro de Brazell vencera com sua receita de Criollo. A testa do homem se franziu de concentração, fazendo com que o cabelo curto e encaracolado tocasse suas sobrancelhas espessas.

— Bronda venceu com uma torta de limão divina. Por quê?

— Achei que o chef do general Brazell, Ving, pudesse ter vencido. Eu trabalhava no castelo.

— Bem, Ving venceu dois anos atrás com uma torta de creme, e agora, todo ano, ele inscreve a mesma torta, esperando que ela vença novamente.

Achei estranho ele não ter inscrito seu Criollo, porém, antes que pudesse deduzir um motivo, Rand alegremente nos empurrou para fora da tenda. Queria comprar para todos nós uma taça de vinho para celebrar a sua vitória.

Nós bebemos nosso vinho e passeamos pelo festival. De vez em quando, Sammy se materializava em meio à multidão para relatar alguma maravilha com grande alegria, apenas para sair correndo novamente.

Duas vezes eu avistei uma mulher com uma expressão séria. Seu cabelo preto estava preso para trás em um coque firme. Usando o uniforme de uma criadora de falcões, ela se movia com a graça de alguém acostumada com exercícios físicos. Da segunda vez em que a avistei, ela estava muito mais perto e pude fitá-la nos olhos. Seus olhos arredondados e esverdeados se

estreitaram, retribuindo ousadamente o meu olhar, até eu desviá-lo. Havia algo de conhecido nela, e demorou um pouco para eu descobrir o quê.

Ela me lembrava as crianças sob o cuidado de Brazell, e seu tom de pele era mais semelhante ao meu do que a tez pálida da maioria das pessoas do território. Sua pele era da cor do bronze. Não devido ao sol, mas sim à sua pigmentação natural.

Naquele instante, nosso grupo foi praticamente levado por uma onda de espectadores que seguiam para a tenda listrada de vermelho e branco. Era a tenda dos acrobatas, onde camas elásticas, cordas bambas e colchonetes estavam repletos de homens e mulheres fantasiados, todos tentando passar da etapa de classificação. Assisti a um homem realizar uma linda série de giros na corda bamba, apenas para ser desclassificado ao cair durante seu solo de acrobacias.

De esguelha, pude notar Rand me observando com uma expressão triunfante no rosto.

— O que foi? — perguntei.

— Você é uma acrobata!

— Eu *fui* uma acrobata.

Rand agitou as mãos.

— Não importa. Eu acertei!

Importava para mim. Reyad estragara a acrobacia. A época em que eu sentia satisfação e alegria ao me apresentar havia passado, e eu não conseguia me imaginar extraindo muito prazer disso agora.

Das arquibancadas da tenda, nosso pequeno grupo de cozinha observava os participantes. Grunhidos de esforço, fantasias empapadas de suor e o som de pés batendo no chão me fizeram sentir saudades dos dias em que tudo que me preocupava era achar tempo para praticar.

Quatro de nós, no orfanato de Brazell, desenvolvemos interesse por acrobacia. Reviramos o lixo e imploramos por materiais para armar uma área de treinamento atrás dos estábulos. Nossos erros nos fizeram cair com força na grama, até o cavaliço se apiedar de nossos corpos quebrados. Um dia, nos deparamos com uma grossa camada de feno cheirando a estrume revestindo o chão de nossa área de treino.

Os professores de Brazell sempre nos encorajaram a descobrir algo em que

fôssemos bons. Apesar de alguns encontrarem sua vocação no canto ou na dança, desde meu primeiro festival do fogo eu sempre fora fascinada por exposições de acrobacia.

Apesar das muitas horas de treino, falhei durante a rodada de classificação de minha competição inaugural. A decepção quase despedaçou meu coração, contudo, a determinação serviu para curar a dor. Passei o ano seguinte coberta de manchas roxas e cuidando de luxações numerosas demais para se contar. Quando o festival retornou, passei na classificatória e na rodada inicial, apenas para cair da corda bamba na segunda rodada. Cada ano que passava, eu me esforçava mais e progredia gradativamente. Cheguei à rodada final no ano anterior a Brazell e Reyad me transformarem em sua cobaia.

Brazell e Reyad não me permitiam praticar acrobacias, mas isso não me impediu de dar algumas escapulidas sempre que Reyad estava em alguma missão para o pai. O que, de fato, me impediu foi ser flagrada por Reyad uma semana antes do festival, quando ele voltou mais cedo de uma viagem. Estava tão concentrada que só fui notá-lo, montado no seu cavalo, após completar minha rotina acrobática. Sua expressão, uma mistura de raiva e júbilo, fez com que as gotas de suor que cobriam minha pele se transformassem em cristais de gelo.

Por desobedecer-lhe as ordens, fui proibida de ir ao festival daquele ano. E, como um incentivo extra para não desobedecê-lo, fui castigada durante todo o festival. Cada noite, durante cinco noites, Reyad forçou-me a me despir. Com um sorriso cruel no rosto, ele me fitava enquanto eu tremia postada diante dele, apesar do calor da noite. Com pesadas correntes que pendiam de uma coleira de metal ao redor do meu pescoço, ele prendia meus pulsos e meus tornozelos. Eu queria gritar, socá-lo com os punhos, mas estava apavorada demais para irritá-lo ainda mais.

Prazer ante meu medo e minha humilhação deixavam-lhe o rosto vermelho enquanto, com uma pequena chibata, ele me forçava a realizar acrobacias que ele próprio inventara. Uma dolorosa chicotada na minha pele era a repreensão por mover-me demasiadamente devagar. As correntes surravam meu corpo ao balançarem com os movimentos. Seu peso arrastava meus membros, tornando cada acrobacia uma provação exaustiva. As algemas deixaram meus pulsos e tornozelos em carne viva. Sangue escorria por meus braços e minhas

pernas.

Quando Brazell participava dos experimentos, Reyad seguia meticulosamente as instruções do pai, porém, quando estava sozinho comigo os exercícios indiferentes tornavam-se cruéis. Às vezes, ele convidava o amigo Mogkan para ajudá-lo, e eles faziam do meu inferno uma competição para ver quem inventava a melhor maneira de testar minha resistência.

Eu tinha o constante pavor de que iria irritar Reyad o suficiente para forçá-lo a cruzar o único limite que ele parecia ter se imposto. Apesar de toda a tortura e dor que me infligia, ele jamais havia me estuprado. Sendo assim, eu dava cambalhotas e piruetas acorrentada só para impedir que ele cruzasse tal limite.

O braço pesado de Rand pousou sobre meus ombros. Estremeci, voltando ao presente.

— Yelena! O que foi? — Os olhos de Rand, repletos de preocupação, procuraram os meus. — Parece até que estava tendo um pesadelo de olhos abertos.

— Sinto muito.

— Não precisa se desculpar. Tome... — Ele me estendeu um empadão de carne fumegante. — Sammy nos trouxe isso.

Agradei a Sammy. Quando minha atenção se voltou para ele, seus olhos se arregalaram e seu rosto jovem empalideceu. Ele desviou o olhar. Sem pensar, dei uma pequena mordida, provando em busca de venenos. Não encontrando nada, comi e me perguntei que histórias malucas a meu respeito haviam sido contadas para provocar aquela reação temerosa em Sammy. Crianças da idade de Sammy costumavam se divertir assustando umas às outras com criativas histórias de terror.

Nós mesmos costumávamos nos assustar no orfanato após os lampiões terem sido apagados e estarmos na cama esperando para dormir. Histórias sussurradas sobre monstros atacando e maldições de feiticeiros nos faziam prender a respiração e dar risadinhas. Contávamos histórias horríveis sobre os “graduados” mais velhos do orfanato, que pareciam simplesmente ter desaparecido. Nenhuma explicação nos foi dada sobre onde estavam trabalhando, e jamais encontrávamos nenhum deles na cidade, ou mesmo no castelo. Sendo assim, criávamos teorias horríveis sobre o destino deles.

Como eu sentia falta daquelas noites com as outras crianças, quando finalmente podia descansar após passar o dia com Reyad. Ele me isolara das outras. Tirada do dormitório feminino, eu recebera um pequeno quarto adjacente à suíte de Reyad. À noite, com o corpo dolorido e o espírito destroçado, eu ficava acordada, repetindo aquelas histórias na minha cabeça, até adormecer.

— Yelena, podemos ir embora.

— O quê?

Olhei para Rand.

— Se isso a está deixando triste, podemos ir. Tem uma nova dança do fogo que é espetacular.

— Podemos ficar. Eu estava apenas... recordando o passado. Mas se você quiser ir ver a dança do fogo, eu o acompanho.

— Recordando o passado? Você deve ter detestado ser acrobata.

— Ah, não, eu adorava. Voar pelo ar, o controle total do meu corpo quando girava e rodopiava. A emoção de saber que eu ia aterrissar com um desmonte perfeito, antes mesmo de atingir o chão. — Eu me interrompi. A confusão no rosto de Rand me fez querer rir e chorar ao mesmo tempo. Como poderia lhe explicar que não era a acrobacia que me entristecia, mas os acontecimentos deflagrados por ela? As punições cruéis de Reyad por eu ter praticado. Ter de fugir para participar do festival do ano seguinte, o que levava à morte de Reyad.

Estremeci. Aquelas lembranças de Reyad eram como uma armadilha no canto de minha mente e eu não estava disposta a acioná-la.

— Um dia, Rand, eu explico. Mas, por ora, quero ver a dança do fogo.

Ele passou o braço pelo meu e nosso grupo da cozinha deixou a tenda e se juntou à multidão lá fora. Sammy correu na frente, gritando por sobre o ombro que nos guardaria bons assentos. Um homem bêbado esbarrou em mim e eu cambaleei. Ele murmurou um pedido de desculpas e me saudou com sua caneca de cerveja. Tentando fazer uma mesura, ele desabou aos meus pés. Eu teria parado para ajudá-lo, porém fui distraída pela aparição de bastões de madeira em chamas. Senti um ritmo pulsante vibrar através das solas de meus pés quando os dançarinos do fogo giraram seus acessórios flamejantes ao redor das cabeças e desfilaram tenda adentro. Fascinada pelos

movimentos complexos dos dançarinos, pulei por sobre o bêbado.

Porém, com a empolgação e a multidão de pessoas se espremendo através da entrada, acabei me soltando de Rand. Não me preocupei, até me ver cercada por quatro homens imensos. Dois dos homens usavam uniformes de ferreiros, enquanto os outros usavam uniformes de trabalhadores do campo. Pedindo licença, tentei passar por eles, mas os homens apenas se aproximaram mais, aprisionando-me.

O PÂNICO COMEÇOU a crescer em meu peito. Eu estava em apuros. Gritei pedindo socorro. Uma mão enluvada cobriu minha boca. Mordendo o couro, senti o gosto de cinzas, mas não atingi a pele. Os ferreiros me seguraram os braços e me empurraram para adiante, enquanto os agricultores iam na frente, abrindo caminho, impedindo que eu fosse vista. Com toda a comoção no interior da tenda de dança, ninguém notou o meu rapto.

Eu resisti, arrastando os pés e chutando. Eles sequer desaceleraram o passo. Fui arrastada para longe das luzes e da segurança do festival. Esticando o pescoço, procurei uma forma de escapar. O ferreiro ao meu lado se moveu para me bloquear a visão. Sua barba grossa estava coberta de fuligem e metade dela parecia ter sido chamuscada.

Nós paramos atrás de uma tenda escura. Os agricultores chegaram para o lado e pude ver uma sombra emergir do tecido.

— Alguém notou? Alguém seguiu vocês? — a sombra perguntou, com uma voz feminina.

— Foi perfeito. Todo mundo estava prestando atenção nos dançarinos — informou o ferreiro com as luvas de couro.

— Ótimo. Mate-a, agora — ordenou a mulher.

Uma faca brilhou na mão do Luvras de Couro. Eu voltei a resistir, conseguindo me soltar por um instante. Contudo, os agricultores imobilizaram meus braços, enquanto Barba Chamuscada agarrou minhas pernas. Eles me seguraram acima do chão. Luvras de Couro ergueu sua arma.

— Nada de facas, seu idiota! Pense na sujeira ensanguentada que vai fazer. Use isto.

Ela passou para Luvras de Couro uma correia fina e comprida. Em um piscar de olhos a faca desapareceu. Ele envolveu meu pescoço com o garrote.

— Nãooooo... — gritei, porém meu protesto, assim como meu suprimento de ar, foi interrompido quando ele apertou a correia.

Meu pescoço foi apertado por uma pressão intensa. Debatí-me em vão. Pontos brancos dançavam diante dos meus olhos. Um ligeiro zumbido emergiu de meus lábios. Baixinho demais. O instinto de sobrevivência que me salvara dos guardas de Brazell e da tortura de Reyad, dessa vez, estava fraco demais.

Acima do rugido do sangue em meus ouvidos, escutei a mulher dizer:

— Rápido! Ela está começando a projetar.

Pronta para despencar da borda da consciência, uma voz embriagada disse:

— Com licença, cavalheiros, por acaso sabem onde posso conseguir mais bebida?

A pressão no meu pescoço se aliviou quando o Luvras de Couro sacou a faca. Deixei meu corpo ficar mole e fui recompensada ao ser largada ao chão. Os outros três homens pularam por cima de mim para encarar o intruso. Reprimindo a vontade de inspirar profundamente, apenas suguei com desespero o ar. Sem querer que ninguém soubesse que ainda podia respirar, abafei meus esforços.

De minha nova posição, pude ver o Luvras de Couro saltar na direção do bêbado. O ruído de metal se chocando com metal ecoou pelo ar, quando a faca acertou a caneca de cerveja de estanho do homem, em vez do peito dele. Com um movimento rápido de seu pulso, a caneca transformou-se em um borrão ao entrar em ação. A faca voou pelo ar, enterrando-se no tecido da tenda. Depois, o bêbado golpeou Luvras de Couro na cabeça com a caneca. Luvras de Couro desabou no chão.

Os outros, a poucos passos de onde o companheiro caiu, avançaram na direção do intruso. Os agricultores o agarraram pelos antebraços e ombros, enquanto Barba Chamuscada o esmurrou duas vezes no rosto. Usando os agricultores para lhe suportar o peso, o bêbado ergueu ambas as pernas do chão e as usou para envolver o pescoço do Barba Chamuscada. Com um sonoro estalo, Barba Chamuscada tombou.

Ainda segurando a caneca, o bêbado a girou para a direita, precisamente na virilha de um dos agricultores. Quando esse dobrou-se de dor, o bêbado ergueu a caneca, acertando-lhe o rosto.

Em seguida, o intruso girou a caneca de cerveja para a esquerda, usando-a para esmagar o nariz do outro agricultor. Com o sangue escorrendo, o agricultor ganiu de dor e soltou o braço do bêbado, que acertou um segundo golpe na têmpora do homem. O agricultor desabou no chão sem emitir um único som.

A luta durara segundos. A mulher não se movera, seu olhar atento focalizado na briga. Reconhecendo-a como a mulher de pele escura que eu avistara duas vezes antes no festival, perguntei-me o que ela faria agora que seus capangas haviam sido derrotados.

Recuperando um pouco das forças, pesei minhas chances de alcançar a faca na tenda antes dela. O bêbado enxugou o sangue do rosto. Os corpos estavam espalhados ao redor de seus pés.

Com as pernas trêmulas, tentei ficar de pé. A mulher girou bruscamente a cabeça em minha direção, como se houvesse esquecido que eu estava lá. Depois, começou a cantar. A canção doce e melodiosa foi se infiltrando em minha mente. Senti como se ela estivesse me colocando na cama, puxando a coberta até meu queixo. Porém, em seguida, a coberta me envolveu a cabeça, apertando minha boca e meu nariz, me sufocando.

Eu me debati, arranhando descontroladamente o rosto para retirar a coberta invisível. Do nada, Valek apareceu diante de mim, berrando no meu ouvido, sacudindo-me os ombros. Estúpida e atrasadamente, me dei conta de que ele era o bêbado. Quem mais além de Valek poderia vencer uma briga com quatro homens enormes armado apenas com uma caneca de cerveja?

— Recite venenos mentalmente! — Valek gritou.

Eu o ignorei. Estava tomada de cansaço. Deixei de lutar. Tudo que eu

queria era afundar na escuridão e seguir a música até suas profundezas.

— Recite! Agora! É uma ordem!

Fui salva pelo hábito. Sem pensar, obedeci. Nomes de venenos marcharam através de minha mente. A música parou. A pressão no meu rosto aliviou-se e pude respirar de novo. Inspirei ruidosamente.

— Continue recitando — ele disse.

A mulher e a faca haviam desaparecido. Valek me puxou para cima, até eu ficar de pé. Cambaleei, porém ele me firmou com um dos braços ao redor dos meus ombros. Por um segundo, agarrei-lhe a mão, reprimindo a vontade de me atirar soluçando nos seus braços. Ele me salvara a vida. Quando recuperei o equilíbrio, Valek voltou sua atenção para os homens. Eu sabia que Barba Chamuscada estava morto, mas não tinha certeza quanto aos outros.

Valek virou um dos corpos imóveis e praguejou.

— Sulistas — disse, com desdém. Ele verificou os sinais vitais dos outros.

— Dois vivos. Providenciarei para que sejam levados para o castelo para serem interrogados.

— E quanto à mulher? — gemi.

Era doloroso falar.

— Desapareceu.

— Você vai procurá-la?

Valek me lançou um olhar estranho.

— Yelena, ela é uma feiticeira sulista. Tirei os olhos de cima dela, então de modo algum vou conseguir achá-la agora.

Ele agarrou meu braço e me conduziu na direção do festival.

Quando o choque do ataque se espalhou pelo meu corpo, meus músculos tremeram. Demorou um pouco para eu conseguir absorver o significado de suas palavras.

— Feiticeira? — perguntei. — Pensei que estivessem banidas de Ixia.

Mortas assim que identificadas, para ser mais exata, porém não conseguia me forçar a dizer em voz alta tais palavras.

— Embora não sejam muito bem-vindas, algumas visitam Ixia assim mesmo.

— Mas eu pensei que...

— Agora não. Eu explicarei mais tarde. Neste exato instante, quero que

alcance Rand e seus amigos. Finja que nada aconteceu. Duvido que ela tentará novamente esta noite.

A brilhante luz das fogueiras apunhalou os meus olhos. Valek e eu permanecemos nas sombras até avistarmos Rand perto da tenda dos acrobatas. Ele estava me procurando e chamando meu nome. Valek fez sinal para que eu me juntasse ao meu amigo.

Dera apenas dois passos quando Valek disse:

— Yelena, espere.

Eu me virei. Valek fez sinal para que eu me aproximasse. Quando cheguei perto, ele estendeu a mão na direção do meu pescoço. Dei um passo para trás, porém logo me recobrei e fiquei imóvel. Sua mão roçou na minha pele quando ele retirou o garrote de meu pescoço e o entregou para mim como se fosse uma cobra venenosa. Tremendo de ódio, joguei a correia no chão.

O alívio de Rand ao me ver emergir da multidão foi evidente. Hesitei. Por que ele haveria de estar tão preocupado? Até onde ele sabia, eu apenas estivera perdida. Notei um cheiro adocicado de vinho quando Rand chegou perto.

— Yelena, onde você esteve? — ele perguntou, arrastando um pouco as palavras.

Não me dera conta de que ele bebera tanto. O que explicava seu desespero em me encontrar. O álcool lhe envenenara a mente, exagerando as emoções.

— A tenda estava cheia demais. Precisei tomar um pouco de ar.

Ainda horrorizada por quase ter sido estrangulada, minha voz hesitou ao pronunciar a palavra *ar*. Olhei para trás, para as sombras. Será que Valek ainda estava me observando ou já fora prender aqueles homens? E onde estava a mulher de pele escura? Ainda há pouco, estivera tão feliz por deixar o castelo, contudo, agora, tudo que queria era estar cercada por suas paredes de pedra e de volta à segurança da suíte de Valek. Nossa, mas essa era uma combinação estranha, as palavras *Valek* e *segurança* na mesma frase.

— Pensei em alcançá-los mais tarde — menti para Rand, passando os olhos pela multidão do festival.

Não gostava de enganá-lo. Afinal de contas, ele era meu amigo. Talvez até um bom amigo, que se preocupou o suficiente para vir à minha procura quando me separei dele, e que, provavelmente, teria sido a única pessoa a

ficar triste com meu assassinato. Apesar de ter lutado para me salvar, tinha certeza de que Valek apenas ficaria irritado por ter que treinar um novo provador de comida.

A dança do fogo acabara de terminar e as pessoas deixaram a tenda. O grupo da cozinha aguardou do lado de fora. Dilana se juntara a eles. Rand soltou meu braço como um punhado de massa de bolo e caminhou até ela, que sorriu para o cozinheiro, brincando com ele por estar correndo atrás da provadora de comida quando prometera encontrá-la.

Embriagadamente, ele implorou para que a moça o perdoasse, explicando que não podia se dar ao luxo de me perder, já que eu o ajudara a vencer o concurso de bolos. Ela riu. Lançando um de seus calorosos sorrisos para mim, Dilana abraçou Rand e, de braços dados, eles seguiram de volta para o castelo.

O resto de nós os seguiu. Mais uma vez, me vi como a última da procissão, porém, dessa vez, tinha Liza como companhia.

Ela franziu a testa ao me fitar.

— Não sei o que Rand vê em você — disse.

Não era uma maneira muito amigável de começar uma conversa.

— Como disse? — respondi, tentando manter um tom de voz neutro.

— Ele deixou de assistir à dança do fogo para procurá-la. E, desde que você apareceu, a rotina da cozinha foi destruída. A equipe está desconcertada.

— Do que está falando?

— Antes de você aparecer, as mudanças de humor de Rand eram previsíveis. Alegre e satisfeito quando Dilana estava feliz e as apostas eram lucrativas, mal-humorado e melancólico quando isso não acontecia. E então...

— Liza enfatizou a palavra. Uma expressão feia apossou-se de seu rosto pouco atraente, que ela voltou em minha direção. — Você tornou-se amigo dele. Ele começou a rosnar para os empregados da cozinha sem motivo. Mesmo quando ganha muito, Rand permanece deprimido. É frustrante. Chegamos à conclusão de que você deve estar tentando roubá-lo de Dilana. Queremos que pare, que o deixe em paz e que fique longe da cozinha.

Liza escolhera a pior hora possível para me confrontar. Ter acabado de escapar da morte colocara as coisas em perspectiva. Eu não estava no meu melhor estado de espírito. A fúria apossou-se de mim. Agarrei-a pelo braço e

a girei na minha direção. Ficamos cara a cara.

— Vocês chegaram à conclusão? Reunindo toda a inteligência da equipe da cozinha, vocês provavelmente não conseguiriam descobrir quanto é dois mais dois. Nossa *amizade* não é da conta de vocês. Sendo assim, sugiro que repensem sua teoria. Se há um problema na cozinha, tratem de achar um modo de lidar com ele. Está perdendo seu tempo choramingando a respeito dele para mim.

Eu a empurrei para longe. Por sua expressão chocada, pude perceber que ela jamais esperara uma reação tão agressiva.

Que pena para ela, pensei, enquanto me apressava para alcançar os outros, deixando-a sozinha para trás. O que ela queria que eu fizesse? Será que presumira que eu mansamente fosse concordar em parar de falar com Rand apenas para facilitar as coisas na cozinha? Não ia permitir que ela descarregasse seus problemas em mim. Já estava mais do que sobrecarregada apenas com os meus. Como, por exemplo, por que uma feiticeira de Sitia queria me matar?

No castelo, desejei boa noite para Rand e Dilana e corri de volta para a suíte de Valek. Por mais que desejasse estar logo lá dentro, antes de entrar convenci um dos guardas postados do lado de fora a verificar se não havia intrusos nos aposentos de Valek. Tentativas de assassinato somadas a uma imaginação hiperativa haviam me deixado aflita, receando emboscadas. Mesmo sentada no sofá, no meio da sala, com todos os lampiões acessos, só me senti segura quando Valek chegou, perto do raiar do dia.

— Você não dormiu? — perguntou.

Uma mancha roxa do tamanho de um punho cerrado no seu queixo contrastava com sua pele pálida.

— Não. Nem você — retruquei, com impertinência.

— Eu tenho o dia todo para dormir. Você precisa provar o jejum do Comandante em cerca de uma hora.

— O que *eu* preciso é de respostas.

— Para quais perguntas?

Valek começou a apagar os lampiões.

— Por que uma feiticeira do sul está tentando me matar?

— Uma boa pergunta. A mesma que eu estava para fazer para você.

— E como é que eu vou saber? — Dei de ombros em sinal de frustração.
— Os guardas de Brazell, eu posso entender. Porém, feiticeiras! Não é como se eu andasse por aí irritando feiticeiras.

— Ahhh... Que pena. Visto que você tem um talento e tanto para irritar as pessoas. — Valek sentou-se atrás da escrivaninha e descansou a cabeça nas mãos. — Uma feiticeira sulista, Yelena, uma *feiticeira* sulista com a proficiência de uma mestra. Será que você sabe que há apenas quatro mestres de magia em toda Sitia? Quatro. E, desde a tomada de poder, eles têm ficado em Sitia. De vez em quando, enviam um subordinado ou dois com habilidades mágicas inferiores até o território para ver o que está acontecendo por aqui. Até agora, interceptamos e demos cabo de todos os espiões. O comandante Ambrose não tolera magia em Ixia.

Os feiticeiros da época do rei haviam sido considerados a elite. Tratados como realeza, sempre foram muito influentes na corte. De acordo com a história da tomada, Valek assassinara cada um deles. Eu me perguntava como, visto que ele não fora capaz de capturar a mulher da noite passada.

Valek ficou de pé e pegou uma pedra acinzentada de cima de sua escrivaninha. Jogando a pedra de uma mão para a outra, andou de um lado para o outro da sala.

Lembrando-me de que Valek quase me acertara com a última pedra que segurara, tirei os pés do chão e abracei os joelhos de encontro ao peito, na esperança de representar um alvo menor.

— Para os sulistas arriscarem um de seus mestres feiticeiros, a razão teria que ser... — Valek sacudiu a pedra na sua mão, procurando a palavra certa. — Significativa. Sendo assim, por que estavam atrás de você? — Ele suspirou e afundou no sofá ao meu lado. — Bem, vamos tentar entender isso. É óbvio que você possui algum sangue sulista na sua linhagem.

— O quê?

Eu jamais pensara na minha linhagem. Fora encontrada nas ruas, sem um lar, e acolhida por Brazell. As especulações sobre meus pais se resumiram a se estavam mortos ou se simplesmente haviam me abandonado. Não possuía lembranças de minha vida anterior à minha chegada ao orfanato. De um modo geral, eu me sentira agradecida por Brazell ter me dado abrigo. Fiquei atordoada ao escutar Valek afirmar algo assim de modo tão trivial.

— Sua compleição é um pouco mais escura do que a do nortista típico. Suas feições têm alguns traços sulistas. Olhos verdes são muito raros no território, porém são mais comuns em Sitia. — Valek interpretou erroneamente minha reação de espanto. — Não é nada do que se envergonhar. Quando o rei estava no poder, a fronteira com Sitia estava aberta para o comércio e os negócios. As pessoas circulavam livremente entre uma região e outra e casamentos eram inevitáveis. Diria que você foi deixada para trás logo após a tomada, quando as pessoas entraram em pânico e fugiram para o sul, antes que fechássemos a fronteira. Foi um caos total. Não sei o que estavam esperando quando o Comandante subiu ao poder. Assassinatos em massa? Tudo que fizemos foi distribuir uniformes e trabalhos para todos.

Estava zozna. Por que não demonstrara mais curiosidade com relação à minha família? Sequer sabia em que cidade fora encontrada. Diariamente, nos falavam de nossa sorte, nos lembrando que tínhamos comida, roupas, abrigo, professores e até mesmo uma pequena mesada. Repetidamente, era salientado que muitas crianças sem pais não estavam em situação tão boa quanto a nossa. Será que era uma forma de lavagem cerebral?

— Bem, de qualquer modo, estou apenas especulando — Valek disse, rompendo o silêncio. Ele ficou de pé e voltou a andar de um lado para o outro. — Duvido que fossem parentes há muito desaparecidos. Não iriam querer matá-la. Além de matar Reyad, há algo mais que tenha feito no passado? Será que testemunhou um crime? Ou escutou os planos de uma rebelião? Qualquer coisa do gênero?

— Não. Nada.

Valek encostou a rocha na testa.

— Nesse caso, vamos presumir que tenha a ver com Reyad. Talvez ele estivesse mancomunado com alguns sulistas e, ao matá-lo, você lhes arruinou os planos. Talvez estivessem planejando retomar Ixia. Ou achem que você sabe algo sobre seus planos. Porém, eu nada soube a respeito de um ataque de Sitia. E por que haveriam de fazer isso? Sitia sabe que o Comandante está satisfeito em permanecer no norte e vice-versa. — Valek passou a mão pelo rosto antes de continuar. — Talvez Brazell tenha ficado criativo com a idade e tenha contratado sulistas para matá-la, realizando assim seu desejo de vê-la

morta sem se implicar no ato. Não. Não faz sentido. Brazell teria contratado capangas. Não precisaria de uma feiticeira. A não ser que possua conexões que desconheço, o que é pouco provável.

Valek olhou ao redor. Apenas metade dos lampiões havia sido apagada. Pousando a pedra na mesa, completou a tarefa, justamente quando a luz tímida que antecedia a alvorada começava a iluminar o aposento.

Ele se deteve, como se houvesse tido um pensamento súbito, e franziu a testa para mim.

— O que foi?

— Feiticeiros vêm até o norte para levar um dos seus até a segurança — Valek afirmou.

Ele me estudou.

Porém, antes que eu pudesse protestar, ele perguntou:

— Nesse caso, por que matá-la? A não ser que seja uma Localizadora de Almas, jamais iriam querê-la morta. — Valek bocejou e gentilmente levou os dedos ao machucado no rosto. — Estou cansado demais para pensar direito. Vou para a cama.

Ele caminhou até as escadas.

Localizadora de Almas? Não fazia ideia do que era isso, porém, tinha coisas mais pertinentes com que me preocupar.

— Valek.

Ele se deteve com o pé no primeiro degrau.

— Meu antídoto.

— É claro.

Ele continuou a subir as escadas.

Enquanto Valek estava lá em cima, eu me perguntei quantas vezes no futuro eu teria que lhe pedir o antídoto. Saber que isso me mantinha viva envenenava minha mente, do mesmo modo que o Pó de Borboleta me envenenava o corpo.

Vendo a luz da manhã ficar mais intensa, senti saudades da minha cama. Valek poderia dormir, contudo, muito em breve, eu teria que provar o desjejum do Comandante.

Valek desceu as escadas. Passando-me o antídoto, disse:

— Talvez queira usar seu cabelo solto hoje.

— Por quê?

Passei os dedos pelo cabelo. As fitas que eu trançara nele estavam rasgadas ou haviam se transformado em nós.

— Para cobrir as marcas no seu pescoço.

Antes de seguir para o escritório do Comandante, corri para o banho. Tinha apenas tempo o suficiente para me lavar e me trocar antes de ter que me apresentar para o desjejum. O garrote deixara um perceptível anel vermelho ao redor do meu pescoço que eu não conseguia disfarçar, independente de como arrumasse meu cabelo.

No caminho para o escritório do Comandante, avistei Liza, que cerrou com firmeza a boca, franziu a testa e desviou o olhar quando eu passei. Ah, bem, pensei, mais uma pessoa que eu irritei. Eu me arrependia de ter descontado nela a minha ira, porém não estava disposta a me desculpar. Afinal de contas, fora ela quem começara a discussão.

Na maioria das manhãs, o Comandante ignorava minha chegada. Eu provaria seu desjejum e depois examinaria sua caixa de Criollo, aleatoriamente selecionando um pedaço, para me certificar de que ninguém o envenenara durante a noite. Cada manhã, minha boca aguava enquanto eu imaginava o gosto da sobremesa agridoce. O sabor de nozes revestindo minha boca era o único prazer que eu podia esperar durante o meu dia. Eu combinara com Valek que deveria testá-lo cada vez que o Comandante quisesse um pouco, contudo, esse não gostava de abrir mão de seu suprimento. Ele racionava um pedaço de Criollo após cada refeição. E eu soubera por Rand que o Comandante já pedira mais a Brazell, assim como uma cópia da receita de seu cozinheiro, Ving.

Todas as manhãs após pousar a bandeja de desjejum do Comandante sobre sua escrivaninha, eu pegava uma cópia de sua agenda do dia e me retirava sem dizer uma única palavra. Porém, esta manhã, quando depusitei a bandeja sobre a mesa, ele me mandou sentar.

Empoleirada na beirada da dura cadeira de madeira diante de sua escrivaninha, senti uma pontada de medo na boca do estômago. Para manter o rosto impassível, entrelacei os dedos com força.

— Valek me informou que você teve um incidente ontem à noite. Estou

preocupado que outro atentado à sua vida possa colocar em risco o nosso exercício. — O Comandante me fitou com os olhos dourados, enquanto tomava um gole do seu chá. — Você presenteou Valek com um enigma, e ele me *garantiu* que mantê-la viva ajudará a chegar prontamente a uma resolução. Convença-me de que será capaz de bancar a fugitiva sem acabar sendo morta. De acordo com Valek, você falhou em reconhecê-lo, mesmo após ele ter esbarrado em você.

Minha boca se abriu, porém eu a fechei ao considerar as palavras dele. Uma explicação precipitada ou um argumento ilógico não convenceriam o Comandante. Além do mais, eu fora presenteada com uma saída fácil. Por que eu deveria arriscar o pescoço por conta desse exercício? Eu não era uma espiã treinada; não fora capaz de identificar Valek mesmo sabendo que ele estava me seguindo. Por outro lado, era o meu pescoço que os assassinos queriam. Se eu não fizesse com que se revelassem nos meus próprios termos, eles escolheriam a hora e o local. Pesei os argumentos na minha cabeça, sentindo como se eu sempre estivesse em uma corda bamba, incapaz de decidir que lado levava a um desmonte perfeito. Andando de uma extremidade até a outra, até alguma força externa aparecer para me empurrar para qualquer um dos lados.

— Sou nova no jogo da caça e da perseguição — disse para o Comandante. — Para alguém sem treino, tentar localizar alguém seguindo-a em meio a um festival barulhento e movimentado é uma tarefa difícil. É como mandar uma criança correr quando ela acabou de aprender a andar. Na floresta, sozinha e tentando evitar todo mundo, localizar alguém me seguindo será mais fácil e ao alcance de minhas habilidades. — Eu me interrompi. Nenhuma resposta do Comandante, de modo que prossegui: — Se pudermos atrair essa feiticeira para fora de seu esconderijo, talvez possamos descobrir por que ela quer me matar.

O Comandante permaneceu sentado, tão imóvel quanto um sapo observando uma mosca enquanto aguarda que ela se aproxime.

Joguei minha última cartada.

— E Valek *garantiu* que estaria me seguindo.

O Comandante não deixou de notar o meu uso de sua palavra.

— Procederemos como planejado. Não espero que você consiga ir longe,

sendo assim, duvido que vejamos essa feiticeira. — Ele disse a palavra *feiticeira* como se isso deixasse um gosto ruim em sua boca. — Porém, o que eu espero é que fique calada quanto a toda essa história. Considere isso uma ordem. Dispensada.

— Sim, senhor.

Deixei o escritório dele.

Passei o restante do dia recolhendo e tomando emprestadas provisões para o exercício, que estava marcado para começar na manhã seguinte, assim que o sol raiasse. Visitei a sala de trabalho de Dilana e o ferreiro. A simples menção do nome de Valek tinha resultados notáveis com os ferreiros, que se apressavam em providenciar os itens que eu disse que Valek precisava.

Dilana teria me dado qualquer coisa que eu pedisse. Parecia desapontada por eu apenas querer pegar emprestada uma mochila de couro.

— Pode ficar com ela — dissera. — Ninguém a quis. Vem me atrapalhando desde que eu comecei.

Eu lhe fiz companhia enquanto ela consertava uniformes, me contava os últimos mexericos e reclamava que eu precisava comer mais.

Minha última parada foi a cozinha. Na esperança de encontrar Rand sozinho, aguardei até que a equipe houvesse limpado após a janta. Ele estava de pé diante da bancada, preparando cardápios. Os cardápios de cada semana precisavam ser aprovados pelo Comandante, antes que Rand pudesse passá-los para Liza, que providenciava a comida e os ingredientes necessários.

— Está com uma aparência melhor do que o jeito como me sinto — Rand disse, baixinho. Ele segurava a cabeça como se fosse uma xícara cheia de água, movendo-se bem devagar para evitar que o líquido derramasse. — Não tenho nada para você experimentar hoje. Não tive energia.

— Tudo bem. — Notei seu rosto pálido e as manchas escuras sob os olhos. — Não quero atrapalhar. Só preciso pegar algumas coisas emprestadas.

Interessado, Rand quase voltou ao seu costumeiro tom jovial.

— Como o quê?

— Pão. E um pouco daquela cola que você inventou. A médica a usou para fechar um corte no meu braço. É um produto maravilhoso.

— A cola! Uma de minhas melhores receitas! Ela contou como foi que eu a descobri? Estava tentando criar um adesivo comestível para um enorme

bolo de casamento de dez camadas e...

— Rand — eu interrompi. — Adoraria escutar a história, e deve me prometer que a contará em outra ocasião. Contudo, nós dois estamos precisando dormir.

— Ah, sim. Tem razão. — Ele apontou para uma saca de pães e disse: — Pegue o que precisar.

Enquanto eu selecionava os pães, ele mexeu em uma gaveta e me entregou um frasco de cola branca.

— Não é permanente. A cola grudará por cerca de uma semana e, depois, perderá o efeito. Mais alguma coisa?

— Hã. Tem.

Hesitei, relutante em fazer meu último pedido, que era o motivo principal para querer ficar a sós com Rand.

— O quê?

— Preciso de uma faca.

Ele virou bruscamente a cabeça. Pude ver um brilho no fundo dos seus olhos quando a lembrança de como eu matara Reyad passou por sua mente. Vi as engrenagens girando em sua cabeça, enquanto ele colocava na balança a nossa recente amizade contra esse pedido incomum.

Estava esperando que ele fosse me perguntar por que eu precisava de uma faca. Em vez disso, ele indagou:

— Qual delas?

— A de aparência mais assustadora que você tiver.

NA MANHÃ SEGUINTE, atravessei o portão ao sul assim que o sol despontou sobre as Montanhas das Almas. Logo uma gloriosa extensão de luz do sol cobria o vale, sinalizando o início do exercício do Comandante. Meu coração pulsava de empolgação e medo. Uma estranha combinação de sensações, que, contudo, serviu de estímulo para minhas passadas. Eu mal sentia o peso da mochila.

Receara que os itens contidos na mochila poderiam ser considerados trapaça. Após muita ponderação, decidi que um prisioneiro determinado a escapar do calabouço teria economizado um pouco de sua ração de pão e roubado uma arma da sala dos guardas, além de outros itens dos ferreiros. E daí se eu estivesse me deixando levar pela imaginação? Ninguém me dissera que era para fugir sem nada.

Minha determinação para “escapar” aumentara desde que o plano fora proposto. Naquela altura, o dinheiro era apenas um benefício à parte. Queria provar para o Comandante que ele estava errado. O Comandante, que achara que eu não iria longe, que receara que a *minha morte* colocaria em risco o exercício *dele*.

Antes de deixar o complexo do castelo, me detivera por um instante para

ver a construção principal sob a luz do dia. Minha primeira impressão fora de que uma criança construía o palácio com seus blocos de brinquedo. A base do castelo era retangular. Essa suportava vários níveis superiores de quadrados, triângulos e cilindros, construídos uns sobre os outros de um modo aleatório. As únicas tentativas de simetria eram as magníficas torres em cada canto do castelo. Com suas reluzentes janelas de vidro colorido, as quatro torres se estendiam na direção do céu.

O projeto geométrico incomum do castelo me intrigou, e eu teria gostado de admirá-lo de outros ângulos, porém, Valek me instruíra para deixar o complexo ao nascer do sol, visto que teria apenas uma hora de dianteira. Depois, os soldados e cães no meu encalço tentariam descobrir através de qual portão eu saía e me rastrearão de lá. Valek pegara uma de minhas camisas de uniforme para que os cães pudessem sentir meu cheiro. Eu lhe perguntara quem provaria a comida do Comandante enquanto eu estivesse fora, e ele me dera uma resposta vaga sobre haver outros treinados na arte dos venenos que eram valiosos demais para serem usados regularmente. Ao contrário de mim.

Minha rota para o sul era uma direção óbvia, contudo, eu não planejava mantê-la por muito tempo. Esperava que os soldados fossem presumir que eu estava seguindo direto para a fronteira. O complexo do castelo ficava no Distrito Militar 6 e muito perto das terras do sul, bem entre o DM-7 para o oeste e o DM-5 para o leste. O rei falecido, que construía o complexo, preferia o clima mais ameno.

Alternando entre correr e caminhar, não demorei muito para adentrar a Floresta da Serpente, evitando Castletown. Enquanto estudava alguns dos mapas de Valek, na noite anterior, notara que a floresta cercava Castletown por três lados. O distrito norte da cidade dava de frente para o castelo. A Floresta da Serpente também se estendia para o leste e o oeste, como um estreito cinturão de verde.

Na fronteira oficial ao sul, os soldados do comandante Ambrose haviam limpo um trecho de trinta metros de largura desde as Montanhas das Almas, ao leste, até o Oceano do Crepúsculo, a oeste. Desde a tomada, era um crime para qualquer um, ixiano ou sitiano, cruzar tal linha.

Corri através da floresta, deixando para trás um rastro evidente. Quebrando

galhos e deixando pegadas na terra, permaneci rumando para o sul até alcançar um riacho. Minha hora de dianteira já havia quase se esgotado. Ajoelhei à margem do córrego e mergulhei a mão na água. Retirando um punhado de lama, permiti que a água escorresse por entre meus dedos. Agachei-me sobre o riacho e espalhei o sedimento úmido pelo rosto e pescoço. Como eu havia preso o cabelo em um coque, esfreguei a lama nas orelhas e na nuca. Esperava que os homens supusessem que eu me ajoelhara para beber um pouco de água. Após deixar algumas pegadas na margem do córrego para fazer meus perseguidores pensarem que eu entrara na água, refiz minha rota até encontrar a árvore perfeita.

A cerca de dois metros da minha trilha, o tronco liso de uma árvore do tipo Velvatt se estendia em direção ao céu. O primeiro galho forte a brotar do troco se esticava uns cinco metros acima de minha cabeça. Tentando não deixar sinais no solo ao redor da trilha do meu rastro, retirei a mochila e peguei de lá de dentro um dos itens que pegara emprestado com os ferreiros. Era um pequeno arpéu de metal. Prendi nele a ponta da corda fina que estava enrolada no interior da minha mochila.

Com minha vantagem encerrada, a súbita imagem de guardas e cães emergindo do castelo me veio à cabeça. Rapidamente, arremessei o arpéu na direção do galho. Errei. Eu o agarrei antes que caísse ao chão. Nervosa, tentei novamente. Errei. Acalmei meu coração em disparada e me concentrei na tarefa. O gancho agarrou o galho. Confiante de que o arpéu estava seguro, amarrei a outra ponta da corda ao redor da cintura, para que não arrastasse no chão, e coloquei a mochila. Agarrando a corda com ambas as mãos, alcei-me para fora do chão e envolvi com as pernas a outra extremidade da corda.

Já fazia um bocado de tempo desde a última vez em que subira uma corda daquele jeito. Durante toda a subida, meus braços, ombros e músculos se queixaram de minha longa inatividade. Assim que alcancei o topo, montei o galho e voltei a guardar a corda e o arpéu na mochila.

Uma brisa forte soprou do oeste. Querendo ficar a favor do vento no tocante aos cães, passei a próxima meia hora seguindo para o leste, por sobre as árvores, até estar bem longe da minha trilha original. Dessa vez, minha pequena estatura e minhas habilidades acrobáticas se mostraram úteis.

Quando cheguei a uma árvore do tipo Cheketo, achei um nicho seguro

próximo ao tronco e tirei a mochila. A folha da Cheketo era a maior que crescia na Floresta da Serpente. Sua folha circular e verde, salpicada de marrom, era perfeita para o que eu precisava. Fiquei imóvel por um instante, tentando escutar algum som vindo de meus perseguidores. Pássaros cantavam e insetos zumbiam. Escutei o chacoalhar rápido de folhas quando um gamo se moveu. Detectei o latido distante de cães, mas podia ter sido apenas minha imaginação. Não vi sinal de Valek, porém, sabendo como ele era, não devia estar muito longe.

Pegando a cola de Rand de minha mochila, tirei algumas folhas da árvore. Quando já tinha o suficiente, retirei a camisa e colei as folhas nela. Sentindo-me exposta apenas com a camiseta de baixo sem manga, trabalhei rápido.

Cobri minha camisa, depois as calças, as botas e a mochila com folhas. Por fim, colei uma enorme folha no meu cabelo e duas pequenas nas costas de minhas mãos, deixando os dedos livres para se moverem. O aviso de Rand que o efeito da cola durava apenas uma semana passou pela minha cabeça, e sorri só de imaginar sua reação ao me ver andando pelo castelo com folhas coladas na cabeça e nas mãos.

Não tinha um espelho, mas torcia para ter camuflado todo meu corpo de verde e marrom. Não estava preocupada com as pequenas áreas de preto que pudessem aparecer; era o vermelho vivo do meu uniforme que poderia me entregar imediatamente.

Nervosa demais para permanecer no mesmo lugar por muito tempo, continuei a galgar as árvores na direção do leste, o mais rápida e silenciosamente que podia, embora, às vezes, meu caminho sofresse alguns desvios. Como não estava disposta a permitir que meu cheiro tocasse o chão, ocasionalmente precisava me deslocar para o sul ou o norte. Meu arpéu e corda foram usados muitas vezes para trazer galhos para perto de mim, ou para balançar de árvore em árvore. Meus músculos protestaram contra o abuso, mas eu os ignorei. Rindo para mim mesma cada vez que superava um obstáculo difícil, eu me deliciava com a liberdade pura de viajar acima do chão. Sorria, enquanto suava ao longo de toda a manhã. Por fim, sabia que teria que seguir novamente para o sul, pois era o único lugar onde um fugitivo poderia encontrar segurança e asilo.

Sitia recebia de bom grado os refugiados de Ixia. Seu governo tivera um

relacionamento aberto com o rei, trocando comidas, tecidos e temperos exóticos por metais, pedras preciosas e carvão. Quando o Comandante deu fim ao comércio, as perdas de Ixia se resumiram principalmente a artigos de luxo, ao passo que Sitia teve seus recursos seriamente limitados. Receios de que Sitia poderia tentar conquistar o Norte para obter os recursos necessários foram dissipados quando os geólogos de Sitia descobriram que suas montanhas Esmeraldas, uma continuação das Montanhas das Almas ao norte, eram ricas em minérios e pedras preciosas. Agora, ao que tudo indicava, Sitia se contentava em vigiar atentamente o Norte.

Durante minha jornada através das árvores cruzei com uma trilha muito usada na floresta. Vi profundas marcas de roda de carroça na terra compacta. A estrada provavelmente fazia parte da rota de comércio principal entre o leste e o oeste, que, por alguns quilômetros, se desviava para o norte, margeando o lago Keyra, antes de retomar o sentido leste. O lago ficava logo além da fronteira do DM-5.

Acomodando-me em um galho forte a poucos metros da trilha, recostei-me no tronco da árvore, descansei e comi meu almoço, enquanto decidia para onde ir em seguida. Em pouco tempo, os sons tranquilos da floresta quase me fizeram adormecer.

— Está vendo alguma coisa? — Uma voz masculina vinda de logo abaixo de mim rompeu o silêncio.

Pega de surpresa, agarrei o galho para não cair. Fiquei imóvel.

— Não. Tudo livre — retrucou a voz de outro homem, ao longe, seu tom de voz carregado de irritação.

Nenhum latido me alertara. Devia ser outro grupo. Estivera tão preocupada com os cães que me esquecera do grupo menor. Arrogante demais, pensei. Merecia ser capturada logo de cara.

Aguardei que me dessem ordem para descer, porém eles permaneceram quietos. Olhando para baixo, vasculhei a floresta, mas não consegui localizá-los. No final das contas, talvez não houvessem, de fato, me avistado. Escutando um barulho, vi dois homens emergirem da mata. Também estavam usando camuflagem verde e marrom, embora seus macacões justos e sua pintura de rosto fossem mais profissionais que meu disfarce preso com cola.

— Ideia idiota de vir para o leste. Ela provavelmente já está na fronteira

com o sul — Voz Áspera resmungou para o companheiro.

— É o que os rapazes dos cães pareciam achar, embora os animais tivessem perdido o rastro dela — disse o segundo homem.

Eu sorri. Conseguira enganar os cães. Pelo menos isso.

— Não sei se entendo a lógica de seguir para o leste — Voz Áspera comentou.

O outro homem suspirou.

— Você não tem que entender a lógica. O capitão ordenou que seguíssemos para o leste. Seguimos para o leste. Ele parece achar que a mulher seguirá mais para dentro do DM-5. Território familiar para ela.

— Bem, e se ela não voltar? Outra ideia idiota, usar a provadora de comida — queixou-se Voz Áspera. — Ela é uma criminosa.

— Isso não é da nossa conta. É problema de Valek. Estou certo de que, se ela fugisse, ele cuidaria dela.

Eu me perguntei se Valek não estaria escutando. Ambos sabíamos que ele não precisaria me caçar; tudo que teria de fazer é esperar o veneno fazer efeito. Achei aquela conversa muito útil, especialmente o fato de não ser do conhecimento geral que eu fora envenenada.

— Vamos. Temos de encontrar o capitão no lago. Ah, e tente fazer menos barulho. Você parece um alce em pânico atravessando a floresta — o homem mais esperto repreendeu.

— Ah, pois sim. Como se você pudesse me escutar acima do som de suas treinadas “passadas de animais do bosque” — retrucou Voz Áspera. — Foi como escutar um gamo montando uma corça.

Os homens riram e, em um piscar de olhos, desapareceram no interior do bosque, um de cada lado da trilha. Esforcei-me para escutar seus movimentos, porém não consegui ter certeza se já haviam ido embora. Aguardei até não aguentar mais ficar parada. Os homens decidiram meu próximo passo. O lago ficava ao leste. Através das árvores, segui para o sul.

Enquanto seguia meu caminho, uma estranha e arrepiante sensação se instalou em minha mente. De algum modo, convenci-me de que os homens que vira na trilha estavam me seguindo, me caçando. Uma vontade incontrolável de me mover rapidamente me empurrava adiante, como uma mão forte na nuca. Quando não consegui mais resistir a ela, joguei de lado

toda e qualquer precaução de me manter escondida e quieta. Saltei para o chão e saí correndo.

Quando cheguei a uma pequena clareira nas árvores, eu me detive. A irresistível sensação de pânico desaparecera. As laterais do meu corpo dóiam. Largando a mochila, desabei no chão, tentando desesperadamente respirar. Amaldiçoei-me por ter me deixado levar pelo pânico.

— Bela roupa — uma voz conhecida falou.

Espanto e medo me deram forças para, com um salto, me levantar.

Ninguém à vista. Ainda. Abri rapidamente a mochila e puxei de lá de dentro a faca. Meu coração dava cambalhotas no interior do peito. Girei em círculos lentos enquanto examinava a floresta, procurando a voz da morte.

GARGALHADAS ME RODEARAM.

— Sua arma não vai adiantar nada. Poderia facilmente convencê-la de que era no seu coração que queria cravar a faca, e não no meu.

Eu a avistei do outro lado da clareira. Usando uma blusa de camuflagem folgada, apertada na cintura, e calças das mesmas cores, a feiticeira sulista estava tranquilamente apoiada em uma árvore com os braços cruzados diante do peito.

Esperando que os capangas da feiticeira sulista me atacassem da floresta, mantive a faca estendida diante de mim, girando em círculos.

— Relaxe — disse a feiticeira. — Estamos a sós.

Parei de girar, mas continuei a segurar com firmeza a arma.

— Por que deveria confiar em você? Da última vez em que nos encontramos, ordenou que me matassem. Até forneceu uma correia conveniente.

Subitamente, me dei conta de que ela jamais precisara dos capangas. Comecei a recitar nomes de venenos na cabeça.

A feiticeira riu, como alguém que se divertia com uma criança pequena.

— Isso não a ajudará. A recitação só funcionou no festival porque Valek estava lá.

Ela deu um passo adiante. Fiz um gesto ameaçador com a faca.

— Yelena, relaxe. Eu me projetei na sua mente para guiá-la até aqui. Se a quisesse morta, a teria empurrado das árvores. Em Ixia, acidentes criam menos problemas do que assassinatos. Algo que deve saber muito bem.

Eu ignorei a alfinetada.

— Por que não sofri um acidente no festival? Ou em qualquer outro momento?

— Tenho que estar próxima de você. Matar alguém exige muita energia. Se possível, prefiro usar métodos mais mundanos. O festival foi a primeira chance que tive de me aproximar de você sem Valek estar por perto, ou, pelo menos, foi o que pensei.

Ela sacudiu a cabeça em sinal de frustração.

— Por que não matou Valek com sua magia no festival? Nesse caso, eu teria sido presa fácil.

— Magia não funciona em Valek. Ele resiste aos seus efeitos. — Antes que eu pudesse solicitar mais informações, ela prosseguiu: — Não tenho tempo para explicar tudo. Valek logo estará aqui, sendo assim, terei que ser breve. Yelena, vim lhe fazer uma oferta.

Lembrei-me da última oferta que recebi: ser provadora de comida ou ser executada.

— O que poderia me oferecer? Tenho um emprego, uniformes classificados por cor e um chefe de morrer. O que mais eu poderia querer?

— Asilo em Sitia — ela respondeu, na mesma hora. — Para que possa aprender a controlar e usar o seu poder.

— Poder? — A palavra escapuliu por entre meus lábios antes que eu pudesse detê-la. — Que poder?

— Ora, vamos. Como poderia não saber? Já o usou pelo menos duas vezes no castelo.

Senti minha mente rodopiar. Ela estava falando do meu instinto de sobrevivência. O estranho zumbido que se apossava de mim sempre que minha vida corria sério perigo. Senti-me como se ela houvesse acabado de me informar que eu tinha uma doença terminal.

— Eu estava trabalhando disfarçada por perto quando senti o seu intenso poder. Assim que consegui determinar que a fonte era a provadora de comida do comandante Ambrose, soube que qualquer tentativa de resgate para levá-la

para o sul seria impossível. Ou você está na companhia de Valek, ou ele está um passo atrás de você. Mesmo agora, estou correndo um risco enorme. Porém, é perigoso demais ter uma feiticeira destreinada no norte. É surpreendente que tenha durado tanto sem ser descoberta. A única opção que me restou foi a eliminação. Uma tarefa que provou ser mais difícil do que eu esperava. Contudo, não impossível.

— E, agora, devo confiar em você? Acha que vou tranquilamente segui-la até Sitia, como um cordeiro indo para o matadouro?

— Yelena, se não estivesse bancando a fugitiva, o que a trouxe para fora do castelo e para longe de Valek, você estaria morta a essa altura.

Não sabia se acreditava nela. O que ela ganharia me ajudando? Se ela tinha poder para me matar, por que se dar a todo esse trabalho? Alguma outra coisa devia estar motivando-a.

— Você não acredita em mim? — Ela grunhiu de frustração. — Muito bem, que tal uma pequena demonstração?

Ela inclinou a cabeça para o lado e cerrou os lábios.

Uma lancinante dor quente rodeou minha mente como um raio. Envolvendo minha cabeça com os braços e as mãos, tentei em vão bloquear o ataque. Em seguida uma força semelhante a um punho cerrado me atingiu a testa. Eu caí para trás, indo ao chão. Estatelada de costas, senti a dor desaparecer tão inesperadamente quanto ela começara. Através de olhos embaçados pelas lágrimas, fitei a feiticeira. Ela ainda estava de pé no início da clareira. Ela não encostara em mim, pelo menos não fisicamente. O peso de sua conexão mental parecia um gorro de lã envolvendo meu crânio.

— O que diabos foi isso? — Exigi saber. — Que fim levou a cantoria?

Seu ataque me deixara zozna, o ar no meu corpo parecia ter se liquefeito e, ao me sentar, senti o ar denso me envolver, moldando-se ao redor de minha pele.

— Cantei no festival porque estava tentando ser gentil. Isso foi um esforço para convencê-la de que, se eu a quisesse morta, não estaria perdendo o meu tempo conversando com você agora. E, com certeza, não esperaria até que estivesse em Sitia. — Ela inclinou a cabeça, como se estivesse escutando uma pessoa invisível sussurrando em seu ouvido. — Valek deixou de tentar não ser notado. Está viajando em alta velocidade. Dois homens estão vindo

atrás dele, mas supõem que a estão seguindo. — Ela se interrompeu, sua boca mais uma vez se cerrando ao concentrar-se. — Posso retardar os homens, mas não Valek. — Ela focalizou o olhar distante em mim. — Você vem comigo?

Eu não podia falar. A noção de que a ideia dessa mulher de gentileza era cantar para alguém até a morte me deixara um tanto quanto distraída. Fitei-a, completamente atônita.

— Não.

Precisei forçar a palavra a deixar meus lábios.

— O quê? — Não era a resposta que ela estava esperando. — Gosta de ser uma provadora de comida?

— Não, não gosto. Mas morrerei se for com você.

— Morrerá se ficar.

— Correrei o risco.

Fiquei de pé, tirei a poeira de minhas pernas e peguei minha faca. A última coisa que eu queria fazer era explicar para a feiticeira sobre o veneno no meu sangue. Por que lhe dar outra arma para usar contra mim? Porém, com o seu elo mental comigo, tudo que precisei fazer foi pensar no Pó de Borboleta e ela soube.

— Existem antídotos — ela afirmou.

— Será que pode encontrar um antes do amanhecer? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Precisaríamos de mais tempo. Nossos curandeiros teriam que entender onde o veneno se esconde. Pode ser no seu sangue, nos seus músculos, ou em qualquer outro lugar, e precisariam saber como ele mata antes que possam eliminá-lo. — Ao se dar conta de minha total falta de conhecimento, a feiticeira continuou: — A fonte de nosso poder, o que você chama de magia, é como uma manta envolvendo o mundo. Nossas mentes fazem contato com essa fonte, retirando vestígios dela para ampliar nossos talentos mágicos, para acioná-los. Todas as pessoas possuem a habilidade de ler mentes e de influenciar o mundo físico sem tocá-lo, porém não têm a capacidade de se conectar à fonte de poder. — Ela suspirou, dando a impressão de estar infeliz. — Yelena, não podemos nos dar ao luxo de ter o seu poder natural manifestando-se sem controle. Sem saber, você está

sugando poder. Em vez de vestígios, você está se apossando de secções inteiras e juntando a manta de poder ao seu redor. À medida que for ficando mais velha, vai ter concentrado tanto poder ao seu redor que ele irá explodir ou consumir a si mesmo. Essa combustão não apenas a matará, como afetará e danificará a própria fonte de poder, fazendo um buraco na manta. Não podemos correr o risco de uma combustão, e logo você não poderá mais ser treinada. É por isso que não temos escolha, a não ser eliminá-la antes que chegue a esse ponto.

— Quanto tempo eu tenho?

— Um ano. Talvez um pouco mais, se conseguir se controlar. Depois disso, estará além da nossa ajuda. E nós precisamos de você, Yelena. Magos poderosos são uma raridade em Sitia.

Minhas opções passaram rapidamente pela minha cabeça. A demonstração de poder da mulher me convencera de que ela era uma ameaça muito maior do que eu imaginara, e eu seria uma completa idiota em confiar nela. Porém, se eu não fosse, ela me mataria ali mesmo. Sendo assim, protelei o inevitável.

— Conceda-me um ano. Um ano para encontrar um antídoto permanente, para encontrar um modo de fugir para Sitia. Um ano livre da preocupação de que está planejando a minha morte.

Ela me fitou no fundo dos olhos. Seu toque mental foi mais fundo na minha mente, enquanto buscava algum sinal de que eu pudesse estar tentando enganá-la.

— Tudo bem. Um ano. Tem a minha palavra.

Ela hesitou.

— Prossiga — eu insisti. — Sei que quer dar fim a este encontro com algum tipo de ameaça. Quem sabe um aviso terrível? Fique à vontade. Já estou acostumada. Não saberia como lidar com uma conversa que não tivesse algo do gênero.

— Você tenta bancar a corajosa, porém sei que se desse um passo em sua direção você se sujaria toda.

— Com o seu sangue.

Brandi a faca. Porém, não consegui manter a cara séria. A ameaça parecia ridícula, até mesmo para os meus ouvidos. Deixei escapar uma risadinha abafada. Ela gargalhou. O alívio da tensão me deixou tonta e logo estava

rindo e chorando.

A feiticeira ficou séria. Mais uma vez inclinando a cabeça, ela escutou o companheiro invisível.

— Valek está perto. Preciso ir.

— Diga-me só mais uma coisa.

— O quê?

— Como sabia que eu seria a fugitiva? Magia?

— Não. Tenho fontes de informação que não posso revelar.

Eu assenti em sinal de entendimento. Valera a pena a tentativa de pedir detalhes.

— Tenha cuidado, Yelena — ela disse, desaparecendo na floresta.

Percebi que sequer sabia seu nome.

— Irys — ela sussurrou na minha mente e, em seguida, seu toque mental retirou-se.

Ao considerar tudo que ela havia me dito, me dei conta de que tinha muitas outras perguntas para fazer para ela, todas muito mais importantes do que quem deixara vaziar informações. Contudo, sabendo que ela já fora embora, reprimi a vontade de chamar por ela. Em vez disso, desmoronei no chão.

Com o corpo tremendo, recoloquei a faca na mochila. Peguei minha garrafa de água e dei um demorado gole, desejando que o cantil estivesse cheio de algo mais forte. Algo que queimaria minha garganta na descida. Algo no que poderia me concentrar, em vez de na sensação de confusão e de perda que ameaçavam me consumir.

Precisava de tempo para pensar, antes que Valek e os dois homens me alcançassem. Pegando a corda e o arpéu, mais uma vez procurei uma árvore adequada e voltei para o abrigo da copa. Seguindo para o sul, permiti que o esforço físico de escalar mantivesse o meu corpo ocupado enquanto repassava na cabeça todas as informações fornecidas pela feiticeira.

Quando alcancei outra trilha na floresta, encontrei uma posição confortável em um galho de árvore com vista para a trilha. Prendi-me ao tronco da árvore com a corda. A feiticeira me prometera um ano, contudo, não pretendia tentá-la com um alvo fácil. Ela poderia mudar de ideia. Afinal de contas, o que eu sabia a respeito de magos e de seus juramentos?

Ela alegava que eu tinha poder. Poder mágico que eu sempre considerara meu instinto de sobrevivência. Quando me vira em uma daquelas situações de perigo, sentira-me possuída. Como se outra pessoa mais capaz de lidar com a crise temporariamente assumisse controle do meu corpo, salvando-me da morte, e depois fosse embora.

Poderia o estranho zumbido que emergia de minha garganta e salvava minha vida realmente ser o mesmo que o poder de Irys? Se fosse, eu precisava manter minha magia em segredo. E tinha de obter algum controle sobre meu poder para impedir que ele me consumisse. Mas como? Evitando situações que ameaçassem a minha vida. Ri com desdém ante a noção de me esquivar de problemas. Independente de meus esforços, problemas pareciam me encontrar. Órfã. Torturada. Envenenada. Amaldiçoada com magia. A lista ficava maior a cada dia que passava.

Eu não tinha tempo para resolver essas questões complexas que circulavam sem parar pela minha cabeça. Focalizando meus pensamentos no presente, estudei a trilha abaixo. Pequenos brotos ameaçavam retomar o caminho estreito cruzando a floresta. Aquela devia ser uma das estradas abandonadas outrora usadas para negociar com Sitia.

Aguardei Valek. Ele exigiria uma explicação sobre meu encontro com a feiticeira, e eu estava preparada para oferecer uma.

Meu único aviso da chegada de Valek foi um ligeiro roçar de folhas no galho acima de minha cabeça. Olhei para cima para vê-lo desenrolar-se do galho como uma cobra. Sem fazer barulho, ele pousou ao meu lado.

A camuflagem verde parecia ser o estilo de vestuário preferido do dia. A roupa de Valek era justa e vinha equipada com um capuz para lhe cobrir o cabelo. Tintas de cor marrom e verde lhe riscavam o rosto, fazendo com que o azul-claro de seus olhos se destacasse em contraste.

Olhei para minha própria roupa improvisada. As bordas de algumas das folhas haviam se rasgado e, ao escalar as árvores, meu uniforme sofrera vários rasgos. Da próxima vez que eu planejasse fugir pelo bosque, convenceria Dilana a me confeccionar uma roupa como a de Valek.

— Você é inacreditável — Valek disse.

— Isso é bom ou ruim?

— Bom. Presumi que você daria trabalho aos soldados, e você deu.

Contudo jamais esperei isso. — Valek apontou para a minha camisa coberta de folhas e abriu os braços, indicando as árvores. — E, para completar, encontrou a feiticeira e, de algum modo, conseguiu sobreviver.

O sarcasmo foi evidente na voz de Valek durante o último comentário. Seu modo de pedir uma explicação, eu supus.

— Não sei bem o que aconteceu. Eu me vi atravessando desenfreadamente a floresta até alcançar uma clareira, onde ela estava aguardando. A única coisa que ela me disse é que eu lhe arruinara os planos ao matar Reyad e, em seguida, a dor atingiu meu crânio.

A lembrança do ataque de Irys ainda estava recente na minha memória, sendo assim, permiti que todo seu horror ficasse claro no meu rosto. Se Valek algum dia suspeitasse do que realmente acontecera, eu não chegaria ao fim do ano que a feiticeira me concedera. E a menção do nome de Reyad confirmava uma das teorias de Valek quanto ao motivo da feiticeira estar atrás de mim.

Inspirei fundo.

— Comecei a recitar venenos. Tentei afastar a dor. E então, o ataque cessou, e ela disse que você estava chegando perto demais. Quando abri os olhos, ela havia desaparecido.

— Por que não esperou por mim na clareira?

— Não sabia aonde ela tinha ido. Sentia-me mais segura nas árvores, onde sabia que você seria capaz de me encontrar.

Valek considerou a minha explicação. Disfarcei meu nervosismo mexendo na mochila.

Após um longo tempo, ele sorriu.

— Com certeza, provamos que o Comandante estava errado. Ele achou que você seria capturada antes do meio da manhã.

Sorri de alívio. Aproveitando seu bom humor, perguntei:

— Por que o Comandante odeia tanto os magos?

A expressão satisfeita desapareceu do rosto de Valek.

— Ele tem muitas razões. Eram colegas do rei. Aberrações da natureza, que usavam seus poderes por motivos puramente egoístas e gananciosos. Eles reuniram riquezas e joias, curando os enfermos apenas se a família dos moribundos pudesse lhes pagar os preços exorbitantes. Para os feiticeiros do rei, as pessoas não passavam de peças em seus joguinhos, e eles deliciavam-

se em provocar o caos. O Comandante quer distância deles.

Curiosa, eu insisti:

— E quanto a usá-los para seus próprios propósitos?

— Ele acredita que não se pode confiar em feiticeiros, mas eu não tenho tanta certeza. — Valek fitou o chão da floresta enquanto falava. — Entendo a preocupação do Comandante. Matar todos os feiticeiros do rei foi uma boa estratégia, porém acho que a geração mais nova a nascer com poder poderia ser recrutada para a nossa rede de inteligência. Discordamos no tocante a essa questão, e, apesar de meus argumentos, o Comandante...

Valek se interrompeu. Parecia relutante em prosseguir.

— O Comandante o quê?

— Ordenou que todos os nascidos com o menor vestígio de dons mágicos devem ser mortos imediatamente.

Eu soubera a respeito da execução de espiões e feiticeiros sulistas da época do rei, mas imaginar bebês sendo arrancados dos braços de suas mães me fez exclamar, horrorizada:

— Aquelas pobres crianças!

— É brutal, mas não tão brutal assim — Valek afirmou. Uma tristeza suavizou o seu olhar. — A habilidade de se conectar com a fonte de poder apenas acontece após a puberdade, por volta dos 16 anos de idade. Normalmente leva mais um ano antes que alguém de fora da família note e os delate. Após isso, ou fogem para Sitia, ou nós os encontramos.

Suas palavras tiveram o peso de uma viga de madeira esmagando meus ombros. Estava com dificuldade para respirar. Brazell me recrutara aos 16 anos de idade. Foi quando meu instinto de sobrevivência começou a se manifestar, me defendendo contra as torturas de Reyad e de Brazell. Será que estavam tentando ver se eu possuía magia? Mas por que não me delataram? Por que Valek não viera?

Não fazia ideia do que Brazell quisera. E saber agora do meu poder apenas representava algo mais que poderia me matar. Se Valek descobrisse minha magia, eu estaria morta. Se não encontrasse um modo de fugir para Sitia, estaria morta. Se alguém envenenasse a comida do Comandante, estaria morta. Se Brazell construísse sua fábrica e buscasse vingança pelo filho, estaria morta. Morta, morta, morta e morta. A morte pelo Pó de Borboleta

estava começando a parecer atraente. Era o único cenário onde eu poderia escolher quando, onde e como eu morreria.

Eu teria afundado em profunda depressão se Valek não tivesse agarrado o meu braço e levado o dedo aos lábios verdes. Os sons distantes de cascos e de homens conversando alcançou meus ouvidos. A princípio, pensei que fosse uma ilusão enviada pela feiticeira. Contudo, logo vi as mulas puxando as carroças. A largura das carroças preenchia toda a trilha, e brotos e arbustos eram esmagados pelas rodas. Duas mulas puxavam uma carroça, e um homem usando o uniforme marrom de um comerciante liderava o grupo. Havia seis carroças e seis homens que conversavam entre si enquanto viajavam.

De meu posto na árvore, podia ver que os primeiros cinco vagões estavam carregados com sacas de estopa que deviam conter grãos ou farinha. A última carroça trazia estranhas favas amareladas de formato oval.

A Floresta da Serpente está explodindo de atividade hoje, pensei, surpresa. Tudo que faltava eram os dançarinos do fogo saltando das árvores para nos entreter.

Valek e eu permanecemos imóveis na árvore, enquanto os homens passavam abaixo de nós. Seus uniformes estavam empapados de suor, e notei que alguns deles haviam enrolado as calças para cima, de modo a não tropeçarem. O cinto de um dos homens estava bem apertado, fazendo com que o tecido extra se amontoasse ao redor da cintura, enquanto a barriga de outro homem ameaçava estourar os botões. Era óbvio que aqueles pobres comerciantes não tinham uma residência permanente. Se tivessem, a costureira deles jamais teria permitido que andassem por aí com aquela aparência.

Quando estavam fora do campo de visão, e não podiam mais nos escutar, Valek sussurrou:

— Não se mova, eu já volto.

Ele saltou para o chão e seguiu a caravana.

Eu me remexi no meu galho, tentando imaginar se os outros dois homens que Irys dissera estar seguindo Valek me encontrariam antes que ele voltasse. O sol estava desaparecendo a oeste e o ar frio estava substituindo o calor do dia. Músculos dormentes de inatividade latejavam à medida que minhas

últimas energias iam desaparecendo. Estava começando a sentir o peso do cansativo dia de escaladas. Pela primeira vez, a possibilidade de passar a noite na floresta me deixou apreensiva. Jamais pensara em permanecer tanto tempo livre.

Por fim, Valek retornou e fez sinal para que eu descesse da árvore. Movi-me com cuidado, manuseando desajeitadamente a corda ao redor da cintura, enquanto meus músculos maltratados tremiam de fadiga.

Ele trazia uma pequena sacola, que passou para mim. No seu interior estavam cinco das favas amarelas que estavam empilhadas na última carroça. Peguei uma delas. Agora que podia examiná-la de perto, notei que a fava oval e alongada tinha cerca de vinte centímetros de comprimento, com aproximadamente dez sulcos de uma extremidade à outra. Era mais grossa no meio. Com as duas mãos envolvendo seu centro, meus dedos mal se tocavam.

Fiquei surpresa com a habilidade de Valek de roubá-las à luz do dia de uma carroça em movimento.

— Como foi que conseguiu isso?

— Segredos do ofício — Valek respondeu, com um sorriso. — Pegar as favas foi fácil, mas tive que esperar os homens darem água às mulas para dar uma olhada nas sacas de estopa.

Quando devolvi a fava à sacola, junto com as outras, notei no seu fundo uma pilha de grãos castanho-escuros. Retirando um punhado de dentro da sacola e expondo-os à luz fraca, notei que lembravam feijões.

— O que é isso? — perguntei.

— São das sacas — ele explicou. — Quero que leve isso de volta para o comandante Ambrose. Diga-lhe que eu não sei o que são, nem de onde vêm, e que estou seguindo a caravana para ver aonde vão.

— Estão fazendo algo ilegal?

— Não tenho certeza. Se as favas e grãos vêm de Sitia, estão sim. É ilegal comerciar com o sul. O que eu sei é que aqueles homens não são negociantes.

Estava prestes a lhe perguntar como ele sabia quando a resposta me veio à cabeça.

— Os uniformes não servem direito. Emprestados, talvez? Ou roubados?

— O mais provável é que sejam roubados. Se vai pegar um uniforme emprestado, o mais lógico seria arrumar um que lhe sirva. — Valek ficou em

silêncio por um instante, escutando os sons da floresta. À medida que o sol ia se pondo, eu podia escutar o zumbido dos insetos ficando mais alto. — Yelena, quero que ache aqueles dois homens que viu esta tarde e peça que escoltem de volta para o castelo. Não a quero sozinha. Se a feiticeira planejar atacá-la novamente, terá que lidar com mais dois, e duvido que ela tenha energia para isso. Não conte para ninguém sobre seu esconderijo nas árvores, a feiticeira ou a caravana. Porém, deve apresentar um relatório completo de tudo para o Comandante.

— E quanto ao meu antídoto?

— O Comandante sempre tem um pouco à mão. Ele o dará para você. E não se preocupe com o seu incentivo. Fez por merecer cada centavo. Quando eu voltar, me certificarei de que o receba. Agora, preciso me por a caminho, ou passarei o restante da noite tentando alcançar a caravana.

— Valek, espere — exige.

Pela segunda vez, hoje, alguém queria desaparecer antes de explicar tudo de modo satisfatório, e eu estava ficando cansada disso.

Ele se deteve.

— Como encontro os outros?

Sem o sol, meu senso de direção era falho. Não tinha certeza se conseguiria encontrar sozinha o caminho de volta para a clareira, muito menos para o castelo.

— Apenas siga essa trilha. — Ele apontou na direção da qual as carroças haviam vindo. — Consegui despistá-los antes de alcançá-la. Os soldados estavam seguindo para o sudoeste. Provavelmente estão margeando a trilha. Tecnicamente, é a melhor estratégia.

Valek saiu correndo pela trilha. Eu o observei ir. Ele se movia com a leveza e a velocidade de um gamo, seus músculos retesando-se sobre a camuflagem justa.

Quando ele desapareceu de vista, pisei nas pedrinhas soltas da trilha, fazendo barulho. À medida que a escuridão ia caindo, o crepúsculo ia roubando as cores das árvores. Senti-me tomada de nervosismo. Cada barulhinho fazia meu coração saltar, e me vi olhando por sobre o ombro, desejando que Valek estivesse comigo.

Um grito rompeu o ar. Antes que eu pudesse reagir, um vulto enorme

atirou-se sobre mim, derrubando-me no chão.

— PEGUEI VOCÊ! — disse o homem, sentando-se em cima de mim.

Mesmo com o rosto colado nas pedras e a boca cheia de poeira, reconheci sua voz áspera de ainda há pouco. Ele puxou meus braços para trás. Senti o metal frio morder meus pulsos e escutei o barulho metálico dos grilhões se fechando.

— Não acha que está exagerando, Janco? — perguntou o parceiro de Janco.

Janco saiu de cima de mim e me puxou para eu ficar de pé. Na penumbra, pude ver que o homem que me segurava era magro e usava cavanhaque. Seu cabelo escuro estava cortado no estilo típico dos militares. Uma grossa cicatriz estendia-se da têmpora direita até a orelha. A parte inferior da orelha estava faltando.

— Ela já foi difícil para burro de encontrar. Não quero que fuja — Janco resmungou.

Seu colega era praticamente da mesma altura, porém duas vezes mais largo. Músculos grandes e esculpidos faziam volume sob o uniforme de camuflagem. Cachos curtos e úmidos se grudavam à cabeça e, desta distância, a única cor dos seus olhos era o preto das pupilas.

Eu queria fugir. Estava quase escuro. Eu estava acorrentada e sozinha com

dois homens desconhecidos. Pela lógica, sabia que eram soldados do Comandante e que eram profissionais, mas isso não impedia meu coração de disparar.

— Você nos fez parecer incompetentes — Janco disse. — Provavelmente, todos os soldados aqui fora vão ser transferidos. Por sua causa, todos logo estaremos limpando latrinas.

— Já chega, Janco — disse Olhos Sem Cor. — Nós não vamos esfregar o chão. Nós a encontramos. E olhe só para a roupa dela. Ninguém estava esperando que ela fosse se camuflar. Não é à toa que foi tão difícil de encontrar. Contudo, ainda assim o capitão vai ficar furioso quando vir isto!

— E o capitão está no castelo? — perguntei, tentando fazer com que fossem naquela direção.

— Não. Ele está liderando a caçada mais para o sudoeste. Teremos de nos apresentar a ele.

Suspirei diante da demora. Estava contando com uma viagem rápida de volta para o castelo.

— O que acha de mandar o Janco aqui procurar o capitão, enquanto nós seguimos para o castelo?

— Lamento, mas não temos permissão para nos separar. Nossas ordens são para viajarmos em duplas. Sem exceções.

— Hã... — Janco disse.

— Yelena — respondi.

— Por que está tão ansiosa para voltar? — ele perguntou.

— Tenho medo do escuro.

Olhos Sem Cor riu.

— Por algum motivo, eu duvido disso. Janco, retire as algemas dela. Ela não vai fugir. Não faz parte do exercício.

Janco hesitou.

— Você tem a minha palavra, Janco. Não vou fugir se você tirar os grilhões — prometi.

Ele resmungou mais um pouco, mas destrancou as algemas. Eu limpei a sujeira do rosto.

— Obrigada.

Ele assentiu, depois apontou para o parceiro.

— Ele é Ardenus.

— Pode me chamar de Ari.

Ari estendeu a mão, concedendo-me uma honra. Quando um soldado oferecia a mão, estava admitindo que a outra pessoa estava à sua altura.

Eu a apertei de modo solene e nós três seguimos para o sul para encontrar seu capitão.

A viagem até o castelo foi quase cômica. Quase. Se meus músculos maltratados e doloridos não tivessem protestado a cada passo, e se a dor profunda da pura exaustão não tivesse se espalhado pelo meu corpo como um manto de pedra, eu até teria me divertido.

O capitão de Janco e Ari encolerizou-se e esbravejou quando o alcançamos.

— Ora, ora, ora, olhe só o que nossos dois queridinhos enfim encontraram — debochou o capitão Parffet.

Sua cabeça calva estava coberta de suor, que escorria pelas laterais do rosto, ensopando a gola da roupa. Ele era velho para ser capitão, e me perguntei se sua falta de promoção não teria a ver com sua disposição mal-humorada.

— Eu deveria ter os melhores batedores na guarda do comandante Ambrose — Parfett gritou para Ari e Janco. — Talvez queiram me explicar que procedimento seguiram que levou 17 horas para encontrar a vagabunda!

Parfett prosseguiu com sua agressão verbal. Mesmo na escuridão, pude ver seu rosto ficando roxo.

Ignorando-o, passei a lhe estudar a unidade. Alguns rostos sorriam, concordando com o capitão, alguns pareciam resignados, como se acostumados com seus acessos de raiva, e outros exibiam expressões entediadas e cansadas. Um homem, que raspava toda a cabeça com exceção da franja, me fitou com uma intensidade desagradável. Quando o fitei nos olhos, ele desviou o olhar para o capitão.

— Nix, acorrente a vagabunda — Parffet ordenou, e o homem da franja retirou um par de algemas do cinturão. — Estou vendo que nossas duas prima-donas não podem se dar ao trabalho de seguir os procedimentos-padrão desta unidade.

Quando Nix se aproximou, eu busquei uma chance de fugir. Minha promessa para Janco apenas se estendia a uma viagem de “mãos livres” de volta para o castelo. Ari, pressentindo o que se passava pela minha cabeça, pousou a enorme mão no meu ombro, ancorando-me ao seu lado.

— Temos a palavra dela de que não fugirá, senhor — disse, em minha defesa.

— Como se isso significasse alguma coisa.

Parffet cuspiu no chão.

— Ela deu a sua palavra — Ari repetiu.

Um ligeiro ronco na sua voz me lembrou um enorme cão rosnando um aviso.

Parffet, a contragosto, permitiu que o procedimento fosse modificado, porém deu vazão ao seu mau humor ordenando que o restante de seus soldados entrasse em formação, dando início a uma marcha acelerada de volta para o castelo.

Eu caminhei ladeada por Ari e Janco, como se fosse um valioso troféu. Ari explicou que o capitão não lidava bem com surpresas e que ficara frustrado por meu passeio pela floresta ter durado o dia todo.

— E o fato de termos sido nós a encontrá-la não ajudou muito. Ele não nos promoveu para sua unidade como fez com os outros. Fomos escolhidos por Valek — Janco explicou.

O mau humor de Parffet apenas piorou quando a equipe dos cães alcançou a nossa procissão. O caos se espalhou ante a confusão de cães e ainda mais guardas. Experimentei um instante de pânico quando os cães avançaram na minha direção. No final das contas, apenas me cumprimentaram com os rabos balançando e as línguas para fora. Sua alegria pura era contagiante. Sorri e os cocei atrás das orelhas, parando apenas quando Parffet olhou feio para mim e gritou pedindo ordem.

Os cães não usavam coleiras. O mestre do canil fazia parte do grupo de busca. Ao comando de Porter, os cães se reagruparam, obedecendo suas ordens sem hesitar. A Comandante da equipe dos cães parecia desapontada que os cães de Porter não houvessem me encontrado primeiro, mas aceitou o fracasso com muito mais dignidade do que o capitão de Ari. Ela se apresentou como a capitã Etta e caminhou ao meu lado para fazer perguntas

sobre a minha “fuga”. Gostei do seu jeito tranquilo e respeitoso. Seu punhado de cabelos louros quase ultrapassava os limites da regulamentação militar.

Durante a nossa conversa, ative-me o máximo que pude à verdade. Em se tratando de perguntas referentes a onde o meu rastro havia desaparecido, menti. Expliquei que, por algum tempo, viajara em direção ao norte pela água, antes de seguir para o leste.

Etta sacudiu a cabeça.

— Estávamos tão certos de que você seguiria para o sul. Parffet teve razão ao considerar o leste.

— Meu destino final seria mesmo o sul, contudo, quis tentar confundir os cães antes de seguir para lá.

— Foi bem-sucedida. O Comandante não ficará satisfeito. Ainda bem que Ari e Janco a encontraram. Se você permanecesse livre até a manhã, ambas as equipes teriam sido rebaixadas.

Os últimos três quilômetros até o castelo foram cruzados em torpor. Usando os últimos vestígios de energia para manter meus pés movendo-se para frente, concentrei todas as minhas forças em acompanhar os soldados. Quando nos detivemos, levei algum tempo para me dar conta de que havíamos entrado no complexo do castelo.

Já passara muito da meia-noite. O barulho de nossa chegada ecoou e foi ampliado pelas silenciosas muralhas de pedra. Os cães seguiram Porter até os canis, enquanto a cansada fileira de soldados marchou escada acima, na direção do escritório do Comandante. Terminamos nosso percurso entre as mesas vazias da sala do trono.

A luz dos lampiões entrava pela porta aberta do escritório do Comandante. Dois soldados postando guarda exibiam nos rostos expressões bem-humoradas, porém permaneciam silenciosos e imóveis. Parffet e Etta trocaram um olhar de resignação antes de irem se apresentar ao Comandante. Encontrei uma cadeira e me larguei nela, aceitando o risco de que poderia ter dificuldades em voltar a me levantar.

Logo, os capitães retornaram. O rosto de Parffet era uma careta sombria, contudo, o de Etta não demonstrava emoções. Dispensaram suas respectivas unidades. Eu estava reunindo energia para ficar de pé, quando Etta veio me ajudar a levantar.

— Obrigada — eu disse.

— O Comandante está aguardando o seu relatório.

Assenti. Etta foi se juntar ao restante de sua unidade e eu segui para o escritório. Hesitei no vão da porta. Já me acostumara com a penumbra da sala do trono e a luz dos lampiões me doeu os olhos.

— Entre — o comandante Ambrose ordenou.

Postei-me diante de sua escrivaninha. Ele estava sentado, imóvel e impassível como sempre, seu rosto liso e sereno sem nenhuma ruga. Sem mais nem menos, comecei a me perguntar quantos anos ele teria. Faixas grisalhas apareciam no cabelo curto do Comandante. Sua patente sugeria um homem mais velho, porém o corpo delgado e o rosto jovial me faziam pensar que ele deveria ter por volta dos quarenta. Cerca de sete anos a mais do que Valek, se é que minha estimativa da idade de Valek estava correta.

— Relatório.

Descrevi em detalhes meus atos do dia, incluindo o balançar na copa das árvores e a feiticeira. Oferecendo a mesma versão de meu encontro com a sulista que dera para Valek, concluí o relatório com a caravana e as ordens de Valek para que eu retornasse. Aguardei as perguntas do Comandante.

— Quer dizer que Ari e Janco não a capturaram? — ele perguntou.

— Não. Mas foram os únicos que ao menos chegaram perto. Eles passaram bem debaixo de uma árvore na qual eu me escondi e foram hábeis o suficiente para rastrear Valek por algum tempo.

O Comandante ficou imóvel por um instante. Seus olhos dourados olhavam para além de mim, enquanto absorvia a informação.

— Onde estão os itens que Valek obteve?

Abri minha mochila e pousei as vagens e os grãos sobre a mesa.

Ele pegou uma fava amarela e a rodou nas mãos antes de devolvê-la à mesa. Agarrando um punhado de grãos, avaliou-lhes o peso e a textura. Após cheirar um deles, partiu o feijão ao meio. Seu interior revelara tão pouco quanto seu exterior.

— Não são nativos de Ixia. Devem ser de Sitia. Yelena, leve-os consigo e pesquise um pouco. Descubra o que são e onde crescem.

— Eu?

Senti-me atordoada. Esperava entregá-los para o Comandante e esquecer

tudo a seu respeito.

— Isso mesmo. Valek está sempre me lembrando para não subestimá-la e, mais uma vez, você conseguiu se provar. O general Brazell lhe deu uma boa educação. Detestaria vê-la sendo desperdiçada.

Eu quis discutir, porém fui prontamente dispensada. Suspirando, arrastei meu corpo relutante até os banhos. Retirando dolorosamente minhas roupas cobertas de folhas, lavei a lama de meu rosto e pescoço antes de submergir em uma piscina fumegante.

Ali, me delicieei no calor, estendendo meus músculos doloridos sob a água quente para relaxá-los um pouco. Na esperança de dissolver um pouco da cola no meu cabelo, mergulhei a cabeça para trás, soltei o coque e deixei os compridos fios pretos flutuarem para a superfície. O suave barulho da água me embalou.

Mãos fortes agarraram os meus ombros. Sobressaltada, acordei sob a água. O líquido encheu minha boca e meu nariz. Em pânico, empurrei as mãos para longe. Elas me soltaram por um instante. Comecei a afundar. Instintivamente, agarrei o braço do atacante desconhecido. Antes que pudesse amaldiçoar minha estupidez, fui arrancada do banho e largada sobre o chão frio.

Levantei-me com um salto para enfrentar o próximo ataque. Mas ali estava Margg com uma expressão de aversão estampada no rosto largo. Água pingava de suas mãos e as mangas de sua camisa estavam ensopadas. Estremecei e afastei o cabelo molhado do rosto.

— Que diabos pensa que está fazendo? — berrei.

— Salvando sua vida inútil — ela rosnou.

— O quê?

— Não se preocupe. Não tive prazer nenhum em fazê-lo. Sinceramente, teria me alegrado em vê-la se afogar. Justiça enfim feita! Porém, o Comandante ordenou que a encontrasse e providenciasse tudo que precisasse.

— Margg pegou uma toalha de cima da mesa e a atirou para mim. — Pode ser que tenha enganado o Comandante e Valek, fazendo-os pensar que é inteligente. Mas como é que alguém pode ser inteligente quando adormece em uma piscina cheia de água?

Lembrando-me do conselho de Dilana para retrucar sempre na mesma moeda, tentei pensar em uma resposta rude. Nada. Meu cérebro afogara-se de

cansaço. A ideia de que Margg acabara de me salvar a vida se debatia na minha cabeça. Era um conceito tão estranho que não conseguia achar um lugar apropriado para ancorá-lo.

Margg fungou, com ódio evidente.

— Cumpro minhas ordens. Alguns poderiam até concordar que salvá-la foi ir além do dever. Sendo assim, não se esqueça disso, ratazana.

Ela virou-se para ir embora. As saias envolveram-lhe as pernas e ela cambaleou porta afora. Não foi lá uma saída das mais dramáticas, pensei ao me secar com a toalha.

Não me sentia grata a Margg por ter me salvado a vida, presumindo ser isso o que ela havia feito. Poderia muito bem ter me empurrado para baixo da água por maldade e, depois, “me salvado”. E não lhe devia nenhum favor. Ela me deixara em uma poça do meu próprio vômito depois que eu tomara Meu Amor, recusara-se a limpar o meu quarto na suíte de Valek, me deixara um recado horrível na poeira e, ainda pior, provavelmente estava passando informações sobre mim para Brazell. Se ela me havia salvo de morrer afogada, isso podia ser considerado pagamento por algumas daquelas indiscrições, porém não por todas. A meu ver, ela ainda estava me devendo.

O banho quente ajudara a restaurar parte da flexibilidade de meus músculos. Arranquei as folhas de minhas mãos. Embora ainda houvesse verde preso a partes do meu cabelo, pensei que, com algumas tranças benfeitas, seria capaz de escondê-lo.

A caminhada de volta para a suíte de Valek me pareceu interminável. Como um zumbi, atravessei os incontáveis corredores, bifurcações e portas. Meus passos eram guiados pelo único desejo de chegar à cama.

Pelos próximos dias, caí em uma rotina. Provava as refeições do Comandante, ia para a biblioteca fazer pesquisa e dava caminhadas diárias pelo complexo do castelo. Meu dia como fugitiva me fez ansiar por estar do lado de fora e, como não podia me balançar pelas árvores, pelo menos podia explorar o castelo.

Usei o mapa do castelo que copiara no meu diário para encontrar a biblioteca. Era uma suíte de aposentos de vários níveis, abarrotada de livros. O cheiro de podridão e poeira flutuava no ar, acompanhado da sensação de

abandono. Fiquei triste de saber que o conhecimento daquela tremenda fonte de informação estava sendo desperdiçado, apenas porque o Comandante desencorajava as pessoas a se educarem além do que era necessário para seus trabalhos.

Dentro de sua estrutura militar, uma pessoa era treinada especificamente apenas para sua posição. Aprender apenas por aprender não era bem visto, sendo recebido com desconfiança.

Assim que eu determinara que a biblioteca era, de fato, um lugar esquecido, trouxe as favas e os grãos até lá, em vez de carregar os livros pesados de volta para meu quarto. Encontrei um pequeno recanto escondido, com uma mesa de madeira que dava de frente para uma das enormes janelas em formato de ovo que se alinhavam na parede dos fundos da biblioteca, em intervalos aleatórios. A luz do sol iluminava o recanto e, após tirar a poeira da mesa, esse se tornou a minha área de trabalho.

Cortando um dos favos amarelados pela metade, descobri que era recheado de uma polpa mucilaginosa branca. Ao provar a polpa, notei que tinha um sabor doce e cítrico, com uma pitada de azedo, como se estivesse começando a apodrecer. A carne branca continha sementes. Limpei a polpa das sementes e descobri que havia 36. Elas lembravam os feijões da caravana. Minha empolgação diminuiu quando comparei a semente com o feijão sob a luz do sol. A semente da fava era roxa em vez de marrom e, quando mordi a semente, cuspi ao sentir um gosto amargo e adstringente encher a minha boca. Nada semelhante ao gosto ligeiramente picante e arenoso dos grãos marrons.

Presumindo que as favas fossem frutas e os grãos comestíveis, peguei todos os livros de botânica que consegui encontrar na biblioteca e os empilhei sobre a minha mesa. Depois, voltei a vasculhar as prateleiras. Dessa vez, peguei qualquer volume com informações sobre venenos. Uma pilha muito menor. Valek provavelmente levava os mais interessantes de volta para o seu escritório. Minha terceira ida às prateleiras foi um esforço para encontrar livros sobre magia. Nada.

Eu me detive diante de uma prateleira vazia, uma raridade naquela biblioteca tão cheia, e me perguntei se ela não contivera livros sobre magia. Considerando a posição do Comandante em relação à magia, era o passo

lógico destruir toda e qualquer informação pertinente. Seguindo um capricho, examinei os níveis abaixo da prateleira vazia na mesma estante. Pensando que um livro da prateleira vazia pudesse ter deslizado para trás dos outros livros, retirei todos os volumes das prateleiras inferiores. Meus esforços foram recompensados pela descoberta de um fino volume intitulado *Fontes de Poder Mágico*. Passando os olhos pela biblioteca, certifiquei-me de que não havia mais ninguém ali. Com as palmas suadas, escondi o livro na minha mochila. Planejava lê-lo mais tarde, de preferência no meu quarto, com a porta trancada.

Feliz com minha aquisição ilícita, vasculhei os vários aposentos da biblioteca até encontrar uma cadeira confortável. Antes de arrastá-la de volta para o meu recanto, tirei a poeira das almofadas de veludo roxo. Era o assento mais elegante que eu já vira no castelo, e me perguntei quem poderia tê-lo usado antes de mim. Será que o falecido rei fora um bibliófilo? Era o que parecia afirmar a considerável coleção de livros. Ou isso, ou simpatizara muito com sua bibliotecária.

Passei muitas horas naquela cadeira, lendo os livros de botânica e nada descobrindo. Planejava decifrar o enigma da fava e do feijão enquanto pesquisava informações para mim mesma. Pelo menos o trabalho tedioso fora quebrado em pequenas sessões devido às provas das refeições do Comandante e por minhas caminhadas de tarde pelo castelo.

Já fazia quatro dias desde o exercício e, naquela tarde, minha caminhada tinha um propósito. Procurava um lugar com vista para o portão leste, mas onde eu não pudesse ser notada pelas pessoas que o atravessavam.

Valek ainda não retornara de sua missão e, na noite anterior, ocorrera a cerimônia de encerramento do festival do fogo, terminando assim a semana de comemorações. Rand, aparentando estar de ressaca, me informara, essa manhã, que Brazell e sua comitiva finalmente deixariam o castelo pelo portão leste, para voltar para casa. Meu desejo de ver as costas de Brazell partindo com meus próprios olhos me levava a procurar a posição perfeita.

As casernas dos soldados do Comandante ocupavam tanto o canto nordeste quanto o sudoeste do castelo. Na caserna nordeste, a edificação em formato de L se estendia do portão norte até o leste, e uma enorme área de treinamento retangular fora construída próxima à extensão leste da

construção. Havia uma cerca de madeira ao redor do pátio e, quando o treinamento estava em andamento, a cerca atraía os vários residentes do castelo, que paravam ao longo dela para assistir aos exercícios. Naquela tarde, eu me uni a um grupo de observadores, que tinham não só uma visão desimpedida dos exercícios de combate, como também do portão leste.

A informação de Rand se mostrara correta. Logo, fui recompensada por um desfile de soldados usando preto e verde. Pude ver Brazell na sua égua malhada, cavalcando entre seus conselheiros de maior confiança, no final da procissão. A comitiva de Brazell ignorava as pessoas a seu redor.

Enquanto eu observava as costas de Brazell, o fantasma de Reyad apareceu ao meu lado. Ele sorriu ao acenar adeus para o pai. Um arrepio percorreu minha espinha. Olhei em volta. Será que mais alguém o viu? O grupo de pessoas ao meu redor havia se dispersado. Será que Reyad os assustara? Porém, quando olhei novamente, ele havia desaparecido.

Uma mão tocou meu braço. Eu estremei.

— Aquele bando já vai tarde — Ari disse, gesticulando com a cabeça na direção do portão leste.

Ao vê-lo à luz do dia, pela primeira vez notei que os olhos de Ari eram de um azul tão pálido que, na escuridão, deram a impressão de serem incolores.

Ari estava ao lado de Janco, do outro lado da cerca. Ambos estavam usando as camisas sem manga e as calças curtas com as quais os soldados costumavam gostar de treinar. Cobertos de suor e poeira, seus rostos e corpos exibiam cortes e machucados recentes.

— Aposto que você está tão feliz quanto nós de vê-los partir — Janco afirmou.

Encostando a espada de treinamento na cerca, ele esfregou o suor da testa com a parte inferior da camisa.

— Estou mesmo — admiti.

Olhando na direção do portão, nós três ficamos ali parados em um silêncio tranquilo por um instante, observando a comitiva de Brazell desaparecer através do portão.

— Queremos lhe agradecer, Yelena — Ari disse.

— Pelo quê?

— O Comandante nos promoveu a capitães. Ele disse que seu relatório a

nosso respeito foi muito bom — Janco explicou.

Surpresa e satisfeita ao ver que o Comandante dera ouvidos às minhas palavras, sorri para os dois. Era evidente que Ari e Janco compartilhavam de mútua lealdade, um laço claro de amizade e confiança. Três anos atrás, eu sentira esse tipo de afinidade por May e Carra, no orfanato, porém Reyad me arrancara do convívio delas e o espaço vazio dentro de mim ainda doía. Rand me oferecera amizade, porém ainda havia uma distância. Eu ansiava por me conectar com alguém. Infelizmente, minha vida de provedora de comida tornava isso impossível. Quem correria o risco de criar vínculos comigo quando minhas chances de chegar ao final do ano que vem eram quase nulas?

— Agora, somos batedores para a guarda de elite do Comandante — Janco informou, com orgulho na voz.

— Nós lhe devemos uma. Qualquer ajuda que precisar, basta nos avisar — Ari disse.

Suas palavras me deram uma ideia ousada. Brazell podia ter partido, contudo, ainda era uma ameaça. Pensei rápido, tentando achar um motivo pelo qual eu não me beneficiaria com o meu plano.

— Preciso de ajuda — disse.

A surpresa cruzou o rosto dos dois homens. Ari se recobrou primeiro.

— Com o quê? — perguntou, com desconfiança.

— Preciso aprender a me defender. Será que podem me ensinar autodefesa e como usar uma arma?

Prendi a respiração. Será que estava pedindo demais? Se dissessem não, eu não teria perdido nada. Pelo menos, tentara.

Ari e Janco se entreolharam. Sobrancelhas se ergueram, cabeças se inclinaram, lábios se enrugaram e mãos fizeram movimentos ligeiros. Observei fascinada a conversa silenciosa, enquanto discutiam o meu pedido.

— Que tipo de arma? — Ari indagou.

Mais uma vez houve hesitação evidente em sua voz.

Pensei rápido. Precisava de algo que fosse pequeno o suficiente para esconder no meu uniforme.

— Uma faca — respondi, sabendo que teria que devolver a de Rand para a cozinha.

Mais expressões faciais foram trocadas. Tive a impressão de que Ari podia

estar concordando, porém Janco parecia relutante, como se a ideia não o agradasse.

Por fim, não consegui mais aguentar.

— Olhe — eu disse — entenderei se não aceitarem. Não quero que se metam em problemas, e sei o que Janco pensa de mim. Se não me engano, suas palavras exatas foram: “Ela é uma criminosa.” Sendo assim se a resposta for não, não tem problema.

Eles me fitaram com surpresa.

— Como foi que... — Janco começou a dizer, porém Ari o socou no braço.

— Ela nos escutou na floresta, seu burro. A que distância você estava?

— Uns cinco metros.

— Diabos. — Ari sacudiu a cabeça, o que fez com que seus curtos cachos louros balançassem. — Estamos mais preocupados é com Valek. Se ele não se opuser, nós a treinaremos. Combinado?

— Combinado.

Ari e eu apertamos as mãos. Quando me volvei para Janco, ele parecia perdido em pensamentos.

— Um canivete! — exclamou, apertando a minha mão.

— O quê? — perguntei.

— Um canivete seria muito melhor do que uma faca — Janco afirmou.

— E onde eu carregaria esse... canivete?

— Preso à coxa. Pode fazer um buraco no bolso das calças. Se for atacada, pode sacá-lo, acionar o botão, e uma lâmina de mais de vinte centímetros salta para fora, para usar como quiser.

Janco me mostrou o movimento e fingiu esfaquear Ari, que dramaticamente segurou a barriga e foi ao chão.

Perfeito, pensei. Animada com a ideia de aprender a me defender, perguntei:

— Quando é que começamos?

Janco coçou o cavanhaque.

— Já que Valek ainda não voltou, podíamos começar com alguns movimentos básicos de autodefesa. Nada a que ele possa se opor.

— Movimentos que ela poderia ter aprendido só de observar os soldados treinando — Ari disse, concordando com o amigo.

Eles chegaram a uma decisão.

— Agora mesmo — disseram em uníssono.

DE PÉ AO lado dos dois enormes soldados, me senti como uma ameixa encaixada entre um par de melões. Dúvidas começaram a invadir minha mente. A noção de que eu poderia me defender contra alguém do tamanho de Ari parecia ridícula. Se quisesse, ele poderia me pegar e me jogar por sobre o ombro, e não haveria nada que eu pudesse fazer a respeito.

— Tudo bem. Primeiro, começaremos com um pouco de autodefesa — Ari explicou. — Nada de armas até os movimentos básicos serem instintivos. É melhor você lutar corpo a corpo do que manuseando uma arma que não sabe usar. Um oponente habilidoso simplesmente a desarmaria. E, então, você teria o dobro de problemas. Não só estaria sob ataque, como teria que se defender de sua própria arma.

Ari encostou sua espada de treino ao lado da de Janco, olhando ao redor do pátio de treinamento. A maioria dos soldados já havia ido embora, porém pequenos grupos de homens ainda praticavam.

— Quais são as suas vantagens? — ele perguntou.

— Vantagens?

— No que você é boa?

Janco, pressentindo minha confusão, explicou:

— Você é uma corredora veloz? É uma qualidade muito útil.

— Ah. — Por fim, eu entendi. — Sou flexível. Eu era acrobata.

— Perfeito. Coordenação e agilidade são habilidades excelentes. E...

Segurando-me pela cintura, Ari me atirou para o alto.

Meus membros se debateram por um instante, antes do instinto se manifestar. Ainda em pleno ar, aproximei meu queixo, os braços e as pernas do meu corpo, executei uma cambalhota para me alinhar e aterrissei sobre os pés, oscilando um pouco até recuperar o equilíbrio.

Indignada, voltei-me para Ari. Antes que pudesse exigir uma explicação, ele disse:

— Outra vantagem de se ter treinamento acrobático é a habilidade de permanecer de pé. Essa sua manobra pode significar a diferença entre a vida e a morte. Não é, Janco?

Janco acariciou o lugar vazio onde costumava ficar a parte inferior de sua orelha direita.

— Ajuda. Sabe quem mais daria um grande lutador?

Ari deixou os ombros caírem, como se soubesse o que Janco ia dizer em seguida e houvesse se resignado com isso.

Intrigada, perguntei:

— Quem?

— Um dançarino. Com o treinamento apropriado, os dançarinos do festival poderiam encarar qualquer um. Com um bastão flamejante girando ao redor deles, eu é que não me atreveria a enfrentá-los, com *qualquer* arma.

— Exceto um balde de água — Ari retrucou.

Ele e Janco então deram início a um intenso debate sobre os aspectos técnicos de uma luta contra um bastão flamejante nas mãos de um dançarino furioso. Embora fascinada com a discussão, tive que interrompê-los. Meu tempo era limitado. O jantar do Comandante logo seria servido.

Com apenas um ocasional comentário sarcástico sobre os dançarinos do fogo, Ari e Janco passaram o restante de minha primeira lição me ensinando a bloquear socos, depois pontapés, até os meus antebraços ficarem dormentes.

Ari interrompeu o exercício quando outro soldado se aproximou. Das

posturas relaxadas, os dois soldados assumiram uma atitude defensiva ante a aproximação de Nix, o guarda da unidade do capitão Parffet. A pele da careca de Nix estava queimada pelo sol e a franja fina de cabelos pretos estava colada na testa pelo suor. Um devastador fedor corporal o precedeu, me deixando nauseada. Seus músculos delgados me lembraram um rolo de corda fina, perigosa quando esticada.

— Que diabos pensa que está fazendo? — Nix exigiu saber.

— Não quer dizer: Que diabos pensa que está fazendo, senhor? — Janco o corrigiu. — Nossa patente é mais alta que a sua. E acho que bater continência seria apropriado.

Nix sorriu com desprezo.

— Perderão suas promoções quando seu chefe souber que estão se associando a uma criminosa. De quem foi a ideia imbecil de torná-la uma assassina ainda mais eficiente? Quando outro defunto aparecer, serão cúmplices.

Janco deu um passo ameaçador na direção de Nix, porém a mão forte de Ari no seu ombro o deteve. Com a ameaça implícita no seu tom de voz, Ari disse:

— O que fazemos no nosso tempo livre não é da sua conta. Agora, por que não vai correndo atrás de Parffet? Eu o vi seguindo para as latrinas. Em breve, ele vai precisar de você para lhe limpar a bunda. Sei que está mais preparado para esta tarefa.

Nix estava em desvantagem numérica, porém não conseguiu resistir a um comentário final.

— Ela tem um histórico de matar seu benfeitor. Se fosse vocês, eu tomaria cuidado com o pescoço.

Os olhos de Ari e Janco permaneceram nas costas de Nix até ele deixar o pátio. Depois, viraram-se para mim.

— Foi um bom começo — Ari disse, encerrando a lição. — Eu a vejo amanhã, ao raiar do sol.

— E quanto a Nix? — perguntei.

— Não é problema. Podemos cuidar dele.

Ari deu de ombros, confiante em sua capacidade de lidar com Nix. Eu invejava a autoconfiança e o poder físico de Ari. Não achava que eu pudesse

lidar com Nix, e me perguntava se não haveria outra razão, além do fato de ter matado Reyad, para Nix me odiar.

— Provo o desjejum do Comandante ao raiar do dia — disse.

— Nesse caso, logo depois.

— Para quê? — perguntei.

— Os soldados correm voltas ao redor do complexo para manter a forma — Janco respondeu.

— Junte-se a eles — Ari disse. — Faça pelo menos cinco circuitos. Mais, se conseguir. Aumentaremos o número de voltas até que tenha nos alcançado.

— Quantas voltas vocês correm?

— Cinquenta.

Engoli em seco. Enquanto retornava para o castelo, pensei no trabalho e no tempo que precisaria dedicar ao treinamento. Aprender autodefesa exigiria o mesmo empenho que eu dedicara às minhas acrobacias. Não podia me dedicar pela metade. Na hora, parecera uma boa ideia. Eu me deixara levar por visões de contos de fada de facilmente rechaçar os guardas de Brazell. Porém, quanto mais pensava a respeito, mais me dava conta de que não era algo a ser feito baseado em um simples capricho.

Perguntei-me se meu tempo não seria melhor investido aprendendo sobre poções e magia. No final das contas, nem todo o treinamento físico do mundo me salvaria dos poderes mágicos de Irys.

Meus pés se arrastavam no chão e parecia que o meu corpo estava puxando uma carroça cheia de pedras. Por que eu não podia simplesmente mergulhar de cabeça? Por que estava constantemente considerando cada opção, examinando ambos os lados de um argumento em busca de falhas na lógica? Como saltos em uma cama elástica, muitas subidas e descidas, mas não se vai muito para frente. Senti saudade dos dias em que uma decisão errada não me custaria a vida.

Quando alcancei o escritório do Comandante, concluíra que tinha outros inimigos além da feiticeira e que, um dia, ser capaz de me defender poderia me salvar a vida. Conhecimento, independente de sua forma, podia ser eficiente como arma.

Pouco depois de eu chegar, um tutor irrompeu na sala, arrastando uma jovem garota consigo. Aos 12 anos de idade, a toda criança era atribuída uma

profissão, baseada nas suas habilidades e, em seguida, eram enviadas para o devido tutor por quatro anos para aprender.

O uniforme vermelho do tutor tinha diamantes pretos bordados na gola, tornando-o exatamente o oposto do uniforme negro de um conselheiro. A garota usava o simples macacão vermelho de uma estudante. Seus olhos castanhos brilhavam com lágrimas contidas. Suas expressões faciais alternavam entre horror e desafio, enquanto ela lutava para se compor. Supus que ela devia ter cerca de 15 anos de idade.

— Qual é o problema, Beevan? — o Comandante perguntou, com ligeira irritação na voz.

— Esta criança desobediente representa uma constante interrupção às minhas aulas.

— De que maneira?

— Mia é uma sabe-tudo. Ela se recusa a resolver problemas matemáticos do modo tradicional e tem a audácia de me corrigir diante de toda a classe.

— Por que você está aqui?

— Eu quero que ela seja disciplinada. De preferência, chicoteada, e que seja feita criada.

O pedido de Beevan fez com que lágrimas silenciosas rolassem pelas faces de Mia, embora ela tivesse mantido a compostura, o que era impressionante para alguém tão jovem.

Pensativo, o Comandante entrelaçou os dedos. Senti pena da garota, visto que o seu tutor incomodar o Comandante com essa disputa não a ajudaria em nada. Beevan devia ter passado por cima do coordenador de treinamentos.

— Eu cuidarei de tudo — o Comandante disse, por fim. — Dispensado.

Beevan titubeou por um instante, abrindo e fechando a boca várias vezes. Sua expressão aflita revelava que não fora aquela a resposta que estava esperando. Assentindo formalmente, ele abandonou o escritório.

O Comandante empurrou a cadeira para trás e fez um gesto para que Mia desse a volta ao redor da mesa. Agora, fitando-a nos olhos, ele perguntou:

— E qual é a sua versão dos fatos?

Com uma voz baixinha e trêmula, ela respondeu:

— Sou boa com números, senhor. — Ela hesitou, como se esperasse ser corrigida por ter feito a ousada afirmação, porém, quando nada aconteceu,

prossegiu: — Fiquei entediada resolvendo problemas matemáticos do jeito do tutor Beevan, de modo que inventei maneiras novas e mais rápidas. Ele não é muito bom com números, senhor. — Mais uma vez, ela se interrompeu, encolhendo-se como se esperasse ser esbofeteada. — Não foi correto de minha parte lhe apontar os erros. Sinto muito, senhor. Por favor, não me chicoteie, senhor. Não se repetirá, senhor. Seguirei todas as instruções do tutor Beevan.

Lágrimas rolavam por suas faces rosadas.

— Não, não seguirá — o Comandante retrucou.

Pânico se apossou das feições da jovem.

— Relaxe, criança. Yelena?

Pega de surpresa, derramei um pouco do chá dele. Eu estivera lhe segurando a bandeja.

— Sim, senhor.

— Vá buscar o conselheiro Watts.

— Sim, senhor.

Pousei a bandeja sobre a mesa e saí correndo porta afora. Eu já conhecera Watts. Ele era o contador do Comandante, que me dera o dinheiro que eu ganhara bancando a fugitiva. Estava trabalhando na sua mesa, porém, na mesma hora, me acompanhou de volta para o escritório.

— Watts, ainda precisa de um assistente? — o Comandante perguntou.

— Sim, senhor — Watts respondeu.

— Mia, você tem um dia para se provar. Se não impressionar o conselheiro Watts com seus dons para a matemática, terá que voltar para a classe de Beevan. Caso o impressione, o trabalho é seu. De acordo?

— Sim, senhor. Obrigada, senhor.

O rostinho bonito de Mia estava radiante quando ela saiu atrás de Watts.

Fitei com surpresa o Comandante. Demonstrar compaixão, escutar a versão de Mia da história e lhe dar uma chance eram exatamente o oposto de como imaginei que a audiência se desenrolaria. Por que um homem com tanto poder se daria ao trabalho de ir além do esperado? Ele corria o risco de se desentender com Beevan e com o coordenador. Por que ele se deu ao trabalho de encorajar uma estudante?

A pilha de relatórios voltou a capturar a atenção do Comandante, de modo

que saí sem ser notada, seguindo na direção da biblioteca para continuar minha pesquisa.

Após algum tempo, o sol começou a se pôr. Escolhi um livro de botânica promissor para levar comigo, visto que não estava disposta a permitir que uma luz de lampião denunciasse a minha presença na biblioteca.

A luz de vela iluminava fracamente os corredores. Observei minha sombra deslizar ao longo das paredes enquanto seguia para a suíte de Valek, perguntando-me se eu não deveria me mudar de volta para meu antigo quarto na ala dos serviços. Agora que Brazell partira, não havia motivo lógico para eu permanecer com Valek. Porém, a ideia de viver naquele pequeno aposento, onde eu não teria ninguém com quem discutir ou com quem debater sobre métodos de envenenamento, deixava uma sensação de vazio no interior do meu peito. A mesma pontada oca que eu, volta e meia, vinha sentindo nos últimos quatro dias.

Apenas a escuridão fria me recebeu quando entrei na suíte de Valek. Minha decepção me surpreendeu e me dei conta de que eu viera sentindo saudades dele. Sacudi a cabeça ante o estranho conceito. Eu? Com saudades de Valek? Não. Não podia me permitir pensar daquele jeito.

Em vez disso, concentrei-me na minha sobrevivência. Se eu quisesse encontrar um antídoto para o Pó de Borboleta, folhear livros em busca de como neutralizar venenos enquanto me sentava na sala de estar de Valek não seria a melhor das ideias. É claro que a decisão poderia não ser minha para tomar. Assim que Valek descobrisse que Brazell partira, ele provavelmente me mandaria mesmo voltar para o quarto antigo.

Após acender os lampiões na suíte de Valek, relaxei no sofá com o livro de botânica. Biologia jamais fora um de meus assuntos favoritos, e logo meus pensamentos começaram a passear. Meus fracos esforços para permanecer concentrada perderam para meus devaneios.

Um baque surdo trouxe a minha atenção de volta para o presente. Parecia um livro caindo no chão. Olhei para baixo, porém meu volume continuava no meu colo, aberto em um trecho especialmente entediante sobre árvores frutíferas. Passei os olhos pela sala de estar para me certificar de que uma das desorganizadas pilhas de livros de Valek não desabara. Suspirando ante a bagunça dele, não consegui dizer se algo havia caído ou não.

Um pensamento assustador surgiu na minha cabeça. Talvez o barulho tivesse vindo do andar de cima. Talvez não tivesse sido um livro, mas sim uma pessoa. Alguém entrando sorrateiramente para aguardar até que eu adormecesse para me matar. Incapaz de ficar quieta, peguei um lampião e saí correndo para o meu quarto.

Minha mochila estava sobre a cômoda. Rand ainda não pedira a sua faca, de modo que eu não a devolvera. Ao retirar a faca da mochila, lembrei das palavras de Ari sobre manejar de modo errado uma arma. Provavelmente, era tolice levar a faca, mas sentia-me mais confiante com ela na mão. Armada, retornei para a sala de estar e considerei meu próximo passo. Enquanto não investigasse o andar de cima, o sono seria impossível esta noite.

A escuridão acima ameaçava engolir minha luz fraca quando subi as escadas. Dobrando para a direita, a escada terminava em uma sala de estar. Pilhas de caixas, livros e móveis estavam espalhados pelo aposento de modo desordenado, projetando sombras de formato estranho na parede. Manobrei com cuidado ao redor da pilha. Meu sangue pulsava com força no coração quando iluminei os cantos escuros com o lampião, em busca de uma emboscada.

Um brilho de luz fez com que um gritinho escapasse de meus lábios. Girei, apenas para descobrir que era a minha própria lanterna refletindo nas janelas altas e estreitas que se enfileiravam na parede do fundo.

Havia três aposentos localizados à direita da sala de estar. Uma verificada rápida com o coração em disparada revelou que não continham espreitadores e que eram idênticos aos três outros no andar de baixo.

À esquerda da sala de estar do andar superior havia um comprido corredor. Portas se enfileiravam do lado direito do corredor, do lado contrário a uma parede de pedra lisa. O corredor terminava em uma porta dupla de madeira que estava trancada. Entalhada na madeira escura estava uma complexa cena de caçada. Pela fina camada de pó branco no chão, sob as portas, deduzi que aquela era a entrada para o quarto de dormir de Valek. O pó revelaria pegadas, alertando Valek para qualquer intruso. Respirei mais aliviada ao ver que o pó estava incólume.

Enquanto sistematicamente verificava os aposentos restantes ao longo do corredor, fui aos poucos me dando conta de que Valek jamais jogava nada

fora. Sempre imaginara assassinos como criaturas sombrias, que carregavam consigo poucas coisas e que nunca permaneciam muito tempo no mesmo lugar. A suíte de Valek lembrava a casa de um casal de velhos que enchera seus aposentos com todas as coisas que haviam colecionado ao longo dos anos.

Distraída por tais pensamentos, abri a última porta. Levei algum tempo para registrar apropriadamente o que estava vendo. Comparado aos outros, o quarto estava praticamente vazio. Uma mesa comprida se estendia ao longo da parede dos fundos, centrada sob uma enorme janela em formato de lágrima. Rochas acinzentadas riscadas de branco, as mesmas pedras sobre as quais eu vinha tropeçando na sala de estar e no escritório de Valek pelo último mês e meio, estavam arrumadas em ordem de tamanho no chão.

Senti uma espessa camada de poeira sob as botas quando entrei no aposento. Sobre a mesa, formões, lixas de metal e uma amoladeira ocupavam os únicos locais livres de poeira. Pequenas estatuetas em vários estágios de criação estavam espalhadas entre as ferramentas. Para minha surpresa, me dei conta de que as pedras acinzentadas, quando entalhadas e polidas, se metamorfoseavam em um lindo preto lustroso, e as riscas brancas se transformavam em um brilhante prateado.

Pousando a lanterna sobre a mesa, peguei uma borboleta pronta, com prateado reluzindo nas asas. Ela cabia na palma de minha mão. Os detalhes eram tão perfeitos que parecia que a borboleta poderia bater as asas e alçar voo a qualquer momento. Admirei as outras estátuas. O mesmo cuidado e a mesma dedicação haviam sido dispensados a cada uma delas. Animais, insetos e flores que pareciam reais estavam alinhados ao longo da mesa. Ao que tudo indicava, a natureza fornecia os modelos favoritos do artista.

Atordoada, me dei conta de que Valek devia ser o artista. Aqui estava um lado de Valek que eu jamais pensei existir. Senti como se estivesse me intrometendo no mais íntimo de seus segredos. Como se houvesse descoberto mulher e filhos morando em segredo aqui, todos felizes, inclusive com o cão da família.

Já notara as estatuetas na mesa de Valek e, pelo menos uma vez por dia, eu fitava o leopardo da neve no escritório do Comandante, tentando entender por que ele selecionara aquela estatueta em particular para colocar em exposição.

Agora, entendia o seu significado. Valek a esculpira para o Comandante.

O arrastar de pés me fez virar. Um vulto negro veio em minha direção. Minha faca foi arrancada de minha mão e pressionada de encontro ao meu pescoço. O medo me apertou a garganta, me sufocando. A sensação familiar provocou uma lembrança súbita dos soldados me desarmando e me arrancando de cima do corpo de Reyad. Porém o rosto de Valek exibia humor, em vez de fúria.

— Bisbilhotando? — Valek perguntou, recuando.

Com esforço, bani meu medo e me lembrei de respirar novamente.

— Escutei um barulho. Eu vim...

— Investigar — Valek completou a minha frase. — Procurar um intruso não é o mesmo que examinar estatuetas. — Ele apontou com a faca para a borboleta na minha mão. — Você estava bisbilhotando.

— Estava.

— Ótimo. Curiosidade é uma qualidade louvável. Estava me perguntando quando é que você ia explorar aqui em cima. Encontrou alguma coisa interessante?

Ergui a borboleta.

— É linda.

Ele deu de ombros.

— Entalhar serve para manter a minha mente focada.

Pousei a estatueta sobre a mesa, minha mão demorando-se sobre ela. Adoraria ter estudado a borboleta sob a luz do sol. Pegando o lampião, segui Valek para fora do aposento.

— Eu realmente escutei um barulho — informei.

— Eu sei. Derrubei um livro no chão para ver o que você faria. Contudo, não estava esperando a faca. É a que está faltando na cozinha?

— Por acaso Rand deu queixa?

Senti-me traída. Por que ele simplesmente não a pedira de volta?

— Não. Apenas faz sentido saber onde estão todas as maiores facas da cozinha, de modo que, quando uma desaparece, você não é pego de surpresa quando alguém o ataca com ela. — Valek me entregou a faca. — Você deveria devolvê-la. Facas não vão ser de muita ajuda contra o calibre de gente que está atrás de você.

Valek e eu descemos as escadas. Peguei o livro de botânica do sofá.

— O que o Comandante achou das favas? — Valek perguntou.

— Ele acha que são de Sitia. Ele as devolveu para mim, para que eu pudesse descobrir o que são. Tenho feito pesquisa na biblioteca.

Mostrei o livro para Valek. Ele o pegou de minha mão e folheou as suas páginas.

— Achou alguma coisa?

— Ainda não.

— Seu desempenho como a nossa fugitiva deve ter impressionado o Comandante. Normalmente, ele teria atribuído a tarefa a um de seus conselheiros de ciências.

As palavras de Valek me deixaram pouco à vontade. Não estava convencida de conseguir descobrir a origem das favas e dos grãos. E a ideia de falhar com o Comandante me incomodava. Mudei de assunto.

— Para onde foi a caravana?

Valek hesitou, indeciso. Por fim, disse:

— Para a nova fábrica de Brazell.

Se a descoberta surpreendeu Valek, ele não deixou transparecer.

Dei-me conta de que, apesar de toda a discussão sobre a licença de Brazell, eu não sabia o que ele estava planejando fazer.

— Qual é o produto?

— Deveria ser uma produtora de forragem. — Valek me devolveu o livro.

— E não sei para o que ele precisaria daquelas favas e grãos. Talvez sejam um ingrediente secreto. Talvez sejam acrescentados à forragem para aumentar a produção de leite das vacas. Assim, todos os agricultores iriam querer comprar a forragem de Brazell, em vez de produzir a sua própria. Ou algo do gênero. Ou talvez não. Não sou perito no assunto. — Valek passou a mão pelo cabelo. — Terei que estudar a licença dele para ver o que está me escapando. De qualquer modo, designei alguns de meus soldados para vigiarem a rota e se infiltrarem na fábrica. A essa altura, preciso de mais informações.

— Brazell deixou o castelo hoje à tarde.

— Cruzei com a comitiva dele no caminho de volta para o castelo. Ótimo. Uma preocupação a menos.

Valek caminhou até sua mesa e começou a examinar alguns papéis. Observei suas costas por algum tempo, aguardando. Ele não falou nada sobre minha mudança de volta para a ala dos criados. Por fim, reuni coragem para perguntar.

— Será que devo retornar para meu antigo quarto agora que Brazell se foi? Censurei-me pela escolha de palavras. Deveria ter sido mais firme, mas era tarde demais.

Valek interrompeu o que estava fazendo. Eu preendi a respiração.

— Não — ele respondeu. — Você ainda corre perigo. Ainda não lidamos com a feiticeira.

Sua caneta retomou o percurso sobre o papel.

Um intenso alívio percorreu meu corpo como uma onda quente, alarmando-me. Por que eu queria ficar com ele? Permanecer era perigoso, ilógico e, de acordo com todos os argumentos que me passavam pela cabeça, a pior situação para mim. O livro sobre magia ainda estava escondido na minha mochila, que ia comigo para tudo quanto era lugar, visto que receava que Valek fosse realizar uma de suas façanhas e me pegar de surpresa.

Maldição, pensei, zangada comigo mesma. Como se eu já não tivesse o bastante com o que me preocupar. Eu não deveria sentir falta de Valek, deveria estar me esforçando mais para escapar. Não deveria desvendar o enigma do feijão, deveria sabotá-lo. Não deveria admirá-lo e respeitá-lo, deveria vilipendiá-lo. Não deveria, deveria, não deveria, deveria. Tão fácil de dizer, tão difícil de acreditar.

— Exatamente como é que se lida com uma feiticeira? — perguntei.

Ele virou-se no assento e me fitou.

— Já lhe disse antes.

— Mas seus poderes...

— Não me afetam. Quando eu me aproximo, posso sentir a pressão do seu poder, uma vibração na pele, e movimentar-me na direção dos feiticeiros é como tentar andar por um xarope bem espesso. Exige esforço, mas eu sempre venço no final. Sempre.

— A que distância tem que estar?

Valek estivera no castelo nas duas vezes que eu inconscientemente usara mágica. Será que ele suspeitava?

— Tenho que estar no mesmo aposento — Valek disse.

Fui tomada por alívio. Ele não sabia. Pelo menos, ainda não.

— Por que não matou a feiticeira sulista no festival? — perguntei.

— Yelena, não sou invencível. Lutar contra quatro homens enquanto ela lançava todo o seu poder sobre mim foi exaustivo. Ir atrás dela teria sido inútil.

Pensei no que ele disse.

— Ser resistente à magia não é uma forma de magia? — perguntei.

O rosto de Valek ficou sério.

— Não.

— E quanto à faca?

Apontei para a comprida lâmina pendurada na parede. O sangue vermelho reluzia sob a luz do lampião. Após três semanas morando na suíte de Valek, ele ainda não secara.

Valek riu.

— Aquela foi a faca que usei para matar o rei. *Ele* era um mago. Quando sua magia não conseguiu impedir que eu enterrasse aquela faca no seu coração, ele me amaldiçoou com seu último suspiro. Foi um tanto quanto melodramático. Ele desejou que a culpa por sua morte me assombrasse e que o seu sangue manchasse as minhas mãos para sempre. Com minha peculiar imunidade à magia, a maldição afetou a faca em vez de mim. — Valek olhou pensativamente para a arma na parede. — Foi uma pena perder minha faca favorita, mas ela deu um belo troféu.

MEUS PULMÕES ARDIAM. Vermelha e encharcada de suor, eu vinha puxando a retaguarda do grupo principal de soldados, minha garganta ardendo a cada inspiração. Era meu quarto circuito ao redor do complexo do castelo. Só faltava mais um.

Após provar o desjejum do Comandante, segui para a caserna nordeste. Quando um grupo grande de soldados passou por nós, avistei Ari, que fez sinal para que eu me juntasse a eles. Receei que os outros guardas fossem se ressentir de minha presença, porém havia cavaleiros, criados e outros empregados do castelo misturados aos soldados.

As duas primeiras voltas me aceleraram a pulsação e alteraram a minha respiração. Meus pés começaram a doer durante o terceiro circuito e, no quarto, a dor já se espalhara para as pernas. Ao meu redor, tudo se transformou em um borrão, até que tudo que eu enxergava era a pequena extensão de chão diante de mim. Quando manquei até a minha linha de chegada, dando fim à minha agonia, encontrei alguns arbustos e pus para fora os bolinhos doces do desjejum. Endireitando-me, vi o sorridente Janco erguer os polegares para mim, enquanto prosseguia com sua corrida. Ele sequer teve a decência de aparentar estar ofegante e sua camisa ainda estava seca.

Quando enxuguei o vômito de meus lábios, Ari se deteve ao meu lado.

— Pátio de treinamento, duas da tarde. Eu a verei lá — disse.

— Mas... — eu disse para ninguém, visto que Ari dera prosseguimento à sua corrida.

Mal conseguia ficar de pé. Não conseguia me imaginar fazendo algo mais extenuante.

No pátio de treinamento, naquela tarde, Ari e Janco estavam encostados na cerca, observando dois homens treinando combate com espadas. O barulho alto de metal atingindo metal ecoava. Os lutadores haviam atraído a atenção de todos os soldados. Com surpresa, notei que um dos homens era Valek. Desde a manhã, bem cedinho, eu não o via e presumira que ele estaria descansando após ter ficado acordado até tarde na noite anterior.

Valek era líquido em movimento. Enquanto o observava, outra palavra me veio à cabeça: lindo. Seus movimentos tinham a velocidade e a cadência de uma apresentação de dança complexa. Em comparação, seu adversário lembrava um potro recém-nascido, balançando e sacudindo os braços e pernas, como se aquela fosse a primeira vez que ficasse de pé. Os ataques precisos e bloqueios graciosos de Valek desarmaram seu adversário em pouco tempo.

Apontando com a espada, ele mandou o adversário derrotado se juntar a um pequeno grupo de homens e fez sinal para que outro atacasse.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— O desafio de Valek — Janco disse.

— O que é isso?

— Valek emitiu um desafio para qualquer um em Ixia. Derrote-o em uma luta com a arma de sua escolha, ou em combate corpo a corpo, e poderá ser promovido a seu segundo em comando. — Ari gesticulou na direção de Valek, agora em combate com um terceiro homem. — Enfrentar Valek, pelo menos uma vez, tornou-se uma espécie de formatura do treinamento básico, embora possam ser feitas quantas tentativas se queira. Os capitães observam as lutas e recrutam os soldados mais promissores. E, caso impressione Valek com sua habilidade, ele pode até lhe oferecer uma posição em sua tropa de elite da inteligência.

— Como foi que vocês se saíram? — perguntei.

— Bem — Ari respondeu com modéstia.

— Bem! — Janco riu. — Ari chegou perto de derrotá-lo. Valek ficou satisfeito. Porém Ari prefere ser um batedor a ser um espião.

— Quero tudo ou nada — Ari disse, com discreta intensidade.

Continuamos a assistir. Ari e Janco fizeram comentários técnicos sobre as diferentes lutas, mas eu não conseguia tirar os olhos de Valek. Com a luz do sol reluzindo em sua espada, ele despachou mais dois adversários. Ele os acertou com a parte chata da lâmina, apenas para indicar que havia penetrado suas defesas sem derramar sangue. O próximo oponente aproximou-se com uma faca.

— Péssima escolha — Ari disse.

Valek abaixou a espada e desembainhou seu punhal. A luta foi encerrada com dois movimentos.

— Valek é perito no combate com facas — Janco comentou.

A última desafiante era uma mulher. Alta e ágil, ela manejava um comprido bastão de madeira. Ari disse que era um cajado. Ela se mostrou à altura de Valek e a luta dos dois demorou mais do que qualquer um dos seis combates anteriores. Com um grande estalo, o cajado dela se partiu em dois, encerrando a luta. Enquanto a multidão se dispersava, Valek conversou com a mulher.

— Aquela é Maren — Ari disse. — Se ela não desaparecer na tropa de Valek, você deveria pedir para ela lhe ensinar a manejar o cajado. Com seu tamanho pequeno, ele estenderia seu raio de alcance contra um atacante mais alto.

— Mas não dá para esconder um cajado — argumentei.

— Não no castelo. Mas se estiver caminhando pela floresta, ninguém notaria se estivesse carregando um bastão para ajudar a caminhar.

Olhei para Maren e considerei a possibilidade. Será que ela concordaria em me ajudar? Provavelmente não. O que ela ganharia com isso?

Como se tivesse lido meus pensamentos, Ari disse:

— Maren é agressiva e encorajadora. Todas as novas recrutas recebem sua atenção pessoal, quer queiram ou não. Como tantas mulheres falham devido aos rigores do treinamento, ela tenta treiná-las o máximo que pode. Temos

mais mulheres do que nunca na guarda por causa dela. Tentamos conseguir que ela nos ensinasse, visto que um cajado seria uma boa arma para um batedor, mas ela não está interessada em treinar homens.

— Mas eu não sou uma nova recruta. Sou a provadora de comida. Por que ela haveria de desperdiçar seu tempo comigo? Eu posso morrer amanhã.

— Mas tem alguém que está muito negativa hoje — Janco disse, alegremente. — Exercício demais essa manhã?

— Cale a boca — respondi.

Sem se deixar abalar, seu sorriso apenas se alargou.

— Muito bem, já chega. Vamos começar — Ari disse.

Passei o restante da tarde aprendendo a socar alguém sem quebrar a mão e a técnica apropriada do pontapé. Os dois primeiros nós dos dedos de ambas as mãos ficaram vermelhos de tanto que eu soquei repetidamente um saco de treinamento. Dominar o pontapé frontal foi um desafio, visto que os músculos duros de minha coxa atrapalhavam minha flexibilidade.

Quando Ari por fim me dispensou, segui com meu corpo dolorido na direção do castelo.

— Até amanhã de manhã — Janco disse com um tom de voz alegre.

Eu me virei para mandá-lo para aquele lugar e dei de cara com Valek. Prendi a respiração. Ele estivera nos observando. Senti-me constrangida.

— Seus socos são lentos — ele disse. Tomando minha mão, ele examinou os machucados, que estavam começando a ficar roxos. — Pelo menos sua técnica é boa. Se segurar pesos nas mãos enquanto treina, seus socos serão muito mais rápidos sem eles.

— Eu posso continuar? — perguntei com incredulidade.

Ele continuou segurando minha mão e não consegui reunir força de vontade para retrá-la. O calor de seu toque espalhou-se pelo meu corpo, temporariamente eliminando minhas dores.

Com a lembrança de sua impressionante demonstração física ainda recente na minha memória, fitei seu rosto forte. Seus perigosos e brilhantes olhos azuis sempre conquistavam a minha atenção. Eu aprendera a ler as suas expressões faciais como tática de sobrevivência, porém jamais havia olhado para ele desse modo. Valek era um estudo de contradições. O homem que entalhava delicadas estatuetas também era capaz de desarmar sete adversários

sem se esforçar muito. Minhas interações com Valek lembravam uma apresentação na corda bamba. Em um instante, sentia-me confiante e equilibrada, no outro, insegura e instável.

— Acho que é uma excelente ideia — ele disse. — Como foi que convenceu os gêmeos do poder a concordar em treiná-la?

— Gêmeos do poder?

— Combine a força de Ari com a velocidade de Janco e eles serão imbatíveis. Contudo, até agora, ainda não tive que testar a minha teoria, visto que eles jamais tentaram me enfrentar juntos. Ninguém disse que eu não podia ter mais de um segundo em comando. Você não vai me entregar, vai?

— Não.

Valek deu um ligeiro apertão na minha mão e depois a soltou.

— Ótimo. Eles provavelmente são os melhores instrutores do castelo. Como foi que os conheceu?

— Eles foram os homens que me encontraram na floresta. O Comandante os promoveu e eu me aproveitei da gratidão deles.

Minha mão formigava no local onde ele a tocara.

— Oportunista e ardilosa. Adorei. — Valek riu. Ele estava de bom humor quando me acompanhou até o interior do castelo. Provavelmente efeito da agitação por ter derrotado tantos oponentes. Antes de alcançarmos a entrada leste, ele se deteve. — Só tem um problema.

Meu coração bateu duas vezes mais rápido.

— Qual?

— Você não deverá treinar à vista de todos. As notícias se espalham com rapidez. Se Brazell souber e criar problemas, o Comandante ordenará que você pare. E vai deixar o Comandante desconfiado.

Adentramos o ar fresco do interior escuro do castelo. Era um alívio sair do sol quente.

— Por que não utiliza aqueles depósitos vazios no nível inferior do castelo? Ainda pode correr durante as manhãs para se exercitar — Valek disse.

Que ótimo, pensei com sarcasmo. Correr era o único aspecto do treinamento do qual eu estava disposta a abrir mão. Contudo, Valek tinha razão. Treinar com Ari e Janco no meio do pátio já atraía atenções negativas.

Principalmente vindas de Nix, cujos olhares intensos e desagradáveis queimavam minha pele.

Valek ficou calado ao atravessarmos o castelo. Eu estava seguindo para o escritório do Comandante para provar seu jantar. Ele me acompanhou.

— A menção de Brazell me lembra que eu queria lhe perguntar sobre o Criollo do qual o Comandante tanto gosta. Você aprecia o seu gosto?

Escolhi cuidadosamente as minhas palavras.

— Aprecio. É uma sobremesa excelente.

— Se você parasse de comê-la, como é que se sentiria?

— Bem... — Hesitei, sem saber ao certo aonde a conversa estava levando.

— Para falar a verdade, ficaria desapontada. Não vejo a hora de comer um pedaço todas as manhãs.

— Alguma vez precisou de um pouco de Criollo? — Valek inquiriu.

Por fim, entendi aonde ele queria chegar com aquelas perguntas.

— Como um vício?

Ele assentiu.

— Eu acho que não, mas...

— Mas o quê?

— Eu como apenas uma vez por dia. O Comandante come um pedaço após cada refeição, incluindo o lanche da noite. Por que essa preocupação súbita? — perguntei.

— Apenas um pressentimento. Pode não ser nada demais.

Valek ficou em silêncio durante o restante do percurso.

— Bem, Valek, alguma nova promoção? — o Comandante perguntou quando adentramos seu escritório.

— Não. Mas Maren demonstra potencial. Infelizmente, ela não quer se juntar à minha tropa ou ser minha segunda em comando. Ela apenas quer me derrotar.

Valek sorriu, adorando o desafio.

— E acha que ela consegue? — o Comandante indagou, erguendo a sobrancelha.

— Com tempo e com o treinamento adequado. Ela é mortal com o cajado. Apenas precisa trabalhar mais suas táticas.

— Sendo assim, o que faremos com ela?

— Promova-a a general e aposente alguns daqueles fanfarrões. Poderíamos usar um pouco de sangue fresco no alto escalão.

— Valek, você nunca conseguiu entender direito como funciona a estrutura militar.

— Nesse caso, promova-a a primeiro-tenente hoje. A capitão amanhã, a major no dia seguinte. Em seguida a coronel e, por fim, a general.

— Vou pensar no assunto. — O Comandante me lançou um olhar irritado. Eu estava me demorando e ele notara. — Mais alguma coisa? — ele perguntou a Valek.

Terminei a prova, pousei a bandeja do Comandante sobre a mesa e segui para a porta. Valek segurou o meu braço.

— Quero fazer uma experiência. Quero que Yelena prove o Criollo todas as vezes em que você o comer por uma semana; depois, semana que vem, eu o provarei. Quero ver se alguma coisa acontece com ela quando parar de comer a sobremesa.

— Não. — O Comandante ergueu a mão quando Valek fez menção de começar a discutir. — Entendo sua preocupação, mas a considero infundada.

— Faça a minha vontade.

— Podemos tentar sua experiência assim que Rand duplicar a receita do general Brazell. Aceitável?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Quero que se junte a mim em uma reunião com o general Kitvivan. Estamos no início da estação fresca e ele já está preocupado com os leopardos da neve. — Os olhos do Comandante me encontraram. — Yelena, você está dispensada.

— Sim, senhor — respondi.

Após dar uma passada no local de banhos para me lavar, visitei a cozinha para pegar emprestadas uma peneira grande e uma vasilha, que levei comigo para a biblioteca. As quatro favas restantes haviam escurecido e estavam começando a apodrecer, sendo assim, eu as abri, raspei a polpa amarronzada e as sementes, depositando-as no escorredor, e o coloquei sobre a vasilha. O fundo e as laterais estavam suspensos sobre o interior da vasilha graças às extensões de metal da peneira. O odor forte das sementes espalhou-se pelo aposento. Coloquei a vasilha no parapeito e abri a janela para arejar o

ambiente. Meu experimento não se baseava em qualquer experiência científica. Apenas queria ver se a polpa iria fermentar. Talvez Brazell a estivesse usando para fazer algum tipo de bebida alcoólica.

Até agora, nada de útil fora revelado pela minha leitura cuidadosa dos vários livros de botânica. Os livros sobre venenos, apesar de interessantes, não faziam menção ao Pó de Borboleta. Em quatro diferentes volumes sobre venenos, eu descobrira páginas faltando. Despontando das lombadas, havia bordas acidentadas onde o papel fora rasgado. Valek provavelmente removera toda e qualquer informação pertinente há muito tempo, antecipando-se a qualquer interesse que o provador de comidas pudesse ter pelo Pó de Borboleta.

Suspirando, empilhei os livros em um canto da minha mesa. Sabia que Valek estava em reunião com o Comandante, sendo assim retirei o livro sobre magia de minha mochila. As letras prateadas do título reluziam. Senti um frio na barriga.

Abrindo o volume fino, comecei a ler uma discussão técnica sobre a fonte do poder de um mago. Incapaz de entender todas as descrições detalhadas, apenas pressenti que a fonte de poder cobre o mundo inteiro, tornando-a acessível de qualquer ponto.

Dependendo dos seus talentos, os magos usavam esse poder de maneiras diferentes. Alguns eram capazes de mover objetos, enquanto outros podiam ler e influenciar mentes. Curar, a capacidade de dar início a chamas e a comunicação mental também eram habilidades mágicas. Alguns podiam fazer apenas uma coisa, quanto mais forte o feiticeiro, mais magia ele era capaz de fazer. Um feiticeiro fraco só era capaz de ler a mente de alguém, ao passo que um mais poderoso não apenas podia ler, como também se comunicar e até controlar a mente de outra pessoa. Estremeci ante a ideia de Irys controlando minha mente.

Contudo, feiticeiros tinham que tomar cuidado ao usar o poder. Ao exigir demais da fonte ou abusar dela, um feiticeiro podia causar fendas que seriam capazes de dar início a uma ondulação. Essa ondulação, ou deformação, podia concentrar o poder em certas regiões, deixando outros lugares completamente desguarnecidos. Oscilando imprevisivelmente, outra onda poderia reverter a quantidade de poder disponível. Para canalizar o poder, os

magos teriam que buscar regiões de poder, porém quando encontrassem um bolsão, não saberiam quanto tempo ele duraria.

O livro falava de uma época em que um mago forte obtivera acesso à fonte, puxando-a para si. Por ser tão poderoso, ele foi capaz de controlar a manta sem causar uma explosão. Os outros magos se viram descobertos. Privados de seu poder, eles se uniram à procura dele. Assim que o encontraram, e após uma batalha que resultou em muitos mortos, eles canalizaram a fonte roubada e o mataram. Com o tempo, a manta se alisara e retornara ao normal, mas isso levava mais de duzentos anos.

Passando os dedos pelas letras em alto-relevo na capa, eu agora entendia por que Irys estava tão determinada na resolução de que eu fosse treinada ou morta. Quando minha magia atingisse o ponto de combustão, causaria sérias ondulações na manta de poder. Desapontada que o livro não contivesse feitiços ou lições de magia, afundei na cadeira. Estava esperando respostas. Algo do tipo: é por isso que você tem o poder, é assim que deve usá-lo, e, já que estamos falando nisso, é assim que se prepara o antídoto para o Pó de Borboleta.

Era querer muito e, sem dúvida, algo perigoso demais para eu depositar minhas esperanças. Felicidade, liberdade e esperança não estavam no meu futuro. Jamais haviam estado, nem mesmo quando ainda era uma criança ignorante no orfanato de Brazell. Apesar de torcer por uma vida normal, fora criada como uma cobaia para os experimentos dele.

Permitindo-me ser dominada pela autopiedade, fiquei largada na cadeira até o sol se pôr. Quando os músculos de minhas pernas começaram a latejar devido à inatividade, fiquei de pé e pus de lado a tristeza. Se não conseguia achar o antídoto nos livros, eu o encontraria em outro lugar. Alguém tinha que saber alguma coisa. Houvera provadores de comida trabalhando para o comandante Ambrose por 15 anos. Se ninguém pudesse me ajudar, eu encontraria uma outra maneira, talvez roubando o antídoto, ou seguindo Valek até a fonte. Habilidades que eu não possuía, mas que estava determinada a aprender.

Na manhã seguinte, preparada e com o estômago vazio, eu me juntei ao fluxo de soldados correndo. Ari e Janco me ultrapassaram. Janco acenou e

sorriu para mim travessamente. Mais tarde, quando escutei pesadas passadas atrás de mim, presumi que fosse Janco aprontando alguma.

Afastei-me para o lado para lhe permitir a passagem, porém o corredor continuou nos meus calcanhares. Olhei para trás a tempo de ver Nix estender os braços. Suas mãos se chocaram com as minhas costas. Eu fui empurrada para frente, caindo no chão. Quando Nix passou por cima de mim, sua bota atingiu meu plexo solar, expulsando o ar de meus pulmões.

A dor brotou no meu peito. Tentei respirar enquanto me encolhia em posição fetal no chão. Assim que recuperei o fôlego, procurei me sentar no chão. O fluxo de soldados continuava intenso, e eu me perguntei se alguém havia testemunhado o que aquele canalha fizera.

Se estava tentando me desencorajar, estava indo pelo caminho errado. Nix apenas aumentara minha determinação de aprender autodefesa, para que eu não fosse mais vítima de animais como ele. Fiquei de pé e aguardei o próximo circuito de Nix, porém ele não retornou.

Ari se deteve.

— O que houve?

— Nada.

Nix, assim como Margg, era problema meu. Se eu mesma não lidasse com ele, o desgraçado jamais me deixaria em paz. Senti uma pontada de dúvida na boca do estômago. Fora esse tipo de pensamento que me jogara no calabouço, aguardando a execução.

— Seu rosto está coberto de sangue — Ari disse.

Enxuguei o sangue na manga do uniforme.

— Eu cáí.

Antes que ele pudesse me interrogar mais, mudei de assunto, oferecendo-lhe outra coisa no que pensar. Repeti o conselho de Valek sobre esconder nossas sessões de treinamento. Ari concordou que era prudente treinarmos “em segredo”. Ele se ofereceu para encontrar um local adequado.

— Você é Maren, não é? — perguntei enquanto me esforçava para inspirar.

Eu vinha correndo há uma semana e, essa manhã, ajustara o meu ritmo para correr ao lado de Maren.

Ela lançou um olhar rápido em minha direção, avaliando-me. Seu cabelo louro estava preso para trás em um rabo de cavalo. Ombros largos e musculosos acima de uma cintura fina faziam seu corpo parecer desproporcional. Ela se movia com facilidade atlética, e eu tinha que me esforçar para acompanhar suas passadas largas.

— E você é a vomitadora — Maren retrucou.

Foi um insulto proferido com um propósito determinado. Ela estava muito interessada em minha reação. Se quisesse me dispensar, simplesmente teria feito o comentário e se afastado correndo, sem se dar ao trabalho de observar minha reação.

— Já fui chamada de coisa pior.

— Por que faz isso? — Maren perguntou.

— O quê?

— Correr até vomitar.

— Cinco circuitos era minha meta estabelecida. Não gosto de falhar. — Recebi outro olhar avaliador. Com minhas palavras sendo proferidas em bufadas de ar, sabia que não conseguiria manter aquela conversa por muito tempo. — Assisti à sua luta contra Valek. Soube que é a melhor com um cajado. Quero aprender a manejá-lo.

Ela desacelerou um pouco.

— Quem lhe disse isso?

— Ari e Janco.

Maren fungou, como se eu houvesse sido enganada por um vigarista.

— Amigos seus?

— São.

Sua boca desenhou um ligeiro *o* ao fazer a conexão mental.

— Eles a encontraram na floresta. Os rumores dizem que a estavam treinando, porém você desistiu. Será que a empurraram para mim?

— O problema com rumores — eu disse, ofegante — é a dificuldade de separar a verdade das mentiras.

— E a razão pela qual eu lhe doaria o meu tempo?

Eu previra tal pergunta.

— Informação.

— Sobre o quê?

— Quer derrotar Valek, não quer?

Seus olhos acinzentados se concentraram em mim como duas espadas pontiagudas me pressionando a pele.

Com o que restou de meu fôlego, eu disse:

— Venha até a entrada leste do castelo essa tarde, às duas, e eu lhe contarei.

Incapaz de continuar acompanhando-lhe o ritmo, desacelerei. Ela seguiu à frente. Eu a perdi de vista em meio à multidão de soldados.

Durante o resto da manhã, repassei mentalmente a conversa, tentando adivinhar a resposta dela enquanto provava a comida do Comandante. Às duas da tarde, estava esperando na entrada leste do castelo, mordendo o lábio inferior. Ari e Janco haviam espalhado o rumor de que meu treinamento havia sido interrompido. Eu correria um grande risco sugerindo para Maren que isso poderia não ser verdade. Quando avistei um vulto alto carregando dois cajados vindo na minha direção, minha ansiedade se viu um pouco aliviada.

Maren se deteve ao adentrar o corredor. Ela me avistou apoiada na parede.

Antes que ela pudesse fazer qualquer comentário, eu disse:

— Siga-me.

Eu a conduzi até um corredor deserto, onde Janco e Ari estavam aguardando.

— Suponho que não se possa confiar em mexericos — Maren disse para Ari.

— Não. Mas há certos rumores que gostaríamos que perdurassem.

Havia um ligeiro tom de ameaça nas palavras de Ari. Maren o ignorou.

— Muito bem, Vomitadora, qual é sua informação? E é melhor ela ser boa, ou eu estou fora.

O rosto de Ari ficou vermelho e pude notar que ele engoliu um comentário. Janco, como sempre, sorria com expectativa.

— Bem, do modo que eu vejo as coisas, nós quatro podemos ajudar uns aos outros. Ari, Janco e eu queremos aprender a lutar com o cajado. Você quer derrotar Valek. Trabalhando juntos, talvez possamos alcançar nossos objetivos.

— E como é que ensiná-los vai me ajudar em uma luta contra Valek? —

Maren perguntou.

— Você é habilidosa com o cajado, porém suas táticas de combate precisam ser aprimoradas. Ari e Janco podem ajudá-la com isso.

— Uma semana de treinamento e a Vomitadora acha que é uma perita — Maren disse para Ari, em tom de incredulidade.

Ele ficou calado, porém seu rosto tornou-se mais sombrio.

— Não sou perita, mas Valek é.

Ela me lançou um olhar frio.

— Ele disse isso? Sobre mim?

Assenti.

— Nesse caso, eu ensino o manejo do cajado, e Ari e Jan ensinam táticas. Qual é a sua contribuição?

Gesticulei na direção de nós quatro.

— Isso. E... — Hesitei, sem saber ao certo se minha oferta seguinte seria de algum valor. — Poderia lhes ensinar algumas acrobacias e ajudá-los a adquirir maior flexibilidade e equilíbrio, o que poderia beneficiá-los em uma luta.

— Diabos. — Janco estava impressionado. — Ela tem razão. E quatro fazem um grupo de treinamento muito melhor do que três.

Irritada, Maren lançou um olhar na direção de Janco. Esse sorriu com doçura para ela.

— Muito bem. Faremos um período de experiência. Se não der certo, estou fora. — Antes que alguém pudesse protestar, ela disse: — Não se preocupem. Posso dar ouvidos aos rumores, mas não os espalho.

Assim que selamos o acordo com um aperto de mãos, minha apreensão desapareceu. Nós mostramos a ela onde vínhamos nos encontrando na última semana.

— Aconchegante — Maren comentou ao entrar na nossa sala de treinamento.

Ari encontrara um depósito abandonado no nível inferior do canto sudoeste deserto do castelo. Duas janelas próximas ao teto deixavam entrar luz suficiente para que treinássemos.

Passamos o tempo restante praticando as noções básicas do combate com o cajado.

— Nada mal, Vomitadora — Maren disse, ao final da sessão. — Vejo algum potencial.

Quando ela pegou seus cajados para ir embora, Ari pousou a enorme mão no seu ombro.

— O nome dela é Yelena. Se não quer chamá-la pelo nome, não precisa voltar amanhã.

Podia ver minha expressão de surpresa espelhada no rosto de Maren, mas ela se recobrou mais rápido do que eu. Assentindo discretamente, retirou a mão de Ari de seu ombro e foi embora. Eu me perguntei se ela voltaria a se juntar a nós.

Ela retornou no dia seguinte e compareceu sem falta pelos próximos dois meses, enquanto treinamos juntos durante a estação refrescante. O ar tinha um cheiro viçoso e, como o nome da estação dizia, cada dia a temperatura parecia ficar mais fresca do que no dia anterior. As flores vibrantes da estação quente murchavam, enquanto as copas das árvores iam ficando alaranjadas, avermelhadas e, por fim, amarronzadas. As folhas caíram no chão e foram levadas embora pelas chuvas constantes.

Minha pesquisa sobre as favas não dera em nada, mas Valek não parecia preocupado com minha falta de progresso. De vez em quando, ele nos observava treinando, oferecendo comentários e sugestões.

Nix continuava a me atormentar durante as corridas matinais. Ele jogava pedras, cuspiu em mim e me fazia tropeçar. Tive que mudar minha rotina para evitá-lo, correndo os meus circuitos ao redor da parede externa do complexo do castelo. Minhas habilidades de defesa ainda estavam nos estágios iniciais e não eram suficientes para um confronto com Nix. Pelo menos, ainda não. Havia vantagens em se correr pelo lado de fora do complexo. A grama macia maltratava muito menos os meus pés do que a terra batida no interior do complexo e, correndo antes da alvorada, eu não encontrava ninguém, o que contribuía para dar a ilusão de que eu desistira de treinar.

No final da estação refrescante, os dias iam ficando mais curtos e nossos treinamentos se encerravam com o pôr do sol. Na penumbra do crepúsculo, eu estava seguindo para o banho, movendo-me com cuidado devido a algumas costelas machucadas. Janco, o irritante coelho saltador, atravessara

minhas defesas com seus golpes ligeiros.

Ao aproximar-me da entrada do local de banho, notei uma enorme sombra desprendendo-se da parede de pedra. Alarmada, dei um passo para trás, assumindo uma posição de defesa. Medo, empolgação e dúvida percorreram meu corpo. Será que eu precisaria me defender? Será que conseguiria? Deveria sair correndo?

O vulto largo de Margg tomou forma nas sombras e eu relaxei um pouco.

— O que você quer? — perguntei. — Está cuidando de alguma incumbência dada por seu dono, como uma cadelinha obediente?

— Antes isso do que ser uma ratazana presa em uma ratoeira.

Avancei, forçando a passagem por ela. Apesar da troca de insultos ser divertida, era perda de tempo.

— Será que a ratazana gostaria de um pouco de queijo? — ela perguntou.

Eu me virei.

— O quê?

— Queijo. Dinheiro. Ouro. Aposto que você é o tipo de ratazana que faria qualquer coisa por um pedaço de queijo.

— E o que eu teria que fazer para conseguir um pedaço de queijo? — perguntei.

Eu sabia! Era Margg quem estava vazando informações a meu respeito. Enfim poderia provar.

— Tenho uma fonte que paga bem por informações. É o arranjo perfeito para uma pequena ratazana — Margg respondeu.

— Que tipo de informações?

— Qualquer coisa que você possa escutar enquanto estiver cuidando de seus afazeres no escritório do Comandante, ou na suíte de Valek. Meu contato tem uma escala de pagamento. Quanto mais interessante a notícia, maior o pedaço de queijo.

— Como é que isso funciona?

Minha mente estava trabalhando a toda. Naquele momento, era a palavra dela contra a minha. Precisava de provas que pudesse mostrar a Valek. Poder entregar Margg e sua fonte seria perfeito.

— Você me entrega a informação e eu a passo adiante — ela explicou. — Recolho o dinheiro e o entrego para você, descontada uma taxa de quinze por cento.

— E devo acreditar que você se ateria a uma comissão de quinze por cento de um total que eu desconheceria por completo?

Ela deu de ombros.

— É isso ou nada. Pensei que uma ratazana morta de fome como você adoraria qualquer pedacinho de queijo, por menor que fosse.

Margg começou a se afastar.

— E se nós fôssemos juntas até sua fonte? — sugeri. — Você ainda receberia a sua parte.

Ela se deteve. Um vínculo de incerteza marcou seu rosto carnudo.

— Precisarei consultá-la.

Ela desapareceu corredor abaixo.

Demorei-me do lado de fora do local de banhos por algum tempo, considerando a possibilidade de seguir Margg por alguns dias, porém descartei a ideia. Se seu contato não gostasse da minha ideia, eu voltaria correndo para Margg com o rabinho entre as pernas, implorando outra chance. Ela adoraria isso! E então eu a seguiria. Desmascará-la como sendo a traidora para Valek seria um prazer.

Minha conversa com Margg acabou consumindo meu tempo para o banho, sendo assim segui para o escritório do Comandante. Quando cheguei, Sammy, o ajudante de cozinha de Rand, estava do lado de fora da porta fechada, segurando uma bandeja de comida. Eu podia escutar uma voz abafada e zangada vinda de lá de dentro.

— O que está acontecendo? — perguntei para Sammy.

— Estão discutindo — ele respondeu.

— Quem?

— O Comandante e Valek.

Tomei a bandeja de comida esfriando das mãos de Sammy. Não havia razão para os dois permanecerem ali.

— Pode ir. Estou certa de que Rand deve estar precisando de você.

Sammy sorriu aliviado e saiu correndo pela sala do trono. Eu já vira a cozinha durante a hora do jantar. Serventes e cozinheiros zanzavam de um lado para o outro como abelhas, com Rand coordenando o caos. Gritando ordens, ele controlava a equipe da cozinha como a abelha-rainha da colmeia.

Sabendo que o Comandante detestava comida fria, fiquei perto da porta, aguardando uma interrupção na conversa. De onde estava, podia escutar Valek com clareza.

— O que o levou a mudar seu sucessor? — Valek exigiu saber.

A resposta tranquila do Comandante atravessou a porta de madeira como um murmurinho indecifrável.

— Nos 15 anos em que o conheço, você *já* voltou atrás em uma decisão. — O tom de voz de Valek tornou-se mais sensato. — Isso não é um estratagema para descobrir seu sucessor. Apenas quero saber por que mudou de ideia. Por que agora?

A resposta não agradou a Valek. Com uma pontada de sarcasmo na voz, ele disse:

— Sempre, senhor.

Valek abriu bruscamente a porta. Eu cambaleei para dentro do escritório.

A expressão de seu rosto era glacial. Apenas os olhos revelavam sua fúria. Era uma piscina de lava derretida sob uma crosta gelada.

— Yelena, onde diabos esteve? O Comandante está esperando seu jantar.

Sem esperar uma resposta, Valek atravessou apressadamente a sala do trono. Conselheiros e soldados trataram de se afastar de seu caminho.

A fúria de Valek parecia exagerada. Todo mundo em Ixia sabia que um dos oito generais fora escolhido para ser o sucessor do Comandante. Seguindo o costume paranoico típico do governo do Comandante, o nome do selecionado fora mantido em segredo. Cada general tinha um envelope contendo parte do quebra-cabeça. Quando o Comandante morrer, eles juntarão o quebra-cabeça que revelará uma mensagem criptografada. Uma chave será necessária para decifrar o recado. Uma chave que apenas Valek possuía. O General escolhido então teria todo o apoio dos militares e do pessoal do Comandante.

A teoria por detrás do quebra-cabeças é que o sigilo evitaria que alguém promovesse uma rebelião em apoio ao herdeiro escolhido, visto que ninguém saberia a identidade do herdeiro. Outra restrição era o risco de o herdeiro ser ainda pior do que o Comandante. Até onde eu sabia, a mudança do general escolhido provavelmente não afetaria o dia a dia da vida em Ixia. Não sabíamos quem originalmente fora selecionado e a troca só implicaria alguma coisa depois que o Comandante morresse.

Aproximei-me da mesa do comandante Ambrose. Ele lia seus relatórios sem se deixar afetar pela fúria de Valek. Realizei uma prova rápida de seu

jantar, ele me agradeceu pela comida e depois me ignorou.

Voltando para o local de banho, perguntei-me se a informação que acabara de escutar não obteria um preço decente do contato de Margg. Reprimi minha curiosidade. Não estava disposta a cometer traição em troca de dinheiro. Apenas queria sair viva de minha presente situação. E, conhecendo Valek, não tinha dúvidas de que ele seria capaz de descobrir qualquer encontro clandestino entre Margg e eu. O que já era motivo suficiente para me levar a provar que, independente do que Margg pudesse achar, eu não era espiã. Apenas a imagem mental dos olhos ardentes de Valek focalizados em mim já era capaz de fazer uma descarga de medo percorrer meu corpo.

Um demorado banho trouxe alívio para minhas costelas doloridas. Visto que ainda era cedo, achei prudente evitar Valek durante algum tempo. Dei uma passada na cozinha para um jantar tardio. Após me servir de sobras da carne assada e de um bom pedaço de pão, levei meu prato até onde Rand estava trabalhando. Havia uma bagunça de vasilhas, potes e ingredientes espalhada por sobre a bancada. Olheiras profundas margeavam os olhos injetados de sangue, e seu cabelo castanho estava colado à cabeça, no local por onde ele acabara de passar as mãos molhadas.

Achei um banquinho e um lugar livre na mesa de Rand, onde pude comer meu jantar.

— O Comandante a enviou? — Rand perguntou.

— Não. Por quê?

— Enfim recebi a receita de Criollo de Ving, há dois dias. Pensei que o Comandante pudesse estar começando a ficar impaciente.

— Ele não me disse nada.

Dois enormes carregamentos de Criollo, sem receita, haviam chegado para o Comandante desde que Brazell deixara o castelo. Cada uma das vezes, o Comandante respondera com um “obrigado” e outra solicitação da receita. Como a quantidade recebida fora razoável, o Comandante entregara um pouco de Criollo a Rand, para que ele pudesse fazer algumas experiências. Rand não desapontara. Ele o derreteria, o misturara com bebidas quentes, inventara sobremesas novas, cortara o Criollo no formato de flores e outras decorações comestíveis para bolos e tortas.

Observei enquanto Rand batia uma massa cor de mogno com movimentos

curtos e acelerados.

— Como estão indo as coisas? — perguntei.

— Terríveis. Já segui repetidamente essa receita apenas para obter uma lama de gosto horrível. — Rand bateu a colher na beirada da vasilha para soltar a massa pastosa. — Ela sequer se solidifica. — Ele me passou uma folha de papel branco coberta de manchas marrons e de farinha. — Talvez você consiga ver o que é que estou fazendo de errado.

Estudei a lista de ingredientes. Parecia ser uma receita normal, mas eu não era nenhuma especialista no assunto. Por outro lado, provar estava se tornando minha especialidade. Peguei uma colherada da massa e a despejei sobre a língua. Um enjoativo sabor doce invadiu minha boca. A textura era suave e a massa envolveu a minha língua como o Criollo, mas estava faltando o gosto de nozes ligeiramente amargo que contrabalançava a doçura.

— Talvez a receita esteja errada — eu disse, entregando a folha de volta para Rand. — Coloque-se no lugar de Ving. O comandante Ambrose adora Criollo, e você tem a única cópia da receita. Será que iria querer abrir mão dela? Ou a usaria para conseguir uma transferência?

Rand largou-se cansadamente sobre um banco.

— O que eu faço? Se não conseguir fazer o Criollo, o Comandante provavelmente vai me transferir. Meu ego não suportará.

Ele esboçou um débil sorriso.

— Conte para o Comandante que a receita é falsa. Culpe Ving por sua inabilidade em duplicar o Criollo.

Suspirando, Rand passou as mãos pelo rosto.

— Não consigo lidar com esse tipo de pressão política. — Ele massageou as pálpebras com as pontas dos dedos compridos. — Neste exato instante, eu mataria por uma xícara de café, mas acho que vou ter que me contentar com vinho.

Ele abriu o armário e tirou de lá de dentro uma garrafa e dois copos.

— Café?

— Você é jovem demais para se lembrar, mas antes da tomada de poder, nós importávamos essa bebida absolutamente maravilhosa de Sitia. Quando o Comandante fechou as fronteiras, nós perdemos uma lista interminável de itens de luxo. De todos eles, o que mais me faz falta é o café.

— E quanto ao mercado negro?

Rand riu.

— Provavelmente deve estar disponível. Mas não há lugar nesse castelo onde eu poderia prepará-lo sem ser descoberto.

— Provavelmente vou me arrepender de perguntar isso, mas por que não?

— O cheiro. O aroma forte e distinto do café me entregaria. O cheiro do café sendo preparado é capaz de se espalhar por todo o castelo. Antes da tomada, eu acordava todos os dias ao senti-lo. — Rand voltou a suspirar. — O trabalho de minha mãe era moer os grãos do café e encher as panelas de água. É muito semelhante ao preparo do chá, porém seu sabor é muito superior.

Endireitei-me no meu banco ao escutar a palavra *grãos*.

— Qual é a cor dos grãos de café?

— Marrom. Por quê?

— Apenas curiosidade — respondi calmamente, porém a empolgação fervilhava no meu íntimo.

Meus grãos misteriosos eram marron e Brazell tinha idade para conhecer o café. Talvez ele sentisse falta da bebida e planejasse produzi-la.

Meus esforços em fermentar a polpa das favas resultaram em um líquido ralo de cor castanha, com um gosto horrível. As sementes roxas no interior da polpa haviam ficado encharcadas e cobertas de moscas. Eu fechara a janela e secara as sementes no parapeito. Ao secarem, as sementes ficaram marrons, lembrando em gosto e aparência os grãos da caravana. Apesar de animada por ter conseguido conectar as favas aos grãos, minha empolgação não durara muito, por não ter sido capaz de descobrir mais nada.

— O café é doce? — perguntei.

— Não. É amargo. Minha mãe costumava acrescentar açúcar e leite à metade das porções que preparava, mas eu sempre o apreciei puro.

Meus grãos eram amargos. Não podia mais ficar parada. Tinha de descobrir se Valek se lembrava de café. Não me sentia à vontade perguntando a Rand, visto que não sabia se Valek iria querer que ele soubesse das favas sulistas.

Depois de me despedir de Rand, que fitava com tristeza sua massa fracassada enquanto bebia o vinho, voltei correndo para a suíte de Valek. Fui

recebida pelo som de livros batendo no chão. Valek caminhava pela sala de estar, derrubando aos chutes as pilhas de livros. Destroços de pedras acinzentadas recobriam o chão e marcavam crateras de impacto nas paredes. Ele estava com uma pedra em cada mão.

Eu quisera discutir minha hipótese do café com ele, mas decidi aguardar. Infelizmente, Valek me avistou olhando para ele.

— O que você quer? — ele rosnou.

— Nada — resmunguei, e fugi para meu quarto.

Por três dias suportei o mau humor de Valek. Ele o descarregava em cima de mim em toda oportunidade que tinha, entregando-me bruscamente o antídoto, falando com rispidez e me fitando com raiva cada vez que eu adentrava o recinto. Cansada de evitá-lo e de me esconder no meu quarto, decidi ir falar com ele. Valek estava sentado à mesa, de costas para mim.

— Posso ter descoberto o que são aqueles grãos.

Não foi a melhor maneira de puxar conversa. O que eu realmente queria dizer era “Qual é o seu problema?”, mas achei melhor experimentar uma abordagem mais suave.

Ele virou-se para me fitar. A energia de sua fúria se dissipara, sendo substituída por uma frieza de gelar o sangue.

— É mesmo?

Não havia muita convicção na sua voz. A intensidade de seu olhar se extinguiu.

Dei um passo para trás. Sua indiferença era mais assustadora do que a sua raiva.

— Eu... — Sentindo a boca ressecada, engoli em seco. — Eu estava conversando com Rand e ele mencionou como sentia falta de café. Você se lembra de café? Era uma bebida sulista.

— Não.

— Acho que nossos grãos podem ser café. Já que não sabe o que é café, talvez eu deva mostrá-los para Rand. Se é que não se importa...

Hesitei. Minha sugestão parecera a de uma criança implorando um doce.

— Vá em frente. Compartilhe sua ideia com Rand. Seu camarada, seu melhor amigo. Você é exatamente como ele.

Um sarcasmo gélido podia ser notado nas palavras de Valek. Fiquei

atônita.

— O quê?

— Faça como quiser. Eu não me importo.

Valek me deu as costas.

Eu cambaleei até meu quarto e tranquei a porta com dedos trêmulos. Encostando-me na porta, repassei na cabeça a última semana em busca de alguma pista para entender o distanciamento de Valek. Não conseguia me lembrar de nada que se destacasse. Mal havíamos trocado duas palavras e, até agora, supusera que sua raiva se dirigisse ao Comandante.

Talvez ele houvesse descoberto o meu livro de magia. Talvez suspeitasse que eu tivesse algum poder mágico. O medo substituiu minha confusão. Deitada na cama durante a noite, fitei a minha porta. Com os nervos à flor da pele, aguardava o ataque de Valek. Sabia que estava exagerando as coisas, mas não conseguia me conter. Não conseguia apagar da cabeça o modo como ele olhara para mim, como se eu já estivesse morta.

A alvorada chegou e segui pelo meu dia como uma zumbi. Valek me ignorou. Nem mesmo o humor sempre presente de Janco conseguiu me tirar daquele estado de pânico.

Aguardei alguns dias antes de levar os grãos para mostrar a Rand. Ele estava de melhor humor. Um enorme sorriso apareceu no seu rosto e ele me recebeu com uma oferta de um enroladinho de canela.

— Não estou com fome — eu disse.

— Há dias que você não come. O que há de errado? — Rand perguntou.

Esquivei-me de sua pergunta, indagando sobre o Criollo.

— Seu plano funcionou. Informei ao Comandante que a receita de Ving estava errada e ele disse que cuidaria de tudo. Depois me perguntou se eu estava satisfeito com a equipe da cozinha, se ela estava trabalhando bem. Se eu precisava de mais ajuda. Eu apenas o fitei, sentindo-me como se estivesse no aposento errado. Normalmente sou recebido com desconfiança e dispensado com uma ameaça.

— Isso não parece ser um relacionamento saudável.

Rand empilhou algumas vasilhas e endireitou uma fileira de colheres. Seu sorriso desapareceu.

— Na melhor das hipóteses, minha interação com o Comandante e Valek

poderia ser considerada turbulenta. Sendo um tanto quanto jovem e rebelde após a tomada de poder, eu tentei tudo quanto era truque de sabotagem possível. Servi leite azedo para o Comandante, pão dormido, legumes passados e até mesmo carne crua. Naquela altura, estava apenas tentando ser um transtorno. — Ele pegou uma colher e a bateu de leve contra o joelho. — Acabou se tornando uma guerra para ver quem se renderia primeiro. O Comandante estava determinado a me ter como cozinheiro, e eu estava determinado a ser preso ou transferido.

Tump, tump, tump fazia a colher, e Rand continuou sua história com a voz rouca.

— E, então, Valek fez de minha mãe a provadora de comida. Isso foi antes da implementação do maldito Código de Conduta. Não suportava a ideia de ela ter que provar o lixo que eu servia ao Comandante.

Tristezas antigas se manifestaram no rosto de Rand. Ele girava a colher por entre os dedos.

As palavras me falharam. O receio me deixou arrepiada quando contemplei o destino da mãe de Rand.

— Depois que o inevitável aconteceu, tentei fugir, mas eles me capturaram antes que eu chegasse à fronteira com o Sul. — Rand esfregou o joelho esquerdo. — Esmagaram minha rótula, aleijando-me como se eu fosse um maldito cavalo. Ameaçaram fazer o mesmo com o outro joelho se eu fugisse novamente. E aqui estou. — Ele fungou, jogando todas as colheres para fora da mesa. Elas caíram ruidosamente no chão. — Prova o quanto eu mudei. O Comandante é bonzinho comigo e eu fico feliz. Costumava sonhar em envenenar o canalha, em dar o passo derradeiro de nosso conflito. Mas eu tenho esta fraqueza de me importar com os provadores de comida. Quando Oscove morreu, prometi a mim mesmo que jamais me importaria novamente. — Rand pegou a garrafa de vinho. — Só que eu falhei. Mais uma vez.

Ele voltou para seu quarto.

Curvei-me sobre a mesa, lamentando o comentário que trouxera tristeza a Rand. Meus bolsos pesavam de modo constrangedor com os grãos. Mexi-me no meu assento. Liza teria todos os motivos para me culpar por essa mudança de humor. Sob a perspectiva de Rand, os atos de Valek com relação à sua mãe deviam parecer duros, mas, pensando sob o ponto de vista de Valek,

faziam sentido. O trabalho dele era proteger o Comandante.

Passei os próximos dois dias em torpor. Os acontecimentos não passaram de borrões em minha mente. Provando, treinando, provando, treinando. Os impropérios de Ari e Janco, tentando me animar, não exerceram efeito. A notícia de que eu poderia começar a treinar defesa com uma faca não despertou qualquer entusiasmo. Meu corpo parecia tão desprovido de vida quanto o cajado em minhas mãos.

Quando Margg se materializou após uma sessão de treinamento para me informar que um encontro com seu contato fora marcado para a noite seguinte, foi com grande dificuldade que reuni forças para responder.

Pensei em cada cenário, e cada combinação de acontecimentos me levava a uma conclusão. Quem acreditaria em mim se eu relatasse o encontro? Ninguém. Precisava de uma testemunha que também pudesse ser meu protetor. O nome de Ari me veio à mente. Contudo, não queria que qualquer suspeita recaísse sobre ele em caso de algo dar errado. Também era possível que o contato de Margg tivesse um chefe, ou até uma rede de informantes, e eu poderia estar dando um passo muito maior do que minha perna. Por mais que não quisesse admitir, havia apenas um curso de ação a ser seguido, e este levava a uma pessoa: Valek.

Receava o encontro. Minha interação com ele se resumira à constrangedora entrega do meu antídoto, todas as manhãs. Porém, após a prova do jantar do Comandante, com o estômago dando saltos, fui à procura de Valek. Seu escritório estava trancado, de modo que tentei a suíte. Ele não estava na sala de estar, porém escutei um som baixinho vindo lá de cima. Uma fresta de luz brilhava sob a porta do estúdio de esculturas de Valek. Um irritante barulho metálico me deixou toda arrepiada.

Hesitei diante da porta. Devia ser a pior hora possível para incomodá-lo, contudo, eu teria que me encontrar com o contato de Margg no dia seguinte. Não havia tempo a ser desperdiçado. Reunindo coragem, bati e abri a porta sem aguardar uma resposta.

O lampião de Valek tremeluziu. Ele parou de amolar sua ferramenta. O amolador girou em silêncio, refletindo alfinetadas de luz que giravam ao longo das paredes e do teto.

Ele perguntou:

— O que foi?

— Recebi uma oferta. Alguém quer me pagar por informações sobre o Comandante.

Ele voltou-se para mim. Seu rosto estava semioculto pelas sombras, porém suas feições eram tão duras quanto a pedra que trazia nas mãos.

— E por que está me contando?

— Achei que, talvez, quisesse vir junto. Talvez se trate de quem está vazando informações a meu respeito.

Ele me fitou com intensidade.

Lamentei não ter uma pedra pesada na mão, pois tive a vontade súbita de acertá-la na cabeça dele.

— Espionagem é ilegal. Pode ser que queira realizar uma prisão, ou, talvez, fornecer algumas informações falsas para o contato. Não se esqueça que você domina a arte da espionagem. Ou será que também já se entediou com isso?

A raiva estava evidente em minhas palavras.

Inspirei fundo, preparada para dizer-lhe poucas e boas, contudo, minha raiva passou calada por entre meus dentes cerrados. Notei uma ligeira suavidade no rosto de Valek. Ele dava mostras de renovado interesse, como se viesse retesando todos os seus músculos e simplesmente houvesse acabado de relaxá-los.

— Quem? — perguntou, por fim. — E quando?

— Margg me abordou e mencionou um contato. Vamos nos encontrar amanhã à noite.

Estudei-lhe a expressão. Não sabia dizer se ele ficara magoado ou surpreso com a traição de Margg. Interpretar os sentimentos de Valek era como tentar decifrar uma língua estrangeira.

— Muito bem. Prossiga como planejado. Eu a seguirei até o ponto de encontro e veremos com quem estamos lidando. Começaremos fornecendo algumas informações corretas a esse contato, para que você pareça digna de confiança. Talvez a mudança do sucessor do Comandante sirva. É uma informação inofensiva que, em breve, virá a público mesmo. Procederemos a partir daí.

Planejamos os detalhes. Embora eu estivesse colocando a minha vida em

perigo, senti-me animada. Meu antigo Valek voltara. Mas por quanto tempo?, perguntei-me, sentindo a preocupação voltar a se manifestar.

Quando terminamos, eu me virei para ir embora.

— Yelena.

Parei na porta e olhei para trás por sobre o ombro.

— Você certa vez disse que eu não estava pronto para acreditar nos seus motivos para matar Reyad. Eu acreditarei agora.

— Mas eu não estou pronta para lhe contar — eu disse, e fui embora.

MALDITO VALEK! MALDITO, maldito, maldito! Por quatro dias me dá um gelo, e depois espera que eu confie nele? Eu confessara um assassinato. Eles prenderam a pessoa certa. Era tudo que deveria importar para ele.

Descendo as escadas no escuro, segui na direção do meu quarto. Tenho que sair daqui, pensei, com súbita intensidade. O desejo esmagador de dar o fora dali e mandar para o inferno o antídoto era intenso. Fuja, fuja, fuja, cadenciava-se na minha cabeça. Uma música conhecida. Já a escutara antes quando estava com Reyad. Lembranças que eu pensara estarem trancadas em segurança agora ameaçavam se libertar, passando por entre as frestas. Maldito Valek! Era culpa dele eu não conseguir mais reprimir as lembranças.

No meu quarto, tranquei a porta. Quando me virei, avistei o fantasma de Reyad estendido na minha cama. A ferida no seu pescoço continuava aberta e o sangue lhe escurecia o camisão de dormir. Seu cabelo louro estava penteado no último estilo, seu bigode muito bem cuidado e os olhos azuis-claros brilhavam.

— Saia — ordenei.

Procurei me lembrar de que ele não passava de um fantasma intangível e que não deveria, de modo algum, ser temido.

— Que tipo de recepção é essa para um velho amigo? — Reyad

perguntou.

Ele pegou o livro sobre venenos de cima da mesinha de cabeceira e começou a folheá-lo.

Eu o fitei, chocada. Ele falava no interior da minha mente. Segurava livros. Um fantasma, um fantasma, eu insistia em repetir. Reyad não se deixou abalar. Ele riu.

— Você está morto — eu disse. — Não era para estar queimando no inferno?

Reyad não seria banido com tanta facilidade.

— A queridinha do professor — ele disse, sacudindo o livro no ar. — Se ao menos você tivesse se esforçado tanto por mim, tudo poderia ter sido diferente.

— Eu gosto do modo como as coisas se desenrolaram.

— Envenenada, perseguida e vivendo com um psicopata. Não é bem o que eu consideraria a melhor das vidas. A morte tem seus benefícios. — Ele fungou. — Tenho a oportunidade de acompanhar sua miserável existência. Deveria ter escolhido a forca, Yelena. Teria lhe poupado tempo.

— Saia — repeti, tentando ignorar a ligeira histeria na minha voz e a gota de suor que escorria pelas minhas costas.

— Você sabe que jamais chegará a Sitia com vida, não sabe? Você é um fracasso. Sempre foi. Sempre será. Encare o fato. Aceite-o. — Reyad levantou-se da cama. — Você fracassou em todos os nossos esforços para moldá-la. Lembra-se? Lembra-se de quando papai enfim abriu mão de você? De quando ele me deixou tê-la?

Eu me lembrava. Fora a semana do festival do fogo e Reyad estivera tão preocupado com a comitiva visitante do general Tesso, especialmente com a filha de Tesso, Kanna, que não se dera ao trabalho de ficar de olho em mim. Como eu vinha mansamente obedecendo todas as suas ordens, com o intuito de obter um pouco de confiança, ele fora arrogante em sua presunção de que me submetera ao seu domínio. Como resultado, já fazia mais de um mês que ele não me trancava em meu quartinho ao lado de sua suíte.

Porém o festival mais uma vez me tentara a desobedecer as instruções de ficar longe. As surras e humilhações do ano anterior foram insuficientes para me deter naquele ano. Na verdade, eu sentia um orgulho teimoso por me

recusar a ser intimidada por ele. Estava apavorada de ser flagrada, sabia no fundo da minha mente que isso ia acontecer, mas abri mão de toda cautela e me coloquei nas mãos do destino. O festival do fogo fazia parte de mim. A única ocasião em que sentia o gostinho real de liberdade. Mesmo sendo apenas por poucos instantes, valia a pena arriscar as consequências.

Minha rebeldia acrescentou uma qualidade especial às minhas rotinas acrobáticas, tornando-me ousada e temerária. Passei pelas primeiras cinco rodadas com autoconfiança, os desmontes firmes, as cambalhotas precisas, com um nível de energia ilimitado. Avancei para a última rodada da competição, que estava marcada para o último dia do festival.

Apressei-me em dar os últimos retoques na minha fantasia para a competição, enquanto Reyad guiava Kanna e um grupo de amigos em uma caçada no interior.

Eu já vasculhara o castelo nas duas últimas semanas para adquirir o necessário para minha vestimenta. Agora, costurava penas de seda escarlates em uma peça de malha preta e depois as delineava com lantejoulas prateadas. Asas presas a uma armação completavam a fantasia, mas eu as dobrei até ficarem bem pequenas e finas, para não atrapalharem meus movimentos. Fazendo uma trança comprida com o cabelo, eu a enrolei bem apertada ao redor da cabeça e prendi duas flamejantes penas vermelhas na parte de trás. Satisfeita com o resultado, cheguei cedo à tenda de acrobacias para praticar.

Quando a competição começou, a tenda estava lotada de gente. Os gritos da multidão logo se reduziram a um rugido abafado nos meus ouvidos, enquanto eu realizava minhas rotinas. Os únicos sons que me alcançavam eram os baques surdos dos meus pés e mãos na cama elástica, o ranger da corda bamba quando eu me lançava no ar para executar um giro de dois e meio, e o ranger da corda fina quando eu aterrissava nela sem falhar.

A rotina no solo era minha última apresentação. Postei-me nas plantas dos pés na borda do estrado, inspirando profundamente. O inebriante aroma forte de suor e a raspagem seca do pó de giz apossaram-se dos meus pulmões. Estava onde deveria estar. Pertencia àquele lugar. O ar vibrava como se uma tempestade elétrica estivesse prestes a chegar. Energizada como um raio, dei início à minha primeira corrida de acrobacias.

Eu voei naquela noite. Girando e mergulhando pelo ar, meus pés mal

tocando o chão. Minha alma foi às alturas. Senti-me como um pássaro fazendo manobras aéreas apenas para se divertir. No final de minha última corrida, segurei minhas asas com ambas as mãos. Abrindo-as, ergui-as sobre a cabeça, enquanto dava uma cambalhota no ar e aterrissava sobre os pés. O tecido vermelho brilhante das asas balançava atrás de mim. Os aplausos retumbantes da multidão vibraram no fundo do meu peito. Minha alma flutuou com asas escarlates nas correntes de ar do louvor acalorado da multidão.

Venci a competição. Alegria pura e descomplicada me consumiu, e eu sorri pela primeira vez em dois anos. Os músculos do rosto doendo de tanto rir, postei-me na plataforma para receber o prêmio das mãos do mestre de cerimônias. Ele pousou no meu peito um amuleto vermelho-sangue, no formato de chamas e com o ano e a competição inscritos nele. Foi o maior momento de toda a minha vida, seguido do pior, quando avistei Reyad e Kanna me observando da multidão. Kanna estava sorrindo, mas a expressão no rosto de Reyad era dura e implacável a raiva contida ameaçava despejar de seus lábios retorcidos.

Demorei-me no interior do vestiário, até que todos houvessem ido embora. Havia duas saídas da tenda, porém Reyad postara guardas em ambas. Conhecendo Reyad, e sabendo que ele pegaria o amuleto e o destruiria, enterrei-o bem fundo no chão de terra batida do recinto.

Como já esperava, Reyad me agarrou assim que deixei a tenda, arrastando-me de volta para o castelo. O general Brazell foi consultado. Ele admitiu que eu jamais seria “parte de seu grupo”. Independente, teimosa e voluntariosa demais, Brazell dissera, antes de me entregar para o filho. Naquela noite, Reyad mal conseguiu controlar o mau gênio até que estivéssemos a sós no seu quarto. Contudo, assim que a porta estava fechada e trancada, ele descarregou toda sua fúria usando os punhos e os pés.

— Eu queria matá-la por ter me desobedecido — o fantasma de Reyad disse, ao deslizar pelo meu quarto. — Planejava saborear sua morte por um longo tempo, mas você foi mais rápida. Aquela faca devia ter estado escondida sob seu colchão há tempos.

Ele se interrompeu, franzindo pensativamente a testa.

Eu roubara e escondera uma faca sob a cama de Reyad um ano antes,

depois que ele me surrara por treinar. Por que na cama dele? Não fora nenhuma estratégia deliberada, apenas um terrível pressentimento de que, quando precisasse dela, seria no quarto de Reyad, e não no meu aposento menor, logo ao lado.

Sonhar com o assassinato era fácil; cometê-lo era outra história. Embora houvesse sofrido muita dor naquele ano, ainda não ultrapassara os limites da sanidade. Até aquela noite.

— Algo específico a levou àquilo? — o fantasma perguntou. — Ou estava procrastinando, como agora? Aprendendo a lutar! — Ele riu. — Imagine você repelindo um atacante. Não duraria muito contra um ataque direto. Eu deveria saber.

Ele flutuou diante de mim, libertando as lembranças.

Encolhi-me diante dele e das recordações daquela noite.

— Vá embora — disse para o espectro.

Pegando o livro sobre venenos, estiquei-me em minha cama, determinada a ignorá-lo. Ele desapareceu ligeiramente, enquanto eu lia, porém ficava mais brilhante cada vez que eu olhava em sua direção.

— Foi o meu diário que a levou àquilo? — Reyad perguntou, quando meus olhos se demoraram demais nele.

— Não.

A palavra saltou de minha boca, surpreendendo-me. Eu convencera a mim mesma que o diário dele fora a gota d'água, após dois anos de tormento.

As lembranças dolorosas irromperam com uma força que me abalou e me deixou trêmula.

Após ter recuperado a consciência, após a surra, me vi deitada nua na cama de Reyad. Balançando o seu diário diante de mim, ele ordenou que eu o lesse, deliciando-se ao observar o crescente horror no meu rosto.

O diário listava cada uma das queixas que ele tivera contra mim nos dois anos que eu estivera com ele. Anotara cada vez que eu o desobedecera ou o irritara e, em seguida, descrevera minuciosamente como iria me punir. Agora que Brazell não precisava mais de mim para seus experimentos, Reyad não teria mais limites. Suas propensões sádicas e vasta imaginação estavam escritas em todos os detalhes. Enquanto me esforçava para respirar, meu primeiro pensamento foi encontrar a faca e me matar, porém a lâmina estava

do outro lado da cama, perto da cabeceira.

— Esta noite, começarei com a punição na primeira página — Reyad ronronou de expectativa ao cruzar o aposento até o seu “baú de brinquedos”, retirando de lá de dentro correntes e outros instrumentos de tortura.

Com os dedos dormentes, folheei de volta para o início. A primeira página registrava que eu deixara de chamá-lo de *senhor* na primeira vez em que nos conhecemos. E por faltar com o devido respeito, eu deveria assumir uma posição submissa, de quatro, para ser chicoteada. Ele exigiria que eu o chamasse de *senhor*. A cada chibatada, eu responderia com as palavras:

— Mais, *senhor*. Por favor.

Durante o estupro que se seguiria, eu o chamaria de senhor, e lhe imploraria para que continuasse a minha punição.

Seu diário caiu de minhas mãos paralisadas. Eu me atirei por sobre a cama, determinada a encontrar a faca, porém Reyad, achando que eu estava tentando escapar, me pegou. Minha resistência foi inútil, e ele me forçou a ficar de joelhos. Com o rosto encostado no chão de pedra áspero, Reyad me acorrentou as mãos na nuca.

A expectativa foi mais apavorante do que o ato em si. De um modo doentio, foi um conforto, pois eu sabia o que esperar e quando ele iria parar. Fiz o meu papel, compreendendo que, se lhe negasse os passos planejados, eu apenas o enfureceria ainda mais.

Quando o horror enfim terminou, o sangue cobria minhas costas e a parte interna das pernas. Me encolhi na beirada da cama de Reyad como se fosse uma bola. Minha mente, morta. Meu corpo, latejando. Seus dedos estavam dentro de mim. Ele ofegava no meu ouvido, deitado ao meu lado, onde ele sempre estaria.

Dessa vez, a faca estava ao meu alcance. O suicídio estava em meus pensamentos.

E, então, Reyad disse:

— Acho que vou ter que começar um novo diário.

Eu não respondi.

— Vamos começar a treinar uma moça nova, agora que você falhou. — Ele sentou-se, enterrando ainda mais os dedos dentro de mim. — De joelhos. Está na hora da página dois.

— Não! — gritei. — Não deixarei!

Debatendo-me por um frenético segundo, peguei a faca e golpeei-lhe o pescoço. Foi apenas um corte superficial, mas ele caiu para trás, na cama, tomado de surpresa. Saltei sobre o seu peito, golpeando mais fundo. A lâmina atingiu o osso. Sangue espirrou para tudo quanto era lado. Senti uma calorosa satisfação ao me dar conta de que não podia mais dizer de quem era o sangue que se acumulava entre as minhas pernas.

— Quer dizer que foi isso que a levou àquilo? O fato de saber que eu a estupraria novamente? — o fantasma de Reyad perguntou.

— Não. Foi a ideia de você torturando outra garota do orfanato.

— Ah, sim. — Ele fungou. — Suas amigas.

— Minhas irmãs — eu corrigi. — Eu o matei por elas, mas deveria tê-lo feito por mim.

Senti-me tomada de raiva. Eu o encurralei. Golpeei-o com os punhos, mesmo sabendo, em algum lugar no fundo da mente, que não conseguiria machucá-lo. Sua expressão arrogante jamais mudou, mas eu o soquei de novo, e de novo, até os primeiros raios da alvorada atingirem o fantasma de Reyad, que desapareceu.

Soluçando, larguei-me no chão. Após algum tempo, me dei conta de onde estava. Meus punhos estavam ensanguentados de tanto bater na pedra dura da parede. Estava exausta e exaurida de toda e qualquer emoção. E estava atrasada para o desjejum. Maldito Valek!

— Preste atenção — Ari ordenou. Ele me acertou na barriga com a faca de madeira. — Você está morta. É a quarta vez hoje. O que há de errado?

— Falta de sono — respondi. — Lamento.

Ari gesticulou na direção do banco ao longo da parede. Nós nos sentamos para assistir a um combate amigável com cajados, travado entre Maren e Janco do outro lado do depósito. A velocidade de Janco superara a habilidade de Maren e ela estava na defensiva, recuando até um dos cantos da sala.

— Ela é alta e magra, mas não vai vencer — Jango cantava.

O propósito de suas palavras era enfurecê-la, uma tática que já funcionara antes. Com demasiada frequência, a fúria de Maren a levava a cometer erros críticos. Contudo, dessa vez, ela permanecera calma. Ela fincou a

extremidade do cajado entre os pés do adversário, o que aprisionou a arma dele perto do seu corpo. Depois, saltou por sobre a cabeça de Janco, aterrissando atrás dele e apertando-lhe o pescoço até ele se render.

Meu mau humor melhorou um pouquinho ao ver Maren usar algo que eu lhe ensinara. A expressão de indignação no rosto de Janco foi impagável. Ele insistiu em uma revanche. Os dois deram início a outro duelo turbulento. Ari e eu permanecemos no banco. Acho que Ari pressentiu que eu não tinha energia para continuar a nossa lição.

— Há algo errado — ele disse, baixinho. — O que é?

— Eu... — Interrompi-me, incerta da resposta. Será que deveria lhe contar sobre a atitude fria que Valek vinha tendo comigo e o modo como parecera ter mudado de ideia? Ou sobre minha conversa durante toda a noite com o fantasma do homem que eu matara? Não. Em vez disso, perguntei: — Acha que isso é perda de tempo?

As palavras de Reyad sobre procrastinação haviam soado verdadeiras. Talvez o tempo que eu passara treinando fosse apenas um estratagema subconsciente para evitar solucionar meus verdadeiros problemas.

— Se eu achasse que isso era perda de tempo, não estaria aqui. — Escutei uma pontada de raiva na voz de Ari. — Você precisa disso, Yelena.

— Por quê? Talvez eu morra antes mesmo que tenha a chance de usar alguma coisa.

— Na minha opinião, você já é boa em fugir e se esconder. Precisou de uma semana para reunir coragem para ir falar com Maren. E, se dependesse de você, ela ainda a estaria chamando de Vomitadora. Precisa aprender a lutar pelo que quer. — Ari brincava com a faca de madeira, girando-a ao redor da mão. — Você parece estar sempre na expectativa, pronta para se mandar caso algo dê errado. Porém, quando conseguir arrancar o cajado das mãos de Janco, ou me dar uma rasteira, você se sentirá capaz. — Ele se interrompeu e, em seguida, disse: — Caso sinta necessidade de gastar seu tempo com outra coisa, faça isso... *além* do seu treinamento. E, então, da próxima vez em que alguém a chamar de Vomitadora, terá confiança para mandar que vá para o inferno.

Fiquei espantada com a avaliação que Ari fizera de mim. Nem mesmo sabia dizer se concordava ou não com ele, porém sabia que ele tinha razão

quanto à minha compulsão de fazer alguma outra coisa. Ele não sabia o que era, mas eu sabia: encontrar o antídoto para o Pó de Borboleta.

— Essa é a sua ideia de encorajamento? — perguntei, com a voz trêmula.

— É. Agora, pare de procurar uma desculpa para parar de treinar e confie em mim. Do que mais você precisa?

A intensidade discreta na voz de Ari fez com que um arrepio me percorresse a espinha. Será que ele sabia o que eu estava planejando, ou estava apenas adivinhando? Minha intenção sempre fora conseguir o antídoto e fugir para Sitia. Fugir, fugir, fugir. Ari tivera razão quanto a isso. Porém, fugir para o sul exigiria que eu estivesse nas minhas melhores condições físicas, além de ter a habilidade para me defender dos guardas. Contudo, eu vinha ignorando um detalhe importante: Valek!

Ele me seguiria até Sitia, e cruzar a fronteira não me salvaria dele. Nem mesmo a magia de Irys poderia me proteger. Valek consideraria a minha recaptura, ou a minha morte, sua responsabilidade pessoal. E era isso que eu vinha relutando em encarar. A questão na qual eu evitava tocar. Vinha me concentrando no treinamento para não ter que lidar com o dilema que eu receava não ser inteligente o suficiente para solucionar. Tinha que ampliar a minha estratégia, de modo a incluir não apenas a obtenção do antídoto, como também um modo de lidar com Valek sem matá-lo. Duvidava que Ari tivesse a solução.

— Talvez derrote Valek com esses golpes — Janco bufou ao bloquear o cajado de Maren. — Ele morrerá de rir de como eles são fracos, oferecendo-lhe a perfeita oportunidade.

Maren permaneceu em silêncio, contudo intensificou o ritmo de seus ataques. Janco recuou.

As palavras de Janco despertaram algo em minha mente. Um estranho plano altamente arriscado começou a se formar.

— Ari, será que pode me ensinar a arrombar fechaduras?

Ele considerou minhas palavras em silêncio. Por fim, disse:

— Janco poderia.

— Janco?

Ari sorriu.

— Ele pode parecer inofensivo e brincalhão, porém, quando garoto, se

meteu em tudo quanto era tipo de confusão, até se ver em um beco sem saída. Então, foi presenteado com a escolha de se unir aos militares, ou ir para a cadeia. Agora, é capitão. Sua maior vantagem é que ninguém o leva a sério, o que é exatamente o que ele quer.

— Tentarei me lembrar disso da próxima vez em que ele estiver fazendo piadas enquanto me fratura as costelas.

Vi Maren derrotar Janco uma segunda vez.

— Melhor de três em cinco. Milady não pode recusar — Janco exigiu, incansavelmente.

Maren deu de ombros.

— Se o seu ego conseguir suportar — ela retrucou, tentando lhe dar uma rasteira com o cajado.

Janco saltou, evitando o ataque com uma graça atlética, e avançou. O estalar ritmado de madeira se chocando com madeira preencheu nossa sala de treino.

Ari ficou de pé, assumiu uma postura defensiva e, de algum modo, encontrei forças para enfrentá-lo.

Após o treino, nós quatro estávamos descansando nos bancos quando Valek chegou. Maren levantou-se rápida como um raio, como se achasse que ser encontrada descansando era um crime, porém o restante de nós se manteve em nossas posições relaxadas. Eu achava fascinante observar as pequenas mudanças em Maren sempre que Valek estava por perto. Seu comportamento se suavizava, ela sorria mais e tentava puxar conversa com ele, ou chamá-lo para um treino de combate. Na maioria das vezes, ele discutiria táticas de luta com ela, ou conduziria um treino, e ela se envaideceria como uma gata vira-lata seduzindo o maior gato do beco. Porém, dessa vez, ele queria falar comigo. A sós. Os outros deixaram o recinto. Maren me lançou um olhar sombrio com a intensidade de um de seus golpes com o cajado. Eu sabia que pagaria por isso amanhã.

Valek andava de um lado para o outro. Com certa inquietação, torci para que ele não estivesse procurando uma pedra para jogar.

— O que foi? — perguntei. — É sobre hoje à noite?

A empolgação com o desmascaramento de Margg transformou-se em nervosismo quando pensei no risco que estaria correndo. A ideia de que isso

poderia ser outra perda de tempo veio à tona. Maldito seja o fantasma de Reyad! Ele iria me fazer ter dúvidas a respeito de tudo. O vazamento impactava diretamente sobre a minha vida. Alguém alertara os capangas do festival do fogo e Irys soubera que eu estaria na floresta. Margg precisava ser silenciada.

— Não. Está tudo de pé para hoje à noite — Valek informou. — É sobre o Comandante.

Ele hesitou.

— O que tem ele?

— Ele encontrou-se com algum estranho essa semana?

— Estranho?

— Alguém que você não conheça, ou um conselheiro de outro Distrito Militar?

— Não que eu tenha visto. Por quê?

Valek interrompeu-se novamente. Eu podia ver as engrenagens mentais girando enquanto ele pensava se podia ou não confiar em mim.

— O comandante Ambrose concordou em admitir uma delegação sitiana.

— Isso é ruim? — perguntei, um pouco confusa.

— Ele odeia sulistas! Todo ano, desde a tomada, eles vêm solicitando uma reunião com ele. E, por quinze anos, a resposta do Comandante tem sido uma única palavra: não. Agora, a chegada deles está marcada para daqui a uma semana. — Valek começou a andar mais rápido de um lado para o outro. — Desde que você se tornou a provadora de comida e o Criollo apareceu, o Comandante vem agindo de modo diferente. Antes, não conseguia determinar exatamente o quê, era só um pressentimento insistente, contudo, agora, tenho dois incidentes distintos.

— A mudança do seu sucessor e, agora, a delegação sulista.

— Exatamente.

Eu não tinha resposta. Minha experiência com o Comandante vinha sendo o total oposto do que eu esperara de um ditador militar. Ele considerava outras opiniões, era firme, decisivo e justo. Seu poder era óbvio; cada ordem sua era imediatamente obedecida. Gozava do mesmo estilo de vida espartano que endossava. Não havia medo nos seus conselheiros e nos oficiais do alto escalão, apenas uma inabalável lealdade e um imenso respeito. A única

história de horror desde a tomada que eu escutara fora a da mãe de Rand. É claro que os assassinatos que vieram antes eram infames.

Valek parou e inspirou profundamente.

— Eu desviei um pouco do Criollo para a nossa suíte. Quero que você coma um pedaço sempre que o Comandante o fizer. Mas você não pode contar para ninguém, nem mesmo para o Comandante. É uma ordem.

— Sim, senhor — retruquei automaticamente, porém minha mente ainda estava digerindo o fato de ele ter chamado a suíte de “nossa”.

Será que eu tinha escutado direito?

— Compareça ao seu encontro com Margg hoje à noite. Estarei lá.

— Será que devo contar para o contato de Margg sobre a delegação sulista?

— Não. Use a mudança do sucessor do Comandante. Já está se espalhando como rumor, sendo assim você apenas o confirmará.

Valek deixou a sala.

Para o caso de alguém descobrir a nossa sala de treinamento, escondi as armas, removi todo e qualquer traço de nossa presença ali e tranquei a porta. A caminho do banho, pensava no encontro daquela noite. Distraída, passei por uma porta aberta. Uma raridade. Nessa seção do castelo, a maioria das portas levava a depósitos e era mantida trancada.

Notei um movimento à minha esquerda. Mãos agarraram o meu braço e me puxaram para dentro. A porta fechou-se ruidosamente. Fui envolvida pela mais completa escuridão e atirada de cara contra uma parede de pedra. O impacto expulsou o ar de meus pulmões. Eu me virei. De costas para a parede, procurei recuperar o fôlego.

— Fique quieta — rosnou uma voz masculina.

Desferi um pontapé frontal na direção da voz, mas encontrei apenas o vazio. Uma risada zombou de mim. Uma vela foi descoberta. O tênue brilho amarelado refletiu-se em uma comprida lâmina prateada. Apavorada, segui com os olhos a faca até a mão, depois, braço acima, até chegar ao rosto. Nix.

— POR QUÊ? — Nix pousou a vela entre as teias de aranha que recobriam o tampo da mesa. — Por que eu tenho que ser sempre o mais esperto?

Ele deu um passo à frente.

Chutei novamente, mas ele bloqueou meu golpe com facilidade.

— Por que meus esforços para desencorajá-la não funcionaram? — À luz fraca da vela, ele se moveu. A ponta da faca pressionou a minha garganta. — Talvez eu precise ser mais óbvio?

Os fedores de repolho cozido e odor corporal penetraram meu nariz. Mantendo o corpo imóvel, perguntei na voz mais neutra e desprovida de medo de que era capaz:

— Qual é o seu problema?

— Meu problema é que ninguém a vê como ameaça. Mas eu sou mais inteligente do que Ari, Janco e Maren. Sou até mesmo mais inteligente do que Valek. Não sou? — Quando não respondi, Nix aumentou a pressão da faca. — Não sou?

Uma pontada de dor ardeu no meu pescoço.

— É — respondi.

No ar, atrás de Nix, o fantasma de Reyad tomou forma entre as partículas de poeira, exibindo um sorriso arrogante.

— Meu chefe quer que pare de treinar. Não tenho permissão para matá-la. É uma pena. — Com a mão livre, Nix acariciou o meu rosto. — Estou aqui para desencorajá-la.

— Parffet? Por que ele haveria de se importar com isso?

Enquanto eu tentava distraí-lo, freneticamente tentava repassar na minha mente as breves sessões que tivera com Ari sobre como se defender de facas. Maldição, pensei. Por que não prestara mais atenção?

— Ele não se importa. A única coisa que importa para o tolo do Parffet é ser promovido. Mas o general Brazell demonstrou profundo interesse no seu novo passatempo.

Nix enfiou sua mão livre entre as minhas pernas, jogando o peso do seu corpo sobre o meu.

Por um segundo apavorante, fiquei paralisada. O pânico apagou de minha mente todos os ensinamentos sobre autodefesa. Um ligeiro zumbido começou a ficar mais intenso em minha cabeça, mas eu o reprimi, empurrando-o para longe, onde transformou-se em uma simples escala musical de notas. Fui tomada de calma. Os movimentos de defesa necessários apareceram diante dos meus olhos.

Gemi e sacudi os quadris, afastando as pernas.

Nix sorriu de prazer.

— Você é mesmo a prostituta que eu pensei que fosse. Agora lembre-se: você precisa ser punida.

A parte superior de sua coxa substituiu a mão. Ele começou a mexer no meu cinto.

Encaixei o joelho entre suas pernas e o usei para lhe golpear com força a virilha. Gemendo, Nix curvou-se para frente. Agarrei sua lâmina com ambas as mãos, para impedir que ele a enterrasse no meu pescoço. A voz experiente de Ari ecoou na minha cabeça:

— Antes alguns cortes na mão do que no pescoço.

E estremeci ante a dor cortante. Concentrando-me na faca, empurrei-a para longe. Nix cambaleou para trás.

— Vadia!

Ele rosnou e recuou com o braço para brandir a faca.

Quando a lâmina veio em minha direção, eu avancei para junto do corpo

dele, de modo que, quando virei, meu ombro se encaixou no peito dele. Usando as beiradas das mãos abertas, golpееi tanto a parte anterior quanto a superior de seu braço. A força combinada do golpe e do movimento giratório do ataque de Nix fez com que o seu braço ficasse mole. A arma caiu ruidosamente no chão.

Segurando-lhe o braço, eu o torci até que a parte inferior da mão apontasse para o teto. Depois, girei o corpo, posicionando o ombro direito sob seu cotovelo. Com toda a força, puxei sua mão para baixo. Quando o braço de Nix quebrou, escutei um estalo, seguido de um grito. Virando-me de modo a encará-lo, esmurrei-lhe duas vezes o nariz. O sangue jorrou. Enquanto ele estava desequilibrado, dei-lhe um pontapé no joelho, quebrando-o. Nix desmoronou no chão.

Saltitei ao seu redor, chutando-o nas costelas. Meu sangue estava fervendo. Suas débeis tentativas de bloquear meus ataques apenas serviam para alimentar minha fúria. No estado de espírito em que me encontrava, poderia tê-lo matado.

O fantasma de Reyad me aplaudia.

— Isso mesmo, Yelena. Mate outro homem. Será a força na certa.

De algum modo, as palavras dele alcançaram a parte racional de minha mente e eu me detive, ofegante. Nix estava imóvel. Ajoelhei-me ao seu lado e tentei lhe encontrar a pulsação. As pontas de meus dedos sentiram um batimento forte. O alívio que se apossou de mim desapareceu quando Nix me agarrou o cotovelo.

Gritei e o esmurrei no rosto. Sua mão se afrouxou ao redor do meu braço e eu o retraí. Pegando a faca do chão, obedeci ao conselho constantemente repetido por Janco no tocante a autodefesa:

— Bata e corra.

Eu fugi. Mas, dessa vez, o medo não veio atrás de mim. Corri com asas escarlates imaginárias me seguindo.

Movendo-me com pressa para evitar os tremores que ameaçavam tomar conta de mim, alcancei o local de banho. Naquela hora do dia, estava tudo vazio, sendo assim, escondi a faca de Nix sob uma das mesas de toalhas. Verifiquei no espelho a extensão de meus ferimentos. O corte no pescoço havia parado de sangrar. Mas os dois talhos profundos nas palmas das mãos

pareciam sérios o suficiente para exigir atendimento médico. Também havia um brilho selvagem e irreconhecível no meu olhar, como se eu houvesse me transformado em uma fera. Mostrei os dentes e pensei: Agora, quem é a ratazana? Ponderando meu movimento seguinte, hesitei. O Comandante estava me esperando para provar o seu jantar, mas eu não podia simplesmente sangrar sobre a comida dele. A onda de energia inicial devido à minha luta com Nix estava começando a desaparecer, sendo substituída por uma onda de tonteira. Segui na direção da enfermaria, torcendo para alcançá-la antes de desmaiar.

Mamãe Médica me examinou rapidamente. Ela apontou para a mesa de exames. Empoleirei-me na beirada e estendi as mãos para serem inspecionadas.

— Como... — ela começou a perguntar.

— Vidro quebrado — eu disse.

Ela assentiu, cerrando pensativamente os lábios.

— Vou pegar minha maleta.

Eu estava estendida na cama quando ela retornou com uma bandeja de metal cheia de instrumentos. O jarro da cola de Rand parecia não ter lugar no meio dos suprimentos médicos, como um brinquedo de criança cercado pela parafernália de adultos. Minhas mãos haviam começado a latejar e eu receava as ministrações da médica. Virei a cabeça a tempo de ver Valek irromper na enfermaria. Exatamente o que estava me faltando, pensei, suspirando. Aquele dia estava ficando cada vez pior.

— O que houve? — Valek exigiu saber.

Olhei para a médica.

Ela pegou minha mão direita e começou a limpar o ferimento.

— Vidro quebrado deixa lacerações irregulares. Estes cortes lisos obviamente foram feitos por uma faca. Tive que relatá-los.

A médica havia me delatado para Valek, e ele não iria embora sem uma resposta. Resignada, concentrei-me nele, na esperança de me distrair da dor nas mãos.

— Fui atacada.

— Por quem?

Seu tom de voz foi brusco.

Desviei o meu olhar para a médica e Valek entendeu.

— Será que pode nos dar licença por um instante? — ele pediu.

Ela enrugou os lábios, como se estivesse considerando o pedido. Em se tratando de situações médicas, a autoridade dela era maior do que a de Valek.

— Cinco minutos — ela concedeu, e afastou-se até a sua mesa, do outro lado da enfermaria.

— Quem? — Valek repetiu.

— Nix, um guarda da unidade de Parffet. Disse que trabalhava para Brazell e me avisou para parar de treinar.

— Eu vou matá-lo.

A intensidade da voz de Valek me chocou e me alarmou.

— Não, não vai, não — retruquei, tentando aparentar firmeza. — Você vai usá-lo. Ele é um vínculo com Brazell.

Seus duros olhos azuis fitaram os meus, examinando-os a fundo.

— Onde foi que ele a atacou?

— Em um depósito a cerca de quatro ou cinco portas antes da nossa sala de treinamento.

— Ele provavelmente já não está mais lá. Vou mandar alguém até o alojamento dos soldados.

— Ele não estará lá.

— Por que não?

Valek me lançou um olhar que me lembrou o Comandante. Suas sobrancelhas estavam erguidas em um esforço para reprimir suas emoções, convidando-me a prosseguir.

— Se ele não estiver no depósito, não terá ido muito longe. Talvez seja uma boa ideia enviar mais de um homem.

— Entendo. — Valek fez uma pausa. — Quer dizer que seu treinamento está progredindo satisfatoriamente?

— Melhor do que o esperado.

Valek deixou a enfermaria. A médica dedo-duro voltou para o meu lado. Da próxima vez, pensei amargamente, eu mesma cuidarei de meus ferimentos e evitarei ser traída pela médica. Eu ainda tinha um jarro da cola de Rand no meu quarto. Não podia ser tão difícil assim fechar alguns cortes.

Eu mordi o lábio inferior enquanto ela terminava de limpar e fechar os

meus cortes. Enrolando as ataduras apertadamente ao redor de minhas mãos, ela deu as instruções que fariam com que os cortes sarassem: nada de imersão durante um dia, nada de pegar peso ou escrever por uma semana. O que significava nada de treinamento por algum tempo, pensei.

Os homens de Valek entraram. Eles largaram Nix sobre outra mesa de exames. A médica me lançou um olhar intrigado, depois aproximou-se do corpo gemente de Nix, me proporcionando a oportunidade perfeita para ir embora.

Corri até o escritório do Comandante, mas Valek chegara lá na minha frente. Ele fechou a porta atrás de si e se juntou a mim na sala do trono.

— Já cuidei do jantar — disse, guiando-me de volta através do labirinto de mesas.

Era o início da noite e apenas um punhado de conselheiros estava trabalhando.

— Encontre Margg e cancele o encontro desta noite, depois volte para a nossa suíte e descanse um pouco — ele ordenou.

— Cancelar? Por quê? Levantaria suspeitas. Eu usarei luvas para cobrir as ataduras. Já está suficientemente frio à noite. Ninguém vai notar. — Quando ele nada respondeu, eu acrescentei: — Eu estou bem.

Valek sorriu.

— Você deveria se olhar em um espelho. — Ele hesitou, a indecisão marcando o seu rosto. — Muito bem. Procederemos como planejado.

Paramos na porta do escritório de Valek.

— Tenho trabalho para terminar. Descanse e não se preocupe. Estarei por perto, hoje à noite.

Valek inseriu sua chave na fechadura.

— Valek?

— Sim.

— O que vai acontecer com Nix?

— Nós vamos cuidar de seus ferimentos, ameaçá-lo com anos no calabouço, caso ele opte por não cooperar e, quando ele tiver terminado de nos ajudar, eu o transferirei para o DM-1. Que tal? Ou será que devo matá-lo?

O Distrito Militar 1 era o distrito mais frio e desolado de toda Ixia. A

possibilidade de Nix tornar-se vítima de um leopardo da neve trouxe um sorriso travesso aos meus lábios.

— Não. A transferência é o suficiente. Se eu o quisesse morto, teria cuidado disso eu mesma.

Valek endireitou a coluna, lançando-me um olhar. Uma combinação de surpresa, interesse e desconfiança ante o meu comentário cruzou o seu rosto antes que ele controlasse suas emoções e voltasse a ser o meu impassível Valek.

Sorri, com a minha melhor imitação de Janco, e segui corredor abaixo. O descanso teria que esperar, visto que eu tinha uma variedade de coisas para fazer antes do encontro daquela noite. Primeiro, precisaria de um par de luvas e de uma capa. À medida que a estação fresca ia se transformando na estação fria, as noites começavam a ficar mais duras de suportar, revestindo tudo com um manto de gelo, de tal modo que até mesmo as folhas da grama reluziam como diamantes quando tocadas pelo sol matinal.

Agradecendo aos céus por Dilana ainda estar na sua sala de costura, conversei um pouquinho com ela sobre os últimos mexericos, antes de fazer o meu pedido.

— Bom Deus! — ela exclamou, parecendo uma matrona aflita. — Você não tem roupas para o frio! — Ela começou a mexer nas suas pilhas de uniformes. Seus cachos macios, cor de mel, balançavam a cada movimento. — Por que não me procurou antes? — perguntou, em tom de censura.

Eu ri.

— Só precisei delas agora. Dilana, por acaso você adota todo mundo no castelo?

Ela parou de empilhar roupas para olhar para mim.

— Não, minha querida, só aqueles que realmente precisam de mim.

— Obrigada — eu retruquei, em um tom de sarcasmo afetuoso.

Quando ela terminou de me preparar para a temporada fria, eu tinha uma pilha de roupas para levar. Com todas as roupas de baixo de flanela, as meias de lã e botas pesadas, eu provavelmente poderia sobreviver nos campos de gelo por semanas. Deixei a pilha em um dos cantos da sala e pedi a Dilana que mandasse alguém entregar as roupas na suíte de Valek.

— Ainda está lá? — ela perguntou, com um sorriso.

— Por ora. Mas acho que quando as coisas se acalmarem vou voltar para o meu antigo quarto.

Quando, pensei com amargura. O mais certo seria *se*.

Selecionei uma pesada capa preta da pilha, enfiei luvas de lã pretas nos bolsos profundos e a joguei sobre o braço. A capa tinha dois diamantes vermelhos do tamanho da mão bordados sobre o peito esquerdo e um enorme capuz, cuja função era mais manter a chuva longe do rosto do que deixar a cabeça aquecida.

— Acho que você ainda vai passar um bom tempo por lá — Dilana afirmou.

— Por quê?

— Acho que Valek está caído por você. Eu jamais o vi demonstrar tanto interesse por um provador de comida. Normalmente, ele os treina e os deixa em paz. Caso houvesse potencial para problemas, ele designava um de seus espiões para vigiar o provador, mas jamais se daria ao trabalho de cuidar pessoalmente dele, muito menos morar com o sujeito!

Seu rosto reluzia com a avidez de um mexerico a pleno vapor.

— Você está maluca. Está imaginando coisas.

— Na verdade, ele jamais demonstrou interesse por uma mulher antes. Eu estava começando a desconfiar que ele poderia preferir um de seus espiões machos, mas agora... — Ela fez uma pausa dramática. — Agora temos a adorável e inteligente Yelena para fazer o coração frio de Valek bater.

— Você realmente precisa sair da sua sala de costura com mais frequência. Está precisando de ar puro e uma boa dose de realidade — retruquei, sabendo que não devia acreditar em uma só palavra do que Dilana estava dizendo, mas incapaz de conter o sorrisinho bobo no meu rosto.

Sua gargalhada doce e melodiosa me acompanhou até o corredor.

— Você sabe que eu tenho razão! — gritou.

O único motivo pelo qual Valek estava interessado em mim, pensei enquanto caminhava pelos corredores escuros, era o fato de eu ser um enigma para ele decifrar. Assim que ele achasse que tinha todas as respostas sobre a magia sulista e sobre Brazell, eu seria enviada de volta para o meu quarto na ala dos criados. Não podia me permitir acreditar em qualquer outra coisa. Não havia nada demais em ter uma inofensiva paixão passageira que em nada

influenciaria os meus planos. Não o faria. De modo algum. Pensar que ele sentia o mesmo por mim poderia ser desastroso.

Sendo assim, tentei me convencer de que Dilana, embora uma doçura de pessoa, estava sendo vítima de sua própria imaginação superativa, e estava enganada. Tentei para valer. Tentei durante todo o trajeto até a cozinha. Tentei quando vi Rand curvado sobre seus fornos, lembrando-me que Valek era implacável e que matara dezenas de pessoas. O sangue do rei ainda adornava a faca de Valek, que era mortífero, mal-humorado e irritante. Contudo, por algum motivo, eu não conseguia fazer aquele sorriso idiota ir embora, independente do quanto tentasse.

Pousando minha capa sobre um banco, me servi de um jantar tardio. Rand terminou de girar seus porcos e puxou um banco para se sentar ao meu lado. Fiquei com água na boca só de sentir o aroma dos porcos assando.

— Qual é a ocasião? — perguntei.

Porco assado era uma refeição rara, que exigia um dia inteiro de preparo, e só era servida em ocasiões especiais.

— Generais farão visita, essa semana. Todos os meus pratos especiais foram solicitados. Também me mandaram preparar um banquete para a semana que vem. Um banquete! Não temos um desses desde... — Ele sacudiu a cabeça, enrugando os lábios. — Na verdade, nunca tivemos um sob a administração do Comandante. — Rand suspirou. — Não vou ter tempo para experimentos.

— Será que teria tempo para dar uma olhada nisso? — Retirando um punhado dos grãos misteriosos de meu bolso, eu os entreguei para Rand. Estivera aguardando a oportunidade perfeita para mostrá-los a ele. — Eu os encontrei em um velho depósito e pensei que, talvez, fossem os seus grãos de café.

Ele, na mesma hora, curvou a cabeça e inspirou profundamente sobre os grãos.

— Não. Infelizmente, não. Não sei o que são. Os grãos do café são lisos e têm um formato mais arredondado. Estes são ovais. Está vendo? E ásperos. — Rand os espalhou sobre a mesa e pegou um deles, dando uma dentada no grão. Mastigando, ele se encolheu ante o sabor amargo. — Jamais vi ou provei algo parecido. Onde foi que os encontrou?

— Em algum lugar do nível inferior do castelo.

Ah, bem, pensei, valera a pena a tentativa. Minha decepção pesou sobre os meus ombros. Quisera solucionar esse mistério para o comandante Ambrose, mas, aparentemente, chegara a outro beco sem saída.

Rand deve ter pressentido a minha frustração.

— Importante? — ele indagou.

Eu assenti.

— Vamos fazer o seguinte — ele propôs. — Deixe-os aqui e, após o banquete, trabalharei neles para você.

— Trabalhará?

— Tentarei moer, assar e ferver os grãos. Ingredientes podem mudar de sabor e textura quando submetidos ao calor, e talvez esses se transformem em algo que eu reconheça. Tudo bem?

— Não quero lhe dar trabalho.

— Bobagem. Gosto de desafios. Além do mais, após o banquete, voltarei mesmo para minha rotina diária e isso me presenteará com um projeto ao qual poderei me dedicar.

Com um funil, ele depositou os grãos no interior de um jarro e o colocou em uma prateleira alta repleta de outros estranhos condimentos nos seus próprios jarros de vidro.

Discutimos opções de cardápio para o banquete até chegar a hora de Rand girar novamente os porcos. Tinha que girar um quarto a cada hora, ele disse, lembrando-me que estava chegando a hora de me encontrar com Margg. Uma ligeira pontada de nervosismo me espetou o estômago quando desejei boa-noite para Rand.

Detive-me nos banhos, determinada a recuperar a faca de Nix, contudo, havia gente demais presente. Talvez fosse melhor estar desarmada, tentei me convencer, enquanto me esforçava para reprimir o frio na barriga. Eu poderia ser revistada. Se encontrassem uma arma, eu estaria em dificuldades ainda maiores.

Margg exibia sua costumeira expressão de desagrado quando eu a encontrei, logo além do portão sul do complexo do castelo. Trocamos insultos a título de cumprimento e prosseguimos em silêncio na direção de

Castletown. Torcia para que Valek estivesse vindo logo atrás, porém sabia que não podia olhar por sobre o ombro e correr o risco de despertar as suspeitas de Margg.

Estrelas decoravam o céu noturno, e a lua cheia brilhava intensamente, causando sombras. A estrada até a cidade era marcada por vincos provocados pelas rodas das carroças e desgastada devido à passagem de inúmeras botas. Inspirei profundamente o ar frio da noite, sentindo-me renovada ante os marcantes aromas de terra e folhas secas que me invadiram os pulmões.

Nos arredores da cidade, notei fileiras ordenadas de construções de madeira de quatro andares. Fiquei assombrada com sua simetria. Eu me acostumara tanto com o estranho estilo assimétrico do castelo, com suas janelas de tudo quanto era forma geométrica, que a simplicidade comum da cidade chegava a parecer bizarra. Até mesmo a disposição de lojas em meio às residências fora planejada de maneira lógica.

Os poucos habitantes da cidade que avistei na rua caminhavam com propósito. Ninguém simplesmente ficava olhando o tempo passar, ou de papo, ou parecia estar apenas caminhando para esticar as pernas. Ninguém, com exceção dos guardas da cidade.

Soldados que outrora haviam participado da tomada tinham sido designados para policiar as cidades espalhadas pelo Território de Ixia. Certificando-se de que o toque de recolher e o código de vestuário fossem respeitados, eles dispensavam justiça de acordo com o Código de Conduta, verificando documentos, providenciando transferências e fazendo prisões. Todo visitante em cada cidade precisava se apresentar à estação principal para cuidar da documentação necessária, antes de procurar hospedagem.

Nosso encontro fora cuidadosamente planejado de modo a nos fornecer tempo para voltar para o castelo antes que nossa presença nas ruas fosse vista como suspeita. As duplas de soldados postadas nas ruas nos acompanhavam com os olhos. Seu escrutínio me deixou toda arrepiada, e eu praticamente me convencera de que eles nos abordariam a qualquer instante.

No meio de uma rua desprovida de guardas, Margg deteve-se diante de uma casa indistinguível de suas vizinhas. Ela bateu duas vezes na porta. Após um intervalo, a porta abriu-se e uma mulher alta de cabelos ruivos usando um uniforme de estalajadeira estendeu a cabeça para fora. Olhando para Margg,

ela assentiu em sinal de reconhecimento. Tinha um nariz pontudo e virado para baixo, que guiava os movimentos de sua cabeça quando ela se virou para mim. Seus olhos escuros se fixaram em mim com uma intensidade que me fez querer encolher-me. Uma gota de suor escorria pelas minhas costas. Por fim, ela desviou o nariz para olhar para a rua. Tentando farejar armadilhas, eu supus. Aparentemente satisfeita, ela abriu ainda mais a porta e nos deixou entrar. Ninguém disse nada quando subimos três lances de escada.

O último andar da casa estava todo iluminado. Uma variedade de velas se espalhava por todo o recinto, aquecendo o ar com o aroma fumegante de maçãs. Olhei para a janela. Eu estava certa de que toda aquela quantidade de luz no aposento poderia ser vista da rua, mas cortinas negras cobriam as vidraças, estendendo-se até o chão.

Estantes, uma escrivaninha e algumas poltronas confortáveis me levaram a acreditar que aquela sala devia ser usada como gabinete. A mulher que nos deixou entrar sentou-se atrás da escrivaninha. Estranhas estatuetas de metal que lembravam lampiões com anéis no topo adornavam cada um dos lados do móvel. Outros objetos estranhos e reluzentes haviam sido habilmente distribuídos sobre as prateleiras e sobre a superfície das mesas. Alguns até pendiam do teto. Esses giraram no ar quando passamos por eles.

A mulher de nariz pontiagudo não nos convidou para sentar, de modo que Margg e eu ficamos de pé diante da escrivaninha. Grande parte de seu cabelo cor de rubi estava preso em um coque, mas alguns fios encaracolados haviam se libertado.

— A provadora de comida — ela disse, com um retorcer de satisfação dos lábios. — Sabia que seria apenas uma questão de tempo antes que a tivesse trabalhando para mim.

— Quem é você?

Minha brusquidão deixou bem claro que eu não toleraria perda de tempo.

— Pode me chamar de capitã Star.

Eu olhei para o uniforme de estalajadeira.

— Não faço parte dos militares de Ambrose. Tenho a minha própria tropa. Margg já explicou como é que eu trabalho?

— Já.

— Ótimo. Esta será uma conversa simples. Não estou interessada em

rumores e nem em mexericos. E não faça perguntas a meu respeito e nem sobre os meus interesses. Tudo que precisa saber é o meu nome. De acordo?

— De acordo.

Como eu queria conquistar a confiança dela, não estava disposta a causar problemas, pelo menos ainda não.

— Ótimo. O que tem para mim?

Com o nariz abrindo caminho, ela se inclinou para frente na poltrona.

— O Comandante mudou o seu sucessor — informei.

O corpo de Star ficou imóvel, enquanto ela absorvia a informação. Olhei para Margg, que parecia estar chocada e irritada por eu ter notícias tão interessantes.

— Como é que sabe? — Star perguntou.

— Escutei uma conversa entre o Comandante e Valek.

— Ah, sim. Valek. — Star inclinou o nariz na minha direção. — Por que está morando na suíte dele?

— Não é da sua conta — respondi, com firmeza.

— Sendo assim, por que deveria confiar em você?

— Por que Valek me mataria se soubesse que eu estive aqui. Sabe disso tão bem quanto eu. Quanto vale a minha informação?

Star abriu uma bolsa de veludo preta e tirou de lá de dentro uma moeda de ouro. Ela jogou a moeda para mim, como o dono jogando um osso para o seu cão. Eu a peguei no ar, reprimindo uma careta de dor. Os cortes nas minhas mãos estavam começando a latejar.

— Seus 15 por cento. — Ela lançou uma moeda de prata e uma de cobre para Margg, que, conhecendo o jeito de Star, as pegou com facilidade. — Mais alguma coisa? — Star me perguntou.

— Dessa vez, não.

— Quando tiver alguma coisa para mim, avise Margg. Ela providenciará um encontro.

Dispensada, segui silenciosamente Margg para fora da casa e rua abaixo. Assim que ela me guiou até um beco escuro, Valek emergiu das sombras. Antes que pudesse me perguntar por quê, ele me puxou através de uma porta aberta para um pequeno aposento.

Fiquei surpresa e confusa com a sua súbita chegada. Pensei que ele

esperaria mais antes de prender Margg. Ela me seguira para dentro do aposento e estava parada com um sorriso zombeteiro no rosto redondo. Era o mais próximo de uma expressão de prazer que eu já vira vindo dela, e o oposto do que eu esperava ver quando ela fosse revelada como sendo o vazamento. Inclinei a cabeça na direção de Valek, solicitando uma explicação.

— Eu tinha razão, Valek. Ela vendeu o Comandante por uma moeda de ouro. Verifique o bolso dela — Margg insistiu.

— Na verdade, Yelena me procurou antes do encontro. Ela acreditava estar expondo *ocê* — Valek disse para Margg.

O sorriso vitorioso da mulher desapareceu.

— Por que não me contou? — ela exigiu saber.

— Não houve tempo.

— Margg não é o vazamento? — perguntei, ainda confusa.

— Não. Margg trabalha para mim. Temos passado algumas informações um tanto quanto únicas para Star, na esperança de descobrir quem são os seus outros clientes. Margg vem perturbando Star para incluí-la e achei que seria uma boa oportunidade para lhe testar a lealdade.

A total compreensão do mau humor de Valek me veio à cabeça. Estava esperando que eu fosse traí-lo juntamente com o Comandante. Como pôde acreditar nisso? Será que não me conhecia direito? Raiva, decepção e alívio se chocaram no interior do meu peito. Fui incapaz de forçar uma palavra que fosse a deixar minha boca.

— Eu estava contando em mandar esta ratazana de volta para o calabouço, que é o lugar dela — Margg queixou-se para Valek. — Agora, ela continuará andando por aí. Ainda é uma ameaça.

Irritada, ela me cutucou o braço com o dedo gordo.

Eu me movi. Em uma fração de segundos, torci-lhe o braço para trás. Ela ganiu quando eu ergui a minha mão no alto, forçando-a a curvar-se para frente.

— Eu não sou uma ratazana — disse, por entre os dentes cerrados. — Provei minha lealdade. Você vai me deixar em paz. Chega de recados desagradáveis na poeira. Chega de mexer nas minhas coisas. Ou, da próxima vez, quebro o seu braço.

Eu a empurrei com força ao soltá-la.

Ela cambaleou e desabou no chão. Com o rosto vermelho, tratou de se levantar. Quando abriu a boca para protestar, Valek a deteve com um olhar.

— Bem dito, Yelena. Margg, está dispensada — ele disse.

A boca de Margg fechou-se com um estalo quando ela girou nos calcanhares e deixou o aposento.

— Ela não é simpática — eu disse.

— Não. É justamente por isso que gosto dela. — Ele estudou a porta por um instante, depois disse. — Yelena, vou lhe mostrar algo que você não vai gostar, mas acho que é importante que saiba.

— Ah é? Como gostei da sua prova de lealdade? — retruquei com sarcasmo.

— Eu avisei que, de tempos em tempos, testava o provador de comida.

Antes que eu pudesse contra-argumentar, ele me interrompeu.

— Silêncio e fique bem atrás de mim.

Ele voltou a sair para o beco escuro. Mantendo-nos às sombras, retornamos na direção da casa de Star, onde Valek me guiou até uma reentrância escura de onde podia se ver a porta da casa.

— A pessoa que vem vazando informações para Star deve chegar logo — Valek sussurrou ao meu ouvido.

Seus lábios roçaram de leve na minha face. Arrepios percorreram a minha espinha ante o seu toque, distraíndo-me do que ele acabara de dizer.

O impacto das palavras de Valek só me atingiu quando vi uma figura solitária com andar claudicante descendo a rua.

EU RECONHECI AQUELE modo de andar. Meu coração se derreteu quando vi Rand mancar até a casa de Star, batendo duas vezes na porta.

Sem um instante sequer de hesitação, ela admitiu a entrada de Rand em sua casa. O ligeiro ruído da porta se fechando ecoou ocamente no meu peito.

— Outro teste? — perguntei a Valek com desesperada urgência. — Ele está trabalhando para você?

Contudo, no fundo de minha alma, eu sabia a resposta, mesmo antes de ver o triste sacudir da cabeça de Valek. Senti-me vazia, como se cada emoção houvesse sido arrancada de dentro de mim. Era simplesmente demais. Após o fantasma de Reyad, o ataque de Nix e o teste de Valek, eu era mentalmente incapaz de lidar com outro golpe. Apenas fitei Valek, totalmente desprovida de pensamentos, emoções e desejos.

Valek fez sinal para que eu o seguisse. Obedeci. Demos a volta até os fundos da casa de Star. Entrando na construção à sua esquerda, subimos três andares. O interior estava escuro e vazio, com exceção do último andar. Um dos homens de Valek estava sentado de pernas cruzadas, com as costas descansando na parede que era compartilhada com o gabinete de Star. Ele fazia anotações em um bloco de papel com uma única vela como fonte de iluminação.

Escutava-se claramente a voz de Rand. Fazendo sinais com as mãos, Valek comunicou-se com o homem, que entregou o bloco de anotações para Valek e desapareceu escada abaixo. Valek sentou-se no lugar do homem e deu um tapinha no chão ao seu lado.

Agachei-me ao seu lado, de frente para a parede. Não queria escutar a falsidade de Rand, contudo, não consegui reunir força de vontade para ir embora. Valek apontou para uma variedade de pequenos furos na madeira. Espiei através de um deles. Tudo que consegui ver foi as costas de uma peça de mobília. Supus que os buracos eram apenas para escutar. Agachada no chão, encostei a testa na parede e fechei os olhos, enquanto escutava a conversa de Rand.

— Generais estão vindo para a cidade essa semana. Isso não é novidade, mas o Comandante ordenou um banquete, de modo que algo deve estar acontecendo. Algo significativo. Contudo, ainda não consegui descobrir o quê — Rand disse.

— Informe-me assim que puder — Star respondeu. Depois, ela hesitou. — Talvez Yelena saiba o que está acontecendo.

Senti um aperto no coração ao escutar meu nome. Fuja, fuja, fuja, minha cabeça gritava, porém tudo que fiz foi apertar a testa com mais força de encontro à parede.

— Eu duvido. Ela ficou surpresa quando mencionei o banquete, de modo que nada lhe perguntei. Talvez ela saiba de algo mais para o final da semana. Tentarei novamente.

— Não se incomode. Eu mesma perguntarei para ela.

O tom polido da voz de Star sugeria que ela guardara essa revelação até o instante em que expô-la provocaria o maior estrago.

— Yelena? — Rand indagou. — Trabalhando para você? Impossível. Não faz o estilo dela.

— Está sugerindo que ela está trabalhando para Valek?

O alarme fez sua voz ficar áspera.

Igualmente agitada, olhei para Valek. Ele sacudiu a cabeça, fazendo com a mão um gesto que dizia para eu não me preocupar.

— Não. Ela não faria isso. — Rand se recobrou. — Estou apenas surpreso, mas não deveria estar. O dinheiro lhe será útil, e quem sou eu para

pensar mal dela por conta disso?

— Bem, você não deveria estar pensando nela de jeito algum. Do modo como vejo as coisas, ela é dispensável. A única preocupação que terei quando ela morrer será quem vai substituí-la, e quanto tempo levarei para suborná-lo.

— Star, mais uma vez você me provou, da maneira mais revoltante possível, que quanto antes eu quitar minha dívida com você, melhor. Quanto de crédito eu ganho pela informação dessa noite?

— Duas moedas de prata. Anotarei no meu livro, mas não fará muita diferença.

— O que quer dizer?

— Será que ainda não entendeu? Jamais vai pagar sua dívida. Sempre que chega perto, você joga e cava para si um novo buraco. Você é fraco demais, Rand. Deixa-se levar pelas próprias emoções. Vicia-se com facilidade e lhe falta força de vontade.

— Ah, é verdade. Você *alega* ser uma feiticeira. Será que já leu os meus pensamentos, capitã? Capitã Star... Que piada! Se realmente possuísse magia, Valek já teria cuidado de você há muito tempo. Sei que não é tão inteligente quanto alega ser.

O ruído pesado e irregular de passadas ecoou através da parede, quando Rand seguiu na direção da porta.

Eu estava atônita. Jamais escutara Rand falar com um sarcasmo tão ríspido assim e, o que era pior, se Star fosse mesmo uma feiticeira, eu podia estar correndo sério perigo. Minha cabeça começou a trabalhar, porém era tudo complexo demais para contemplar naquele instante.

— Não preciso ler seus pensamentos — Star gritou atrás de Rand. — Tudo que tenho que fazer é rever seu histórico, Rand. Está tudo lá.

O silêncio imperou. O único ruído vindo do gabinete de Star era o amarrotar de papéis sendo virados. Valek ficou de pé, ajudando-me a me levantar também. Seu agente havia retornado. Entregando-lhe o bloco de anotações, Valek desceu as escadas.

Segui Valek através das ruas escuras de Castletown. Nós ficamos nas sombras, evitando as patrulhas. Assim que deixamos os limites da cidade, Valek relaxou e passou a caminhar ao meu lado, enquanto seguíamos pela estrada principal que levava ao castelo.

— Sinto muito — Valek disse. — Sei que Rand era seu amigo.

O uso do verbo no passado foi como a ponta de uma faca se enfiando entre minhas costelas.

— Há quanto tempo você sabe? — perguntei.

— Há três meses que venho desconfiando, porém só obtive provas incontestáveis esse mês.

— O que foi que lhe despertou as suspeitas?

— Rand e sua equipe me ajudaram com aquele teste de venenos que preparei para você. Ele ficou para trás enquanto eu colocava veneno na comida. Deixei aquele cálice de suco de pêssego na minha mesa para que não fosse acidentalmente envenenado. *Foi* um teste limpo. Havia veneno de amora-preta naquela taça, porém, eu não o coloquei lá.

Valek interrompeu-se, permitindo que eu absorvesse a informação.

— Uma das propriedades interessantes da amora-preta é que ela só é venenosa quando preparada em uma solução especial de álcool de cereais e fermento e cozida com extremo cuidado até atingir a temperatura adequada. A maioria dos cozinheiros e, sem dúvida alguma, de seus ajudantes, não possui a habilidade e nem o conhecimento necessários para obter tal resultado.

Valek parecia admirar a habilidade de Rand em preparar o veneno.

A compreensão plena de que Rand tentara me envenenar quase me derrubou no chão. Sentindo uma onda de náusea fervilhar no meu estômago, cambaleei. Correndo para a beira da estrada, vomitei nos arbustos. Só quando as convulsões pararam de sacudir meu corpo é que notei que Valek estava me amparando. Um de seus braços envolvia a minha cintura, enquanto uma mão fria fazia força contra minha testa.

— Obrigada — eu disse, limpando meu queixo com algumas folhas.

Com pernas trêmulas, permiti que Valek me conduzisse até o castelo. Se ele não tivesse continuado a me amparar, eu teria me encolhido ali mesmo no chão, dando a noite por encerrada.

— Há mais. Você quer escutar? — Valek perguntou.

— Não. — Era a verdade, porém, quando nos aproximávamos da parede externa do complexo do castelo, fiz uma terrível conexão. — Por acaso Rand armou para mim no festival do fogo?

— De certo modo.

— Isso não é resposta.

— Os capangas que a agarraram aguardaram você perto da tenda das competições culinárias, sendo assim desconfio que Rand tenha avisado a Star que você estaria lá. Mas, então, ele se recusou a perdê-la de vista. Era como se a estivesse protegendo. Lembra como ele ficou agitado quando não conseguiu encontrá-la? Como ficou aliviado quando a avistou sã e salva?

— Pensei que ele estava bêbado.

— Desconfio que Rand seja um participante involuntário. Na ocasião do teste dos venenos, ele mal a conhecia, contudo, considerando que a amizade de vocês floresceu, imagino que ele se encontre em uma situação um tanto quanto difícil. Ele não quer lhe fazer mal, mas precisa quitar suas dívidas de jogo. Star possui uma grande organização, com muitos outros capangas para substituírem os que eu eliminei, capangas dispostos a quebrar alguns ossos para a patroa. Isso a faz sentir-se melhor?

— Não.

Minha reação à traição de Rand parecia extrema mesmo para mim, porém eu não conseguia ignorá-la. Não era a primeira vez que alguém era falso comigo, e não seria a última. Brazell me enganara. Eu o amara como a um pai e fora leal a ele. No final, foi necessário quase um ano sofrendo com as experiências dele para eu conseguir enxergá-lo como ele realmente era. Contudo, eu sempre soubera que minha devoção de adolescente por ele era unilateral. Visto que Brazell jamais me dera motivos para achar que gostava de mim, seus atos foram mais fáceis de engolir.

Por outro lado, a amizade de Rand parecera genuína. Eu começara a achar que, enfim, havia feito um buraco de tamanho decente na barricada de pedra que erguera ao redor de mim mesma. Grande o suficiente para passar e aproveitar nosso tempo juntos. Agora, a muralha estava ruindo. Sentia as pedras me acertando e me enterrando sob os destroços. Como é que eu poderia voltar a confiar em alguém?

— Há mais alguma coisa que queira me contar? — perguntei para Valek quando paramos a alguns metros da entrada sul do castelo. — Por acaso Ari e Janco estão por trás do ataque que sofri de Nix? Tem algum outro teste de lealdade para mim escondido na sua manga? Quem sabe se da próxima vez

eu não falho? Que perspectiva atraente! — Empurrei para longe o braço de Valek. — Quando me avisou que me testaria de tempos em tempos, pensei que estava falando de envenenar minha comida. Contudo, parece que há mais de um modo de envenenar o coração de uma pessoa e nem mesmo é necessária uma refeição.

— Todo mundo faz escolhas na vida. Algumas ruins, algumas boas. É o que se chama de viver, e se quiser dar o fora, pode ir em frente. Mas não faça as coisas pela metade. Não se coloque em um limbo de lamúrias — Valek retrucou, com a voz áspera. — Não sei quais foram os horrores que você enfrentou antes de chegar ao nosso calabouço. Contudo, se eu tivesse que adivinhar, diria que foram piores do que o que descobriu esta noite. Talvez isso sirva para dar uma dimensão.

Ele adentrou o castelo. Eu me apoiei no muro frio, encostando a cabeça na sua superfície dura. Talvez, se eu ficasse aqui tempo o suficiente, meu coração viraria pedra. E então, traições, provas de lealdade e venenos não teriam efeito sobre mim. Contudo, com o tempo, o frio me fez entrar.

— Aplique força na chave de porca. Não muita. Precisa de um toque firme, porém gentil — Janco disse.

Com as mãos quase curadas, porém ainda doloridas, desajeitadamente coloquei a ferramenta no buraco da fechadura e apliquei pressão.

— Agora use o alvião de diamantes para erguer o pino que está sob tensão, erga até que ele se quebre — ele instruiu.

— Quebrar? — perguntei.

— Até que se alinhe. Quando você coloca uma chave na fechadura, as bordas de metal empurram os pinos para cima, para que você possa girar o cilindro e abrir a tranca. Os pinos mantêm o cilindro no lugar. Precisarás se encarregar de um pino de cada vez e manter a pressão.

Deslizei o alvião para dentro da fechadura, por sobre a chave de porca. Manobrei-o, erguendo cada um dos cinco pinos. Podia sentir uma ligeira vibração nas juntas do meu dedo quando cada um dos pinos quebrou com um clique sutil, porém distinto. Quando estavam todos alinhados, o cilindro girou e a porta se destrancou.

— Bom trabalho! Diabos, Yelena, você aprende rápido. — Janco se

interrompeu, com a testa franzida em sinal de preocupação. — Você não vai usar isso para fazer alguma besteira, vai? Algo que poderá nos meter em encrencas?

— Defina besteira — eu retruquei. Quando os olhos de Janco se arregalaram, eu acrescentei. — Não se preocupe, sou a única que estaria encrencada.

Ele relaxou e eu pratiquei em outra tranca. Estávamos no nível inferior do castelo, onde ninguém nos surpreenderia. Já fazia quatro dias desde que eu descobrira a respeito de Rand. As ordens de Valek foram para agir como se nada houvesse acontecido. Ele queria descobrir a extensão plena da organização de Star antes de expô-la. Valek era um verdadeiro predador, pensei com amargura, vigiando sua presa antes de partir para o ataque mortal.

Eu sabia que ainda não estava pronta para bancar a amiga para Rand, de modo que o estava evitando, o que não era muito difícil de fazer. O castelo estava lotado de generais com suas comitivas, deixando todos os empregados do castelo ocupados, incluindo Rand.

Brazell era outro motivo para eu estar feliz por ter sumido. Seus soldados de preto e verde haviam infectado o castelo e evitá-los estava ficando difícil, embora eu não me incomodasse em ficar escondida na suíte de Valek. Ele roubara uma caixa de Criollo e eu estava mais do que satisfeita por comer um pedacinho cada vez que provava a comida do Comandante.

Ari, Janco e eu havíamos adiado nossas sessões de treinamento pela duração da visita dos generais, mas eu conseguira convencer Janco a me ensinar a arrombar fechaduras. Dar-lhe a moeda de ouro que recebi de Star fora um incentivo adicional. Valek dissera que eu poderia ficar com ela, visto que meu trabalho disfarçada não fazia parte das responsabilidades de provedora de comida. Porém, o peso no meu bolso servia de lembrete constante da traição de Rand, de modo que decidi fazer bom uso do dinheiro.

— Esta última tranca possui dez pinos. Se conseguir abrir esta, poderá lidar com todas as trancas de combinação e de chave do castelo. Com exceção das travas do calabouço. São muito complexas, e não podemos praticar nelas. — Janco franziu a testa. — Você não vai precisar dessa habilidade, vai?

— Sinceramente, espero que não.

— Ótimo.

Após várias tentativas fracassadas, consegui abrir a tranca.

— Agora precisa praticar. Quanto mais rápido conseguir abrir a tranca, melhor — Janco instruiu. — Eu lhe emprestaria minhas ferramentas, mas nunca sei quando posso precisar delas. — Ele piscou para mim, com um brilho travesso no olhar. — Sendo assim... — Ele retirou um outro estojo do bolso. — Usei o dinheiro que me deu para comprar um jogo novo para você.

Janco me passou o estojo de pano preto.

— O dinheiro era para você.

— Ah, sobrou bastante. Mesmo após ter lhe comprado isso.

Ele exibiu uma haste de madeira cor de ébano do comprimento da minha mão. Era decorada com um reluzente botão de prata e havia símbolos prateados entalhados na lateral.

— O que é isso?

— Aperte o botão — ele disse, alegremente.

Com o polegar, pressionei o botão para baixo e me assustei quando uma comprida lâmina reluzente disparou para fora da haste. Era um canivete.

Surpresa, fitei os meus presentes.

— Obrigada, Janco. Mas por que comprou tudo isso para mim?

— Culpa, eu suponho.

— Culpa?

Não era a resposta que eu estava esperando.

— Eu a chamei de criminosa. Já fui um criminoso, mas consegui superar tal fase, e ninguém jamais usou isso contra mim. Além do mais, tenho o terrível pressentimento de que poderá precisar dessas coisas. Os soldados do general Brazell têm perambulado pelas casernas, vangloriando-se de quem é que vai “cuidar” da assassina de Reyad. São um bocado criativos e, por algumas vezes, já tive de impedir que Ari desafiasse a todos. Mesmo para Ari e para mim, dez contra um pode ser um pouco demais.

— Eu ficarei longe deles.

— Ótimo. É melhor eu ir. Fiquei com o turno da noite. Mas, primeiro, eu a acompanharei até seu quarto.

— Não é necessário.

— Ari me mataria se eu não o fizesse.

Caminhamos juntos até a suíte de Valek. Quando alcançamos a esquina próxima à porta principal, Janco se deteve, antes que os guardas pudessem avistá-lo.

— Quase ia esquecendo — ele disse, colocando a mão no bolso do uniforme. Retirou lá de dentro uma bainha para o canivete. — Vai ao redor da sua coxa esquerda. Não se esqueça de fazer um buraco grande no bolso da sua calça, para que, quando sacar o canivete, ele não fique preso no tecido.

Ele estava prestes a ir embora quando o segurei.

— Janco, o que são esses símbolos?

Apontei para os entalhes prateados no cabo da faca.

Janco sorriu.

— São antigos símbolos de batalha usados pelo rei quando ele enviava mensagens e ordens em tempos de guerra. Não fazia diferença quando o inimigo as interceptava, porque eram incompreensíveis para qualquer um que não soubesse decifrá-los. Alguns dos soldados ainda usam os símbolos. Funcionam muito bem em exercícios militares.

— O que eles dizem?

Seu sorriso se alargou.

— Fácil demais, Yelena. Estou certo de que conseguirá descobrir... com o tempo.

Sempre brincalhão, Janco riu com gosto.

— Venha aqui — eu disse —, para que eu possa esmurrá-lo.

— Adoraria lhe fazer a vontade, minha querida. — Janco manteve-se longe do meu alcance. — Mas já estou atrasado.

DEPOIS DE ESCONDER OS presentes de Janco bem no fundo do bolso do meu uniforme, entrei na suíte de Valek. Ele estava trabalhando à sua escrivaninha, contudo ergueu o olhar quando entrei na sala, dando-me a impressão de que estivera me aguardando.

— Onde você esteve? — ele perguntou.

— Com Janco — respondi, mas fiquei desconfiada.

Contanto que eu chegasse nos horários marcados durante o dia, Valek não perguntava o que eu fazia com meu tempo livre.

— Fazendo o quê? — Valek exigiu saber, ficando de pé, com as mãos no quadril.

A imagem cômica de um marido ciumento apareceu na minha cabeça. Reprimi um sorriso.

— Discutindo táticas de combate.

— Ah. — Valek relaxou a postura, contudo, balançava desajeitadamente os braços, como se houvesse exagerado na sua reação e estivesse tentando disfarçar. — Bem, não tem problema. Porém, de agora em diante, preciso saber onde você está o tempo todo, e sugiro que permaneça no castelo e evite chamar muita atenção para si mesma por algum tempo. Os guardas de Brazell

puseram sua cabeça a prêmio.

— A prêmio?

O medo pulsou no meu peito.

— Pode ser boato, ou apenas conversa de soldados bêbados. Contudo, até que tenham ido embora, quero você protegida. — O tom de Valek foi firme, porém, em seguida, ele acrescentou: — Não quero ter que treinar outro provador.

— Terei cuidado.

— Não. Você será paranoica. Andará sempre cercada de gente, apenas em áreas bem iluminadas, e se certificará de ter alguém escoltando-a sempre que estiver caminhando por corredores vazios, tarde da noite. Está entendendo?

— Sim, senhor.

— Ótimo. A reunião do conhaque dos generais está marcada para amanhã à noite. Cada general trará uma garrafa do seu melhor conhaque para partilhar com os outros enquanto discutem as questões de Ixia até tarde da noite. Você será necessária para provar as bebidas do Comandante.

Valek ergueu do chão uma caixa contendo oito garrafas. Elas tiniram musicalmente quando ele pousou o engradado sobre a mesa.

Pegando um copo pequeno, ele disse:

— Quero que prove cada um dos conhaques uma vez esta noite, e pelo menos duas vezes amanhã, para que saiba qual é o gosto de cada um livre de venenos. — Ele me passou o copo. — Cada garrafa está rotulada de acordo com o tipo de conhaque e o General que costuma trazê-lo.

Peguei uma das garrafas a esmo. Era o licor de cerejas do general Dinno, produzido no DM-8. Servindo um bocado, tomei um gole e girei o líquido ao redor da língua, tentando gravar na memória o seu gosto antes de engolir. O álcool forte queimou minha garganta, deixando para trás um pequeno incêndio no meu peito. Meu rosto ficou vermelho com o calor.

— Sugiro que você utilize o método “experimental e cuspir” para não ficar bêbada.

— Bem lembrado.

Peguei outro copo para cuspir e me coloquei a trabalhar nas outras garrafas.

No dia da reunião, provei cada conhaque mais duas vezes na suíte de Valek, depois me testei com mais uma rodada. Só quando me vi capaz de determinar apenas pelo gosto qual licor pertencia a qual general é que me dei por satisfeita.

Naquela noite, aguardei Valek para me escoltar até a sala de guerra. Ele desceu as escadas trajando o uniforme de gala completo. Galões vermelhos pendiam de seus ombros, medalhas estavam alinhadas em seis fileiras sobre o lado esquerdo do peito. Ele irradiava dignidade, um homem de estatura. Eu teria ficado impressionada, senão pela expressão irritada e pouco à vontade de seu rosto. Uma criança petulante forçada a usar suas melhores roupas. Cobri a boca, porém fui incapaz de conter o riso.

— Chega. Tenho que usar essa coisa maldita uma vez por ano e, no que me diz respeito, já é uma vez a mais do que eu gostaria. — Valek mexeu na gola. — Pronta?

Eu me juntei a ele na porta. O uniforme lhe valorizava o corpo atlético e comecei a imaginar como ele ficaria maravilhoso com o uniforme jogado ao redor de seus pés.

— Você está lindo — eu disse.

Mortificada, corei, sentindo uma onda de calor se espalhar pelo meu corpo. Devia ter engolido mais conhaque do que pensei.

— Estou?

Valek olhou para seu uniforme. Depois, endireitou os ombros e parou de mexer no colarinho. Sua expressão contrariada se transformou em um sorriso pensativo.

— Está sim — respondi.

Chegamos na sala de guerra do Comandante justamente quando os generais estavam se reunindo. As janelas de vitrais compridas e finas reluziam com a luz fraca do sol poente. Criados circulavam pela câmara arredondada, acendendo lampiões e carregando bandejas de comida e bebida. Todo o contingente militar presente estava usando traje de gala. Medalhas e botões reluziam. Eu conhecia apenas três generais de vista; o restante, eu reconheci pelas cores dos diamantes nos uniformes pretos. Examinando-lhes atentamente os rostos, memorizei suas feições para o caso de ser testada por Valek, mais tarde.

Brazell me fitou furiosamente quando nossos olhares se cruzaram. O conselheiro Mogkan estava de pé ao seu lado e estremei quando me olhou de alto a baixo, avaliando-me com astúcia. Sempre que Brazell e Reyad realizaram suas experiências em mim, Mogkan estivera por perto. Sua presença, sentida mesmo sem ser vista, me provocara violentos pesadelos. Os conselheiros de Brazell não estavam presentes. Eu não pude deixar de me perguntar por que ele trouxera Mogkan no lugar deles.

O Comandante sentou-se na cabeceira da mesa de conferências oval. Seu uniforme era simples e elegante, com diamantes de verdade presos ao colarinho. Os generais, flanqueados pelos seus conselheiros, sentaram-se ao redor da mesa. A cadeira de Valek ficava à direita da do Comandante, e meu banquinho foi colocado atrás deles, de encontro à única parede de pedra da sala. Eu sabia que a reunião duraria a noite toda, e fiquei feliz por poder descansar as costas. Outra vantagem da minha posição é que eu não estava na linha de visão direta de Brazell. Embora fosse capaz de evitar enxergar os olhares venenosos que ele pudesse lançar para mim, não conseguia me esconder dos olhares intensos de Mogkan.

O Comandante bateu com um martelo de madeira na mesa. O silêncio tomou conta da sala.

— Antes de abordarmos os assuntos programados — o Comandante disse, apontando para a agenda detalhada que fora distribuída antes —, tenho um anúncio importante a fazer. Escolhi um novo sucessor.

Um burburinho se espalhou pela sala de guerra, enquanto o comandante dava a volta na mesa entregando um envelope lacrado para cada general. No interior dos envelopes, havia um quebra-cabeça codificado que revelaria o nome do novo sucessor, quando decifrado pela chave de Valek.

A tensão se apossou da sala como um balão cheio de água prestes a estourar. Uma tempestade de expressões de surpresa, raiva, preocupação e contemplação cruzaram os rostos dos generais. O general Rasmussen, do DM-6, sussurrou no ouvido do seu conselheiro, as faces do General ficando tão vermelhas quanto seu cabelo e bigode. Inclinei-me para frente no meu assento e vi Brazell esforçando-se para manter o rosto neutro, enquanto a satisfação ameaçava se apossar de suas feições.

Em vez de explodir, a tensão foi se dissipando e desapareceu por completo

quando o Comandante a ignorou e deu início à reunião. Questões do interesse do DM-1 eram o primeiro item da agenda e as questões referentes a cada distrito se sucederiam na devida ordem. Enquanto uma garrafa do conhaque branco especial do general Kitvivan rodava a mesa, os generais conversavam sobre leopardos da neve e direitos de mineração.

— Ora, vamos, Kit. Chega de falar dos leopardos. Apenas alimente-os nos campos de gelo como nós fazemos, e eles não o incomodarão mais — disse, com um pouco de irritação, o general Chenzo, do DM-2, passando a mão gorda pelo cabelo branco como a lua.

Sua cabeleira reluzia em contraste com a pele bronzeada.

— Alimentá-los para que fiquem gordos e cheios de saúde e comecem a se reproduzir como coelhos? Iremos à falência só para fornecer a carne — Kitvivan retrucou.

Meu interesse nas conversas oscilava dependendo do assunto. Após algum tempo, comecei a me sentir zozona e quente, à medida que o conhaque ia influenciando meu corpo. Afinal de contas, o protocolo ditava que eu engolisse sempre que provava para o Comandante.

Os generais votaram sobre vários assuntos, mas cabia ao Comandante o voto decisivo. Geralmente, ele decidia a favor da maioria. Ninguém se queixava quando isso não acontecia.

O comandante Ambrose morara no DM-3, sobrevivendo humildemente com a família no sopé das Montanhas das Almas. Encaixado entre as montanhas e os campos de gelo, seu lar ficava sobre uma enorme mina de diamantes. Quando a valiosa descoberta chegou aos ouvidos do rei, ele se apossou dos diamantes e “permitiu” que a família do Comandante vivesse ali e trabalhasse nas minas. Ele perdeu muitos membros da família em desabamentos e por conta do ambiente úmido e empoeirado.

Como um jovem revoltado com as injustiças da monarquia, Ambrose tratou de se educar e começou a pregar reformas. Sua inteligência, objetividade e carisma conquistaram muitos seguidores leais.

Minha mente voltou a se concentrar na reunião quando os generais chegaram a questões que diziam respeito ao DM-5. O general Brazell provocou uma considerável comoção. Em vez de apresentar seu melhor conhaque, ele mandou rodar uma bandeja de prata contendo o que pareciam

ser pequenas pedras marrons. Valek passou uma para mim. Era uma gota arredondada do Criollo de Brazell.

Antes que os protestos sobre ignorar as tradições pudessem escalonar, Brazell ficou de pé e convidou todos a darem uma mordida. Após um breve instante de silêncio, exclamações de prazer tomaram conta da sala de guerra. O Criollo estava recheado com licor de morango. Indiquei para o Comandante que estava tudo bem, para que pudesse saborear o resto do meu doce. A combinação do gosto doce e de nozes do Criollo misturado com a textura suave do licor era divina. Supus que Rand ficaria aborrecido por não ter pensado em misturar os dois, mas, em seguida, me arrependi por sentir pena de Rand, ao lhe imaginar o rosto falso.

Depois que os elogios cessaram, Brazell anunciou que a construção de sua nova fábrica estava terminada. Em seguida, ele abordou questões mais mundanas, como quantidade de lã que fora tosquiada e a produção esperada das plantações de algodão.

O Distrito Militar 5 produzia e tingia toda a linha de Ixia, e depois a mandava para o DM-3 do general Franis, para ser transformada em tecido. Franis assentia com uma expressão preocupada, enquanto anotava as quantidades citadas por Brazell. Ele era o mais novo dos generais e tinha o hábito de traçar com o dedo os diamantes roxos do seu uniforme sempre que estava se concentrando.

Eu cochilei no meu banquinho quando pensamentos indistintos começaram a se formar na minha cabeça, como nuvens de tempestade. Sonhos estranhos sobre conhaque, patrulhas fronteiriças e vistos se misturaram como flocos de neve levados pelo vento. E, então, as imagens ficaram claras e definidas, quando a visão de uma jovem usando peles brancas apareceu na minha cabeça.

Ela segurava ao alto uma lança ensanguentada, como em um gesto de celebração. Um leopardo da neve morto jazia a seus pés. Ela enterrou a ponta da lança no gelo e sacou uma faca. Fazendo um corte na pele do animal, usou um cálice para coletar o sangue que jorrou.

Ela exultou ao beber, com trilhas escarlates lhe escorrendo pelo queixo. Escutei claramente os pensamentos dela na minha cabeça.

— Ninguém jamais conseguiu esse feito — pensou. — Ninguém além de

mim! — ela gritou, e sua alegria contagiou meu coração. — A prova de que sou uma caçadora forte e astuta. Prova de que minha masculinidade foi roubada de mim. Prova de que sou um homem. Os homens não mandarão mais em mim — ela gritou. — Torne-se um leopardo da neve para viver com leopardos da neve, torne-se um homem para viver com homens.

A caçadora virou o rosto. A princípio, pensei que fosse a irmã do Comandante. Eles tinham as mesmas feições delicadas e o mesmo cabelo preto. Ela usava o poder e a confiança como um manto. Fitando o meu eu dos sonhos, seus olhos dourados me atravessaram como uma saraivada de raios. A súbita percepção de que ela era o Comandante me fez acordar sobressaltada. Meu coração batia forte e minha cabeça latejava quando me dei conta de que estava fitando diretamente os olhos penetrantes de Mogkan. Ele sorriu com satisfação.

O motivo de o Comandante odiar feiticeiros ficou transparente como vidro para mim. Ele era ela, porém com a convicção absoluta de que deveria ter nascido homem. O destino cruel escolhera presenteá-lo com o fardo de uma mutação que ele tinha que superar. E o Comandante receava que feiticeiros pudessem arrancar tal segredo de sua mente. Pura bobagem, pensei, sacudindo a cabeça para ignorar toda a ideia insana. Só porque eu sonhara com uma mulher não significava que o Comandante fosse uma. Era pura bobagem. Ou será que não?

Esfregando os olhos, olhei ao redor para ver se mais alguém notara que eu adormecera. O Comandante fitava o infinito e Valek estava sentado empertigado e alerta, passando os olhos pelo aposento, procurando alguma coisa, ou alguém. O general Tesso tinha a palavra.

Valek desviou seu olhar de volta para o Comandante e cutucou-lhe alarmado o braço.

— O que houve? — sussurrou, com urgência. — Onde é que você estava?

— Apenas recordando um passado distante — o Comandante respondeu com um tom saudoso. — É mais agradável do que escutar o relatório dolorosamente detalhado do general Tesso sobre a colheita do milho no DM-4.

Estudei as feições do Comandante, tentando sobrepô-las às da mulher do meu sonho. Eram idênticas, só que isso nada significava. Sonhos retorciam a

realidade e era fácil imaginar o Comandante matando um leopardo da neve.

O resto da reunião prosseguiu sem incidentes e, de vez em quando, cochilei no meu banquinho sem ser perturbada por sonhos estranhos. Quando o Comandante bateu o martelo, acordei na mesma hora.

— Último item, cavalheiros — o Comandante anunciou. — Uma delegação sitiana solicitou um encontro.

Uma tremenda algazarra apossou-se da sala. Argumentos ganharam vida como se os generais estivessem retomando um antigo debate do ponto exato em que fora interrompido. Discutiram tratados comerciais e falaram em invadir Sitia. Em vez de negociar os produtos, por que não tomá-los à força? Queriam expandir seus distritos e adquirir mais homens e recursos, dando um fim a todas as preocupações sobre Sitia tentar invadir Ixia.

O Comandante permaneceu sentado e calado, absorvendo a onda de conselhos. Os generais se acalmaram o suficiente para expor seus pontos de vista no tocante a permitir a visita dos sitianos. Os quatro generais do Norte (Kitvivan, Chenzo, Franis e Dinno) não queriam se encontrar com a delegação, enquanto os quatro generais do Sul (Tesso, Rasmussen, Hazel e Brazell) eram a favor de uma conferência com os sitianos.

O Comandante sacudiu a cabeça.

— Sei de suas opiniões sobre Sitia, contudo, os sulistas preferem negociar conosco a nos atacar. Temos mais homens e armas. Um fato de que eles estão bem cientes. Atacar Sitia custaria muitas vidas, sem falar em enormes quantias. E para quê? Seus itens de luxo não valem o custo. Estou satisfeito com Ixia. Nós curamos a terra da doença do rei. Talvez meu sucessor queira mais. Terão que aguardar até então.

Um burburinho se espalhou por entre os generais. Brazell assentiu em sinal de concordância, com os lábios finos exibindo um sorriso predatório.

— Já concordei em me encontrar com o contingente sulista — o Comandante prosseguiu. — Eles devem chegar em quatro dias. Terão até então para expressarem suas preocupações específicas para mim, antes de retornarem aos seus distritos natais. Fim da reunião.

A batida do martelo do Comandante ecoou pelo aposento silencioso.

O Comandante levantou-se e, seguido de perto pelos guarda-costas e por Valek, preparou-se para deixar a sala. Valek fez um gesto para que eu me

juntasse a eles. Quando fiquei de pé, pude enfim sentir todo o efeito do conhaque que eu consumira. Zonza, segui os outros para fora da sala. Uma explosão de sons atravessou a porta pouco antes de ela se fechar atrás de nós.

— Isso deve agitar um pouco as coisas — o Comandante disse, com um débil sorriso.

— Eu não recomendaria passar as férias no DM-8 este ano — Valek comentou, com sarcasmo. — Pelo modo como Dinno reagiu ao seu anúncio sobre a delegação sulista, não me espantaria se ele espalhasse aranhas de areia por sua casa de praia. — Valek estremeceu. — Uma maneira terrivelmente dolorosa de morrer.

Minha pele também se arrepiou só de pensar nas mortíferas aranhas do tamanho de cachorros pequeninos. Nossa procissão prosseguiu em silêncio por algum tempo enquanto seguíamos de volta para a suíte do Comandante. Meu andar era oscilante. As paredes de pedra passavam por mim como um borrão, como se elas estivessem se movendo e fosse eu que estivesse parada.

Do lado de fora da suíte do Comandante, Valek disse:

— Eu também ficaria de olho em Rasmussen. Ele não gostou muito da notícia da mudança de seu sucessor.

O Comandante abriu a porta. Dei uma olhada rápida no interior de sua suíte. O mesmo estilo simples e prático que decorava seu escritório e o restante do castelo estava presente. O que eu esperara? Talvez um pouco de cor, ou algo um pouco mais feminino? Sacudi ligeiramente a cabeça para banir pensamentos tão absurdos. O movimento fez tudo ao meu redor girar e tive que apoiar a mão na parede para não cambalear.

— Eu fico de olho em todo mundo, Valek. Sabe disso — o Comandante disse, antes de fechar a porta atrás de si.

Quando chegamos à nossa suíte, Valek tirou o paletó do uniforme e o atirou sobre o sofá. Ele apontou para uma poltrona e disse:

— Sente-se. Precisamos conversar.

Larguei-me na poltrona e deixei a perna balançando sobre o braço dela, enquanto observava Valek andar de um lado para o outro de camiseta sem mangas e calça preta justa. Imaginar minhas mãos ajudando a aliviar-lhe a tensão nos músculos retesados dos braços quase deu início a um acesso de riso. O conhaque percorria meu corpo, acelerando meu batimento cardíaco.

— Duas coisas estavam muito erradas hoje à noite — Valek disse.

— Ora, vamos, eu só cochilei por um minuto — retruquei, em minha defesa.

Valek me fitou com uma expressão confusa.

— Não, não. Você se saiu bem. Estou falando da reunião, dos generais. — Ele continuou a andar de um lado para o outro. — Primeiro, Brazell parecia estar estranhamente contente com a mudança do sucessor e com a delegação sitiana. Ele sempre quis um tratado comercial, porém, normalmente, prefere uma abordagem mais cautelosa. E, em segundo lugar, havia um feiticeiro na sala.

— O quê?

Prendi minha respiração. Será que eu fora descoberta?

— Magia. Muito sutil, vinda de um profissional treinado. Eu a senti apenas uma vez, um breve toque, porém não fui capaz de identificar a fonte. Mas o feiticeiro tinha que ter estado na sala, ou eu não o teria sentido.

— Quando?

— Durante a interminável dissertação de Tesso sobre o milho. — A postura de Valek relaxou um pouco, como se o ato de falar sobre o problema o ajudasse a lidar com ele. — Mais ou menos na mesma hora em que o seu ronco podia ser escutado do outro lado da sala.

— Há — eu disse, um tanto quanto alto. — Você estava tão duro durante a reunião que cheguei a pensar que fosse um caso de rigidez cadavérica.

Valek riu.

— Duvido que você teria sido capaz de dar uma impressão melhor passando a noite toda sentada usando o desconfortável uniforme de gala. Imagino que Dilana tenha usado goma em excesso só de maldade. — Em seguida, ele voltou a ficar sério. — Por acaso já conhecia o conselheiro Mogkan? Ele ficou olhando para você a maior parte da noite.

— Já ouvi falar dele. Era o principal conselheiro de Reyad. Também costumavam caçar juntos.

— Como ele é? — Valek perguntou.

— O mesmo tipo de verme que Reyad e Nix.

As palavras simplesmente saltaram de meus lábios. Cobri a boca com ambas as mãos, mas já era tarde demais.

Valek me estudou por um instante. Em seguida, disse:

— Havia vários conselheiros novos na reunião. Suponho que terei que investigá-los um por um. Parece que temos um novo espião sulista com habilidades mágicas. — Ele suspirou. — Não termina nunca.

Valek largou-se na beirada do sofá, o cansaço abatendo-se sobre ele como uma camada de poeira.

— Se terminasse, você estaria desempregado.

Antes que eu pudesse me impedir, encaixei-me atrás de Valek e comecei a lhe massagear os ombros. O álcool assumiu por completo o comando de meus movimentos e a pequenina seção sóbria de meu cérebro conseguia apenas gritar repreensões inúteis.

V_ALEK ESTREMECEU SOB meu toque. Será que estava esperando que eu fosse estrangulá-lo? Quando minhas mãos começaram a lhe massagear os músculos, ele relaxou.

— O que você faria se, de repente, o mundo fosse perfeito e você não tivesse mais ninguém para espionar?

— Eu ficaria entediado — Valek disse, em um tom divertido.

— Estou falando sério. Uma mudança de profissão. — Enterrei os polegares na musculatura de sua nuca. — Seria um dançarino do fogo?

Senti uma onda de calor se apossando de mim à medida que o conhaque era bombeado através do meu sangue.

— Não. Um instrutor de armas? — Valek sugeriu.

— Não. É um mundo perfeito. Armas não são permitidas. — Desci minhas mãos pelas suas costas. — Que tal um erudito? Você já leu todos esses livros espalhados por aqui, não leu? Ou será que são apenas para evitar que alguém entre furtivamente?

— Livros me são úteis de muitas maneiras. Mas duvido que seu mundo perfeito precisasse de um erudito em assassinato.

Minhas mãos se detiveram por um instante.

— Não. Definitivamente, não.

— Um escultor? Eu poderia esculpir estátuas extravagantes. Poderíamos

redecorar o castelo e alegrar um pouco as coisas. E quanto a você? — ele perguntou, quando pressionei a parte inferior de suas costas com meus dedos. — O que você faria?

— Acrobacias.

A palavra deixou meus lábios sem um pensamento consciente. Eu pensei ter deixado as acrobacias para trás com meu amuleto do fogo, contudo, aparentemente, minha excursão através da floresta reacendera o meu desejo.

— Uma acrobata! Bem, isso explica muita coisa.

Excitada devido ao contato com o corpo esculpido de Valek, deslizei minhas mãos até a barriga dele. Para o inferno com Reyad. O conhaque me relaxara muito além do medo. Comecei a desafivelar as calças de Valek.

Ele me agarrou pelos pulsos, detendo-me.

— Yelena, você está bêbada.

Sua voz estava rouca.

Valek soltou minhas mãos e ficou de pé. Permaneci sentada, observando-o com surpresa quando ele se curvou para me levantar do sofá. Sem dizer uma palavra, me carregou até meu quarto, onde me depositou sobre a cama.

— Durma um pouco, Yelena — Valek disse baixinho ao deixar o quarto.

Ao fitar a escuridão, senti meu mundo rodopiar. Pousar a mão na pedra fria da parede próxima à cama ajudou a acalmar meus pensamentos. Agora eu sabia. O interesse de Valek em mim se limitava ao meu trabalho como provadora de comida. Eu me deixara levar pelos mexericos de Dilana e pelos ciúmes de Maren. A dor da rejeição latejando na minha alma era toda culpa minha.

Por que eu ainda não aprendera? As pessoas se transformavam em monstros. Pelo menos, as pessoas que eu conhecia. Primeiro Brazell, depois Rand, embora Reyad houvesse permanecido consistente. E quanto a Valek? Será que ele se transformaria também, ou isso já acontecera? Como Star disse, não deveria estar pensando nele de jeito algum, não como companheiro e não para preencher o vazio no meu coração.

Como se isso fosse possível. Eu ri. Olhe ao seu redor, Yelena, censurei-me. A provadora de comida envenenada que conversa com fantasmas. Eu deveria me sentir grata por ainda respirar, por existir. Tudo que eu deveria desejar era a liberdade em Sitia. Então, poderia preencher o vazio. Ignorando

todo e qualquer pensamento sentimental, fraco, eu me concentrei em permanecer viva.

Escapar para Sitia não romperia nenhum vínculo com Valek. Assim que obtivesse o antídoto para o Pó de Borboleta, eu poderia colocar em andamento os meus planos. Determinada, repassei em minha mente as técnicas de arrombamento de fechaduras até cair em um sono profundo induzido pelo álcool.

Acordei uma hora antes da alvorada com a cabeça latejando. Tinha a sensação de que minha boca era uma teia de aranha abandonada. Imaginava a poeira soprando de meus lábios a cada exalação. Movendo-me com extremo cuidado, desci lentamente da cama. Enrolando o cobertor ao redor dos ombros, fui beber alguma coisa. Valek gostava de água gelada e sempre deixava uma jarra na sacada lá fora.

O ar frio da madrugada espantou os últimos vestígios do sono. As paredes de pedra do castelo reluziam, refletindo sinistramente o brilho da lua. Localizei a jarra de metal. Uma fina camada de gelo se formara no seu topo. Rompendo-a com o dedo, despejei a água na minha boca.

Quando inclinei a cabeça para trás para um segundo gole, notei um objeto preto, do formato de uma aranha, agarrado à parede do castelo, acima de minha cabeça. Com crescente alarme, notei que o vulto estava descendo na minha direção. Não era uma aranha, mas uma pessoa.

Procurei um lugar para me esconder, contudo me detive ao me dar conta de que o intruso provavelmente já me avistara. Trancar-me na suíte e acordar Valek parecia um plano melhor. Porém, antes que eu pudesse adentrar a sala de estar às escuras, hesitei. Lá dentro, as roupas pretas do intruso seriam difíceis de enxergar. Desde minhas lições em arrombar fechaduras com Janco, uma porta trancada não me transmitia mais segurança.

Amaldiçoando-me por ter deixado o canivete lá dentro, segui para a outra extremidade da sacada, segurando com força a jarra de água na mão.

O escalador de paredes transpôs com um salto a distância que o separava do chão da sacada. O movimento ágil despertou o reconhecimento.

— Valek? — sussurrei.

Um reluzir de dentes brancos, e, em seguida, Valek retirou um par de óculos escuros. O resto de seu rosto estava oculto atrás de um capuz que lhe

cobria a cabeça e estava enfiado para dentro do traje de malha justo que lhe revestia o corpo todo.

— O que está fazendo? — perguntei.

— Reconhecimento. Os generais costumam ficar acordados até tarde depois que o Comandante deixa a reunião do conhaque. Sendo assim, tive que aguardar até que todo mundo houvesse ido para a cama. — Valek entrou na suíte, retirando o capuz. Acendendo o lampião sobre a escrivaninha, ele retirou um papel de dentro do bolso. — Detesto mistérios. Eu poderia ter deixado a identidade do sucessor do Comandante permanecer um segredo, como fiz pelos últimos quinze anos, contudo, a oportunidade dessa noite foi tentadora demais. Com os oito generais bêbados apagados, eu poderia ter dançado na cama deles sem acordá-los. Nenhum deles tem um pingão sequer de imaginação. Observei todos os generais guardarem os envelopes do Comandante nas suas pastas. — Valek gesticulou para que eu me juntasse a ele ao redor da mesa. — Aqui, me ajude a decifrar isso.

Ele me entregou uma folha de papel. Uma variedade de palavras e números estavam rabiscados nela. Ele copiara cada uma das oito mensagens codificadas ao invadir o quarto de cada general. Perguntei-me por que ele haveria de confiar em mim. Curiosa demais para questionar, puxei uma cadeira para ajudá-lo.

— Como foi que rompeu o lacre de cera? — indaguei.

— Um desafio para novatos. Tudo que você precisa é de uma faca afiada e uma pequena chama. Agora, leia para mim a primeira sequência de letras.

Ele a escreveu e, em seguida, reordenou as letras até ter criado a palavra *cercos*. Abrindo um livro, folheou as páginas. Símbolos como os que estavam cravados no cabo do meu canivete salpicavam o documento. A página na qual Valek se deteve estava decorada com um enorme símbolo azul que lembrava uma estrela no meio de três círculos.

— O que é isso? — perguntei.

— O antigo símbolo de batalha para cercos. O falecido rei usava esses sinais para se comunicar com seus capitães em tempo de guerra. Foram originariamente criados centenas de anos atrás por um grande estrategista. Leia-me a sequência seguinte.

Eu lhe disse os números. Ele começou a contar as linhas do texto.

Dei-me conta de que poderia pegar emprestado esse livro e descobrir a mensagem de Janco no canivete. Com o tempo, uma ova. Janco ia ficar surpreso.

Quando Valek chegou ao número desejado, escreveu uma letra em uma página em branco. Após ter terminado de decifrar a mensagem, Valek ficou imóvel. Incapaz de esperar mais, eu perguntei:

— Quem é?

— Adivinhe — ele retrucou.

Olhei para ele. Estava cansada e com ressaca.

— Vou lhe dar uma dica. Quem ficou mais contente com a mudança? Qual é o nome que insiste em aparecer relacionado aos acontecimentos mais bizarros?

O terror envolveu meu corpo como um manto. Se algo acontecesse com o Comandante, Brazell ficaria no comando. Eu provavelmente seria o primeiro item de sua agenda, e não viveria o suficiente para ver nenhuma das mudanças que ele poderia implementar em Ixia.

Valek compreendeu a expressão no meu rosto. Ele assentiu.

— Isso mesmo. Brazell.

Durante dois dias, o Comandante recebeu cada um dos generais, um de cada vez. Minhas interrupções breves e periódicas para provar a comida do Comandante criavam momentos desagradáveis de silêncio. A tensão ao redor do castelo era palpável, visto que as comitivas dos generais rosnavam e puxavam briga com todo mundo.

No terceiro dia, quando cheguei para provar o café da manhã do Comandante, eu o encontrei envolvido em uma conversa com Brazell e o conselheiro Mogkan. Os olhos do Comandante estavam vidrados e sua voz era monótona.

— Saia daqui! — rugiu Brazell.

Mogkan me empurrou para a sala do trono.

— Aguarde aqui até que nós a chamemos — ele ordenou.

Hesitei do lado de fora do escritório, sem saber se deveria obedecer à solicitação incomum. Se tivesse sido feita por Valek ou pelo Comandante, eu não teria tido dúvidas, contudo não gostava de ter que seguir as ordens de

Mogkan. Minhas preocupações ficaram maiores ao imaginar uma tentativa de assassinato por parte de Brazell. Estava prestes a sair à procura de Valek quando ele irrompeu na sala do trono e, com uma expressão dura no rosto, avançou apressadamente na direção do escritório do Comandante.

— O que está fazendo aqui fora? — Valek exigiu saber. — Ainda não provou o desjejum do Comandante?

— Recebi ordens para aguardar aqui fora. Ele está com Brazell e Mogkan.

Um medo súbito cruzou o rosto de Valek. Ele me afastou de sua frente e adentrou o escritório. Eu o segui. Mogkan estava de pé atrás de Ambrose, com a ponta de seus dedos pressionando as têmporas do Comandante. Quando Valek apareceu, Mogkan afastou-se. Ele calmamente disse:

— Como pode definitivamente sentir, senhor, essa é uma excelente maneira de aliviar uma dor de cabeça.

A vida voltou ao rosto do Comandante.

— Obrigado, Mogkan — ele disse. Olhando sério para Valek por conta de sua intrusão, ele exigiu saber: — O que é tão importante?

— Notícias perturbadoras, senhor. — Os olhos de Valek faiscaram ao fitar Brazell e Mogkan. — Gostaria de discuti-las em particular.

O Comandante remarcou a reunião para mais tarde no mesmo dia e, em seguida, os dispensou.

— Yelena, prove o desjejum do Comandante agora.

— Sim, senhor.

Valek me observou provar a comida. Havia uma expressão intensa no seu rosto que me deixou nervosa. Será que ele achava que a comida estava envenenada? Verifiquei novamente o chá morno e o omelete tépido, porém não fui capaz de detectar substâncias estranhas. Pousei a bandeja na mesa do Comandante.

— Yelena, se eu tiver que comer comida fria novamente, mandarei açoitá-la. Está entendendo?

Não havia paixão na voz do Comandante, mas a ameaça era genuína.

— Sim, senhor — respondi, sabendo que desculpas seriam inúteis.

— Está dispensada.

Saí correndo do escritório, mal notando a intensa atividade na sala do trono. Ao deixá-la, me detive. “Fome”, disse uma voz monótona na minha

cabeça. Minha barriga roncava. Eu estava faminta. Segui para a cozinha.

Quando dobrei uma esquina, me deparei com o conselheiro Mogkan, que me bloqueou a passagem. Ele passou o braço pelo meu e me conduziu até uma área isolada do castelo. Acompanhá-lo parecia natural. Eu queria me soltar, queria ter medo, sentir pavor na verdade, mas sequer fui capaz de produzir as emoções. Minha fome desaparecera. Eu me sentia feliz.

Mogkan me conduziu por um corredor deserto. Um beco sem saída, pensei, ainda incapaz de esboçar uma reação. Seus sedosos olhos acinzentados me fitaram por um instante, antes de ele soltar meu braço. Seus dedos traçaram a fileira de diamantes negros na manga do meu uniforme.

— Minha Yelena — ele disse, possessivamente.

O medo subiu pelo meu braço e explodiu no meu peito no instante em que o contato físico com Mogkan foi interrompido. Meu enfado emocional se dissipara, contudo, eu não conseguia me mover. Os músculos do meu corpo se recusavam a obedecer aos comandos frenéticos de minha mente para resistir.

Um mago! Mogkan possuía poder. Ele o usara durante a reunião do conhaque, despertando a desconfiança de Valek. Porém, maiores contemplações acerca dessa revelação foram interrompidas quando Mogkan aproximou-se.

— Se eu tivesse sabido que causaria tantos problemas, jamais a teria trazido ao orfanato de Brazell. — Ele sorriu ante a minha confusão. — Será que Reyad não contou que fui eu que a encontrei?

— Não — respondi com esforço.

— Estava perdida na selva, com apenas seis anos de idade. Uma criança tão linda e inteligente. Que adorável! Eu a resgatei das garras de um lince das árvores, porque sabia que você tinha potencial. Mas você era teimosa demais, independente demais. Quanto mais tentávamos, mais você resistia. — Mogkan segurou meu queixo, forçando-me a fitar-lhe os olhos. — Mesmo agora que a tenho sob meu domínio, você ainda está resistindo. — Ele ergueu o braço esquerdo, e meu próprio braço esquerdo lhe espelhou o movimento. — Mas se eu tentasse controlar tanto seu corpo quanto sua mente, você com o tempo se libertaria.

Ele sacudiu a cabeça, em um sinal de incredulidade, como se o conceito

todo o impressionasse.

— Felizmente, tudo que é necessário é uma pressão sutil.

Ele afastou a mão e, em seguida, encostou as pontas dos dedos na do polegar da mesma mão.

Minha garganta se fechou. Eu não conseguia respirar. Incapaz de me defender, deslizei para o chão. Os gritos de minha mente não encontraram voz. A lógica agarrou o pânico e se engalfinhou com ele no chão. Mogkan estava usando magia. Talvez eu conseguisse bloqueá-la antes de desmaiar. Tentei recitar venenos na minha mente.

— Quanta força! — Mogkan disse com admiração. — Contudo, isso não a salvará dessa vez.

Ele curvou-se e me beijou carinhosa, quase paternalmente, na testa.

A paz tomou conta de mim. Parei de resistir. Minha visão escureceu. Senti Mogkan tomar-me a mão, segurando-a na sua.

RECLINADA DE ENCONTRO à parede, agarrei-me à mão de Mogkan enquanto o mundo desaparecia ao meu redor. Senti um solavanco indesejado e, em seguida, o bloqueio na minha garganta se aliviou. Esforçando-me para respirar, recuperei a consciência e me dei conta de que estava estendida no chão. Perto de mim, sentado no peito de Mogkan, Valek estava com as mãos ao redor do pescoço do conselheiro, porém seus olhos estavam fixos em mim.

Mogkan sorriu quando Valek se levantou, puxando-o consigo, até que ele também estivesse de pé.

— Espero que esteja ciente da penalidade por ser um mago em Ixia — Valek disse. — Se não sabe, será meu prazer informá-lo.

Mogkan alisou o uniforme e ajeitou a comprida trança de cabelo escuro.

— Muitos diriam que sua habilidade de resistir à magia torna *você* um mago, Valek.

— O Comandante não pensa assim. Você está preso.

— Nesse caso, acho que você vai ter uma grande surpresa. Sugiro que discuta essas falsas acusações com o Comandante antes que faça algo drástico — Mogkan retrucou.

— Que tal se eu o matar agora?

Valek avançou na direção dele.

Uma pontada de dor quente atingiu o meu abdome. Eu gritei e me encolhi no chão. A agonia era implacável. Valek avançou outro passo. Eu gritei ao sentir o fogo subir ardendo pelas minhas costas e circundar minha cabeça.

— Se chegar mais perto, ela morrerá — Mogkan disse, com uma maciez astuta na voz.

Através de olhos lacrimejando de agonia, pude ver Valek colocar seu peso nas plantas dos pés, mas ele permaneceu no mesmo lugar.

— Ora, ora. Que interessante. O Valek de antigamente não teria dado a mínima para a possibilidade de alguém matar sua provedora de comida. Yelena, minha criança. Acabo de me dar conta de como você é útil.

A dor intensa foi inacreditável. Eu teria morrido de bom grado para escapar dela. Antes de desmaiar, a última coisa que vi foram as costas de Mogkan enquanto ele ia embora, são e salvo.

Acordei para a escuridão. Algo pesado pressionava minha testa. Alarmada, tentei me sentar.

— Está tudo bem — Valek disse, empurrando-me para baixo.

Levei a mão à testa e retirei de lá um pano molhado. Piscando ante a luz, olhei ao redor, avistando a mobília conhecida do meu próprio quarto. Valek estava de pé ao meu lado com um cálice nas mãos.

— Beba isto.

Tomei um gole e me encolhi ante o gosto medicinal. Valek insistiu para que eu tomasse tudo. Quando o cálice estava vazio, ele o pousou sobre a mesinha de cabeceira.

— Descanse — ordenou, e virou-se para ir embora.

— Valek — eu disse, detendo-o. — Por que não matou Mogkan?

Ele pensou por um instante, inclinando a cabeça.

— Uma manobra tática. Mogkan a teria matado antes que eu pudesse dar cabo dele. Você é a chave de muitos enigmas, preciso de você. — Ele avançou na direção da porta, mas se deteve no batente. Apertava a maçaneta com tanta força que as juntas dos dedos estavam esbranquiçadas. — Comuniquei ao Comandante sobre Mogkan, porém ele... — A mão de Valek

torceu a maçaneta e eu escutei o metal estalar. — Não me pareceu preocupado, sendo assim vou proteger o Comandante até que Brazell e Mogkan tenham partido. Designei Ari e Janco como seus guarda-costas pessoais. Não saia dessa suíte sem eles. E pare de comer o Criollo do Comandante. Quero ver se alguma coisa acontece com você.

Valek fechou a porta, deixando-me a sós com meus pensamentos agitados.

Mantendo sua palavra, para a profunda irritação do Comandante, Valek não saiu mais do lado de Ambrose. Ari e Janco gostaram da mudança na sua rotina, mas eu os fiz trabalhar duro. Sempre que eu não estava provando as refeições do Comandante, eu fazia Ari treinar comigo manobras de defesa com a faca e Janco me dar mais lições de como arrombar fechaduras.

A partida dos generais estava marcada para o dia seguinte, o que significava que estava na hora de fazer meu próprio reconhecimento. Era o início da noite e eu sabia que Valek permaneceria com o Comandante até tarde. Disse para Ari e Janco que iria para cama cedo e desejei-lhes uma boa-noite do batente da porta da suíte de Valek. Após aguardar uma hora, me esgueirei de volta para o corredor.

As vias de circulação do castelo não estavam tão desertas quanto eu esperava, mas o escritório de Valek dava para o corredor principal. Aproximei-me de sua porta, olhando ao redor, em busca de atividade. Não avistando ninguém, inseri minhas ferramentas no primeiro dos três buracos de fechadura, mas o nervosismo me impossibilitou de arrombar a tranca. Inspirei profundamente algumas vezes e tentei novamente.

Já abrira duas trancas quando escutei vozes se aproximando. Ficando de pé, retirei as ferramentas do buraco da fechadura e bati à porta, justamente quando dois homens apareceram no final do corredor.

— Ele está com o Comandante — avisou o guarda da esquerda.

— Obrigada — respondi, e comecei a andar na direção oposta, com meu coração batendo como as asas de um beija-flor.

Olhei para trás para me certificar de que eles haviam ido embora e voltei correndo para o escritório de Valek. A terceira tranca provou ser a mais difícil. Eu estava coberta de suor quando, enfim, a abri. Corri para dentro da sala, trancando a porta atrás de mim.

Minha primeira tarefa foi arrombar o pequeno armário de madeira que

continha o meu antídoto. Talvez Valek houvesse trancado a receita ali. Acendi um lampião para olhar lá dentro. Garrafas de vidro de vários formatos e tamanhos reluziram sob a luz. A maioria delas estava rotulada como veneno. Uma crescente sensação de urgência se apossou de mim enquanto eu procurava. Tudo que descobri foi a enorme garrafa contendo o antídoto. Sabendo que Valek notaria se eu levasse uma quantidade demasiada, despejei apenas algumas doses no frasco que trouxera escondido no meu bolso.

Após trancar novamente o armário, comecei uma busca sistemática pelas pastas de Valek, começando pelas gavetas da escrivaninha. Embora seu escritório estivesse repleto de livros e mapas, seus dossiês pessoais estavam bem organizados. Encontrei arquivos sobre Margg e o Comandante, e fiquei tentada a lê-los, porém me concentrei em encontrar qualquer pasta contendo o nome ou qualquer menção ao Pó de Borboleta. Valek escrevera muitos comentários interessantes sobre minhas habilidades como provedora em minha ficha pessoal, porém não havia menção ao veneno e nem a seu antídoto.

Quando terminei com a escrivaninha, segui para a mesa de conferências. Livros sobre venenos se misturavam com fichas e outros documentos de espionagem. Examinei as pilhas. Estava ficando sem tempo. Tinha que retornar à suíte antes que Valek acompanhasse o Comandante de volta aos seus aposentos.

Reprimi minha decepção ao terminar de vasculhar a mesa. Ainda havia metade do escritório para procurar.

Estava quase no outro extremo da sala quando escutei o som distinto de uma chave sendo inserida na fechadura. Um clique, e a chave foi retirada. Apaguei o lampião ao escutar a segunda tranca se abrir. Mergulhei atrás da mesa de conferências, torcendo para que as caixas empilhadas debaixo dela me escondessem. Por favor, rezei para as forças do destino, que seja Margg, e não Valek. O terceiro clique fez meu coração se apertar.

A porta se abriu e se fechou. Escutei o som baixinho de passadas leves cruzando o recinto. Alguém se sentou atrás da escrivaninha. Não me arrisquei a espiar, mas sabia que era Valek. Será que o Comandante fora para cama cedo? Revi minhas poucas opções: ser descoberta ou aguardar que Valek fosse embora. Acomodei-me em uma posição mais confortável.

Alguns minutos mais tarde, alguém bateu à porta.

— Entre — Valek ordenou.

— Seu, hã... pacote chegou, senhor — informou uma voz masculina.

— Mande-o entrar.

Valek arrastou a cadeira sobre o chão de pedra.

Escutei o ruído de correntes e passos arrastados.

— Dispensado — Valek disse.

A porta fechou-se com um clique. O conhecido odor rançoso dos calabouços chegou ao meu nariz.

— Bem, Tentil. Está sabendo que é o próximo na fila para a forca? — Valek indagou.

Senti pena do prisioneiro condenado. Sabia exatamente como ele estava se sentindo.

— Sim, senhor — uma voz sussurrou.

O ruído de páginas sendo viradas.

— Você está aqui porque matou seu filho de três anos de idade com um arado, alegando que foi um acidente. Correto? — Valek perguntou.

— Sim, senhor. Minha esposa acabara de morrer. Eu não tinha como pagar uma babá. Não sabia que ele se metera debaixo do arado.

A voz do homem era recheada de dor.

— Tentil, em Ixia não há desculpas.

— Sim, senhor. Eu sei, senhor. Quero morrer, senhor. A culpa é grande demais para eu suportar.

— Nesse caso, morrer não seria uma punição adequada, seria? — Valek não aguardou uma resposta. — Viver seria uma sentença mais dura. Na verdade, sei de uma fazenda lucrativa no DM-4 que, tragicamente, perdeu tanto o fazendeiro quanto sua esposa, deixando para trás três filhos com menos de seis anos de idade. Tentil será enforcado amanhã, ou é o que todos pensarão, contudo, você será escoltado até o DM-4 para assumir uma plantação de milho, assim como a criação dos três meninos. Sugiro que a primeira coisa que faça seja a contratação de uma babá. Estamos entendidos?

— Mas...

— O Código de Conduta tem sido excelente para livrar Ixia de elementos indesejáveis, porém ainda lhe falta um bocado de compaixão humana básica.

Apesar de meus argumentos, o Comandante parece não conseguir entender essa questão, sendo assim, de vez em quando, tenho que cuidar pessoalmente de algumas coisas. Mantenha a boca fechada e você viverá. De tempos em tempos, um de meus assistentes verá como está se saindo.

Agachada atrás das caixas, eu estava paralisada de incredulidade. Escutar Valek usar a palavra compaixão era tão incompreensível para mim quanto a ideia de Margg se desculpar pelo seu comportamento rude.

Houve outra batida à porta.

— Entre — Valek ordenou. — Como sempre, bem na hora, Wing. Trouxe os documentos?

Escutei o barulho de papéis sendo passados de uma mão para outra.

— Sua nova identidade — Valek disse. — Acredito que não tenhamos mais negócios a tratar. Wing o acompanhará até o DM-4. — As correntes fizeram barulho sobre o chão. — Dispensado.

— Sim, senhor — Tencil respondeu.

Sua voz estava embargada. Provavelmente estava tomado de emoção. Eu, com certeza, sabia o que sentiria se Valek me oferecesse uma vida de liberdade.

Após os homens saírem, um doloroso silêncio apossou-se do recinto. Eu tive medo de que o som da minha respiração me entregasse. A cadeira de Valek voltou a se arrastar sobre o chão. Dois baques surdos foram seguidos de um sonoro bocejo.

— E então, Yelena, achou nossa conversa interessante?

Fiquei imóvel, torcendo para que ele estivesse apenas supondo. Contudo, sua próxima afirmativa confirmou meus temores.

— Sei que você está atrás da mesa.

Fiquei de pé. Não havia raiva na sua voz. Ele estava largado na cadeira, com os pés descansando sobre o tampo da escrivaninha.

— Como foi que... — comecei a perguntar.

— Você prefere sabonete com perfume de alfazema e eu não estaria vivo hoje se não fosse capaz de determinar quando alguém força minha fechadura. Assassinos adoram preparar emboscadas, deixando para trás corpos por detrás de portas misteriosamente trancadas. Coisa muito divertida.

Valek voltou a bocejar.

— Você não está zangado?

— Não. Na verdade, diria até que estou aliviado. Estava me perguntado quando é que você iria vasculhar o meu escritório atrás da receita para o seu antídoto.

Uma fúria súbita se acumulou na minha garganta.

— Aliviado? Que eu pudesse tentar escapar? Que eu tenha mexido nas suas coisas? Está tão confiante assim de que não vou ser bem-sucedida?

Valek inclinou a cabeça para um dos lados, refletindo.

— Estou aliviado de ver que está seguindo os passos-padrão para escapar e que *não* está inventando algum plano único. Se eu sei o que você está fazendo, posso lhe prever os próximos movimentos. Se não sei, posso perder algo. Saber como arrombar fechaduras naturalmente leva a isso. — Valek gesticulou na direção do escritório. — Porém, como a fórmula jamais foi anotada e apenas eu a conheço, estou confiante de que jamais a encontrará.

Cerrei as mãos bem apertadas para evitar de apertá-las ao redor do pescoço do sr. Sabe-Tudo.

— Muito bem. Quer dizer que não há chance de eu escapar. Que tal isto? Você ofereceu uma vida nova para Tentil, por que não para mim?

— Como você sabe que eu já não fiz isso? — Valek colocou os pés no chão e inclinou-se para frente. — Por que você acha que passou quase um ano no calabouço? Será que foi apenas sorte você ser a próxima da fila quando Oscove morreu? Talvez eu estivesse apenas fingindo no nosso primeiro encontro, quando aparentei surpresa ao ver que era uma mulher.

Era demais para suportar.

— O que você quer, Valek? — exige saber. — Quer que eu pare de tentar? Que me contente com essa vida envenenada?

— Você quer mesmo saber?

A voz de Valek ficou mais intensa. Ele ficou de pé e caminhou até onde eu estava.

— Quero.

— Quero você... Não como uma criada relutante, mas como um membro leal da minha equipe. Você é inteligente, pensa rápido e está se tornando uma lutadora decente. Quero que seja tão dedicada quanto eu em garantir a segurança do Comandante. Sim, é um trabalho perigoso, mas, por outro lado,

um salto errado na corda bamba pode quebrar seu pescoço. É o que eu quero. Será que você consegue me dar isso? — Os olhos de Valek vasculharam profundamente os meus, em busca de uma resposta. — Além do mais, para onde você iria? Aqui é o seu lugar.

Fiquei tentada a ceder. Porém, eu sabia que, se não fosse envenenada ou assassinada por Brazell, a magia incontrollável em meu sangue, mais cedo ou mais tarde, iria explodir, levando-me junto. A única marca física que eu deixaria nesse mundo seria uma ondulação na fonte de poder. De qualquer modo, sem o antídoto, eu estava perdida mesmo.

— Não sei — eu disse. — Há muito...

— Que não me contou?

Assenti, incapaz de falar. Contar-lhe a respeito de minhas habilidades mágicas apenas me mataria mais cedo, pensei.

— Confiar é difícil. Saber em quem confiar, ainda mais difícil — Valek disse.

— E o meu histórico tem sido terrível. Uma fraqueza minha.

— Não, uma força. Olhe só Ari e Janco. Eles se colocaram como seus protetores muito antes de eu lhes atribuir a tarefa. Tudo porque você os defendeu perante o Comandante, quando até mesmo o capitão deles se recusou a fazê-lo. Pense no que tem agora antes de me dar uma resposta. Você conquistou o respeito do Comandante e de Maren, assim como a lealdade de Ari e de Janco.

— E o que conquistei de você, Valek? Lealdade? Respeito? Confiança?

— Você tem a minha atenção. Contudo, dê-me o que eu quero e poderá ter tudo.

Na manhã seguinte, os generais se prepararam para partir. Foram necessárias quatro horas para as oito comitivas se reunirem. Quatro horas de barulho e confusão. Quando todo mundo, enfim, havia passado pelos portões externos, o castelo pareceu suspirar de alívio. Após a súbita liberação de tensão, os criados e guardas pareceram relaxar. Eles se reuniram em pequenos grupos, aproveitando uma folga antes de limpar as oito suítes de convidados. Foi durante essa calma na atividade do castelo que o Comandante informou para o resto do seu pessoal que a delegação sitiana

estava marcada para chegar no dia seguinte. Suas palavras atingiram a equipe do castelo como um raio. Um instante de silêncio atordoado foi seguido por um frenesi de atividade, quando os criados saíram correndo para providenciar os devidos preparativos.

Embora feliz por ver Brazell e Mogkan pelas costas, eu vagava sem rumo pelo castelo. Ainda não dera uma resposta para Valek. Para viver, eu teria que seguir para o sul, contudo, sem um antídoto, eu não sobreviveria. O medo apossou-se de meu coração à medida que a realidade de meu destino inevitável ia se fixando em minha mente.

No dia seguinte, minha presença foi solicitada na cerimônia especial de recepção para a delegação do Sul. A apreensão de ver os sitianos provocou um frio na minha barriga. Eu me sentia como se alguém estivesse dizendo:

— Yelena, veja bem o que você não pode ter.

Como a sala do trono fora convertida em escritório, o único outro local no castelo adequado para funções de estado era a sala de guerra do Comandante. Mais uma vez, Valek estava postado do lado direito do Comandante, todo empertigado no seu uniforme de gala, enquanto eu aguardava atrás deles.

Minha apreensão transformou-se em admiração quando senti as ondas de energia nervosa emanando dos oficiais de alta patente e dos conselheiros selecionados para serem parte da cerimônia. Quando a delegação foi anunciada e convidada a entrar, movi-me para ter uma visão melhor.

Os sitianos adentraram a sala. Seus compridos mantos de cores exóticas arrastavam-se pelo chão, cobrindo-lhes os pés. Usando máscaras de animais adornadas com penas e peles de cores vivas, eles pararam diante do Comandante, adotando uma formação em V.

Seu líder, usando o rosto de um falcão, falou em tom formal:

— Nós lhe trazemos cumprimentos e saudações de seus vizinhos do Sul. Esperamos que essa reunião possa unir as nossas terras. Para mostrar nosso comprometimento com tal empreitada, viemos preparados para nos revelar para vocês.

O porta-voz e os quatro companheiros retiraram as máscaras com um movimento ensaiado.

Pisquei os olhos várias vezes de surpresa, torcendo para que, durante os segundos de escuridão, tudo mudasse. Infelizmente, meu mundo fora de mau

a pior. Valek me fitou com uma expressão resignada, como se ele também não conseguisse acreditar no novo rumo dos acontecimentos.

O líder da delegação sitiana era Irys. Uma feiticeira de categoria superior estava de pé a menos de um metro de distância do comandante Ambrose.

— IXIA LHES dá as boas-vindas às nossas terras, na esperança de um novo começo — o Comandante anunciou para a delegação sulista.

Enquanto aguardava atrás do Comandante, eu me perguntava o que aconteceria com os sitianos após Valek informar a Ambrose que Irys era uma feiticeira. Contemplando os problemas que ela poderia criar antes de deixar o castelo, tentei imaginar o melhor dos cenários. Não consegui, dando-me conta de que este, provavelmente, era apenas o início do fim.

Valek observava pensativamente enquanto os sulistas e o Comandante trocavam mais cumprimentos formais. Pela postura de Valek, supus que Irys não usara sua magia. Após a cerimônia oficial de cumprimentos ter terminado, a delegação foi conduzida até seus aposentos para descansar de sua jornada e para aguardar o banquete daquela noite. De acordo com o protocolo, entretenimento e gentilezas sempre deveriam preceder negociações importantes.

Todo mundo, com exceção do Comandante e de Valek, deixou a sala de guerra. Fiz menção de sair, mas Valek agarrou o meu braço.

— Muito bem, Valek, vamos lá. Qual é o aviso terrível? — o Comandante perguntou, suspirando.

— A líder sitiana é uma poderosa feiticeira — Valek informou, com um

pouco de irritação na voz.

Ele provavelmente não estava acostumado a ser recebido com suspiros de impaciência.

— Era de se esperar. De que outro modo eles poderiam saber que estávamos sendo sinceros no nosso desejo de estabelecer um tratado comercial? Poderíamos simplesmente estar querendo emboscá-los. É uma precaução lógica.

Despreocupado, o Comandante virou-se para a porta.

— Ela não o preocupa? — Valek perguntou. — Trata-se de quem tentou matar Yelena.

O Comandante olhou para mim pela primeira vez desde que havíamos entrado na sala de guerra.

— Não seria muito inteligente matar a minha provedora de comida. Tal ato poderia ser erroneamente interpretado como uma tentativa de assassinato e dar fim às negociações. Yelena está a salvo... por ora.

Com um dar de ombros, ele pôs de lado qualquer outra preocupação com a minha segurança futura e deixou a sala de guerra.

Valek fez uma careta.

— Maldição!

— E agora? — perguntei.

Ele chutou uma das cadeiras de conferência.

— Eu estava esperando um feiticeiro na delegação sulista, mas não *ela*. — Ele sacudiu a cabeça, como se para clarear a frustração que se apoderara de sua voz. — Vou deixar os gêmeos do poder protegendo-a enquanto ela estiver aqui. Embora, se estiver mesmo determinada a pegá-la, não haverá nada que eles ou eu possamos fazer. Dei sorte com Mogkan. Estava por perto quando senti o poder dele se manifestar. Vamos torcer para que ela se comporte enquanto for uma convidada na nossa terra.

Valek ruidosamente empurrou a cadeira de encontro à mesa.

— Pelo menos, sabemos onde estão todos os feiticeiros. Foi Mogkan quem eu pressenti durante a reunião do conhaque dos generais. E a mestra sulista está agora no castelo. A não ser que outros decidam dar as caras, acho que ficaremos bem.

— E quanto à capitã Star? — perguntei.

— Star é uma charlatã. Suas alegações de ser uma feiticeira são apenas uma tática para assustar seus informantes, para que esses não a traiam. — Valek suspirou. — Generais, sitianos e banquetes aumentam a minha carga de trabalho. O que me lembra: você precisará ficar para o banquete todo, esta noite. Uma tarefa cansativa, mas, pelo menos, a comida será boa. Soube que Rand queria usar o Criollo para uma nova sobremesa, porém o Comandante recusou o seu pedido. Outro enigma, visto que Brazell tem nos enviado a coisa aos montes e prometeu enviar a sobremesa para todos os outros generais. Eles a estavam solicitando como se fosse ouro. — Notei um brilho no olhar de Valek. — Algum sintoma, sensação ou desejo incomuns desde que parou de comer o Criollo?

Já fazia três dias desde que comera meu último pedaço e não conseguia me recordar de nenhum sintoma físico que pudesse ser relacionado a ele. Comê-lo me deixara mais alegre e me dera mais energia. Sentia falta de seu gosto doce, ainda mais agora que minhas chances de liberdade haviam sido reduzidas.

— Um ligeiro desejo — disse para Valek. — Porém, nada que pudesse ser chamado de vício. De vez em quando, me vejo pensando nele, querendo um pedaço.

Valek franziu a testa.

— Talvez seja cedo demais. O Criollo ainda pode estar na sua corrente sanguínea. Você me informará se algo acontecer.

— Claro.

— Ótimo. Eu a verei hoje à noite.

Pobre Valek, pensei, enfurnado no seu uniforme de gala três dias seguidos. Decorações elaboradas haviam sido penduradas no salão de jantar para o banquete. Cortinas pretas e vermelhas pendiam ao longo das paredes e flâmulas vermelhas e douradas balançavam e se retorciam no teto. O aposento estava todo iluminado. Uma plataforma elevada fora construída para suportar uma mesa de destaque, ao redor da qual a delegação sulista, o Comandante e Valek usavam suas melhores roupas. Oficiais de alta patente e importantes conselheiros estavam sentados ao redor de mesas redondas que circundavam o recinto, deixando o centro vazio. No canto, uma banda de

doze instrumentos tocava uma música tranquila, o que provou ser uma surpresa, visto que o Comandante considerava música uma perda de tempo.

Sentei-me atrás do comandante Ambrose, para que ele pudesse passar o seu prato para mim. Como previsto, a comida estava maravilhosa. Rand se superara.

Meu uniforme negro não chamava muita atenção em contraste com as cortinas pretas ao longo da parede e, como eu duvidava que qualquer um além da plataforma sequer notasse minha presença ali, observava os outros enquanto aguardava entre as mudanças de prato. Ari e Janco estavam sentados lado a lado à mesa perto da porta. Comparecendo à sua primeira função formal como capitães, eles claramente estavam pouco à vontade. Conhecendo os dois, eu tinha certeza de que prefeririam estar bebendo cerveja com os camaradas na caserna.

Irys e sua comitiva estavam à esquerda do Comandante. Seus mantos formais possuíam espirais de cor e cintilavam à luz do fogo. Irys usava um pingente de diamantes no formato de uma flor, que brilhava em seu peito. Ela ignorava minha presença, o que eu achava ótimo.

Após retirarem a refeição das mesas, os criados apagaram metade dos lampiões. A banda rapidamente acelerou sua cadência até um ritmo pulsante fazer vibrar os copos de vidro sobre as mesas. Dançarinos fantasiados adentraram o recinto, segurando bastões flamejantes sobre a cabeça. Dançarinos do fogo! Eles executaram uma rotina complicada. Observá-los girar acompanhando a melodia me deixou sem fôlego. Agora eu entendia por que a tenda deles no festival estava tão cheia de fãs entusiasmados.

Em certo momento, Valek inclinou-se para trás em sua cadeira e disse:

— Acho que eu sequer teria passado do teste, Yelena. Provavelmente, a esta altura, já teria tocado fogo no meu cabelo.

— E o que é uma cabeça chamuscada pelo bem da arte? — brinquei.

Ele riu. A atmosfera do aposento estava carregada de energia e alegria. Torci para que o Comandante não esperasse mais 15 anos antes de dar outro banquete.

Os dançarinos terminaram seu segundo bis e deixaram o recinto. Irys ergueu-se para propor um brinde. Os sitianos haviam trazido seu melhor conhaque. Irys serviu um copo para o Comandante, outro para Valek e outro

para si mesma. Não pareceu ofendida quando o Comandante passou seu cálice para mim.

Girei no copo o líquido amarelado e inalei o seu odor forte. Dando um pequeno gole, passei o conhaque por sobre a língua, depois o cuspi no chão. Tomada por uma ânsia de vômito, tentei expelir até a última gota de minha boca. Valek me fitou alarmado.

— Meu Amor — consegui dizer com dificuldade.

Valek derrubou os dois outros cálices, derramando o seu conteúdo sobre a mesa. Meu corpo começou a reagir ao veneno e vi Valek se transformar em uma mancha de tinta preta, e o sangue começar a escorrer das paredes.

Flutuei em um mar carmesim, cores dançando e girando ao redor de minha cabeça. O som de vidro se quebrando de encontro a pedra deu origem a uma estranha melodia em minha mente. Eu boiava em uma balsa feita de cabelos brancos e crespos, sendo levada por uma corrente forte. A voz tranquilizadora de Irys falou, em meio à tempestade de cores.

— Você vai ficar bem, apenas agarre-se à sua balsa da vida. Você consegue navegar por esta tempestade.

Acordei no meu quarto. Um lampião fraco fora aceso e Janco estava sentado em uma cadeira, lendo um livro. Isso era muito melhor do que a última vez em que eu provara Meu Amor. Uma cama macia era muito melhor do que ficar deitada em uma poça do meu próprio vômito. Contudo, esse hábito de acordar no meu próprio quarto sem saber como chegara ali tinha que acabar.

— Ora, Janco, eu não sabia que você sabia ler — brinquei.

Minha voz estava rouca, minha garganta dolorida e um latejar monótono residia no fundo de minha cabeça.

— Sou um homem de muitos talentos desconhecidos. — Janco sorriu. — Seja bem-vinda.

— Quanto tempo fiquei desacordada?

— Dois dias.

— O que houve?

— Depois que você se transformou em uma louca? — Janco perguntou. — Ou por que você virou uma louca?

Fiz uma careta.

— Depois.

— É impressionante a velocidade com que Valek é capaz de se mover — Janco disse, com admiração. — Ele a empurrou para o chão, onde você não seria vista, ao mesmo tempo em que arrolhou a garrafa envenenada e a substituiu com tamanha destreza que pareceu um passe de mágica. Ele se desculpou com todo mundo por ser tão desajeitado e serviu três novas taças para que a bruxa sulista pudesse fazer seu brinde falso. O incidente todo foi atenuado com tanta rapidez que só quem estava na plataforma soube o que realmente aconteceu. — Janco alisou o cavanhaque. — Bem, eles e Ari. Ele ficou de olho em você a noite toda, sendo assim, quando você caiu, nós seguimos para a plataforma. Durante o brinde, conseguimos nos esgueirar por trás da mesa principal e a trouxemos até aqui. Ele ainda estaria aqui, mas tive de ameaçá-lo a ponta de faca para que fosse dormir um pouco.

Ah, isso explicava a minha balsa de cabelos encaracolados. Sentei-me. O latejar na minha cabeça ficou mais intenso. Havia uma jarra de água sobre a mesinha de cabeceira. Servi-me de um copo e bebi todo o seu conteúdo.

— Valek avisou que você sentiria sede. Ele já esteve aqui algumas vezes, mas tem estado ocupado com os sulistas. Não consigo acreditar que aquela bruxa teve a audácia de tentar envenenar o Comandante.

— Não foi ela. Ela serviu as três taças da mesma garrafa. Lembra? Deve ter sido alguma outra pessoa.

Porém, o culpado me eludia, visto que o esforço de me concentrar fazia minha cabeça latejar.

— A não ser que o plano dela fosse assassinato seguido de suicídio. Uma morte rápida, em vez de aguardar nos nossos calabouços para ser enforcada.

— É possível — respondi; porém improvável, pensei.

— Valek deve concordar com você. As conversas sobre o tratado prosseguem como se nada houvesse acontecido. — Janco bocejou. — Bem, agora que está coerente de novo, vou dormir um pouco. Ainda faltam quatro horas até o alvorecer. — Janco me empurrou de volta para a cama. — Descanse um pouco. Voltaremos assim que amanhecer.

Ele me estudou, a indecisão lhe marcando o rosto.

— Ari disse que você gritou e delirou um bocado enquanto ele tomava

conta de você. Na verdade, ele disse que se Reyad ainda estivesse vivo ele teria estripado o desgraçado sem um instante que fosse de hesitação. Achei que você devia saber.

Janco me deu um beijo fraternal na testa e foi embora.

Que ótimo, gemi. O que mais Ari sabia? Como poderei encará-lo amanhã de manhã? Bem, pensei, não havia nada que eu pudesse fazer agora. Tentei voltar a dormir, mas a barriga vazia insistia em roncar. Tudo em que eu conseguia pensar era comida. Examinei minha fome, tentando determinar se era um comando mental de Irys, como Mogkan fizera comigo antes, mas não consegui pensar em um bom motivo para ela me convocar.

Assim que decidi arriscar o passeio até a cozinha, preendi meu canivete na coxa e, com as pernas bambas, dei início ao trajeto até lá, onde esperava despercebidamente pegar um pouco de pão, antes que Rand acordasse para preparar a sua massa.

Cortando uma fatia de queijo para comer com o pão, eu estava prestes a ir embora quando a porta de Rand se abriu.

— Yelena! — ele exclamou, surpreso.

— Bom-dia, Rand. Estou apenas roubando um pouco de comida.

— Há semanas que não a vejo — ele queixou-se. — Onde esteve?

Ele moveu-se na direção dos fornos. Abrindo a primeira porta preta de metal, acendeu a brasas do fogo e acrescentou mais carvão.

— Estive ocupada. Você sabe. Os generais. A delegação. O banquete. Que, a propósito, foi magnífico, Rand. Você é um gênio.

Ele se animou um pouco depois que eu lhe massageei o ego. Eu me resignei com o fato de que, se quisesse que ele acreditasse que ainda éramos amigos, teria que falar com ele. Coloquei meu desjejum sobre uma mesa e puxei um banquinho.

Rand mancou na minha direção.

— Alguém disse que você estava doente.

— É. Um vírus estomacal. Há dois dias que não como, mas estou melhor agora.

Gesticulei na direção do pão.

— Espere um instante que eu lhe preparo alguns bolinhos doces.

Eu o observei misturar a massa, certificando-me de que ele não

acrescentara nenhum ingrediente venenoso. Porém, quando os bolinhos estavam sob meu nariz, eu os ataquei com inconsequente abandono. A cena familiar de Rand preparando pão enquanto eu me sentava por perto dissolveu a falta de naturalidade que parecia ter se abatido sobre nós. Logo, estávamos batendo papo e rindo.

Foi só quando as perguntas dele se tornaram específicas e intencionais é que me dei conta de que Rand estava tentando arrancar de mim informações sobre o Comandante e Valek. Segurei com força meu garfo, enfiando-o com vontade no bolinho.

— Escutou alguma coisa sobre esse tratado com o sul? — Rand indagou.

— Não. — Meu tom foi ríspido e ele me fitou com curiosidade. — Sinto muito, estou cansada. É melhor eu voltar para cama.

— Antes de ir, pode muito bem levar embora esses grãos — Rand pegou o jarro de vidro da prateleira. — Já os fritei em um pouco de óleo, moí, até os fervei, mas eles ainda têm um gosto terrivelmente desconhecido.

Ele os despejou em uma saca e foi verificar os seus fornos.

Vê-lo mexer nos carvões em brasa me deu uma ideia.

— Talvez não sejam para comer — eu disse. — Talvez sejam uma fonte de combustível.

As favas sulistas estavam sendo entregues na fábrica nova de Brazell. Talvez ele os estivesse usando para aquecer seus fornos.

— Vale a pena tentar — Rand afirmou.

Joguei os grãos no fogo da fornalha. Aguardamos por um instante, mas não houve nenhuma chama súbita e nem aumento de calor. Enquanto Rand trocava suas formas de pão, fitei atentamente as brasas, pensando que, no que dizia respeito ao mistério dos grãos, eu esgotara todas as minhas opções.

Quando Rand começou novamente com as perguntas, desviei o olhar das chamas do forno. A pressão se acumulava na minha garganta.

— É melhor eu ir antes que Valek comece a se perguntar onde estou.

— Ah, sim, pode ir. Notei que você e Valek se tornaram muito chegados. Peça-lhe, por mim, para não matar ninguém, está bem?

A voz penetrante de Rand estava carregada de sarcasmo.

Perdi o controle e bati a porta do forno. O ruído ecoou pela cozinha silenciosa.

— Pelo menos Valek tem a decência de me informar quando está me envenenando — esbravejei, mas desejando poder pegar as palavras em pleno ar e enfiá-las de volta na minha boca.

Culpar a fadiga, a raiva ou Rand pela explosão não apagaria o que eu acabara de dizer.

As expressões faciais dele se contorceram e transformaram-se de surpresa em culpa e raiva.

— Star lhe contou? — ele exigiu saber.

— Hã...

Eu não sabia o que dizer. Se dissesse sim, ele poderia descobrir através de Star que eu estava mentindo e, caso dissesse não, Rand iria insistir em saber minha fonte. De qualquer modo, ele descobriria. Eu acabara de revelar toda a operação secreta de Valek.

Felizmente, Rand não esperou minha resposta antes de retrucar.

— Eu deveria ter sabido que ela lhe contaria. Ela adora fazer joguinhos desagradáveis com a cabeça dos outros. Quando você apareceu, não queria conhecê-la. Tudo que eu queria era a pilha de créditos de ouro que Star estava oferecendo para abater minha dívida, caso eu estragasse o teste de Valek. — Rand esmurrou a mesa. — E, então, meus malditos princípios e a sua maldita simpatia puseram tudo a perder. Vender informações a seu respeito e depois ter que protegê-la sem dar a entender que a estava protegendo transformou minha vida em um inferno.

— Lamento o inconveniente — eu disse. — Suponho que deva me sentir grata, se não levar em consideração os envenenamentos e os raptos.

Minha voz estava carregada de sarcasmo.

Rand passou as mãos pelo rosto. Sua raiva fora embora.

— Eu sinto muito, Yelena. Eu estava encurralado em um canto e só conseguiria sair machucando alguém.

Eu me acalmei.

— Por que Star queria que me envenenasse?

— O general Brazell a contratou para isso. O que não deveria ser surpresa.

— Não.

Pensei por um instante e, em seguida, perguntei:

— Rand, será que não há ninguém que possa ajudá-lo a sair dessa

confusão? Quem sabe Valek?

— De jeito nenhum! Por que tem tão boa opinião a respeito dele? Valek é um assassino. Deveria odiá-lo simplesmente por lhe dar Pó de Borboleta. Eu odiaria.

— Quem lhe contou? — exigi saber. — Quem mais sabe? Pensei que apenas Valek e o Comandante soubessem.

— Seu predecessor, Oscove, me contou por que jamais tentou fugir e, não, eu não vendi essa informação para ninguém. Tenho os meus limites. — Ele mexeu no avental. — O ódio de Oscove por Valek rivalizava com o meu e eu entendo isso, mas o seu relacionamento com Valek... — As sobrancelhas de Rand saltaram na direção de sua testa. — Você está apaixonada por ele! — exclamou.

— Mas que absurdo! — gritei.

Ficamos fitando um ao outro, atordoados demais para dizer qualquer outra coisa.

Em seguida, um doce aroma de nozes chegou às minhas narinas. Rand também cheirou o ar. Segui o cheiro até o forno onde havia atirado os grãos misteriosos no fogo. Abrindo a porta, fui recebida por uma forte baforada de aroma divino. Criollo.

— ONDE FOI que encontrou esses grãos? — Rand perguntou.
— São os ingredientes que estavam faltando na receita do Criollo. Jamais pensei em assá-los para mudar o sabor.

— Em um depósito lá embaixo — menti. Não estava disposta a lhe contar que Valek e eu os interceptáramos a caminho da fábrica nova de Brazell. Que, agora eu me dera conta, não estava produzindo forragem, mas sim fabricando Criollo.

— Qual depósito? — Rand perguntou, com a voz tomada de um ligeiro desespero.

— Não me lembro.

— Tente. Se eu conseguir duplicar a receita do Criollo de Ving, talvez eu não seja transferido.

— Transferido? Para onde?

— Quer dizer que Valek ainda não está se vangloriando quanto a isso? Desde a tomada de poder que ele vem tentando se livrar de mim. Serei enviado para a mansão de Brazell e Ving virá para cá. Ele não durará uma semana!

Rand cuspiu as palavras com amargura.

— Quando?

— Não sei. Ainda não recebi os papéis de transferência. De modo que

ainda há esperança de deter tudo isso. Se você conseguir me achar aqueles feijões.

Atônita, me dei conta de que ele achava que ainda éramos amigos. Mesmo após admitir ter me envenenado e me acusado de amar seu inimigo, Rand acreditava que eu iria fazer isso por ele. Não sabia como responder. Tentei ganhar tempo.

— Vou tentar — disse, e me retirei às pressas.

Os primeiros raios da alvorada estavam aparecendo atrás das Montanhas das Almas quando cheguei sem ser vista à suíte de Valek. As janelas altas da sala de estar davam para o leste e, à fraca luz acinzentada pude avistar a silhueta de Valek sentado no sofá, esperando por mim.

— Já voltou? Tão cedo assim? — ele indagou. — É uma pena, eu estava prestes a organizar uma busca pelo seu cadáver. O que houve quando bateu à porta da feiticeira sulista para se sacrificar? Eles a botaram para fora, achando que era burra demais para perderem tempo com você?

Eu me larguei em uma poltrona para aguardar outro dos sermões sarcásticos de Valek. Ele não se satisfaria com nenhuma desculpa que eu pudesse oferecer. Ele tinha razão, sair sozinha fora uma coisa tola a se fazer, porém lógica e uma barriga vazia são como água e óleo, não se misturam.

Quando ele ficou quieto, perguntei:

— Terminou?

— O quê? Nenhuma refutação?

Sacudi minha cabeça.

— Nesse caso, terminei.

— Ótimo — eu disse. — Visto que já está de mau humor, é melhor eu lhe dizer logo o que aconteceu enquanto eu estava na cozinha. Na verdade, foram duas coisas: uma ruim, uma boa. Qual quer escutar primeiro?

— A ruim — Valek respondeu. — Isso me deixa a esperança de que a boa acabará por equilibrar as coisas.

Eu me preparei e admiti que revelei sua operação secreta. O rosto de Valek endureceu.

— A culpa é sua. Eu o estava defendendo! — esbravejei.

Ele hesitou.

— Ao proteger a minha honra, você expôs meses de trabalho. E eu deveria

me sentir lisonjeado...

— Deveria, sim.

Eu não estava disposta a me sentir culpada. Se ele não houvesse testado minha lealdade com Star e depois me usado para levar mais adiante sua investigação, não estaria naquela situação.

Ele deixou os ombros descaírem e se recostou no sofá, massageando as têmporas.

— Só estava planejando fazer prisões mais para o final do mês. É melhor colocar em ação meu plano de limpeza antes que Rand tenha a chance de alertar Star. — Valek esfregou os olhos. — Talvez seja melhor assim. Acho que Star estava começando a ficar desconfiada. Ela não tem conduzido nenhum negócio ilícito no seu escritório. Se eu a prender agora, talvez consiga descobrir quem a contratou para envenenar a garrafa sitiana.

— Star? Como?

— Ela possui um assassino sulista trabalhando para ela. É o único com a habilidade e a oportunidade necessárias. Estou certo de que o envenenamento não foi resultado da visão política pessoal de Star. Pelo preço certo, sua organização faria qualquer coisa para qualquer um. Preciso descobrir quem é que arriscaria tanto para comprometer a delegação. — Revigorado, ele ficou de pé. — Qual é a boa notícia?

— Os grãos misteriosos são um ingrediente na confecção do Criollo.

— Se esse é o caso, por que Brazell mentiu no requerimento de sua licença? Não há leis contra a fabricação de uma sobremesa — Valek disse, seguindo o mesmo raciocínio que eu quanto à verdadeira natureza da fábrica de Brazell.

— Talvez os grãos sejam importados de Sitia — teorizei. — Isso seria ilegal, pelo menos até que o tratado comercial seja assinado. Talvez Brazell também venha usando outros ingredientes ou equipamentos sulistas.

— É possível. O que explica sua ansiedade em obter um tratado. Você terá que dar uma boa olhada ao redor quando visitar a fábrica.

— O quê?

— O Comandante marcou uma visita ao DM-5 para depois que os sulistas partirem. E aonde o Comandante for, você vai.

— E quanto a você? Você também vai, não vai?

O pânico que se instalou na minha garganta deixou minha voz esganiçada.
— Não. Recebi *ordens* para permanecer aqui.

— Um, e dois, e três, quatro, cinco. Continue lutando assim e vai morrer
— Janco cantava.

Eu estava encurralada de encontro à parede. Meu cajado caiu ruidosamente no chão quando o bastão de Janco tocou de leve na minha têmpora, enfatizando o que dizia.

— O que há de errado? Você raramente é *tão* fácil de derrotar.

Janco apoiou-se no seu cajado.

— Distraída demais — respondi.

Fazia apenas um dia desde que Valek me informara dos planos do Comandante.

— Nesse caso, o que está fazendo aqui? — Ari perguntou.

Ele e Maren estavam assistindo à disputa.

Ainda pouco à vontade devido ao que ele poderia ter escutado durante meus delírios, tive dificuldade em fitar Ari nos olhos.

— No próximo assalto, eu me esforçarei mais — prometi, enquanto Janco e eu recuperávamos o fôlego. Lembrando-me de nossa luta, perguntei para Janco — Por que entoa quando está lutando?

— Ajuda a manter meu ritmo.

— Os outros soldados não zombam de você por conta disso?

— Não quando eu os derroto.

Demos início a outra disputa. Eu fiz um esforço para me concentrar, mas fui derrotada novamente.

— Agora você está se esforçando demais. Posso vê-la planejando cada movimento ofensivo — Janco disse. — Está se entregando e estou posicionado para bloquear o seu ataque antes mesmo que o faça.

Ari acrescentou:

— Nós treinamos por um motivo. Movimentos ofensivos e defensivos devem ser instintivos. Deixe sua mente relaxar, mas permaneça alerta. Ignore todas as distrações. Fique focada no seu oponente, mas não focada demais.

— Isso é uma contradição! — gritei, frustrada.

— Mas funciona — foi tudo que Ari respondeu.

Inspirei algumas vezes e afastei de minha mente os aflitivos pensamentos de minha futura viagem até o distrito de Brazell. Esfregando minhas mãos ao longo do cajado, tentei me concentrar na solidez suave da arma. Avaliei-lhe o peso em minhas mãos, tentando criar um vínculo, criando uma extensão de meus pensamentos através do cajado.

Uma ligeira vibração formigou através das pontas de meus dedos enquanto eu traçava os veios da madeira. Minha consciência fluiu através do cajado, acompanhando o desenho das estrias e subindo de volta pelo meu braço. Eu, ao mesmo tempo, possuía o cajado e o meu corpo.

Segui para o terceiro assalto com os sentidos todos em alerta. Intuitivamente, sabia o que Janco estava planejando. Uma fração de segundos antes de ele se mover, meu cajado já estava em posição para lhe bloquear o ataque. Em vez de tentar me defender apressadamente, tive mais tempo para contra-atacar, assim como para bloquear-lhe os golpes. Empurrei Janco para trás. Uma batida musical pulsava em minha mente e eu permiti que ela guiasse o meu ataque.

Venci o combate.

— Fantástico — Janco gritou. — Por acaso seguiu o conselho de Ari?

— Ao pé da letra.

— Pode fazê-lo novamente? — Ari perguntou.

— Não sei.

— Tente comigo.

Ari pegou seu cajado e assumiu uma postura de combate.

Esfreguei os dedos ao longo dos veios da madeira do cajado, colocando minha mente novamente na zona mental anterior. Da segunda vez foi mais fácil.

Ari era um oponente mais difícil que Janco. O que lhe faltava em velocidade, ele compensava com força. Tive que modificar minha estratégia de defesa, esquivando-me de seus ataques, ou ele teria me derrubado. Usando meu tamanho menor para me agachar sob seus golpes, enfiei meu cajado por trás de seus tornozelos e puxei. Ele caiu como um saco de farinha. Mais uma vez, eu vencera.

— Inacreditável! — Janco afirmou.

— Minha vez — Maren desafiou.

Mais uma vez, voltei para aquela zona mental. Os ataques de Maren eram rápidos como os de uma pantera. Ela preferia a estocada fingida no rosto, o que normalmente fazia com que eu erguesse minha guarda, deixando meu torso desprotegido contra ataques. Dessa vez, eu estava um passo à frente dela, ignorando o ataque falso e bloqueando seu golpe.

Uma oponente inteligente, ela usou de tática em vez de velocidade ou força. Avançou contra mim. E eu sabia que ela pretendia mover-se para o meu flanco quando eu avançasse para travar o combate. Em vez de dar um passo à frente, girei e usei o cajado para fazê-la tropeçar. Jogando-me sobre seu corpo estendido, apertei meu bastão contra o pescoço de Maren até ela se render.

— Maldição! — ela exclamou. — Quando a aluna começa a derrotar a professora, significa que não precisa mais dela. Estou dando o fora.

Maren deixou o aposento.

Ari, Janco e eu nos entreolhamos.

— Ela está brincando, não está? — perguntei.

— Foi um golpe no seu ego. Ela vai superar — Ari afirmou. — A não ser que comece a derrotá-la todas as vezes em que lutarem.

— Pouco provável — retruquei.

— Muito pouco — bufou Janco, que provavelmente estava com seu próprio ego ferido.

— Chega de lutas — Ari disse. — Yelena, por que não pratica alguns *katas* para desacelerar um pouco e encerraremos por hoje?

Um *kata* era uma rotina predeterminada de diferentes golpes ofensivos e bloqueios defensivos. Cada *kata* tinha um nome e iam ficando cada vez mais difíceis a cada nível sucessivo de habilidade. Eu comecei com um simples *kata* defensivo com o cajado.

Enquanto me movia, observei Ari e Janco ficarem entretidos em uma conversa. Sorri, pensando que eles discutiam como um casal de velhos e, em seguida, me concentrei no meu *kata*. Pratiquei tentar encontrar a minha zona mental de luta, entrando e saindo dela, enquanto realizava os movimentos adequados do *kata*. Ofegante, completei a rotina e notei Irys me observando da porta com grande interesse.

Ela estava usando seu uniforme de senhora do falcão. Seu cabelo fora

preso para trás, de acordo com as regulamentações militares de Ixia. Provavelmente atravessara o castelo sem ser perturbada.

Olhei na direção dos meus “guarda-costas”. Estavam envolvidos na sua discussão e ignoravam tanto Irys quanto eu. Um pouco de nervosismo se instalou na minha barriga. Quando ela adentrou o recinto, recuei ligeiramente na direção dos meus companheiros.

— Valek não vai pressentir sua magia? — perguntei, gesticulando na direção de Ari e Janco.

— Ele está do outro lado do castelo — ela retrucou, ao se deter perto de mim. — Mas eu senti alguém puxando poder antes de chegarmos. Duas breves oscilações. Quer dizer que há, ou havia, outro feiticeiro no castelo.

— Você não sabia? — indaguei, alarmada.

— Infelizmente, não.

— Mas você sabe quem é, não sabe?

Ela sacudiu a cabeça.

— Há vários magos que desapareceram. Estão mortos ou escondidos. E alguns são muitos discretos e jamais temos notícias deles. Pode ser qualquer um. Só posso identificar um feiticeiro quando estabeleço um vínculo com ele ou ela, como estabeleci com você.

Irys examinou as armas alinhadas de encontro à parede.

— O que há de errado com o Comandante? — ela perguntou. — Os pensamentos dele estão praticamente vazando para fora da cabeça. Ele está tão desguarnecido que eu poderia facilmente entrar e extrair qualquer informação que eu quisesse, se isso não fosse contra o nosso código moral de ética.

Eu não sabia o que responder.

— O que está fazendo aqui? — preferi perguntar.

Irys sorriu. Ela apontou para o cajado em minhas mãos.

— O que você estava fazendo com essa arma?

Não vendo motivo para mentir, expliquei sobre o meu treinamento.

— Como se saiu hoje? — ela perguntou.

— Pela primeira vez, derrotei todos os três oponentes.

— Interessante.

Irys parecia satisfeita.

Olhei na direção de Ari e Janco, que continuavam entretidos em sua conversa.

— Por que está aqui? — voltei a perguntar. — Você me prometeu um ano. — Subitamente, um pensamento horrível me veio à cabeça. — Estou mais próxima de entrar em combustão?

— Ainda há tempo. Por ora, você estabilizou, mas que progressos fez em relação à sua ida para Sitia?

— O antídoto está além do meu alcance. A não ser que você possa roubar a informação da mente de Valek.

Ela franziu a testa.

— Impossível. Contudo, meus curandeiros dizem que, se você conseguir arranjar antídoto o suficiente para durar um mês, há a possibilidade de que consigamos remover o veneno de seu corpo. Venha conosco quando partirmos. Tenho uma conselheira justamente do seu tamanho. Ela usará o seu uniforme e atrairá Valek e seus homens para longe enquanto você toma o lugar dela. Vestindo uma máscara, ninguém saberá.

Irys falava com confiança. Não sabia dizer se ela desconhecía os riscos, ou se não se importava com eles.

A esperança brotou no meu peito. Meu coração disparou. Tive que me acalmar com um lembrete frio de que Irys dissera haver a possibilidade de remover o veneno. Em outras palavras, não havia garantia de nada. O plano de fuga parecia bom, mas mesmo assim, procurei falhas nele. Sabia que não podia confiar completamente nela.

Chegando a uma decisão, eu disse:

— O conselheiro Mogkan esteve aqui semana passada. Ele é um de seus espiões?

— Mogkan, Mogkan.

Ela pareceu experimentar cuidadosamente o nome na língua.

— Alto, com olhos acinzentados e o cabelo preto e comprido preso em uma única trança. — Formei a imagem dele na minha mente. — Valek disse que ele possui o poder.

— Kangom! Que falta de originalidade! Ele sumiu há cerca de dez anos. Houve um grande escândalo sobre seu suposto envolvimento em um esquema de sequestros. Ah. — Irys inspirou profundamente e estudou o meu rosto.

Sacudindo ligeiramente a cabeça, ela perguntou com evidente interesse — Onde é que ele tem se escondido?

— No DM-5. Ele é procurado?

— Só se vier a se tornar um perigo para Sitia. Mas isso explica porque temos sentido ocasionais oscilações de magia vindas daquela direção. — Ela inclinou a cabeça, como se estivesse se esforçando para escutar uma música quase imperceptível. — Há uma fraca emanção de magia vinda do castelo. Pode ser que venha de Kangom... Mogkan, embora seja pouco provável. Ele não possui esse tipo de poder. Provavelmente, não passa de uma minúscula oscilação na fonte de energia, como um fio se desprendendo do tecido. Acontece de vez em quando. Porém, eu senti alguém puxando poder recentemente. — Ela se interrompeu, olhando-me fixamente com os olhos esmeraldas. — Você virá comigo?

A magia de Mogkan podia não preocupá-la, porém comigo a história era outra. Parecia haver alguma conexão entre a magia de Mogkan e o comportamento incomum do Comandante, mas eu não sabia qual.

Indecisa, girei a coisa toda no interior da minha cabeça, assim como costumava fazer com a comida na boca, em busca de perigo. Fugir sempre fora um movimento automático de defesa e seguir para o sul representava a minha melhor chance de sobrevivência. Meses atrás, teria agarrado a oferta com unhas e dentes, contudo agora sentia-me como se estivesse abandonando o navio cedo demais, quando ainda havia um remédio para ser descoberto.

— Não — respondi. — Ainda não.

— Você está louca?

— Provavelmente, mas preciso terminar algo antes. Depois, mantereii minha promessa e irei até Sitia.

— Se ainda estiver viva.

— Talvez você possa me ajudar. Há algum jeito de eu proteger a minha mente de influências mágicas?

Irys inclinou a cabeça.

— Está preocupada com Kangom?

— Muito.

— Acho que sim. Você é forte o suficiente. — Ela me passou o cajado. — Faça um de seus *katas*. Feche os olhos e não pense em nada.

Dei início a um *kata* de defesa com o cajado.

— Imagine um tijolo. Coloque o tijolo no chão e desenhe uma fileira deles. Usando argamassa imaginária, construa outra fileira. Continue construindo até que tenha um muro da altura de sua cabeça.

Fiz como fora instruída, escutando um som distinto cada vez que um tijolo era colocado no lugar. Um muro se formou em minha mente.

— Pare! — ela ordenou. — Abra os olhos.

Meu muro desapareceu.

— Agora, tente me bloquear!

Uma irresistível música alta vibrou na minha cabeça.

— Imagine o seu muro! — Irys gritou.

Minha defesa de tijolos apareceu completa na minha mente. A música se interrompeu no meio da nota.

— Muito bem. Sugiro que conclua a sua pendência e fuja para o sul. Com esse tipo de poder, se você não obtiver total controle sobre sua magia, alguém pode se apossar dela e usá-la, tornando-a uma escrava sem vontade própria.

A irritação estava estampada no rosto dela quando girou nos calcanhares e deixou a sala de treino.

No instante em que a porta bateu, Ari e Janco terminaram sua conversa e piscaram os olhos, como se houvessem acabado de acordar de um sono profundo.

— Já terminou? — Ari perguntou. — Quantos *katas*?

Eu ri e guardei o meu cajado.

— Vamos, estou com fome.

Quando a delegação sitiana partiu, três dias mais tarde, fui acometida de um súbito ataque de pânico. O que diabos eu estava fazendo? Minha única oportunidade perfeita de escapar acabara de fugir por entre meus dedos, seguindo para o sul, enquanto eu permanecera para trás, me preparando para partir para a mansão de Brazell. Irys tinha razão: eu estava louca. Minha respiração ficava presa na garganta cada vez que eu pensava naquela viagem. A comitiva do Comandante estava programada para partir na manhã seguinte.

Corri pelo castelo, providenciando minhas próprias provisões para a viagem. O rosto triste de Dilana me recebeu quando eu passei na sua sala de

costura para pegar algumas roupas de viagem. A documentação de Rand fora finalizada, ela informou. Ele nos acompanharia.

— Solicitei uma transferência, mas duvido que seja aprovada — Dilana disse, enquanto revirava suas pilhas de roupas. — Se ao menos o idiota tivesse se casado comigo, não estaríamos nessa confusão.

— Ainda há tempo de apresentar o requerimento. Se for aprovado, você poderá viajar para DM-5 para a cerimônia.

— Ele não quer que ninguém saiba o quanto gosta de mim. Tem medo de que minha segurança possa ser usada como uma arma contra ele.

Ela sacudiu a cabeça, recusando-se a se deixar animar, mesmo quando eu lhe disse que o novo tratado com Sitia permitiria a importação de seda.

O tratado com o Sul era uma simples troca de produtos. Itens específicos foram listados. Apenas comerciantes com a documentação e as licenças apropriadas seriam capazes de comprar e vender esses itens a um preço fixo. Todas as caravanas estariam sujeitas a inspeção, quando cruzando a fronteira ixiana, nos locais aprovados. Faltavam apenas alguns meses para a caneca de café de Rand, mas eu duvidava que ele fosse me preparar um pouco, visto que não nos falávamos desde o nosso desentendimento na cozinha. Não podia lhe conseguir mais grãos e não podia lhe explicar por quê.

A manhã de nossa partida estava acinzentada e nublada, dando sinais de que poderia nevar. A estação fria estava começando, o que costumava indicar o fim das viagens, não o início. As nevascas provavelmente manteriam a comitiva do Comandante no castelo de Brazell até a estação do degelo. Estremeci ante a ideia.

Valek me parou antes que eu deixasse nossa suíte.

— Essa é uma viagem perigosa para você. Não chame atenção para si mesma e fique de olhos abertos. Questione pensamentos que possam aparecer em sua mente; talvez eles não sejam seus. — Ele me entregou um frasco prateado. — O Comandante está com sua dose diária de antídoto, mas, caso ele se *esqueça* de entregá-la, aqui está um suprimento de reserva. Não diga para ninguém que o tem e mantenha-o escondido.

Pela primeira vez, Valek estava confiando em mim. O frasco de metal parecia quente nas minhas mãos.

— Obrigada.

Senti um frio na barriga de medo ao guardar o frasco na minha mochila. Outro perigo que eu não reconhecera. O que mais eu deixara de levar em consideração?

— Espere, Yelena, há mais uma coisa. — O jeito e o tom de voz de Valek estavam estranhamente formais. — Quero que fique com isto.

Ele estendeu a mão. Na palma estava a linda borboleta que ele havia esculpido. Os pontos prateados nas asas brilhavam à luz do sol e uma correntinha de prata pendia do pequeno orifício feito em seu corpo.

Valek passou a corrente ao redor do meu pescoço.

— Quando esculpi esta estatueta, estava pensando em você. Delicada em aparência, porém com uma força que passa despercebida à primeira vista.

Seus olhos fitaram os meus.

Senti um aperto no coração. Valek estava agindo como se jamais fosse me ver novamente. Seu temor pela minha segurança parecia genuíno. Mas será que ele estava preocupado *comigo*, ou com sua preciosa provedora de comida?

A COMITIVA DE viagem do comandante Ambrose consistia em quase cinquenta soldados de sua guarda de elite. Alguns abriam caminho, outros seguiam ao lado do Comandante e dos seus principais conselheiros montados em seus cavalos. Guardas também ladeavam o pequeno grupo de criados que precedia os cavalos. Os soldados remanescentes vinham na retaguarda. Ari e Janco faziam o reconhecimento da rota planejada pelo Comandante e estavam horas à frente da procissão.

Avançávamos em passo acelerado sob o ar fresco da manhã. As cores vibrantes da estação quente há muito haviam sumido da floresta, deixando para trás uma simplicidade acinzentada e sem vida. Eu cobrira a borboleta de Valek com a blusa e várias vezes, enquanto viajávamos, me flagrei mexendo no volume que ela fazia. O presente de Valek deixara minhas emoções em conflito. Justamente quando eu achara que o entendera, ele me surpreendia.

Carregando uma mochila, eu também estava segurando um bastão para caminhar que não passava de um cajado disfarçado. Alguns dos guardas lançavam olhares desconfiados na minha direção, porém eu os ignorei. Rand

recusava-se sequer a me fitar nos olhos. Em silêncio absoluto, ele olhava fixo para frente. Não demorou muito para ele ficar para trás; sua perna evitava que ele mantivesse o ritmo.

Após uma parada para o almoço, continuamos até uma hora antes de o sol se pôr. Major Granten, o oficial que liderava a expedição, quis montar acampamento ainda à luz do dia. Tendas espaçosas foram montadas para o Comandante e para seus conselheiros e tendas menores, de dois ocupantes, foram erguidas para os serviçais. Descobri que dividiria a barraca com uma mulher chamada Bria, que trabalhava para os conselheiros do Comandante.

Eu me acomodei na tenda enquanto Bria se aquecia à beira da fogueira. Acendendo um pequeno lampião, peguei o livro sobre símbolos de guerra que tomara emprestado com Valek. Após termos decifrado o nome do novo sucessor, eu não tivera um instante sobrando que fosse para decifrar a mensagem de Janco no canivete. Havia seis símbolos prateados entalhados no cabo de madeira. Comecei com o superior e segui até o inferior. Meu sorriso se alargava a cada tradução. Janco conseguia ser irritante, porém, sob a superfície, era capaz de ser muito meigo.

Quando Bria adentrou a tenda, cheirando à fumaça de madeira, enfiei o livro dentro da minha mochila.

Sonhos perturbadores foram responsáveis por uma noite mal dormida. Acordei cansada à luz acinzentada da alvorada. Com o tempo que a procissão levou para comer e entrar em formação, e levando em conta que os dias estavam ficando mais curtos, estimei que a excursão até a mansão de Brazell levaria cerca de cinco dias.

Na segunda noite da viagem, encontrei um bilhete na minha tenda. Um pedido para um encontro. Na noite seguinte, enquanto os soldados estivessem montando acampamento, eu deveria seguir uma pequena trilha indo para o norte, que se cruzava com a estrada principal, pouco além do nosso local de acampamento. A mensagem estava assinada Janco, com uma letra exagerada. Examinei a assinatura à luz fraca, tentando me recordar se eu já vira a letra de Janco.

Um bilhete genuíno ou uma armadilha? Será que eu deveria ir ou permanecer no acampamento, onde era seguro? Remoí a pergunta na minha cabeça durante toda a noite e durante todo o terceiro dia na estrada. O que

Valek faria nessa situação em particular? A resposta me ajudou a formular um plano.

Quando soou o sinal para pararmos pela noite, eu aguardei até que todo mundo estivesse ocupado, antes de deixar a clareira. Assim que estava fora do campo de visão, peguei minha capa e a virei ao avesso. Antes de deixar o castelo, conseguira um tecido acinzentado com Dilana, que eu então costurara ao forro da minha capa para o caso de ter que me esconder na paisagem invernal. Eu torcia para que a improvisada camuflagem pálida fosse adequada para ocultar a minha presença quando eu me aproximasse do local do encontro.

Prendi o cajado nas costas, embainhei o canivete na perna direita e tirei minha corda e o arpéu na mochila. Encontrei a trilha que seguia para o norte. Contudo, em vez de seguir pelo caminho estreito, procurei uma árvore apropriada e joguei o arpéu em seus galhos. Minha maior preocupação era o barulho em potencial de minha passagem pelos cumes das árvores, porém, logo descobri que árvores sem folhas apenas rangiam sob o meu peso quando eu seguia a trilha.

Aproximando-me do local do encontro, avistei um homem alto, de cabelos escuros, aguardando no ponto predeterminado. Parecia irrequieto e agitado. Magro demais para ser Janco, pensei. Foi então que o homem se virou na minha direção. Rand.

O que ele estava fazendo ali? Circundei a clareira. Não descobrindo qualquer ameaça escondida nos arbustos, desci até a trilha, deixando minha corda dependurada em um galho. Escondi minha mochila atrás do tronco da mesma árvore.

— Maldição! — Rand praguejou. — Pensei que não ia aparecer.

Seu rosto cansado exibia olheiras escuras.

— E eu pensei que fosse encontrar Janco aqui.

— Eu queria explicar, mas não há tempo, Yelena. — Os olhos assombrados de Rand se fixaram nos meus. — É uma armadilha! Corra!

— Quantos? Onde? — exigi saber, soltando o cajado das costas.

Vasculhei com os olhos o bosque.

— Star e dois capangas. Bem perto. Atraí-la até aqui deveria quitar a minha dívida.

Lágrimas escorriam pela face de Rand. Voltei-me para ele.

— Ora, você fez um bom trabalho. Vejo que está levando a cabo o combinado.

Eu praticamente cuspi as palavras nele.

— Não! — ele exclamou. — Não consigo fazê-lo. Corra, maldição, corra!

Quando eu fiz menção de obedecer, os olhos de Rand se arregalaram de pavor.

— Não!

Ele me empurrou para o lado. Algo passou assoviando perto da minha orelha quando eu caí no chão. Rand desabou ao meu lado, uma flecha no seu peito. O sangue começou a se acumular, empapando a camisa branca do seu uniforme.

— Corra — ele sussurrou. — Corra.

— Não, Rand — respondi, limpando a poeira do rosto dele. — Estou cansada de correr.

— Perdoe-me, por favor.

Ele agarrou minha mão, enquanto, através de lágrimas de dor, seus olhos me imploravam.

— Está perdoado.

Ele suspirou mais uma vez, depois parou de respirar. O brilho de seus olhos castanhos se apagou. Eu puxei seu capuz para lhe cobrir a cabeça.

— Levante-se — ordenou a voz de um homem.

Olhei para cima, fitando a extremidade perigosa de uma besta carregada. Apoiando-me no cajado, me ergui. Com o meu peso equilibrado nas plantas dos pés, esfreguei minhas mãos ao longo do bastão de madeira, encontrando minha zona de concentração.

— A área está segura, capitã! — o homem gritou para o bosque. — Não se mexa — ele disse para mim, apontando sua arma para o meu peito.

Escutei o som de passos se aproximando. O homem tirou os olhos de mim para olhar para os companheiros. Entrei em ação.

O primeiro golpe de meu cajado acertou os antebraços dele. A besta saiu voando de suas mãos, disparando na direção do bosque. Meu segundo ataque foi na parte posterior de seus joelhos, derrubando-o no chão. Estirado de barriga para cima, ele me fitou com uma expressão de surpresa.

Antes que o homem pudesse sequer respirar, bati com a ponta do cajado no seu pescoço, esmagando-lhe a traqueia.

Um rápido olhar por sobre meu ombro revelou Star e um outro homem correndo para dentro da clareira. Star gritou e apontou. O capanga desembainhou a espada. Saí correndo pela trilha, escutando suas pesadas passadas atrás de mim. Quando alcancei a corda, joguei meu cajado nos arbustos, antes de subir na árvore. A espada do homem golpeou minha perna. O tecido de minhas calças se rasgou. A sensação do aço frio na minha coxa me incentivou a subir mais rápido.

Ele praguejou quando saltei para a próxima árvore. Movendo-me rápido, balancei de uma árvore para outra. Quando os ruídos do homem atravessando desenfreadamente os arbustos ficaram bem para trás, encontrei um bom lugar para me esconder. Enrolando-me na minha capa, agachei-me em um galho baixo e aguardei.

O capanga de Star veio correndo pelo bosque. Não muito longe de onde eu estava empoleirada, ele se deteve para escutar, vasculhando o topo das árvores. Meu coração disparou. Abafei minha respiração pesada com a capa. Com a espada erguida, ele me caçava.

Quando estava logo abaixo de mim, arranquei a minha capa e me atirei em cima dele, acertando-lhe as costas com os pés. Caímos no chão com força. Eu rolei e fiquei de pé antes que ele pudesse se recuperar, depois chutei a espada para longe da mão dele. O homem era mais rápido do que eu presumira. Agarrou meu tornozelo, puxando-me para baixo.

Quando dei por mim, o peso todo do homem estava sobre meu corpo, enquanto suas mãos estavam ao redor do meu pescoço. Batendo minha cabeça no chão, ele resmungava:

— Isso é por me dar trabalho.

Em seguida, fincou os dedos no meu pescoço.

Atordoada e sem ar, me debati, antes de me lembrar do canivete. Ao mesmo tempo em que minha visão se embaçou, como que tomada pela neve, eu revirei o meu bolso. As pontas dos meus dedos sentiram a madeira lisa. Segurei o cabo, saquei o canivete e acionei o botão.

O ruído da lâmina fez com que o medo brilhasse nos olhos dele. Por um instante, pareceu fitar diretamente minha alma. Em seguida, enterrei a faca na

sua barriga. Com um gemido baixinho, ele aumentou a pressão no meu pescoço. O sangue, quente e pegajoso, começou a escorrer pelos meus braços, empapando minha camisa. Apesar da tonteira e da dor, puxei a arma para fora e tentei de novo. Dessa vez, direcionei a ponta da lâmina para seu coração. O homem curvou-se para frente, fazendo com que a faca se enterrasse ainda mais e, por fim, desmoronou.

O peso do homem morto comprimiu meus pulmões famintos de ar. Reunindo minhas últimas forças, rolei seu corpo para longe de mim.

Zonza, limpei o sangue do canivete, encontrei meu cajado e fui à procura de Star.

Dois homens. Eu acabara de matar dois homens. Uma máquina de matar; eu sequer hesitara. Fúria e medo se instalaram no fundo do meu peito, formando uma camada de gelo ao redor do meu coração.

Star não fora muito longe. Ela estava aguardando na clareira. Seu cabelo ruivo reluzia em contraste com o fundo cinza-escuro do bosque crepuscular. A noite logo cairia.

Ela deixou escapar um ligeiro som de surpresa quando emergi das árvores. Estreitando os olhos, ela estudou o sangue na minha camisa. O material úmido estava colado na minha pele. Quando ela se deu conta de que eu não estava ferida, seu nariz pontiagudo guiou sua cabeça ao olhar ao redor, procurando o capanga.

— Ele está morto — eu disse.

Star ficou pálida.

— Podemos chegar a um acordo.

Pude notar um tom de súplica em sua voz.

— Não, não podemos. Se eu a deixar ir embora, você apenas retornará com mais homens. Se eu a levar até o Comandante, terei que responder por matar os seus capangas. Estou sem opções.

Com o corpo tomado de pavor, avancei na direção dela. Os outros eu matara em autodefesa, em meio ao calor do combate. Isso seria difícil. Isso seria premeditado.

— Yelena, pare! — alguém gritou atrás de mim.

Eu me virei. Um dos soldados do Comandante estava ali, com a espada na mão. Quando ele aproximou-se, avaliei a distância entre nós.

Ele deve ter reconhecido a minha postura de combate, pois deteve-se e embainhou a espada. Retirando o capuz de algodão da cabeça, libertou o cabelo negro.

— Pensei que tinha ordens para ficar no castelo — eu disse para Valek. — Isso não o levará à corte marcial?

— E eu pensei que seus dias de matança haviam ficado para trás — ele retrucou, examinando o corpo estendido do capanga de Star. A traqueia esmagada o sufocara. — Vamos fazer o seguinte: se você não contar, eu não conto. Desse modo, ambos podemos evitar a forca. Combinado?

Virei minha cabeça na direção de Star.

— E quanto a ela?

— Existe um mandato de prisão com o nome dela. Por acaso considerou levá-la ao Comandante?

— Não.

— Por que não? — Valek sequer tentou disfarçar sua incredulidade. — Matar não é a única solução para um problema. Ou será que essa sempre foi a sua fórmula?

— Minha fórmula! Desculpe-me, senhor assassino, enquanto eu rio, lembrando de minhas lições de história sobre como lidar com um monarca tirano, assassinando o infeliz e sua família.

Valek me lançou um olhar perigoso.

Eu estava prestes a cruzar o limite. Mudando de tática, disse:

— Minhas ações se basearam no que eu pensei que você faria se fosse emboscado.

Ele considerou as minhas palavras por um longo e desagradável tempo.

Star parecia horrorizada com a nossa discussão. Ela olhava ao redor, como que planejando a sua fuga.

— Você realmente não me conhece — Valek retrucou.

— Pense um pouco, Valek. Se eu a levasse até o Comandante e explicasse os detalhes, o que acha que aconteceria comigo?

A expressão triste no rosto dele já dizia tudo. Eu seria presa por matar os homens de Star, o trabalho de provador de comida passaria para o próximo prisioneiro aguardando a execução e eu passaria os meus últimos dias em uma masmorra úmida e escura.

— Bem, nesse caso, vocês duas tiveram sorte por eu ter chegado — Valek afirmou.

No instante em que Star arriscou sua fuga, ele assoviou um estranho canto de passarinho.

Ela saiu correndo pela trilha. Eu fiz menção de segui-la, mas Valek fez sinal para que eu aguardasse. Dois vultos acinzentados se materializaram da floresta escura, um de cada lado da estrada. Eles agarraram Star, que ganiu de surpresa e raiva.

— Leve-a de volta para o castelo — Valek ordenou. — Cuidarei dela quando eu voltar. Ah, e enviem uma equipe de limpeza. Não quero ninguém se deparando com essa confusão.

Eles começaram a arrastar Star para longe.

— Espere! — ela gritou. — Tenho informações. Se me soltar, eu lhe direi quem tramou para arruinar o tratado sitiano.

— Não se preocupe. — Os olhos azuis de Valek brilhavam frios como o gelo. — Você me contará. — Ele estava prestes a passar por ela, quando se deteve. — Contudo, se quiser revelar o seu cliente agora, podemos pular um doloroso interrogatório mais tarde.

O nariz de Star contraiu-se, enquanto ela lhe considerava a oferta. Mesmo naquela situação, ainda era uma mulher de negócios astuta.

— Mentir vai apenas tornar as coisas piores para você — Valek alertou.

— Kangom — ela disse, por entre os dentes cerrados. — Ele estava usando um uniforme básico de soldado, com as cores do DM-8.

— O general Dinno — Valek disse, sem surpresa.

— Descreva Kangom — ordenei, sabendo que Kangom era um outro nome para o conselheiro Mogkan, mas sem poder dizer para Valek como obtivera tal informação.

— Alto. Cabelo comprido e preto preso em uma trança de soldado. Um canalha arrogante. Eu quase o botei para correr, mas ele me mostrou uma pilha de ouro que eu não podia recusar — Star revelou.

— Mais alguma coisa? — Valek perguntou.

Star sacudiu a cabeça. Valek estalou os dedos. Quando os homens camuflados escoltaram Star de volta para o castelo, eu indaguei:

— Será que é Mogkan?

— Mogkan? — Valek me fitou como se uma antena houvesse brotado em minha testa. — Não, Brazell estava feliz demais com a delegação. Por que ele haveria de colocar o tratado em risco? Não faz sentido. Dinno, por outro lado, estava furioso com o Comandante. Provavelmente enviou um de seus homens para contratar Star.

Tentei imaginar o motivo pelo qual Mokgan poria em perigo as negociações do tratado, quando o comércio com Sitia beneficiaria Brazell. Incapaz de deduzir uma resposta lógica, me perguntei como poderia convencer Valek de que Mogkan contratara Star.

Comecei a tremer. O sangue empapava a camisa do meu uniforme e manchava minhas mãos. Limpei o sangue nas calças rasgadas. Retrocedendo por onde viera, encontrei minha capa, mas antes que pudesse colocá-la sobre os ombros, Valek disse:

— É melhor que deixe suas roupas aqui. Seria a maior comoção se você aparecesse para jantar toda manchada de sangue.

Peguei minha mochila atrás da árvore. Valek virou de costas enquanto eu vestia um uniforme limpo. Ao enrolar-me na capa, perguntei-me se ele não teria mais espiões escondidos na floresta.

Seguimos para o acampamento.

— A propósito, bom trabalho — Valek disse, quando passamos pelo segundo corpo morto. — Vi a luta, mas não estava perto o suficiente para ajudá-la. Você se saiu muito bem. Quem lhe deu a faca?

— Eu a comprei com o dinheiro de Star.

Não era bem a verdade, mas não estava disposta a meter Janco em encrencas.

Valek fungou.

— Justiça poética.

Quando chegamos, Valek se misturou a um grupo de soldados, enquanto eu corri até a tenda do Comandante, para provar-lhe o jantar. Todo o episódio com Star levava apenas uma hora e meia, contudo meu corpo sofrido sentia como se eu houvesse estado fora durante dias.

Naquela noite, eu me sentei ao redor da fogueira, meus músculos tremendo em reação à luta. A tristeza por Rand me surpreendeu, quando pensamentos melancólicos se apossaram de minha mente. As chamas da fogueira se

retorciam, apontando dedos vermelhos para mim, perguntando: O que você acha que está fazendo? Três homens estão mortos por sua causa. Como é que vai ajudar alguém? Pura presunção, as chamas admoestavam. Vá para o sul. Deixe que Valek se preocupe com o Comandante e com o que Brazell está planejando, garota tola. O fogo pulsou, dando a impressão de estar me enxotando.

Desviei o olhar, piscando para o interior da escuridão. Será que era minha imaginação ou alguém estava tentando me influenciar? Invocar a imagem de meu muro de tijolos protetor acalmou algumas de minhas dúvidas, mas não todas.

O desaparecimento de Rand só foi notado na manhã seguinte. Pensando que ele fugira, o major Granten enviou um pequeno grupo de busca, enquanto o restante da procissão avançava para o interior do distrito de Brazell.

O resto da jornada foi sem incidentes, com exceção do fato perturbador de que, quanto mais perto chegávamos do castelo de Brazell, mais inexpressivo ficava o rosto do Comandante. Ele parava de dar ordens e de se interessar pelo que acontecia à sua volta. O brilho inteligente e penetrante que tornava o seu olhar mortífero desaparecia a cada passo, deixando em seu lugar uma expressão vazia e sem vida.

Em contraste com o Comandante, eu estava começando a me sentir um tanto quanto agitada. Minhas mãos deixavam impressões gordurosas no meu cajado à medida que nos aproximávamos da residência de Brazell. Sentindo o medo me rondando como um par de mãos prestes a envolver meu pescoço, eu vasculhava as árvores em busca de uma emboscada. O solo parecia macio, ameaçando sugar minhas botas, de modo que cada passo exigia um esforço extra. Grande erro, fora um enorme erro vir ao território de Brazell, pensei, enquanto meus pensamentos beiravam o pânico. Tentando me acalmar, imaginei minha parede de tijolos e me concentrei em sobreviver.

A uma hora de viagem do castelo de Brazell, o aroma doce do Criollo impregnava o ar. Como precaução, esgueirei-me até a floresta que ladeava a estrada principal e guardei minha mochila na reentrância de uma árvore, escondendo meu cajado ali perto. Pegando apenas alguns itens da bolsa, preendi meu cabelo em um coque, usando as pequenas ferramentas de metal para fixá-lo no lugar.

Quando chegamos às construções externas do castelo de Brazell, o passo da procissão ficou mais lento. Um suspiro de alívio coletivo pareceu se espalhar entre os soldados. Haviam entregue o Comandante em segurança ao seu destino. Agora, poderiam descansar nas casernas até a hora de voltar para casa.

Apesar de minha proteção mental, experimentei justamente o oposto da tranquilidade dos soldados. Sentia dificuldade em respirar enquanto seguia o Comandante e seus conselheiros até o escritório de Brazell. Podia escutar o sangue batendo no coração e sentia-me zozna.

Quando entramos, Brazell ergueu-se de trás de sua mesa, com um largo sorriso lhe adornando o rosto quadrado. Mogkan estava posicionado atrás do ombro direito de Brazell. Com meu escudo mental erguido, permaneci perto da porta, torcendo para não ser notada. Enquanto Brazell recitava um cumprimento formal, examinei-lhe o escritório. De decoração luxuosa, o aposento passava uma sensação pesada, sorumbática. Madeira de nogueira preta emoldurava as imagens de caçadas, e cortinas carmesim e roxas ladeavam as janelas. A enorme escrivaninha de ébano de Brazell parecia uma barreira entre sua poltrona de couro de encosto alto e os dois assentos estofados de veludo que ficavam de frente para ela.

— Cavalheiros, devem estar cansados da viagem — Brazell disse para os conselheiros do Comandante quando uma mulher alta adentrou o recinto. — Minha governanta os guiará até seus aposentos.

Ela gesticulou para que eles a seguissem. Quando os conselheiros deixaram o escritório, tentei me misturar a eles, porém Mogkan me agarrou o braço.

— Ainda não — ele disse. — Temos planos especiais para você.

Alarmada, olhei para o Comandante, sentado em uma das cadeiras. O abundante tecido roxo da almofada acentuava seu rosto pálido e seu físico magro. Não havia expressão em suas feições; ele fitava o infinito. Uma marionete aguardando que o dono puxasse os fios.

— E agora? — Brazell perguntou para Mogkan.

— Manteremos as aparências por alguns dias. Como planejado, nós o levaremos para conhecer a fábrica. — Mogkan gesticulou na direção do Comandante. — Manteremos os conselheiros dele felizes. Assim que todo

mundo estiver viciado, não teremos que fingir.

— E quanto a ela?

A satisfação curvou os cantos da boca de Brazell.

Mantive a imagem do muro em minha mente.

— Yelena — Mogkan disse. — Você aprendeu um truque novo. Tijolos vermelhos, que mundano. Contudo...

Escutei um ruído de raspagem, como pedra roçando sobre pedra.

— Pontos fracos. Aqui e aqui. — Mogkan apontou para o ar. — E acho que este tijolo está solto.

A argamassa se esfacelou. Pequenos buracos apareceram no meu muro mental.

— Quando eu tiver tempo, transformarei as suas defesas em pó — Mogkan prometeu.

— Para que perder tempo? — Brazell perguntou, desembainhando a espada. — Morta. Agora.

Ele avançou com suas intenções assassinas estampadas no olhar. Estremecendo, recuei um passo.

— Pare — Mogkan ordenou. — Precisamos dela para manter Valek na linha.

— Mas temos o Comandante — Brazell se lamuriou, como uma criança.

— Óbvio demais. Temos que considerar sete outros generais. Se matarmos o Comandante enquanto ele estiver aqui, levantaremos suspeitas. Você jamais se tornará o sucessor dele. Valek sabe disso, de modo que nenhuma ameaça ao Comandante funcionará. — Mogkan voltou os olhos calculistas para mim. — Mas quem liga para uma provadora de comida? Ninguém, com exceção de Valek. E se ela morrer aqui, os generais concordarão que foi justificado.

Mogkan inclinou-se sobre o Comandante, sussurrando ao seu ouvido. O Comandante abriu a pasta, retirou de lá de dentro um frasco e o entregou a Mogkan. Meu antídoto.

— A partir de agora, você virá a mim para o seu remédio — Mogkan disse, sorrindo.

Antes que eu pudesse reagir, alguém bateu à porta. Dois soldados adentraram o escritório sem aguardar permissão.

— Sua escolta chegou, Yelena. Esses soldados tomarão conta de você. —

Mogkan virou-se para os guardas. — Ela não precisa de um passeio para conhecer o castelo. Nossa infame Yelena voltou para casa.

PASSEI OS OLHOS pelos dois guardas musculosos. Espadas, facas e algemas pendiam de seus cinturões. Estavam bem armados e com os rostos sérios. Eu não tinha chance. Toquei o volume familiar do canivete preso à minha coxa, porém decidi aguardar até que a oportunidade fosse mais favorável.

Os guardas gesticularam para que eu os acompanhasse. Lancei um último olhar suplicante na direção do Comandante, porém, até então, nada o despertara do estado letárgico no qual se encontrava.

Senti uma pequena onda de esperança quando os guardas me conduziram até um pequeno quarto parcamente mobiliado na ala de hóspedes, em vez de até as celas subterrâneas nas quais Brazell mantinha os prisioneiros. Tendo passado uma semana naquelas câmaras úmidas, escuras e infestadas de ratos após ter matado Reyad, eu detestava a ideia de voltar para lá.

Após a porta ser fechada atrás de mim, eu me consolei removendo minhas ferramentas do cabelo. A fechadura era do tipo básico de pinos e ferrolhos, o que a tornaria fácil de abrir. Antes de arrombá-la, estiquei uma das ferramentas com um pequeno espelho na ponta por sob a porta. Com o espelho, avistei uma par de botas de cada um dos lados. Os guardas

dedicados haviam se postado do lado de fora do meu quarto.

Fui até a janela. A ala de hóspedes ficava no segundo andar. Minha vista incluía o pátio principal. Poderia saltar para o chão caso estivesse desesperada, contudo, por hora, eu aguardaria.

No dia seguinte, obtive permissão para deixar meu quarto apenas para provar as refeições do Comandante. Após o café da manhã, Mogkan balançou um pequeno frasco de antídoto diante do meu rosto.

— Se quer isto, precisa responder uma pergunta — ele disse.

Tentei acalmar meus nervos. Com a voz tranquila, retruquei:

— Você está blefando. Se me quisesse morta, eu não estaria aqui agora.

— Posso lhe assegurar que é apenas uma condição temporária. — A fúria ardia nos seus olhos. — Estou apenas lhe oferecendo uma escolha. Morte por Pó de Borboleta é uma experiência demorada, feia e extremamente dolorosa, enquanto, digamos, cortar sua garganta é rápido... Apenas um instante de dor.

— Qual é a pergunta?

— Onde está Valek?

— Não sei.

Respondera com sinceridade. Não vira Valek desde a luta na floresta. Mogkan considerou minha resposta. Aproveitando o seu instante de distração, arranquei o frasco de sua mão e o esvaziei de um gole só.

O rosto de Mogkan ficou vermelho de raiva. Ele me agarrou pelos ombros e me empurrou na direção dos guardas.

— Levem-na de volta para seu quarto — ele ordenou.

Assim que chegamos lá, me perguntei que problemas Valek poderia estar causando. Eu duvidava que ele estivesse quieto, sem fazer nada. A pergunta de Mogkan sobre o paradeiro de Valek confirmou minhas suspeitas. Irrequieta, andei de um lado para o outro da pequena câmara, sentindo falta de meus treinos com Ari e Janco.

Durante meus breves contatos com o Comandante, ao longo dos dias seguintes, comecei a reconhecer que minha presença era parte da representação de Mogkan. Para impedir que os conselheiros do Comandante ficassem desconfiados, Brazell fingia que Ambrose ainda estava dando as ordens. Em certo momento, Brazell inclinou-se para perto do Comandante, como se estivessem tendo uma conversa particular, depois anunciou que, de

acordo com o pedido do comandante Ambrose, o passeio de vistoria da fábrica seria marcado para o dia seguinte.

Obtive permissão para me juntar ao grupo que visitaria a fábrica. Isso me surpreendeu quase tanto quanto o fato de nenhum dos conselheiros ter protestado ou comentado o fato de Brazell estar fabricando Criollo, em vez da forragem para animais que informara na sua licença. Eles devoravam as barras de Criollo, satisfeitos em assentir e concordar com Brazell que a fábrica era uma invenção maravilhosa.

Enquanto caminhávamos pela fábrica, um calor abafante irradiava das gigantescas assadeiras que eram continuamente alimentadas com grãos sitianos. Trabalhadores cobertos de suor e pó preto usavam pás para jogar carvão nas grandes fogueiras sob os fornos. Uma vez tostados, os grãos eram levados a uma enorme área onde outros operários quebravam suas cascas usando maços, extraindo o recheio marrom escuro. Rolos de aço transformavam esse recheio em pasta. A pasta era despejada em um recipiente de metal de um metro e meio de largura, no qual eram adicionados açúcar, leite e manteiga. Usando forcados, os operários mexiam os ingredientes até a mistura se transformar em um líquido espesso e liso, que então era despejado em formas quadradas e retangulares.

Uma verdadeira fábrica de aromas e sabores deliciosos, o lugar era, contudo, um ambiente de trabalho triste. Os empregados sorumbáticos, seus uniformes manchados de suor e Criollo, gemiam e se extenuavam pelo esforço físico. Durante a inspeção, vasculhei as várias áreas de trabalho em busca de ingredientes venenosos ou capazes de induzir ao vício que pudessem ser adicionados à mistura, porém não encontrei nenhum.

Quando o grupo retornou à mansão de Brazell, observei as expressões animadas dos rostos dos conselheiros lentamente desaparecerem, sendo substituídas pelo mesmo olhar inexpressivo que se apossara do rosto do Comandante. O que significava que devia haver algum vínculo entre comer Criollo e sucumbir à magia de Mogkan. A representação de Mogkan terminaria assim que ele houvesse obtido controle das mentes dos conselheiros e, quando isso acontecesse, minhas acomodações mudariam para pior.

Naquela noite, sob a proteção da escuridão, joguei minha capa para fora da

janela do meu quarto e bati na porta, chamando os guardas.

Quando a porta se abriu, declarei:

— Preciso de um banho.

Sem aguardar uma resposta, marchei decididamente corredor abaixo. Os guardas me seguiram.

No local de banho, um dos guardas me deteve no corredor, enquanto seu companheiro examinava lá dentro. Só quando teve certeza de que eu estaria sozinha foi que ele assentiu e recuou.

Quando cruzei a entrada, anunciei em um tom de voz autoritário:

— Não preciso de espectadores. Esperem aqui. Não me demoro.

Para minha alegria, eles permaneceram do lado de fora. Corri até a parede na outra extremidade, onde, escondida, havia uma outra entrada. Os guardas podiam trabalhar na mansão, só que eu crescera ali. Com tempo livre e a curiosidade natural de uma criança, fora capaz de explorar praticamente cada canto da casa. Apenas a suíte particular de Brazell, seu escritório e a ala de Reyad tinham acesso proibido. Infelizmente, depois que completei 16 anos, a ala de Reyad tornou-se meu pesadelo diário. Ignorando tal pensamento, concentrei-me no presente.

Puxei a maçaneta da porta e me deparei com minha primeira surpresa indesejada. Estava trancada. Sem problemas, pensei, pegando minhas ferramentas. O mecanismo destravou com facilidade, a porta se abriu e tive meu segundo choque desagradável. Um dos guardas aguardava no corredor.

Ele deu um sorriso maldoso. Avancei na direção do homem. Usando o impulso, desequilibrei-o e o soquei na virilha. Um golpe sujo de Valek, mas não dei a mínima ao sair em disparada corredor abaixo, deixando o guarda para trás.

Saindo pela entrada sul, recuperei minha capa e segui para o oeste, para encontrar minha mochila e cajado. O luar brilhante iluminava meu caminho e eu podia ver para onde estava indo; contudo, meu rumo verdadeiro não era tão evidente assim. Sabia que não podia ajudar o Comandante de um quarto trancado, porém não tinha muita certeza do que eu poderia fazer daqui de fora. Precisava falar com Valek. Decidindo que seria arriscado demais seguir para as casernas, subi no topo das árvores. Apenas Valek conhecia esse truque. Assim que soubesse de minha fuga, ele me localizaria.

Quando alcancei a clareira reservada para a visita anual do festival do fogo ao DM-5, parei para passar a noite. Tremendo na minha capa, me encolhi de encontro ao tronco de uma árvore, soprando nuvens de vapor da boca. Uma única vez, escutei o latir de cães e gritos ao longe, porém ninguém chegou perto da minha cama improvisada na árvore. Não conseguia dormir. Eu estava demasiadamente nervosa e com frio. Em vez disso, tentei imaginar o tecido alegre das tendas do festival na clareira, na esperança de me aquecer com as lembranças da energia quente das noites do festival.

Imaginei as tendas principais nos seus devidos lugares. Dançarinos, cantores e acrobatas enfileirados no meio da clareira. Barracas de comida amontoando-se ao redor das enormes tendas, perfumando o ar com suas gulodices de dar água na boca. Quando morava sob o teto de Brazell, compareci ao festival todas as estações quentes. Fora o ponto alto de minha existência. Embora, minhas lembranças dos dois últimos anos, quando fora cobaia de Reyad, fossem terríveis.

Incapaz de resistir, desci da árvore e caminhei através do meu festival imaginário. Eu me detive onde a tenda dos acrobatas costumava ficar, na dúvida de se eu ainda era capaz de realizar a rotina de cambalhotas que me fizera conquistar o primeiro lugar e o amuleto do fogo. Sem pensar, tirei a capa e comecei o aquecimento. No fundo da minha mente, sabia que deveria estar me escondendo e que era estupidez ficar exposta para ser descoberta, porém a vontade de reviver meu único momento de verdadeira alegria era forte demais para ser ignorada.

Logo, todo e qualquer pensamento referente a Brazell, Reyad e Mogkan foram banidos, enquanto eu saltava e girava pelo ar. Minha mente se assentou na zona de pura concentração que eu usava quando lutava. Deliciei-me com o alívio, por mais breve que pudesse ser, de meus dias de tensão e perigo.

Enquanto realizava minha rotina, descobri que podia levar meus sentidos ampliados além do meu próprio corpo e abranger as árvores, chegando até mesmo a pressentir os animais na floresta. Uma coruja, empoleirada em um galho alto, seguia os movimentos de um rato do campo. Uma família de gambás atravessava sem ruído a vegetação rasteira. Uma mulher, agachada atrás de uma pedra, me observava.

Esgueirar-me para dentro da mente de Irys foi tão fácil como vestir um par

de luvas. Seus pensamentos deslizaram para minha mente como seda. Eu lhe lembrava a irmã caçula, Lily, e ela queria estar de volta ao lar com a família, não se esgueirando pela fria e horrível Ixia. A situação no norte estava ficando perigosa; ela estaria mais segura em Sitia. Mas por quanto tempo?, ela se perguntava. Como uma feiticeira de nível superior, não podia permitir que o abuso de poder que ela sentira emanando dessa região continuasse. Kangom, que estava se chamando Mogkan, estava produzindo Theobroma em quantidades alarmantes. Ele também arrumara um modo de intensificar seu poder.

Os pensamentos de Irys retornaram para mim e senti um puxão na nossa conexão mental.

Yelena, o que está fazendo na minha mente?

Não sei bem como cheguei aqui.

Será que ainda não descobriu? Você está focalizando a sua magia quando luta. É por isso que, instintivamente, prevê os movimentos do seu oponente. Eu a senti no castelo, quando estava lutando com seus amigos. Agora que aprendeu a concentrar seu poder, deu o passo seguinte lógico e o expandiu além da região imediata.

Minha surpresa rompeu nossa ligação. Ofegante, em meio ao ar frio da noite, interrompi meus exercícios e vi Irys emergir de dentro da mata.

— Isso significa que não vou ser consumida? — perguntei.

— Você se estabilizou, mas não vai ficar mais forte sem receber o treinamento apropriado. Não vai querer desperdiçar seu potencial. Venha para o sul agora. Seus perseguidores estão a quilômetros de distância.

— O Comandante...

— Está enfeitiçado. Não há nada que você possa fazer. A mente dele provavelmente já se foi. Mogkan vem lhe dando Theobroma. Desde que cheguei, tenho sentido o cheiro.

— Theobroma? Quer dizer Criollo? O doce marrom que Brazell vem fabricando.

— Parece ser isso mesmo. Serve para abrir a mente para influências mágicas. Relaxa as defesas mentais, permitindo o acesso fácil à mente de alguém. Nós costumamos usá-lo como ferramenta de treino em situações controladas quando o mago novato não está aberto para o que está sendo

ensinado. O Comandante possui uma personalidade forte, muito resistente a sugestões mágicas. Theobroma derruba essa barreira, o que ajuda quando um aluno está aprendendo, contudo usá-lo no Comandante para obter controle de sua mente é o mesmo que um estupro. — Irys apertou a capa ao redor dos ombros. — Mesmo com Theobroma, um mago não deveria ser capaz de alcançar a mente do Comandante dessa distância, porém Mogkan conseguiu. Ele achou um modo de ampliar seu poder. — Irys esfregou os braços com as mãos, tentando se aquecer. — Suponho que a visita de Mogkan ao castelo foi para estabelecer um vínculo com a mente do Comandante para que pudesse trazê-lo até aqui.

— O que podemos fazer para romper tal ligação? — perguntei.

— Matar Mogkan. Mas não será fácil. Ele é muito poderoso.

— Não há um outro modo?

Lembrei-me da minha conversa na floresta com Valek, sobre o assassinato como uma solução. Minha fórmula, ele dissera, o que ainda me irritava. Ele provavelmente jamais se vira em uma daquelas situações onde só se podia sair perdendo, como as em que eu parecia estar sempre me metendo.

— Bloqueie o suprimento de poder de Mogkan. Isso poderá funcionar. Ele ainda possuirá sua magia, mas ela não estará intensificada.

— E como reconhecerei esse poder extra? Como poderemos encontrá-lo?

— Acho que ele recrutou vários feiticeiros para unir seus poderes, ou inventou um modo de concentrar a fonte de poder sem deformá-la. — Ela hesitou, pensando. — Diamantes.

— Diamantes?

Um arrepio frio de ansiedade se manifestou no meu estômago. Havia tanto que eu não sabia sobre magia.

— Isso mesmo. Muito caros, porém capazes de reunir e armazenar poder como um carvão quente contém calor. Ele pode estar usando diamantes para intensificar sua magia. Precisaria de um círculo de diamantes do tamanho de um homem, o que não é fácil de esconder. Se conseguirmos encontrar esse círculo, talvez eu possa usá-lo para bloquear o poder dele, ou pelo menos redirecioná-lo tempo o suficiente para você acordar o Comandante.

— E se a fonte for um grupo de feiticeiros? Como eu os reconheceria?

— Infelizmente, Ixia não tem uniforme para magos — Irys retrucou, com a

voz carregada de sarcasmo. — Em vez de procurá-los, busque um aposento vazio com um desenho semelhante a uma roda de carroça pintado no chão. Para unir o poder mágico, cada feiticeiro precisa estar perfeitamente alinhado ao longo da borda do círculo.

— Posso vasculhar a mansão, mas precisarei de ajuda. Preciso de Valek.

— Você precisa é de um milagre — Irys respondeu, retorcendo os lábios.

— Pode direcionar Valek até aqui?

— Ele já está a caminho. Vocês dois estabeleceram uma poderosa conexão, embora eu não tenha certeza se sua origem é mística. — Irys franziu os lábios. — É melhor eu ir antes que Valek chegue. Quando, e se, você descobrir a fonte do poder extra de Mogkan, entoe meu nome mentalmente. Escutarei seu chamado, pois nós duas também estabelecemos um vínculo. Nossa conexão mental se fortalece cada vez que nos comunicamos. Tentarei ajudá-la com o Comandante. Porém, não prometo nada. Estou atrás de Mogkan.

Ela desapareceu em meio à floresta.

Enquanto eu aguardava Valek, andei de um lado para o outro sobre a terra batida, tentando pensar em uma maneira de encontrar a fonte de poder de Mogkan. As palavras de Irys sobre eu precisar de um milagre eram, de fato, até brandas.

Para me distrair, concentrei-me nos arredores. Muitos pés haviam pisoteado a grama e a terra até aquele trecho ficar liso e reluzente. Lembrava-me de fincar os calcanhares naquela mesma terra batida da última vez em que estive aqui, quando Reyad me arrastara para o castelo para me punir por desobedecê-lo e por ganhar o amuleto. Eu pressionara o prêmio com tanta força de encontro à pele que chegara a marcá-la. Depois, eu o escondera, para mantê-lo longe das mãos cruéis de Reyad.

Dois anos haviam se passado desde que eu enterrara o amuleto. Àquela altura, alguém provavelmente o descobrira. Como exercício, tentei usar meus novos talentos mágicos. Direcionando minha percepção para baixo, circulei a clareira. Realizei muitos circuitos e estava começando a ficar entediada, quando, subitamente, senti as solas dos pés ficarem quentes. Quando continuei, elas esfriaram. Movi-me para lá e para cá, até que, mais uma vez, o calor espetou os meus pés.

Pegando o arpéu da mochila, cavei naquele local. Meus esforços revelaram um pouco de tecido. Joguei o gancho de lado e cavei a terra com as unhas, descobrindo meu amuleto perdido.

Estava escuro e coberto de terra. A fita que o segurava estava rasgada e manchada. Pressionando o amuleto em forma de chama contra o peito, senti o calor emanando dele. Cantarolando, eu o coloquei no chão para encher o buraco de terra. Limpando o amuleto do tamanho da palma de minha mão nas calças, eu o preendi à corrente do colar com a borboleta de Valek.

— Não é o melhor dos esconderijos, não concorda? — Valek perguntou.

Eu me sobressaltei. Há quanto tempo será que ele estava parado atrás de mim?

— Estão procurando-a. Por que fugiu? — ele perguntou.

Contei para Valek sobre o Comandante, sobre Mogkan e sobre a fábrica e os conselheiros, torcendo para que ele chegasse às mesmas conclusões que eu.

— Quer dizer que Mogkan está usando o Criollo para assumir o controle das mentes deles. Mas onde ele está conseguindo tanto poder? — Valek perguntou.

— Não sei. Precisamos vasculhar a mansão.

— Não quer dizer que *eu* preciso vasculhar a mansão?

— Não, nós. Eu cresci aqui. Conheço cada centímetro. — O primeiro lugar que eu queria começar a revistar era a ala do laboratório de Reyad. — Quando é que começamos?

— Agora. Temos quatro horas até o nascer do sol. O que estamos procurando?

Quando eu expliquei que estávamos procurando um círculo de diamantes ou uma roda pintada, as sobrancelhas finas de Valek se ergueram, como se ele quisesse me perguntar como é que eu obtivera essa informação. Ele nada disse e seguiu na direção da caserna.

Escondi-me do lado de fora, enquanto Valek trocava o uniforme por seu traje colante preto. Ele me trouxe uma camisa de cor escura para vestir sobre a camisa vermelha do meu uniforme e uma lanterna apagada. Minha capa não era muito propícia para eu me esgueirar pelos corredores, de modo que a escondi nos arbustos.

Encontramos uma porta dos fundos perto dos alojamentos dos criados. Valek acendeu a lanterna. Quase fechando as laterais, ele permitiu que apenas um fino fecho de luz escapasse. No interior da mansão, eu segui na frente.

A suíte de Reyad ficava na ala leste, no andar térreo, de frente para o laboratório. A ala inteira fora dele e havia várias portas que ele mantivera trancadas enquanto eu fora sua cobaia permanente.

Enquanto procurávamos, terrores antigos me assombraram. Senti minha pele formigar e ficar quente. Reconheci o ligeiro aroma ácido de medo misturado à poeira levantada pelos nossos passos. Era o meu cheiro. Eu o usara como um perfume sempre que Reyad me arrastava para os seus testes.

O ar espesso estava me sufocando, enchendo minha boca com o gosto de cinzas e sangue. Sem me dar conta, havia mordido a mão. Era um hábito antigo. Um modo de abafar meus gritos.

Explorando a sala do laboratório, o fecho fino da lanterna iluminou instrumentos pendurados nas paredes e empilhados sobre as mesas. Cada revelação fazia com que uma onda de insensibilidade fria percorresse meu corpo e eu me retraía para longe das enormes sombras dos equipamentos cobertos, sem querer nem mesmo esbarrar neles. O aposento parecia mais uma câmara de torturas do que um local onde se conduziam experiências.

Sentindo-me como um animal preso nas garras de metal de uma armadilha, tive vontade de gritar e sair correndo do recinto. Por que eu trouxera Valek ali? Os conselheiros de Brazell estavam instalados no segundo andar. O aparelho de diamantes de Mogkan, se é que tal coisa existia, provavelmente estava escondido perto do quarto dele, não aqui embaixo.

Valek não dissera uma só palavra desde que acendera a lanterna. No corredor do lado de fora do quarto de dormir de Reyad, uma força física me impediu de entrar. Meus músculos tremeram. Um suor gelado encharcou meu uniforme. Aguardei perto da porta quando Valek entrou. Eu podia ver o sombrio vulto maléfico do baú de “brinquedos” sádicos de Reyad em um canto escuro do quarto. Será que meus pesadelos acabariam se eu o queimasse até virar cinzas?

— Não se eu puder impedir — disse o fantasma de Reyad, materializando-se ao meu lado no corredor.

Sobressaltada, dei um pulo para trás, batendo na parede. Um gritinho

escapou de meus lábios antes que eu pudesse enfiar a mão na boca.

— Pensei que você havia sumido de vez — sussurrei.

— Jamais, Yelena. Sempre estarei com você. Meu sangue encharcou sua alma. Você jamais conseguirá me limpar dela.

— Eu não tenho alma — retruquei, baixinho.

Reyad riu.

— Sua alma está pintada de preto com o sangue de suas vítimas, minha querida, é por isso que você não consegue enxergá-la. Quando morrer, essa pesada essência carregada de sangue vai afundar até as profundezas da terra, onde você arderá por toda a eternidade por conta de seus crimes.

— Falou a voz da experiência — sussurrei com uma raiva que transformou minha voz em um silvo.

Valek deixou o quarto de Reyad. Com o rosto pálido como o de um cadáver, ele me fitou durante tanto tempo com uma expressão horrorizada que eu me perguntei se ele não ficara mudo. Por fim, fechando a porta, Valek passou pelo fantasma, sem vê-lo, e se deteve diante da próxima porta trancada, hesitando por um instante, com a cabeça curvada, para depois levar a mão à testa.

— Aí está alguém que realmente precisa ser assombrado. — Reyad afirmou, cutucando Valek com o dedo fantasmagoricamente pálido. — É uma pena que ele não permita que seus demônios o aborreçam, pois conheço um certo rei que adoraria incomodá-lo. — Reyad olhou para mim. — Apenas os fracos convidam seus demônios para viver consigo. Não concorda?

Recusei-me a responder e segui Valek. Continuamos nossa busca, porém era óbvio que, com exceção do laboratório, a ala fora abandonada. Restavam três portas.

Enquanto Valek arrombava as trancas, Reyad continuou tagarelando.

— Meu pai logo a mandará para mim, Yelena. Estou ansioso para passar a eternidade com você.

Ele sorriu com deboche, retorcendo os dedos na minha direção.

Porém, eu não estava mais interessada no fantasma. O conteúdo do quarto diante de mim prendera toda a minha atenção. No seu interior, dezenas de mulheres e alguns homens encolhiam-se ante o facho amarelado emitido pela lanterna de Valek. Cabelos seontos ocultavam seus rostos cobertos de

sujeira. Trapos cobriam seus corpos esqueléticos. Nenhum deles falou, ou gritou. Para meu crescente horror, me dei conta de que estavam acorrentados ao chão. Em círculos. Um círculo exterior e dois interiores, com linhas pintadas interligando-os.

Quando Valek e eu adentramos o aposento, o fedor pútrido de corpos imundos e excrementos chegou às nossas narinas. Sentindo ânsia de vômito, cobri a boca. Valek moveu-se por entre eles, fazendo perguntas. Quem é você? Por que está aqui? Suas indagações eram respondidas com silêncio. Olhares vazios lhe acompanhavam a passagem. Eles permaneciam onde estavam acorrentados, apenas olhando para nós.

Comecei a reconhecer alguns dos rostos sujos. Haviam morado comigo no orfanato. Eram moças e rapazes mais velhos que haviam “se formado” e que deveriam estar trabalhando em outros lugares do distrito. A visão de uma jovem, seu cabelo castanho-claro sem vida e colado ao rosto, por fim me fez gritar de dor.

Os olhos castanho-claros de Carra não exibiram sinal algum de inteligência quando eu lhe acariciei o ombro e sussurrei seu nome. A garota alegre de quem eu cuidara no orfanato se tornara uma casca vazia de mulher, totalmente desprovida de sua mente.

— Meus alunos — Reyad vangloriou-se, o peito estufado de orgulho enquanto flutuava no meio do aposento. — Os que *não* falharam.

— E agora? — perguntei para Valek.

— Vocês serão presos e jogados no calabouço — Mogkan respondeu, da entrada.

Valek e eu nos viramos. Mogkan estava postado logo além do vão da porta, seus braços cruzados sobre o peito. Valek avançou em sua direção com fúria ardendo nos olhos. Mogkan recuou para o corredor. Vi Valek se deter assim que cruzou o vão da porta e erguer as mãos no ar. Maldição, pensei, correndo para ajudá-lo.

Como um covarde, Mogkan estava postado atrás de oito guardas. As pontas de suas espadas miravam o peito de Valek a poucos centímetros de distância.

SENTINDO AS PONTAS das espadas me cutucarem as costas, observei Valek, esperando que ele fosse entrar em ação durante todo o trajeto infeliz até as celas de Brazell. Esperei que ele se tornasse um borrão em movimento quando nos despiram e nos revistaram, suportando a humilhação de ser apalpada e alisada por mãos ásperas a confiscarem minha mochila, o canivete e o colar. Perder as roupas não me abateu tanto quanto perder a borboleta de Valek e meu amuleto.

Eu me preparei para uma súbita fuga quando fomos conduzidos à prisão e continuei aguardando no momento em que fomos empurrados para o interior de celas adjacentes.

Prendi minha respiração ao escutar a pesada fechadura de metal ser trancada nas nossas acomodações subterrâneas. Os soldados jogaram nossas roupas através das barras da cela. Depois, foram embora, abandonando-nos na escuridão. Vesti o uniforme, tentando abotoar a camisa no escuro.

Aqui estava eu novamente. Um pesadelo tornado realidade ao atravessarmos a sala da guarda, descermos um lance de escadas e

adentrarmos a pequena masmorra de Brazell, que continha apenas oito celas, quatro de cada lado do corredor curto. Valek e eu estávamos nas duas celas mais próximas e à esquerda da escada. Um fedor rançoso conhecido impregnava a prisão. O ar espesso e empoeirado atacou meus sentidos de tal maneira que levei algum tempo para me dar conta de que éramos os únicos ocupantes.

Incapaz de suportar o silêncio súbito, perguntei:

— Valek?

— O que foi?

— Por que não lutou contra os guardas? Eu o teria ajudado.

— Oito homens tinham as espadas desembainhadas e apontadas para o meu peito. Qualquer movimento súbito e eu teria sido retalhado. Fico lisonjeado que ache que eu poderia ter vencido, ainda que em tamanha desvantagem. Contra quatro oponentes armados, talvez, mas oito, definitivamente, é demais.

Podia escutar o humor na voz de Valek.

— Quer dizer que teremos que arrombar as fechaduras e escapar?

Minha confiança se baseava no fato de Valek ser um assassino supremo e um lutador treinado, um homem que não permaneceria muito tempo confinado.

— Seria o ideal, desde que tivéssemos algo com que arrombá-las — Valek retrucou, destruindo minhas esperanças.

Vasculhei a cela com as mãos. Encontrando apenas palha suja, fezes de rato e uma gosma que não dava para reconhecer, afundi no chão com as costas viradas para a parede de pedra que eu dividia com Valek.

Após um longo instante, Valek perguntou:

— Aquele teria sido seu destino? Se não tivesse matado Reyad, estava fadada a ser acorrentada ao chão, com a mente destruída?

A imagem daqueles prisioneiros ardia na minha mente. Fiquei arrepiada. Pela primeira vez, fiquei feliz de ter fracassado nos testes de Reyad.

Ao pensar mais neles, lembrei de um comentário que Irys fizera com respeito à habilidade de um mago de roubar magia de outros. Por fim, me dei conta do que significavam aqueles homens e mulheres sentados em círculos. O poder extra de Mogkan vinha daqueles prisioneiros acorrentados. Brazell,

Reyad e Mogkan devem ter testado as crianças do orfanato em busca de potencial mágico. Em seguida, ao fazer experiências com elas, Mogkan apagara-lhes as mentes, reduzindo-as a recipientes sem vontade própria, dos quais ele poderia extrair mais poder.

— Acho que Brazell e Reyad estavam determinados a me reduzir àquele estado mental. Mas eu resisti.

Expliquei para Valek minha teoria sobre os prisioneiros.

— Conte-me o que aconteceu com você — Valek pediu, com a voz tensa.

Hesitei. Em seguida, minha história fluiu de meus lábios, a princípio entrecortada. Porém, logo as palavras jorravam de minha boca com a mesma velocidade que as lágrimas rolavam por minha face. Eu não poupei detalhes. Não tentei encobrir as partes mais desagradáveis. Ao contar para Valek tudo sobre meus dois anos como cobaia, sobre as torturas e tormentos de Reyad, os joguinhos cruéis, as humilhações, as surras, a vontade de ser boazinha para Reyad e, por fim, sobre o estupro que levou ao assassinato dele, eu me purguei da mancha negra que era Reyad. Senti-me zozza de alívio.

Valek permaneceu em silêncio durante toda a confissão. Nada comentou e nada perguntou. Por fim, com a voz fria como gelo, ele afirmou:

— Brazell e Mogkan serão destruídos.

Promessa ou ameaça, eu não saberia dizer; mas com toda a determinação por trás delas, não eram de modo algum palavras vazias.

Como se houvessem escutado os seus nomes, Brazell e Mogkan atravessaram a porta principal do calabouço. Quatro guardas segurando lanternas os acompanharam. Eles se detiveram diante de nossas celas.

— É bom vê-la de volta ao seu lugar — Brazell disse para mim. — A vontade de sentir seu sangue nas minhas mãos foi tentadora, contudo Mogkan gentilmente me informou seu destino caso não receba seu antídoto. — Brazell interrompeu-se e sorriu de pura satisfação. — Ver a assassina de meu filho se contorcer de agonia será uma justiça mais apropriada. Virei vê-la mais tarde, para lhe escutar os gritos. E, se me implorar, talvez eu acabe com seu sofrimento, só para poder sentir o cheiro do seu sangue quente.

O olhar de Brazell voltou-se para a cela de Valek.

— Desobedecer a uma ordem direta é uma ofensa capital. O comandante Ambrose já assinou sua sentença de morte. Seu enforcamento está marcado

para amanhã, ao meio-dia. — Brazell inclinou a cabeça, avaliando Valek como se ele fosse um puro-sangue. — Acho que vou mandar empalharem e emoldurarem sua cabeça. Será uma decoração muito eficiente no meu escritório quando eu me tornar Comandante.

Rindo, Brazell e Mogkan deixaram a masmorra. A escuridão que deixaram para trás parecia até mais densa do que antes. Ela pressionava meu peito, provocando-me uma sensação de pânico bem ao redor das costelas. Andei de um lado para o outro no interior da cela. Minhas emoções iam do puro pavor a um desânimo esmagador. Chutei as barras, joguei palha no ar e esmurrei as paredes.

— Yelena — Valek por fim disse. — Acalme-se. Durma um pouco. Você precisará de suas forças para essa noite.

— Ah, sim, todo mundo precisa estar descansado para morrer — respondi, porém me arrependi da grosseria ao me lembrar que Valek também estava diante da morte. — Tentarei.

Fiquei deitada na palha suja, sabendo que era fútil tentar dormir. Quem é que conseguia passar as suas últimas horas dormindo?

Aparentemente, eu conseguia.

Acordei com um grito. Meu pesadelo sobre ratos misturou-se com a realidade quando senti uma bola de pelos quentes descansando sobre minha perna. Levantando-me com um salto, chutei o roedor para longe. Ele bateu na parede e saiu correndo.

— Tirou um bom cochilo? — Valek perguntou.

— Já tive melhores. Meu colega de cela ronca.

Valek fungou bem humoradamente.

— Quanto tempo eu dormi?

— É difícil dizer sem o sol. Suponho que já estejamos perto do crepúsculo.

Eu recebera a minha última dose de antídoto na manhã do dia anterior. Isso me daria até a manhã seguinte para viver, porém os sintomas do veneno se manifestariam em algum momento desta mesma noite.

— Valek, tenho um confiss...

Minha garganta se fechou. Os músculos de minha barriga se contraíram com tamanha severidade que eu me senti como se alguém estivesse tentando arrancá-los do meu corpo.

— O que foi?

— Uma cólica infernal — respondi, ainda ofegante, embora a dor houvesse diminuído. — Esse é o começo?

— É. Elas começam devagarinho, porém, em breve, as convulsões serão contínuas.

Outra onda de agonia me atingiu e eu desmoronei no chão. Quando passou, arrastei-me até a cama de palha, aguardando a próxima investida. Incapaz de suportar a expectativa em silêncio, eu disse:

— Valek, fale comigo. Diga algo para me distrair.

— Como o quê?

— Não importa. Qualquer coisa.

— Tem algo que talvez lhe traga algum consolo... Não existe um veneno chamado Pó de Borboleta.

— O quê?

Eu quis gritar com ele, mas uma convulsão de fazer qualquer um se curvar e de induzir o vômito me atingiu, me passando a impressão de que os músculos de meu estômago estavam sendo retalhados com uma faca.

Quando me recuperei, Valek explicou:

— Você até vai ter vontade de morrer, vai desejar já estar morta, contudo, no final, estará viva e bem.

— Por que me contar isso agora?

— A mente controla o corpo. Se acreditasse que ia morrer, talvez tal convicção fosse o suficiente para, de fato, matá-la.

— Por que esperar até agora para me contar? — exigi saber, furiosa.

Ele poderia ter aliviado minha angústia.

— Uma decisão tática.

Reprimi uma resposta desaforada. Esforcei-me para enxergar a lógica de Valek, para me colocar no seu lugar. Minhas sessões de treino com Ari e Janco haviam incluído estratégia e táticas. Janco comparara o combate a um jogo de cartas.

— Mantenha seus melhores movimentos em reserva, bem escondidos, e use-os apenas quando não lhe restar mais nada — ele dissera.

Uma oportunidade para escapar poderia ter se apresentado durante o dia. Nesse caso, Valek não teria tido que me mostrar sua última carta e me contar

a respeito do veneno.

— E quanto às câimbras? — perguntei, sentindo outra delas se apossar do meu corpo.

Encolhi-me na cama, apertando meu próprio corpo até assumir a forma de uma bola, na esperança de aliviar um pouco a dor, mas de nada adiantou.

— Sintomas de abstinência.

— Abstinência do quê?

— Do seu suposto antídoto — Valek respondeu. — É um preparado interessante. Eu o uso para fazer alguém passar mal. À medida que a poção perde seu efeito, ela produz cólicas estomacais dignas de um dia de cama. É perfeita para colocar alguém temporariamente fora de ação. Caso continue tomando, os sintomas são adiados até que pare.

Não me lembrava de ter lido sobre um tônico como aquele em qualquer um dos vários livros que estudei.

— Qual é o seu nome?

— Susto Branco.

Saber que eu não ia morrer eliminou o pavor que eu estava sentindo e me ajudou a suportar a dor. Passei a enxergar cada contração como um passo a ser dado para me libertar da substância.

— E quanto ao Pó de Borboleta? — perguntei.

— Não existe. Eu inventei. Achei que soava bem. Precisava de alguma ameaça que impedisse os provadores de comida de fugir, sem que eu tivesse que recorrer a guardas ou portas trancadas.

Um pensamento desagradável me veio à cabeça.

— O Comandante sabe que é uma farsa?

Se ele soubesse, Mogkan também saberia.

— Não. Ele acredita que você foi envenenada.

Durante a noite, foi difícil me lembrar que eu não fora envenenada. Cólicas torturantes se recusavam a ir embora. Eu me arrastei pela cela, vomitando e gritando.

Em certo momento, mal notei Brazell e Mogkan se regozijando com meu sofrimento. Não importava que estivessem me observando. Não ligava para suas gargalhadas. Tudo que eu queria era achar uma posição capaz de aliviar um pouco a dor.

Por fim caí em um sono de exaustão.

Acordei deitada no chão coberto de fezes da cela. Meu braço direito estava estendido através das barras. Eu me surpreendi mais com o fato de estar apertando a mão de Valek do que com o fato de estar viva.

— Yelena, você está bem?

A preocupação na voz de Valek era evidente.

— Acho que sim — respondi debilmente.

Minha garganta ardia de sede.

Alguém destrancou ruidosamente a porta da prisão.

— Finja-se de morta — Valek sussurrou, soltando minha mão. — Tente fazer com que cheguem perto da minha cela — ele instruiu, ao ver dois guardas entrando na masmorra. Puxei a minha mão aquecida pela de Valek para dentro da cela e estendi a mão esquerda gelada para fora, instantes antes de os dois homens descerem a escada.

— Maldição! O fedor aqui embaixo é pior do que o das latrinas após uma festa regada a cerveja — afirmou o guarda segurando a lanterna.

— Acha que ela está morta? — o segundo guarda perguntou.

Com o rosto virado para a parede, fechei os olhos e preni a respiração. A luz amarelada iluminou meu corpo.

O guarda tocou minha mão.

— Fria como o mijo de um leopardo das neves. É melhor a arrastarmos para fora daqui antes que comece a se decompor. Se acha que esse lugar está cheirando mal agora...

O estalo da tranca foi seguido por um ranger de metal quando a porta se abriu.

Concentrei-me em bancar o peso morto enquanto o guarda me arrastava para fora pelos pés. Quando a luz se afastou de mim, arrisquei uma espiada. O guarda com a lanterna foi na frente para iluminar o caminho, deixando a parte superior do meu corpo mergulhada na escuridão. Quando passamos pela cela de Valek, agarrei as barras com ambas as mãos.

— Opa. Espere um pouco. Ela ficou presa.

— No quê? — o guarda com a lanterna perguntou.

— Não sei. Volte aqui com essa maldita lanterna.

Soltei as mãos e enganchei o braço para dentro da cela.

— Para trás — o guarda da lanterna avisou Valek.

Suas mãos gordas mexeram no meu cotovelo. Depois, ele gemeu baixinho. Abri meus olhos a tempo de ver a luz da lanterna se apagar quando ela caiu ao chão.

— Que diabos? — o outro homem exclamou.

Ainda segurando os meus pés, ele recuou para longe das barras da cela de Valek.

Dobrei as pernas, trazendo meu corpo para perto das botas dele. O homem ganiu de surpresa quando eu lhe agarrei os tornozelos. O guarda tropeçou e caiu para trás.

O ruído repugnante do osso atingindo a pedra não era o que eu estava esperando. O corpo do homem ficou mole. Com as pernas bambas, fiquei de pé.

Escutando um baque surdo e o chacoalhar de chaves, virei-me a tempo de ver Valek acender a lanterna. O outro guarda estava encostado nas barras da cela, com a cabeça retorcida em um ângulo estranho.

Sob o brilho fraco, fitei o corpo estendido aos meus pés. A cabeça do soldado atingira a borda do primeiro degrau. Um líquido escuro começava a se empoçar ao redor de minhas botas. Eu acabara de matar outro homem. Comecei a tremer. Um quarto homem morreria por minha causa. Será que o roubo de minha alma me transformara em uma assassina cruel? Será que Valek sentia algum remorso ou culpa quando tirava uma vida? Eu o observei através de um véu de sangue.

Eficiente como sempre, Valek tirou as armas dos guardas mortos.

— Espere aqui — instruiu.

Destrancando a porta principal da prisão, ele adentrou a sala da guarda com um salto.

Gritos, gemidos e os sons de carne atingindo carne chegaram aos meus ouvidos, enquanto eu aguardava na escada. Nenhum remorso, nenhuma culpa. Valek fazia o que tinha que fazer para seu lado sair vitorioso.

Quando Valek fez sinal para que eu me juntasse a ele, vi que havia sangue espirrado no seu rosto, no peito e nos braços. Três guardas, inconscientes ou mortos, estavam estendidos no chão da sala.

Minha mochila estava sobre uma mesa, com o seu conteúdo espalhado.

Enfiei tudo de volta enquanto Valek tentava abrir a última porta trancada entre a liberdade e nós. Embora fosse pouco, queria o que era meu de volta, inclusive minha borboleta e o amuleto. Assim que preendi a corrente ao redor do pescoço, senti-me estranhamente otimista.

— Maldição! — Valek exclamou.

— O que foi?

— O capitão da guarda possui a única chave para esta porta. Ele a abrirá quando for hora de trocar a guarda.

— Tente isto.

Passei para Valek minhas ferramentas.

Ele sorriu.

Enquanto ele trabalhava na fechadura, encontrei uma jarra de água para beber e um barril de água para faxina. O medo de ser capturada não era capaz de superar minha vontade de lavar meu rosto e minhas mãos. A necessidade de me livrar do fedor de vômito e de sangue se apossou de mim. Logo, eu despejei vários baldes de água sobre a cabeça, até estar ensopada. Esvaziei metade da jarra antes de pensar em oferecer um pouco para Valek. Ele se interrompeu para beber e, em seguida, continuou a trabalhar na fechadura.

Por fim, ela se abriu. Valek espiou o corredor lá fora.

— Perfeito. Não há guardas. — Ele escancarou a porta. — Vamos.

Pegando minha mão e um lampião, Valek deu as costas para nossa única rota de fuga e me conduziu de volta para a prisão, detendo-se para também deixar as portas das celas bem abertas.

— Você ficou louco? — sussurrei, enquanto ele me puxava na direção da última cela. — A liberdade fica para lá.

Eu apontei.

Ele me ignorou enquanto destrancava a porta.

— Confie em mim. Este é o esconderijo perfeito. A confusão que deixamos logo será descoberta, as portas abertas provam que fugimos. — Valek me empurrou na sua frente para o interior da cela. — Grupos de busca serão organizados. Quando todos os soldados tiverem deixado o castelo, entraremos em ação. Até então, ficaremos escondidos.

Valek fez uma cama de palha improvisada no fundo da cela. Após apagar e esconder o lampião, ele me puxou para baixo. Eu me encolhi, deitada de lado,

com as costas viradas para ele, tremendo nas minhas roupas molhadas. Valek nos cobriu com um pouco de feno e me envolveu com seu braço. Ele me puxou para si. Estremeci ante o contato, porém o calor de seu corpo me aqueceu e logo relaxei nos seus braços.

A princípio, qualquer barulhinho fazia meu coração disparar. Contudo, eu não deveria ter me preocupado; a comoção que resultou da descoberta de nossa fuga foi ensurdecadora.

Vozes zangadas e acusadoras gritavam. Grupos de busca foram organizados e despachados. Chegaram ao acordo de que tínhamos uma hora de vantagem, contudo Brazell e Mogkan discutiram sobre que direção havíamos tomado.

— Valek provavelmente está recuando para o oeste, em direção a territórios bem conhecidos — Brazell afirmou com autoridade.

— O sul é a escolha lógica — Mogkan insistiu. — Temos o Comandante, não há nada que possam fazer. Estão fugindo por suas vidas, não em direção a uma posição estratégica qualquer. Pegarei um cavalo e verificarei a floresta com minha magia.

Valek bufou na minha orelha e sussurrou:

— Eles realmente acreditam que eu abandonaria o Comandante. Não têm conceito algum de lealdade.

Quando a prisão ficou quieta e vazia por algumas horas, comecei a ficar entediada e ansiosa para ir embora. A porta para as celas ficara aberta, permitindo que uma luz fraca iluminasse os nossos arredores.

— Podemos ir agora? — perguntei.

— Ainda não. Acredito que ainda esteja claro. Aguardaremos até o anoitecer.

Para ajudar a passar o tempo, perguntei a Valek como ele acabara se envolvendo com o Comandante. Achei que não fosse uma pergunta inconveniente, contudo ele ficou tão quieto que até me arrependi de ter perguntado.

Após uma longa pausa, ele disse:

— Minha família morava na Província Icefaren antes de ela ser renomeada DM-1. Um inverno excepcionalmente rigoroso derrubou a construção que abrigava o negócio de artigos de couro do meu pai, arruinando todo seu

equipamento. Ele precisava substituir o equipamento para permanecer funcionando, contudo os soldados que vieram à nossa casa recolher o dinheiro dos impostos se recusaram a dar ouvidos à razão.

Os braços de Valek se apertaram ao meu redor. Mais de um minuto se passou antes que ele continuasse.

— Na época, eu não passava de um garotinho magricela, contudo eu tinha três irmãos mais velhos. Eles eram do tamanho de Ari e possuíam a força dele. Quando meu pai disse para os soldados que se pagasse a quantia toda não teria dinheiro suficiente para alimentar a família — Valek hesitou por vários instantes —, eles mataram meus irmãos. Riram e disseram: “Problema resolvido. Agora você tem menos bocas para alimentar.”

Os músculos dos braços de Valek tremiam de tensão.

— Naturalmente, eu queria vingança, mas não com relação aos soldados. Eles eram apenas os mensageiros. Eu queria o rei. O homem que permitira que seus soldados assassinassem meus irmãos em seu nome. Sendo assim, aprendi a lutar e estudei a arte dos assassinos até me tornar invencível. Viajei para tudo quanto era lugar usando minhas novas habilidades para ganhar dinheiro. A alta nobreza era tão corrupta que me pagava para eliminar uns aos outros.

“E, então, fui contratado para matar um jovem chamado Ambrose, cujos discursos incitavam à rebelião e estavam deixando a nobreza nervosa. Ele se tornara popular, reunindo grandes multidões. As pessoas estavam começando a resistir às doutrinas do rei. E então Ambrose desapareceu, escondendo seu exército crescente e dando início a operações clandestinas contra a monarquia.

“Meu pagamento para encontrar e matar Ambrose foi significativo. Eu o embosquei, esperando ter minha faca enterrada no seu coração antes que ele tivesse tempo de gritar. Contudo, ele bloqueou o golpe e eu me vi lutando pela minha vida, e perdendo.

“Porém, em vez de me matar, Ambrose entalhou um C no meu peito com minha própria faca. A mesma arma, a propósito, que mais tarde usei para matar o rei. Em seguida, Ambrose se declarou o meu Comandante e anunciou que eu agora trabalhava para ele e mais ninguém. Concordei e lhe prometi que, se ele me presenteasse com a oportunidade de matar o rei, eu lhe seria

leal para sempre.

“Minha primeira missão foi matar a pessoa que me pagara para assassinar Ambrose. Ao longo desses anos, eu o observei atingir os seus objetivos com uma determinação obstinada e sem excessos de violência ou dor. Ele não se deixou corromper pelo poder e nem pela ganância. É coerente e leal ao seu pessoal. E ninguém nesse mundo era mais importante para mim. Até agora.”

Prendi a respiração; fora uma pergunta simples e inocente. Jamais esperara uma resposta tão pessoal.

— Yelena, você me enlouqueceu. Você me causou um bocado de problemas e, desde que a conheci, contemplei a ideia de dar um fim à sua vida pelo menos duas vezes.

A respiração quente de Valek na minha orelha provocava arrepios ao longo de minha espinha.

— Contudo, você conseguiu penetrar a minha pele, invadir o meu sangue e se apossar do meu coração.

— Parece mais um veneno do que uma pessoa — foi tudo o que consegui dizer.

Sua confissão ao mesmo tempo me chocava e me empolgava.

— Exatamente — Valek retrucou. — Você me envenenou.

Ele me virou de frente para ele. Antes que eu pudesse emitir outro som, Valek me beijou.

Desejos há muito reprimidos vieram à tona e eu envolvi seu pescoço com os braços, retribuindo o beijo com a mesma paixão.

Minha reação foi uma surpresa maravilhosa. Eu receara que, após o abuso sofrido nas mãos de Reyad, meu corpo se encolheria de pavor e nojo. Porém, o entrelaçar de nossos corpos uniu nossas mentes e nossas almas.

O som distante de música vibrava no ar. Pulsando, a harmonia mística logo se elevou de forma crescente e nos envolveu como um cobertor quente. A cela de prisão e a palha imunda tornaram-se invisíveis. Uma brancura envolta em seda macia nos cercou. Neste plano, éramos iguais, parceiros. Nossas almas unidas. O prazer dele era o meu êxtase. Meu sangue bombeava no seu coração.

A felicidade sublime veio aos poucos, embora Valek e eu tivéssemos o maior prazer em tentar novamente. Havíamos nos fundido, nossas mentes se

tornado uma só. Eu sugava sua essência, deliciando-me com a sensação de seu corpo no meu, deleitando-me com as carícias de sua pele na minha. Ele preencheu o vazio no interior do meu coração com luz e alegria. Embora estivéssemos deitados na palha imunda e nos deparássemos com um futuro incerto, uma profunda vibração de contentamento se apoderou do meu corpo.

A REALIDADE E o odor rançoso de um animal em decomposição se intrometeram. A noite havia caído.

— Vamos — Valek disse, ajudando-me a ficar de pé.

— Para onde? — perguntei, ajeitando o uniforme.

— Para o quarto do Comandante, para que possamos levá-lo de volta para o castelo conosco.

Valek tirou a palha dos próprios cabelos e do uniforme.

— Não vai adiantar de nada.

— Por que não? — Valek exigiu saber.

— Assim que tocar nele, Mogkan saberá.

Expliquei sobre o vínculo de Mogkan com o Comandante e como ele estabelecera uma conexão usando o Criollo.

— E como é que podemos romper o vínculo? — Valek perguntou.

Era chegada a hora de contar para ele sobre a minha mágica. Senti-me zozna, como se estivesse na borda de um precipício. Inspirando fundo, relatei os encontros e conversas que tivera com Irys e como ela poderia nos ajudar.

Valek ficou imóvel por um minuto inteiro enquanto meu coração batia loucamente no peito.

— Você confia nela? — ele perguntou.

— Confio.

— Há mais alguma coisa que você não tenha me contado?

Senti tudo girar ao meu redor. Tanto havia acontecido e ainda tínhamos que lidar com um poderoso mago. A morte era uma possibilidade real. Queria que Valek soubesse o que eu sentia.

— Amo você.

Valek me tomou nos braços.

— Meu amor já lhe pertence desde o festival do fogo. Se aqueles bandidos a tivessem matado, eu sabia que jamais seria o mesmo. Não queria e nem esperava isso. Porém, não consegui lhe resistir.

Colei o meu corpo ao dele, querendo lhe compartilhar a pele. Valek segurou minha mão.

— Vamos.

Antes de sairmos para o corredor, pegamos alguns uniformes na sala da guarda. Usando o preto e verde das cores de Brazell, esperávamos não ser descobertos enquanto cruzávamos a mansão.

Valek precisava de suas ferramentas de trabalho, sendo assim seguimos na direção das casernas. Enquanto eu buscava minha capa, Valek se esgueirou para o interior da construção de madeira vazia. Os soldados haviam saído à nossa procura.

Eu percorria as sombras da estrutura, entoando mentalmente o nome de Irys. Precisávamos de um plano de ataque. Tínhamos que agir naquela mesma noite.

Gritos e palavrões emanaram das casernas. Correndo lá para dentro, me deparei com Ari e Janco com as espadas desembainhadas e apontadas para Valek.

— Parem — eu disse.

Avistando-me, Ari e Janco devolveram suas armas às bainhas, sorrindo.

— Pensamos que Valek escapara sem você — Ari disse, me dando um abraço de urso.

— Não era para vocês estarem com os grupos de busca? — Valek perguntou, puxando sua mochila preta de sob um dos beliches.

Ele se trocou, vestindo um macacão negro com numerosos bolsos.

— Estamos doentes demais — Janco disse, com seu característico sorriso malicioso no rosto.

— O quê? — eu perguntei.

— As acusações contra vocês obviamente haviam sido forjadas, sendo assim nos recusamos a tomar parte na caçada — Janco explicou.

— Isso é insubordinação.

Valek retirou uma faca comprida e alguns dardos de sua bolsa.

— A ideia era justamente essa. O que um sujeito precisa fazer por aqui para ser preso e jogado nas masmorras? — Janco indagou.

Fitei Janco com incredulidade. Os dois estavam dispostos a arriscar a corte marcial para me ajudar. Ele estava sendo sincero quando entalhara aquelas palavras no meu canivete.

— Em que direção foram os grupos de busca? — Valek perguntou.

Ele depositou armas nos vários bolsos e prendeu a espada e a faca ao cinturão.

— A maioria foi para o sul e para o leste, embora alguns pequenos grupos tenham seguido para o oeste e para o norte — Ari respondeu.

— Cães?

— Sim.

— E a mansão?

— Contingente mínimo.

— Ótimo. Vocês vêm conosco — Valek ordenou para os dois soldados.

Eles ficaram em posição de sentido.

— Sim, senhor.

— Preparem-se para operações clandestinas, mas levem as espadas. Vão precisar delas.

Enquanto Ari e Janco se preparavam, Valek terminou de se vestir.

— Espere! — exclamei. — Não quero que eles se metam em encrencas.

Quando me dei conta do que planejávamos enfrentar, meu coração começou a palpitar no peito e uma onda de náusea ameaçou projetar bile garganta acima.

Valek apertou meus ombros.

— Precisamos da ajuda deles.

— Vão precisar de mais do que isso.

A voz de Irys emergiu da escuridão. Os três homens simultaneamente desembainharam as espadas. Quando ela avançou na direção da luz fraca do

lâmpião, Valek relaxou, porém Ari e Janco ergueram ameaçadoramente as espadas.

— Relaxem — Valek ordenou.

Pressentindo a relutância dos dois soldados, eu disse:

— Ela é amiga. Está aqui para ajudar. — Eu olhei para Irys. —
Descobrimos a fonte do poder extra de Mogkan.

— E qual é?

Eu contei para ela dos prisioneiros privados de sua mente e de como haviam sido acorrentados em círculos e, em seguida, expliquei minha teoria de que Mogkan apagara suas mentes para poder se apossar de seu poder. Horror e nojo apareceram no rosto da feiticeira. Apesar do exterior impassível, a preocupação dela era profunda. Irys conseguiu recuperar a expressão determinada, todavia, Ari e Janco pareciam estar ligeiramente verdes, como se estivessem prestes a vomitar.

— De que se trata tudo isso? — Ari perguntou.

— Eu explicarei mais tarde. Contudo, agora...

Eu me interrompi. Um plano de ataque completo apareceu na minha cabeça, entretanto ele incluía Ari e Janco. Eu quisera mantê-los a salvo, porém Valek tinha razão. Precisávamos da ajuda deles.

— Quero que protejam Irys a todo custo. É muito importante — disse para meus amigos.

— Sim, senhor — Ari e Janco disseram.

Atordoada, eu os fitei. Eles se dirigiram a mim como “senhor”, o que significava que seguiriam as minhas ordens, mesmo que isso resultasse em sua morte.

Os olhos de Valek se fixaram nos meus.

— Você tem uma estratégia?

— Tenho.

— Conte-nos.

Enquanto Valek e eu nos esgueirávamos pelos corredores silenciosos da mansão, eu pensava: para que fora abrir minha boca? *Meu* plano. O que é que eu sabia? Valek, Ari e Janco possuíam anos de experiência fazendo esse tipo de trabalho tenso, de virar o estômago, todavia todo mundo estava arriscando

o pescoço seguindo o *meu* plano.

No corredor escuro, engoli o medo e revi a estratégia. Aguardamos na porta do Comandante para dar aos outros tempo de chegarem à sua posição. Minha respiração acelerada parecia ecoar nas paredes e eu me sentia como se fosse gritar ou desmaiar.

Após alguns instantes, Valek arrombou a fechadura e nós entramos. Ele fechou a porta. Acendendo um lampião, moveu-se na direção da enorme cama de colunas. O Comandante estava estendido sobre a colcha, completamente vestido. Seus olhos vazios estavam abertos, fitando o teto. Não deu sinal de notar a nossa presença.

Sentei-me ao lado dele e tomei sua mão na minha. Seguindo as breves instruções de Irys, imaginei meu muro de tijolos, depois o expandi até construir uma cúpula de tijolos que nos cobrisse os dois. Valek se posicionou na parede ao lado da porta, aguardando Mogkan. Sua expressão endurecera, tornando-se seu rosto de combate. Por fora, ele era frio como gelo, mas eu conhecia aquela fúria derretida letal que residia em seu íntimo.

Não demorou muito para uma chave girar na fechadura. Silêncio. Em seguida, a porta abriu-se bruscamente. Quatro guardas armados entraram correndo. Valek eliminou um deles antes mesmo que o homem pudesse reagir. O clangor das espadas preencheu o aposento.

Mogkan deslizou para dentro da câmara após seus homens engajarem Valek em combate. Evitando a luta, ele veio na minha direção, um sorriso condescendente nos lábios.

— Um iglu de tijolos. Que bonitinho. Ora, vamos, Yelena, me dê algum crédito. Uma fortaleza de pedra ou um muro de aço teria sido um desafio maior.

Senti um golpe sólido atingir minhas defesas mentais. Tijolos se esfacelaram. Tapando os buracos enquanto ele martelava o meu escudo, rezei em desespero para que Ari, Janco e Irys houvessem alcançado o aposento onde Mogkan mantinha os prisioneiros acorrentados. Irys explicara que ela precisaria estar lá para bloquear o poder extra de Mogkan. Mesmo que fosse bem-sucedida, eu ainda teria que lidar com a magia pessoal de Mogkan.

Interrompendo seus ataques por um instante, Mogkan virou a cabeça para o lado, fitando o infinito.

— Belo truque — disse. — Amigos seus? Eles estão no corredor dos aposentos de Reyad, porém, a não ser que consigam abrir caminho por dez de meus homens, jamais chegarão às minhas crianças.

Senti um aperto no coração. Mogkan retomou seu ataque com determinação renovada. Dos quatro guardas, apenas um permanecia em combate com Valek. Rápido, pensei. Minhas defesas se enfraqueciam a cada golpe. Depositei todas as minhas forças no muro, mas ele ruiu em uma nuvem de poeira.

O poder de Mogkan me agarrou como um punho gigantesco ao redor das minhas costelas. Gritei de dor e soltei a mão do Comandante. Com as pernas bambas, cambaleei ao lado da cama, justamente quando Valek puxou sua espada do corpo sem vida do último guarda.

— Pare ou ela morre — Mogkan ordenou.

Valek ficou imóvel. Mais três guardas invadiram o aposento, com Brazell nos calcanhares. Eles cercaram Valek, tomando sua espada e forçando-o a ajoelhar-se com as mãos na cabeça.

— Vá em frente, General. Mate-a — Mogkan disse, recuando para que Brazell pudesse passar. — Deveria ter deixado que lhe cortasse o pescoço no dia em que ela chegou aqui.

— Por que dá ouvidos a Mogkan? — perguntei a Brazell. — Ele não é digno de confiança.

A dor se alastrou por minha espinha quando Mogkan voltou os seus olhos chamejantes para mim.

— O que quer dizer? — Brazell quis saber.

Ele segurou com força o punho da espada ao transferir o olhar de mim para Mogkan.

O feiticeiro riu.

— Ela só está tentando adiar o inevitável.

— Como quando você tentou adiar as negociações do tratado sitiano ao envenenar o conhaque? Ou será que sua intenção era acabar de vez com a delegação? — perguntei.

A expressão chocada de Mogkan revelou sua culpa. Embora a surpresa tenha passado pelo rosto de Valek, ele permaneceu em silêncio. Seu corpo estava tenso, pronto para entrar em ação.

— Isso não faz sentido — Brazell disse.

— Mogkan quer evitar qualquer contato com os sulistas. Eles descobririam a respeito de....

Minha garganta se fechou. Arranhei meu pescoço, incapaz de respirar.

Brazell voltou-se para Mogkan. Seu rosto quadrado estava tomado de fúria.

— O que você andou armando?

— Não precisamos de um tratado com Sitia. Estávamos conseguindo nossos suprimentos sem problemas. Mas você se recusou a me dar ouvidos. Tinha que ficar ganancioso. Após o estabelecimento de um tratado comercial, seria apenas uma questão de tempo antes que tivéssemos sulistas cruzando a fronteira, xeretando, nos encontrando. — Mogkan não demonstrava ter medo de Brazell, apenas parecia furioso por ter que explicar seus atos. — Agora, quer matá-la ou será que devo cuidar disso?

Pontos brilhantes apareceram diante dos meus olhos e minha visão foi se embaçando. Antes que Brazell pudesse responder, Mogkan cambaleou. A pressão que ele exercia sobre mim aliviou-se ligeiramente, libertando minhas vias respiratórias. Inspirei profundamente.

— Minhas crianças! — Mogkan rugiu. — Mesmo sem elas, ainda tenho mais poder do que você!

Como um peixe no anzol, fui arrancada do chão e arremessada de encontro à parede. Minha cabeça bateu na pedra dura. Presa em meio ao ar, o poder de Mogkan me bombardeava. Cada golpe era como uma enorme pedra me esmagando. Chegara a hora, pensei. Reyad estava certo: tornar-me a provadora de comida apenas adiara o inevitável.

De esguelha, pude ver Valek lutando contra os guardas enquanto tentava alcançar Mogkan. Tarde demais para mim. Com minhas últimas reservas de força, gritei mentalmente. Sentindo minha consciência se esvaír, atingi uma barreira impenetrável. A escuridão se apossou de meu mundo.

E, então, a voz de Irys estava ali, na minha mente, tranquilizando-me.

— Tome — ela disse. — Deixe-me ajudá-la.

Puro poder pareceu fluir para dentro de mim. Eu reconstruí meu escudo mental e rechacei o ataque de Mogkan, empurrando-o para trás. Ele se chocou contra a parede oposta com um baque surdo que me encheu de

satisfação.

A confusão imperou nos aposentos do Comandante. Inexperiente com a magia como eu era, não consegui conter Mogkan. Ele saiu correndo do quarto. Com uma faca na mão, Valek enfrentava três guardas armados de espadas. Quando avancei para ajudar Valek, Brazell me agarrou pelo braço e me girou, de modo que eu ficasse de frente para ele.

O General ergueu a espada. Assassinato ardia em seu olhar. Dei um salto para trás para evitar o primeiro golpe de sua espada e esbarrei na cama do Comandante. Saltei para cima da cama para evitar o segundo golpe. Olhei para baixo. O olhar do Comandante ainda estava fixo no teto. O terceiro golpe de Brazell decepcionou uma das colunas da cama.

Quando mergulhei na outra extremidade da cama para evitar novo golpe, apossiei-me na coluna de madeira no chão.

Agora estava armada. A coluna não estava adequadamente balanceada para servir de cajado, mas era grossa. Melhor do que nada.

Brazell era um oponente poderoso. Cada golpe de sua espada arrancava pedaços de minha arma.

A princípio, ele zombou de minhas tentativas de enfrentá-lo.

— O que acha que está fazendo? Você é uma magricela de nada. Eu a estriparei com dois ataques.

Quando encontrei minha zona mental de poder, ele parou de desperdiçar o fôlego. Mesmo pressentindo seu ataque seguinte, eu ainda tinha que me esforçar para ficar um passo à frente do General. Meu poste de madeira não era páreo para sua espada.

O fantasma de Reyad manifestou-se no interior do quarto. Ele encorajava o pai aos gritos, tentando me distrair. Sua tática funcionou. Minhas costas se chocaram com a parede. A espada de Brazell cortou minha coluna de madeira ao meio.

— Você está morta.

Com grande alegria, Brazell puxou a espada para trás com a intenção de me golpear o pescoço. Porém, eu ainda segurava parte da madeira. Quando a espada se aproximou, eu a desviei para baixo com a madeira quebrada. A ponta ainda conseguiu me cortar a cintura. O som de tecido se rasgando acompanhou a linha de fogo que cruzou minha barriga. O sangue manchou as

bordas rasgadas da camisa de meu uniforme.

Foi então que Brazell cometeu seu primeiro erro. Pensando que eu estava acabada, relaxou a guarda. Mas eu ainda estava de pé. Ergui minha arma. Com a força do desespero, eu o golpeei na têmpora. Desabamos juntos no chão.

Fitei o teto, tentando recuperar o folego. Valek agachou-se ao meu lado. Eu gesticulei para que ele fosse embora.

— Ache Mogkan.

Valek desapareceu do meu campo de visão.

Assim que as forças retornaram aos meus membros, examinei meu ferimento. Passando um dedo pelo corte, achei que tudo de que eu precisaria era um pouco da cola de Rand.

O fantasma de Reyad flutuava acima de mim com uma expressão de escárnio no rosto. Não suportava a ideia de estar deitada no chão com ele no aposento. Praguejando e sangrando, fiquei de pé.

— Você. — Apontei o dedo ensanguentado para ele. — Vá embora.

— Obrigue-me — ele me desafiou.

Como eu poderia lutar contra um fantasma? Adotei uma postura defensiva. Ele zombou. Não, não era uma luta física, e sim mental.

Pensei no que eu havia conquistado no ano e meio desde que cortara a garganta de Reyad. Superara meus receios de fazer amigos. Confrontara meus inimigos. Encontrara o amor. Pensei em como eu me sentia a respeito de mim mesma. Quem eu era. Olhei para o espelho emoldurado que se estendia até o chão do quarto do Comandante. Meu cabelo estava um caos. Minha camisa empapada de sangue. Meu rosto coberto de sujeira. Quase o mesmo reflexo de quando eu me tornara a provadora de comida. Contudo, dessa vez, havia algo de diferente. As sombras de dúvida haviam desaparecido.

Olhei mais a fundo e encontrei minha alma. Um pouco esfarrapada e com alguns buracos, contudo ali estava ela. Chocada, me dei conta de que sempre estivera ali. Se Reyad e Mogkan de fato a houvessem arrancado de mim, eu estaria agora acorrentada ao chão, e não de pé diante do corpo inconsciente de Brazell.

Eu estava no controle. Essa nova pessoa no espelho era livre. Livre de todos os venenos. Olhei para Brazell. Ele ainda estava respirando, porém,

agora, eu mandava nele e em mim. Eu estava no comando. Não era mais uma vítima. Não era mais a ratazana presa nas garras de metal de uma armadilha.

— Desapareça — ordenei ao fantasma de Reyad.

Sua expressão chocada me proporcionou imensa alegria ao vê-lo desaparecer.

Contudo, a alegria era como uma borboleta pousando na mão de alguém; um breve descanso antes de voar para longe.

— Janco está ferido. — A voz alarmada de Irys ressoou na minha cabeça. — Precisamos de um médico. Venha, agora.

Usando as algemas do cinturão de um dos guardas mortos, eu prendi Brazell à cama pesada. Depois, saí em disparada do quarto. Corri pelos corredores. Ele não pode morrer, pensei. Não Janco. Eu não conseguiria suportar sua morte. Terríveis situações se desenrolaram em minha mente. Estava tão preocupada que corri na direção de Valek e Mogkan, sem sequer reconhecê-los.

Eles duelavam com espadas. O motivo da cena ter levado algum tempo para se esclarecer na minha mente é que a vantagem parecia ser de Mogkan. O rosto pálido de Valek estava fatigado. Ele girava a espada como se ela fosse um peso morto. Sua graça natural desaparecera e o que restara eram movimentos esporádicos e desajeitados. Mogkan, por outro lado, era rápido e competente, tecnicamente preciso, mas lhe faltava estilo.

Minha incredulidade e preocupação se intensificavam à medida que eu observava a luta. O que havia de errado com Valek? Será que era a magia de Mogkan? Não, Valek era imune a ela, pensei. Depois, me dei conta. Valek dissera que estar perto de um mago era semelhante a mover-se através de melado espesso. E Valek acabara de enfrentar sete guardas no quarto do Comandante, após passar dois dias na masmorra sem comida e sem dormir. A exaustão enfim o alcançara.

O sorriso de Mogkan ficou mais largo quando ele me avistou. Executando uma finta rapidíssima, ele arremeteu. A espada de Valek caiu ruidosamente no chão e uma trilha escarlate apareceu no seu braço.

— Que dia incrível! — Mogkan exclamou. — Tenho o prazer de matar o famoso Valek e a infame Yelena ao mesmo tempo.

Eu acionei meu canivete. Mogkan riu. Ele me enviou um comando mágico

para largar minha arma.

Assim que minha mão soltou a faca, escutei a voz de Irys na cabeça.

— Yelena, o que há de errado? Conseguiu encontrar um médico?

— Preciso de ajuda! — gritei mentalmente.

O poder se acumulou dentro de mim, lutando para se libertar. Apontei um dedo de poder para Mogkan. A espada caiu de sua mão. O pavor se apossou de seu rosto quando a magia o embalou como a um bebê e depois o apertou como a forca. Ele ficou paralisado, imóvel no mesmo lugar.

— Sua ratazana, filha de um demônio! — Mogkan amaldiçoou. — Você é uma mácula nesta terra. Uma encarnação do inferno. Você é igualzinha ao resto deles. A linhagem dos Zaltana devia ser destruída, apagada, exterminada...

Mogkan continuou vociferando, porém eu parei de escutar. Valek pegou meu canivete do chão. As pragas de Mogkan foram ficando mais intensas e frenéticas à medida que Valek se aproximava dele. Um movimento rápido, um grito de dor, e Mogkan, enfim, se calou. Seu corpo desabou sem vida no chão.

Valek me entregou a faca ensanguentada. Com uma mesura cansada, ele disse.

— Meu amor, por você.

EU OFEGUEI AO me lembrar.

— Janco!

Pegando Valek pelo braço, eu o arrastei comigo, explicando a situação enquanto tentava recuperar o fôlego. Ainda usando as cores de Brazell, embora rasgadas e sujas de sangue, acordamos o médico, que, com impaciente irritação, queixou-se sobre a falta de protocolo e afirmou sua devida autoridade, até que Valek desembainhou sua faca.

Senti um frio na barriga ao adentrarmos a ala de Reyad. O corredor que levava ao quarto dos prisioneiros era uma visão terrível. Soldados estavam esparramados pelo chão, pedaços de braços e pernas estavam espalhados como se alguém houvesse aberto caminho por eles a machadadas. As paredes estavam manchadas de sangue e poças escarlates salpicavam o chão.

O médico quis se deter no primeiro homem, mas Valek o forçou a se levantar. Cuidadosamente rodeando os corpos, alcançamos a porta. Lá dentro, vimos Janco deitado de lado, com a cabeça no colo de Ari. Ele estava inconsciente, o que era uma boa coisa, visto que uma espada lhe perfurara a barriga, a ponta ensanguentada aparecendo em suas costas. O rosto sujo de sangue coagulado de Ari exibia uma expressão séria. Um machado coberto de sangue, a arma responsável pela carnificina do corredor, repousava ao seu lado; Irys estava sentada com as pernas cruzadas no centro do círculo das

peessoas libertadas. Sua testa reluzia de suor. Sua expressão era distante. Os homens e as mulheres acorrentados observavam a cena com olhos desprovidos de emoção.

A ida até a enfermaria foi um pesadelo caótico. Tudo se misturou como em um redemoinho, até que me vi deitada na cama ao lado da de Janco, segurando sua mão. O médico fez o melhor que podia, contudo, se a espada houvesse perfurado algum órgão vital, ou se houvesse sangramento interno, Janco não sobreviveria. Duas vezes durante a noite, Ari e eu nos desesperamos achando que o perderíamos.

Meu próprio ferimento fora limpo e fechado com a cola de Rand, mas eu mal notava e sequer ligava para a dor latejante. Direccionava toda minha força e energia para Janco, desejando que ele sobrevivesse.

Na tarde do dia seguinte, eu acordei de um ligeiro cochilo.

— Dormindo em serviço? — Janco sussurrou com um sorriso débil no rosto pálido.

Deixei escapar um suspiro de alívio. Decerto, se ele estava forte o suficiente para me insultar, estava a caminho da recuperação.

Infelizmente, Irys não podia dizer o mesmo do Comandante. Quatro dias após a morte de Mogkan, ele ainda não havia recobrado o espírito. Seus conselheiros haviam se recuperado de seu breve enfeitiçamento e tomado o comando do castelo de Brazell, enquanto aguardavam o retorno do Comandante. Eles haviam assumido controle temporário do Distrito Militar. Mensageiros foram enviados para o Norte, para o general Tesso do DM-4, e para o Sul, para o general Hazal do DM-6, exigindo a presença imediata dos dois oficiais. Os generais teriam autoridade para determinar qual seria o próximo passo, no caso de o Comandante não voltar à vida.

Igualmente desconcertante era o fato de nenhuma das vítimas de Brazell, Mogkan e Reyad ter acordado diante das sondagens de Irys. Ela tentara entrar na mente delas para alcançar o local onde a noção de identidade estava escondida. Irys relatou que a mente delas era como uma casa abandonada, completamente mobiliada, com o fogo ainda aceso na lareira; só que não havia ninguém em casa.

Irys e eu nos resignamos a aceitar que as vítimas passariam o resto de seus

dias totalmente alheias às suas novas acomodações confortáveis na ala de hóspedes de Brazell. Eu chorei pela perda de minha amiga Carra. Irys vasculhara os aposentos usados pelos órfãos e informara que May ainda estava lá, viva e passando bem. Eu planejava visitar May assim que Janco recuperasse um pouco das forças.

— É óbvio que as crianças no orfanato de Brazell foram raptadas de Sitia — Irys me explicou, vindo me ver na enfermaria, ao lado do leito de Janco.

— A quadrilha de sequestradores de crianças de Mogkan espaçou seus raptos o suficiente para não ser detectada. A magia costuma ser mais forte nas mulheres, o que explica o fato de haver mais meninas. Os sequestradores escolheram linhagens onde a magia estava presente, embora houvessem corrido um grande risco com crianças tão jovens. Não há como ter certeza de que o poder se desenvolveria. Mogkan e Brazell devem ter planejado isso por um longo tempo. — Irys passou os dedos pelo comprido cabelo castanho. — Achar sua família não deve ser muito difícil.

Eu a fitei com surpresa.

— Está brincando, não está?

— E por que eu brincaria?

Ela parecia não ter se dado conta do turbilhão emocional em meio ao qual me arremessara. E tinha razão, brincadeiras não faziam o estilo de Irys; sendo assim, pensei por um instante.

— Antes de morrer, Mogkan disse algo sobre a linhagem de Zaltana.

— Zaltana! — Sua costumeira expressão séria desapareceu e Irys riu. Era como o sol nascendo após semanas de chuva. — Acho que eles perderam mesmo uma menina. Bom Deus, se você for mesmo parte do clã Zaltana, não faz ideia da surpresa que a aguarda. Isso explicaria por que foi a única a não cair sob o feitiço de Mogkan.

Perguntas rondavam meus lábios. Eu desejava saber mais sobre minha família, mas não queria alimentar esperanças. Havia a possibilidade de eu não ser uma Zaltana. Imaginei que descobriria a verdade assim que chegasse a Sitia. Irys queria que eu começasse meu treinamento mágico imediatamente.

Contudo, uma incerteza comprimia meu peito cada vez que eu pensava em abandonar Ixia. Mudei de assunto.

— Como está o Comandante?

Irys confessou a própria frustração.

— Ele é diferente das crianças. Não há nada na mente delas, porém o Comandante recuou para um lugar branco. Se ao menos eu conseguisse encontrá-lo, talvez pudesse trazê-lo de volta.

Pensei na questão por algum tempo e me recordei da ocasião na sala de guerra, quando eu adormecera.

— Posso tentar?

— Por que não?

Certifiquei-me de que Janco estava confortável e tivesse tudo que desejava. Em seguida, Irys me acompanhou até o quarto do Comandante. Os corpos haviam sido retirados e alguém até tentara limpar o aposento. Empoleirei-me na beirada da cama do Comandante e tomei sua mão fria na minha. Seguindo as instruções de Irys, fechei meus olhos, estendendo minha percepção mental na direção dele.

Meus pés pisaram no gelo. Um vento frio açoitou meu rosto e preencheu meus pulmões com minúsculos punhais. Um branco estonteante me cercava. Pó de diamante ou flocos de neve, era difícil dizer. Caminhei por algum tempo e fiquei desorientada na mesma hora pela nevasca reluzente. Cambaleando através da tempestade, esforcei-me para permanecer calma e para me lembrar de que não estava perdida. Sempre que eu dava um passo adiante, o vento gelado me empurrava para trás.

Estava prestes a admitir a derrota quando me lembrei por que achara que poderia encontrar o Comandante. Concentrar-me na cena da jovem mulher exultante diante do leopardo da neve morto fez com que o vento parasse e a nevasca se dispersasse. Eu estava de pé ao lado de Ambrose.

Ela estava vestindo pesadas peles de caça que lembravam a pele do leopardo.

— Volte — eu disse.

— Não posso — ela retrucou, apontando para o horizonte.

Barras pretas e finas nos cercavam de todos os lados. A primeira impressão que tive foi de uma gaiola, contudo, ao examinar mais atentamente, pude notar que as barras eram soldados armados com espadas.

— Sempre que eu tento ir embora, eles me fazem recuar.

A fúria ardeu no seu rosto antes de se transformar em cansaço.

— Mas você é o Comandante.

— Não aqui. Aqui, sou simplesmente Ambrosia, presa ao corpo errado. Os soldados conhecem minha maldição.

Revirei minha mente em busca de uma resposta. Os guardas não pertenciam a Mogkan, pertenciam a ela. Meus olhos se voltaram para a carcaça do leopardo da neve.

— Como foi que matou o felino?

Seu rosto se animou todo quando ela contou como se banhara no odor do leopardo da neve e passara semanas usando as peles dos leopardos da neve, fingindo ser um dos animais, até que lhe permitissem ser parte do bando. No final, foi apenas uma questão de tempo e oportunidade perfeita para abatê-lo.

— Prova de que eu era, de fato, um homem. De que eu conquistara o direito de ser homem.

— Nesse caso, talvez precise usar seu prêmio — sugeri. — Peles não vão ajudá-la contra aquela tropa.

Apontei com a cabeça para o grupo de soldados.

A compreensão alargou os olhos dourados da mulher. Ela olhou para o felino morto e se transformou no Comandante. Seu cabelo à altura dos ombros encurtou até atingir o corte militar, rugas ligeiras de experiência vincando seu rosto à medida que ele emergia. As peles brancas caíram ao chão e o uniforme imaculado se materializou. Ela saiu de dentro das peles, chutando-as para o lado.

— Não deveria fazer isso — eu disse. — Ela faz parte de você. Talvez possa voltar a precisar dela.

— E eu preciso de você, Yelena? Posso confiar em você para manter minha mutação em segredo? — o Comandante perguntou, com feroz intensidade.

— Eu vim trazê-lo de volta. Será que isso não é toda a resposta de que precisa?

— Valek me fez um juramento de sangue, prometendo a sua lealdade, quando eu entalhei minha inicial no seu peito. Você faria o mesmo?

— Valek sabe a respeito de Ambrosia? — perguntei.

— Não. E você não respondeu à minha pergunta.

Eu mostrei para o Comandante a borboleta de Valek.

— Uso isso sobre o peito. Jurei minha lealdade a Valek, que é leal a você.

O Comandante estendeu a mão na direção da borboleta. Não me mexi quando ele a retirou da corrente. Ele pegou uma faca de dentro das peles e a usou para fazer um corte na palma de sua mão direita. Segurando o ornamento com a mão ensanguentada, ele me estendeu a faca. Ofereci-lhe a mão direita, estremecendo quando a faca a cortou. Nosso sangue se misturou quando eu lhe apertei a mão com a borboleta encaixada no meio das palmas. Quando Ambrose me soltou a mão, o presente de Valek jazia nela. Devolvi-o ao seu devido lugar, sobre meu coração.

— Como é que voltamos? — ele perguntou.

— Você é o Comandante.

Seus olhos repousaram sobre o felino morto. Olhando para o anel de soldados que o cercava, ele desembainhou a espada.

— Nós lutamos — disse.

Eu arranquei a lança da lateral do animal e limpei o sangue na neve. Sentindo o peso da arma nas mãos, eu a girei ao redor de mim algumas vezes, praticando alguns movimentos. Era mais leve do que o cajado e a ponta de metal interferia um pouco no seu equilíbrio. Mas serviria.

Avançamos na direção dos homens. Na mesma hora, o círculo de guardas se apertou ao nosso redor. Um cobrindo as costas do outro, o Comandante e eu lutamos.

Os homens eram habilidosos, contudo o Comandante era um perito espadachim. Ele derrotara Valek e matara um leopardo da neve. Era como lutar com cinco outros defensores ao meu lado.

Quando afundei a lança no coração de um dos guardas, ele explodiu em uma chuva de cristais de neve que foram levados pelo vento.

O tempo pareceu se arrastar enquanto eu golpeava um homem atrás do outro, até que enfim alcançou o presente. Eu girei ao redor de mim mesma, à procura de algum oponente, apenas para descobrir que despacháramos todos os guardas. A neve girava ao nosso redor.

— Bom trabalho — o Comandante disse. — Você me ajudou a redescobrir meu verdadeiro eu, matando meus demônios.

Ele pegou minha mão e a levou aos lábios.

A paisagem invernal desapareceu e eu me vi de volta na cama, fitando os

olhos poderosos do Comandante.

Naquela noite, Valek e eu relatamos para o Comandante tudo que havia acontecido desde a reunião do conhaque dos generais. Valek interrogara Brazell e descobrira que ele e Mogkan vinham planejando o golpe de estado pelos últimos dez anos.

— Brazell me contou que Mogkan apareceu no seu castelo com um grupo de crianças — Valek disse. — Estava procurando um lugar para se esconder e fez um acordo com Brazell para ajudá-lo a se tornar o próximo Comandante. Assim que Mogkan obteve poder suficiente para alcançar sua mente desde o DM-5, eles começaram a lhe dar o Criollo, senhor.

— E quanto à fábrica? — o Comandante perguntou.

— Interrompemos a produção — Valek informou.

— Ótimo. Salve todo o equipamento que puder ser reutilizado e, em seguida, queime a fábrica e todo o Criollo que encontrar.

— Sim, senhor.

— Mais alguma coisa?

— Mais um item interessante. Brazell disse que, assim que ele e Mogkan estivessem no controle de Ixia, eles planejavam conquistar Sitia.

No dia seguinte, com Valek ao seu lado, o Comandante presidiu o julgamento. Brazell foi trazido diante dele para responder às acusações. Como esperado, Brazell perdeu a patente e foi sentenciado a passar o resto de sua vida na masmorra do Comandante.

Tendo lhe sido permitido dizer algumas últimas palavras, Brazell gritou:

— Seus tolos. Seu Comandante é uma fraude. Há anos que vem mentindo para vocês! O Comandante na verdade é uma mulher vestida de homem!

O silêncio tomou conta do aposento, porém a expressão neutra jamais abandonou o rosto do Comandante. Logo, gargalhadas ecoaram pelo salão. Brazell foi arrastado para fora do aposento em meio a risadas e zombarias. Quem iria acreditar nos delírios de um louco? Obviamente, ninguém.

Considerarei suas zombarias. Eles riam não porque a ideia de uma mulher no poder fosse tão ridícula, mas devido à poderosa presença que o comandante Ambrose tinha. Seu modo de falar franco e brusco era tão sincero e direto que a simples ideia de ele enganar alguém era digna de risadas. E devido às suas

crenças e convicções a respeito de si mesmo, embora eu soubesse a verdade, era impossível pensar nele de qualquer outro modo.

Mais tarde, no mesmo dia, fui visitar o orfanato. Encontrei May no dormitório. Dessa vez, as lembranças felizes me seguiram enquanto eu cruzava os aposentos usados pelos órfãos. Quando me viu, May saltou da cama e me abraçou com força.

— Yelena, pensei que jamais voltaria a vê-la — ela disse.

Eu a apertei de encontro ao corpo. Quando a soltei, sorri ao ver sua saia torta e o rabo de cavalo malfeito. Enquanto eu fazia uma trança no cabelo dela, May tagarelou sobre o que acontecera desde que eu partira. Sua animação desapareceu ao falar de Carra. Foi então que me dei conta do quanto ela crescera.

Quando terminei a trança, ela disse:

— Vamos com você para Sitia!

May girou em um círculo, incapaz de permanecer quieta. Ela apontou para uma mala no chão.

— O que foi?

— A moça do sul disse que ela nos levaria para casa. Para encontrar nossas famílias!

Senti uma ligeira pontada no coração. Família significava algo diferente para mim. Para mim, Valek, Ari e Janco eram minha família. Até mesmo Maren parecia uma irmã mais velha rabugenta.

— Que maravilha! — disse para May, tentando parecer entusiasmada.

May interrompeu sua dança por um instante.

— Restam tão poucos de nós — ela disse, baixinho.

— Valek se certificará de que Carra e os outros sejam bem cuidados.

— Valek! Ele é *tão* bonito.

May riu, e foi uma risada tão gostosa que não resisti à vontade de abraçá-la.

Janco, por outro lado, me recebeu com uma expressão triste quando passei na enfermaria para me despedir. Irys, ansiosa para rumar para o sul, queria pegar a estrada logo de manhã cedo.

Ari assumira meu posto de enfermeira e estava sentado ao lado de Janco.

— E que fim levou “Sítios vencidos, batalhas lado a lado, amigos para

sempre”? — perguntei, citando a mensagem entalhada no meu canivete.

Os olhos de Janco se iluminaram.

— Sua espertinha. Já decifrou a mensagem, não é?

Eu sorri.

— Assim que Janco estiver melhor, seguiremos para o sul — Ari disse.

— E o que vocês fariam por lá? — perguntei.

— Pegaríamos um bronzado — Janco respondeu, sorrindo. — Umás férias me fariam bem.

— Nós a protegeríamos — Ari afirmou.

— Não preciso de proteção no sul — retruquei. — E, se não me engano, não faz muito tempo que eu derrotei meus dois instrutores.

— Ela já está presunçosa. — Janco suspirou. — Agora não poderemos ir com ela. Vai contar vantagem, se vangloriar e ser completamente detestável. Já é ruim eu ter que aturar isso de Ari. Dois seria demais.

— Além do mais — eu disse —, vocês ficariam entediados.

Ari resmungou e cruzou os braços fortes com uma expressão carrancuda no rosto.

— Ao primeiro sinal de problemas, você nos envia uma mensagem e nós estaremos lá. Está entendendo? — perguntou.

— Sim, senhor — respondi. — Não se preocupe comigo, Ari. Eu ficarei bem. E logo voltarei.

— É melhor mesmo — Janco disse. — Quero uma revanche.

Porém, eu falara cedo demais quanto a voltar. Valek, Irys e eu havíamos discutido nosso futuro, mas o Comandante parecia ter outros planos. Naquela noite, o comandante Ambrose convocou uma reunião formal. Com apenas Valek, Ari e Irys presentes no antigo escritório de Brazell, o Comandante concordou em honrar o tratado comercial, mesmo ele tendo sido aprovado enquanto Ambrose estava sob a influência de Mogkan. Depois, ele me contou meu destino.

— Yelena — ele começou, em tom formal —, você salvou minha vida e eu lhe sou grato por isso. Contudo, você possui habilidades mágicas que não são toleradas em Ixia. Não tenho escolha senão assinar a ordem de sua execução.

Valek pousou a mão no ombro de Ari para evitar que ele avançasse na

direção do Comandante. Ari ficou quieto, porém sua indignação estava estampada no rosto. Quando o Comandante estendeu o documento para Valek, um arrepio de frio percorreu minha pele, deixando para trás uma sensação entorpecida de pavor.

Valek não se moveu.

— Senhor, sempre acreditei que ter um feiticeiro trabalhando para nós seria útil, e poderia ter evitado justamente uma situação como essa — Valek disse. — Podemos confiar nela.

— Um argumento válido. — O Comandante retraiu o braço, pousando-o sobre a mesa. — Embora confiemos nela, embora ela tenha salvado a minha vida, devo seguir o Código de Conduta. Fazer o contrário seria um sinal de fraqueza, algo a que não posso me dar ao luxo agora, ainda mais após essa situação toda com Mogkan. Além do mais, os generais e os meus conselheiros não confiarão nela.

Mais uma vez, o Comandante estendeu a ordem de execução para Valek. Na minha mente frenética, escutei Irys me dizendo para fugir. Ela tentaria retardar Valek. Não, eu respondi. Eu veria isso até o final. Recusava-me a fugir.

— Não a receberei — Valek disse, em um tom de voz monótono.

Ele não revelava qualquer emoção.

— Está disposto a desobedecer uma ordem direta? — o Comandante perguntou.

— Não. Se eu não receber a ordem, não terei que desobedecê-la.

— E se eu der uma ordem verbal?

— Eu a obedecerei. Porém, será a última coisa que farei para você.

Valek sacou a faca do cinto.

Um tinir de metal ecoou pela sala quando Ari desembainhou sua espada.

— Primeiro, terá que passar por mim — disse, posicionando-se à minha frente.

Ari tinha uma boa chance de derrotar Valek, contudo eu sabia que ele não venceria. E nem queria que ele tentasse.

— Não, Ari — eu disse.

Baixei seu braço segurando a espada e me posicionei ao lado de Valek. Nossos olhos se encontraram. Eu entendia que a lealdade de Valek ao

Comandante era indiscutível. Seus olhos continham uma determinação feroz e, do fundo de minha alma, eu sabia que Valek tiraria a própria vida após ter tirado a minha.

O Comandante me fitou em silenciosa consideração. Sob seu escrutínio, senti o tempo parar.

— Assinei a ordem como exige o Código — o Comandante, por fim, disse. — Vou escolher outra pessoa para levá-la a cabo. Talvez demore alguns dias para eu encontrar a pessoa certa. — Ele olhou para mim e para Irys. Um sinal de que precisávamos colocar o pé na estrada o mais rápido possível. — Essa ordem só tem validade em Ixia. Estão todos dispensados.

O escritório esvaziou-se rapidamente. Eu estava zonga de alívio quando Ari me deu um de seus abraços de urso e gritou de alegria. Porém, meu coração foi tomado de dor quando me dei conta de que teria que me separar de Valek tão cedo após termos ficado juntos. Após Irys e Ari terem ido embora para organizar a “fuga”, Valek me puxou para um canto. Nós nos beijamos com paixão e uma urgência desesperada.

Depois que nos afastamos para recuperar o fôlego, eu disse:

— Venha comigo.

Não era uma súplica e nem uma pergunta. Era um convite.

Os olhos azuis de Valek se fecharam para esconder sua dor.

— Não posso.

Eu me virei, sentindo-me como uma das estátuas negras de Valek, mas ele me puxou de volta.

— Yelena, você precisa aprender, precisa encontrar sua família, precisa abrir as asas e ver até onde consegue voar. Você não precisa de mim agora, mas o Comandante precisa.

Eu me agarrei a Valek. Ele tinha razão. Eu não precisava dele, mas eu o queria comigo, para sempre.

Partimos naquela mesma noite. Irys liderava o grupo pouco organizado. Oito garotas e dois garotos do orfanato de Brazell seguiam Irys através da floresta, na direção da fronteira ao sul. Eu caminhava na retaguarda, para me certificar de que todo mundo permaneceria junto e para garantir que ninguém estava seguindo nosso grupo.

Caminhamos por algumas horas, até que encontramos uma clareira adequada para acamparmos durante a noite. Ari nos fornecera provisões mais do que adequadas para nossa jornada. Sorri, lembrando-me de seu sermão sobre eu me manter longe de problemas. Como um irmão superprotetor, ele só ficou satisfeito quando eu prometi lhe enviar uma mensagem caso precisasse de ajuda. Eu sentiria muitas saudades dele e de Janco.

Armamos as seis pequenas barracas em um círculo. Irys encantou as crianças ao atear fogo à lenha com um floreio mágico. Depois que todo mundo foi dormir, sentei-me ao redor da fogueira, mexendo nas brasas que estavam quase apagadas. Sem vontade de me juntar a May na nossa tenda, fitei a única chama que emergiu quando cutuquei a fogueira. Ela dançou sozinha para sua plateia de apenas um. Mexendo pela centésima vez na minha borboleta, eu me perguntei porque Valek não viera se despedir.

Pressenti movimento. Sobressaltando-me, peguei o cajado. Uma sombra desprendeuse de uma árvore. Irys criara uma barreira mística ao redor de nossas tendas. De acordo com ela, a barreira afetaria a visão de qualquer pessoa, fazendo com que visse apenas uma clareira vazia. A sombra deteve-se na borda da clareira sem ser afetada pela magia e sorriu para mim. Valek.

Ele estendeu a mão. Segurei seus dedos frios com ambas as mãos e ele me conduziu para longe das tendas, mergulhando na floresta.

— Por que não veio antes de partirmos? — perguntei, quando paramos à base de uma árvore.

As raízes do enorme carvalho haviam rompido através do chão, criando pequenas cavidades bem protegidas.

— Estava ocupado, me certificando de que o Comandante não encontraria com facilidade alguém para levar a cabo a sua ordem. — Valek sorriu com maliciosa satisfação. — É impressionante a quantidade de trabalho necessária para limpar as sujeiras de Brazell.

Pensei no que acarretaria tal limpeza.

— Quem está provando a comida do Comandante? — perguntei.

— Por ora, eu estou. Contudo, acredito que a capitã Star daria uma excelente candidata. Considerando que ela conhece todos os assassinos, acho que sua ajuda será inestimável.

Foi a minha vez de sorrir. Star seria boa naquilo, se passasse no

treinamento. Se.

— Chega de conversa — Valek disse, conduzindo-me para uma abertura entre as raízes. — Preciso de uma despedida adequada.

Minha última noite em Ixia foi passada com Valek sob a árvore. As horas até a alvorada voaram. O sol nascente intrometeu-se, acordando-me de um cochilo saciado nos braços de Valek, forçando-me a encarar o dia em que teria que deixá-lo.

Presentindo meu estado de espírito, Valek disse:

— Uma ordem de execução não conseguiu nos separar antes. Há maneiras de evitá-la. Nós *ficaremos* juntos.

— É uma ordem?

— Não, uma promessa.

AGRADECIMENTOS

Sem o apoio do meu marido, Rodney, este livro não existiria. Obrigada, querido, por todas as impressões, as revisões, as críticas, a disposição de ser um pai solteiro de tempos em tempos, por não reclamar da conta de telefone, por estar ao meu lado quando chegavam as cartas de rejeição e por um milhão de outras coisas que não tenho espaço para listar! Para os meus filhos, Luke e Jenna, por compreender (a maior parte do tempo) que não estou brincando no computador (é sério, não estou). Para os meus pais, James e Vincenza McGinnis, obrigada por sempre acreditarem em mim. Para a minha irmã, Karen Philips, por ler o livro e por me dar o apoio que apenas uma irmã pode dar. Para Chris Philips, por suas boas ideias, e por aturar todos nós. E, não posso me esquecer das babás: Sam e Carole Snyder, Becky e Randy Greenly, Amy Snyder, Gregory Snyder, Melissa Read e Julie Read — sem vocês, eu ainda estaria no segundo capítulo.

Agradeço muito: Shawn Downs, Laurie Edwards, Julie Good, Lisa Hess, Anne Kline, Steve Klotz, Maggie Martz, Lori Myers, Kim Stanford, Jackie Wreth, Michael Wertz, Judy Wolfman e Nancy Yeager, amigos do grupo de crítica Muse and Schmooze. Sem a sua ajuda e apoio, este livro não teria chegado aonde chegou.

Sinceros agradecimentos para Helen French. Ela deu o telefonema com o qual eu vinha sonhando, e seu entusiasmo com este projeto foi maravilhoso.

Obrigado a Mary-Theresa Hussey, uma editora maravilhosa. Obrigada aos meus agentes, Sally Wecksler e Joann Amparan-Close, por me ajudar com o contrato. Phill Heffernan, que fez a arte de capa. Obrigado por fazê-la perfeita.

E um agradecimento muito especial vai para Alis Rasmussen, que se deu ao trabalho de ler e criticar o meu manuscrito. Seus conselhos foram realmente inestimáveis.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Snyder, Maria V.

S651e Estudos de veneno [recurso eletrônico] / Maria V. Snyder; tradução de Maurício Araripe.
— Rio de Janeiro: HR, 2012.

Recurso digital (As lendas de Yelena Zaltana; 1)

Tradução de: Poison study

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-0460-3 (recurso eletrônico)

1. Envenenamento — Ficção. 2. Ficção fantástica americana. 3. Livros eletrônicos. I. Araripe, Maurício Paquet de. II. Título. III. Série.

12- CDD: 813
4102 CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano:
POISON STUDY
Copyright © 2005 by Maria V. Snyder

Copyright da tradução © 2011 by EDITORA HR LTDA.

Editoração eletrônica da versão digital: FA Digital

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Todos os personagens neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa cedidos pela
HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./ S.À.R.L. para EDITORA HR LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-398-0460-3